

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica

Núcleo de Estudos Junguianos

Adailson da Silva Moreira

Metamorfose da alma:

visões do processo de envelhecimento homossexual masculino

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2015

Adailson da Silva Moreira

**Metamorfose da alma:
visões do processo de envelhecimento homossexual masculino**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR EM PSICOLOGIA CLÍNICA sob a orientação do Prof. Doutor Durval Luiz de Faria.

SÃO PAULO

2015

Nem faz muito sentido dizer que os fatos naturais são bons para as pessoas, ou tampouco maus. A “Natureza” não tem intenções; não tem objetivos; não tem propósitos. As únicas criaturas neste universo que podem estabelecer objetivos, que podem criar e dar sentido, são os próprios seres humanos. Mas sem dúvida é ainda insuportável para muita gente imaginar que lhes compete a tarefa de decidir os rumos que a humanidade deve seguir e os planos e ações que têm sentido para os homens. Buscam constantemente alguém que as alivie desse peso, alguém que dite as regras pelas quais devem viver e formule os objetivos para que suas vidas sejam dignas de serem vividas. O que esperam é um sentido pré-determinado vindo de fora; o que é possível é um sentido criado por elas mesmas e, em última análise, pelos homens em conjunto, que dê direção às suas vidas.

Elias (2001, p. 91-2)

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho só foi possível pela contribuição direta ou indireta de muitas pessoas; tentar nomeá-las seria uma tarefa temerária. Para não correr o risco de esquecer alguém, deixo registrado aqui o meu agradecimento de forma genérica, mas profundamente sincero. Ações verdadeiras costumam ser anônimas.

Expresso também o meu agradecimento ao meu orientador, Prof. Dr. Durval Luiz de Faria, pela imensa paciência e apoio nos momentos de insegurança e falta de rumo e foco.

Agradeço de modo especial à disponibilidade dos participantes dessa pesquisa em compartilhar suas histórias e experiências. Sem a generosidade dessas pessoas, o trabalho não existiria.

À minha família, em especial à minha mãe, Rosemir Maria, pela ausência seguida e ao Lucas Ferreira, em especial, pela presença constante, apoio permanente e por ter acreditado no meu potencial, mesmo quando eu mesmo estava em dúvida.

Aos funcionários da Secretaria do Programa, especialmente à Mônica Pereira pela atenção e gentileza constante.

Meus agradecimentos especiais ao apoio financeiro da CAPES, fundamental para a concretização da pesquisa.

Finalmente, expresso meus mais profundos agradecimentos à UFMS pelo apoio na concessão do meu afastamento para dedicação exclusiva aos estudos e à pesquisa, em especial ao Dr. José Antonio Menoni, diretor do campus onde trabalho, que não mediu esforços para resolver todas as pendências burocráticas, na pessoa de quem amplio a toda a comunidade UFMS.

Banca Examinadora:

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO.....	19
1.1 O desenvolvimento humano.....	21
1.2 O processo de individuação.....	28
2 A HOMOSSEXUALIDADE PELA VISÃO DE JUNG E A PSICOLOGIA JUNGUIANA CONTEMPORÂNEA.....	33
2.1 Concepções contemporâneas da homossexualidade sob a perspectiva junguiana.....	35
3 O ENVELHECIMENTO.....	44
3.1 Embates e complementariedade entre o <i>puer</i> e o <i>senex</i>	48
3.2 Metamorfose da alma.....	50
3.3 Significado do envelhecimento.....	54
3.4 A percepção do corpo que envelhece.....	56
3.5 Os homossexuais e o processo de envelhecimento.....	58
4 A VIVÊNCIA HOMOSSEXUAL.....	61
4.1 Rebeldia e contestação.....	63
4.2 A construção do sujeito.....	68
4.3 A família escolhida.....	73
4.4 A outra cor do arco-íris: o grisalho.....	77
5 MÉTODO.....	80
5.1 Objetivos.....	81
5.2 Participantes.....	82
5.3 Procedimento.....	83
5.4 Instrumento.....	85
5.5 Procedimento de análise.....	86
5.6 Cuidados éticos.....	88
6 RESULTADOS E ANÁLISE.....	89
6.1 Caracterização dos participantes.....	89
6.2 Categorias.....	90
6.2.1 Histórias de vida e família.....	90
1 Vivências.....	90
2 Família.....	105
6.2.2 Sexualidade e relações afetivas e de trabalho.....	110

1 Sexualidade e relacionamentos.....	110
2 Trabalho.....	131
3 A família escolhida.....	133
6.2.3 Percepções do envelhecer.....	136
a) Ganhos.....	145
1 Amadurecimento.....	146
2 Capacidade de decisão.....	149
3 Saúde.....	150
4 Atratividade.....	151
5 Felicidade.....	153
b) Perdas.....	154
1 Doenças e sinais da idade.....	154
2 Aprendizagem e novas tecnologias.....	157
3 Carências.....	159
4 Vida sexual.....	160
5 Saudosismo.....	162
6 Solidão.....	164
7 Perdas.....	167
8 Arrependimentos.....	169
9 Medos.....	171
7 DISCUSSÃO: HOMOSSEXUALIDADE QUE ENVELHECE.....	174
7.1 Aceitação da homossexualidade.....	174
7.2 Sexualidade e afetividade.....	180
7.3 Envelhecimento e as mudanças e recursos.....	186
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	195
REFERÊNCIAS.....	200
ANEXOS.....	215

QUADROS E FIGURAS

Figura I – O ciclo de vida humana mostrando as principais transições da vida.....	27
Quadro I – Identificação.....	83
Quadro II – Histórias de vida e família.....	87
Quadro III – Sexualidade e relações afetivas e de trabalho.....	87
Quadro IV – Percepções do envelhecer.....	87
Quadro V – Caracterização dos participantes.....	89

MOREIRA, Adailson da Silva. *Metamorfose da alma: visões do processo de envelhecimento homossexual masculino*.

RESUMO:

O envelhecimento é uma fase da vida marcada pela complexidade e heterogeneidade, existindo várias formas de ser velho e de se viver a velhice. O crescente desenvolvimento tecnológico tem propiciado viver mais e melhor, o que implica na possibilidade de manutenção da jovialidade em todas as áreas da vida, e em especial, a disponibilidade para o afeto e a sexualidade até idades bem avançadas. Dentro do universo masculino de idosos encontra-se parcela considerável de indivíduos que são homossexuais, embora não apareçam nas pesquisas porque a orientação sexual quase nunca é levada em consideração neste tipo de levantamento. Com o avanço da aceitação da diversidade sexual humana, os diferentes indivíduos de diferentes orientações e idades começam a aparecer nas suas singularidades e especificidades. Com o objetivo de descrever e compreender as questões e os eventuais conflitos envolvidos no processo de envelhecimento homossexual masculino, realizamos estudo qualitativo, com 12 participantes, com idade igual ou superior a 50 anos, para identificar de que maneira homens homossexuais vivenciam, percebem e elaboram as mudanças oriundas do envelhecimento e as estratégias utilizadas para lidar com este processo, construindo uma análise de suas vivências à luz da Psicologia Analítica e utilizando o método de Análise de Conteúdo, proposto por Bardin para proceder à análise do conteúdo verbal. Após a identificação e agrupamento preliminares, foi possível identificar três grandes categorias para as quais apontavam o material resultante da pesquisa: histórias de vida e família, sexualidade e relações afetivas e de trabalho e percepções do envelhecer. Os resultados da pesquisa constataram que homens homossexuais que envelhecem tiveram que aprender a integrar aspectos de sua sexualidade e afeto à consciência, o que quer dizer aprender a conviver tanto com sua orientação quanto com a idade mais avançada e também a lidar com as limitações e obstáculos naturalmente surgidos no decorrer do processo para se alcançar uma velhice mais saudável. Os que assim não conseguiram passam ainda por dificuldades e limitações, não alcançando nível satisfatório de qualidade de vida. Os resultados da pesquisa constataram também que o contato com o envelhecimento proporciona, por um lado, a consciência de aspectos positivos, como um amadurecimento maior diante de si mesmo e da vida, capacidade maior de decisão e enfrentamento, sentir-se atraente e felicidade. E também de aspectos considerados negativos, como as doenças e sinais da idade, dificuldade com novas tecnologias, carência afetiva, saudosismo, solidão, arrependimentos e medos.

Palavras-Chave: Idosos homossexuais; Envelhecimento; Homossexualidade; Individuação; Afeto e sexualidade.

MOREIRA, Adailson da Silva. *Métamorphose de l'âme*: vision du processus de vieillissement homosexuel masculin.

RESUMÉ:

Le vieillissement est une phase de la vie marqué par la complexité et hétérogénéité. Il existe plusieurs manières d'être vieux et de vivre la vieillesse. Le grand nombre de nouvelles technologies ont permis de vivre mieux et plus longtemps, en donnant la possibilité de maintenir plus jeune dans tous les domaines de la vie, surtout la disponibilité pour l'affection et la sexualité même pour les plus âgées. Dans l'univers masculin de personnes âgées on trouve une portion importante de individus qui sont des homosexuels, bien que cela n'apparaisse pas dans les recherches parce que l'éducation sexuelle ne sont presque jamais prise en compte. L'avancement et l'acceptation de la diversité sexuelle ont permis aux individus de différentes orientations et âges d'apparaître dans sa singularité et dans son spécificité, avec le but de décrire et comprendre les questions et les éventuels conflits impliqués dans le processus du vieillissement masculin homosexuel. Une étude qualitative a été réalisée avec douze participants, avec le même âge ou supérieur à 50 ans pour identifier de quelle manière les hommes homosexuels vivent, s'aperçoivent, et élaborent les changements issus du vieillissement et les stratégies utilisées dans ce processus, en construisant une analyse de ses expériences vécues à la lumière de la Psychologie Analytique, par la méthode proposée par Bardin, l'analyse du contenu verbal. Après l'identification et le groupement préliminaires, il a été possible d'identifier trois grandes catégories par rapport à la recherche: histoires de vie et famille, sexualité et relations affectives et de travail et perceptions du bien vieillir. Les résultats de la recherche montrent que les homosexuels qui vieillissent ont dû apprendre à intégrer des aspects de sa sexualité et affection à la conscience, ce qui veut dire apprendre à vivre ensemble avec son orientation au même temps que son vieillissement, et aussi faire face à des limitations et des obstacles rencontrés dans le processus de façon à améliorer la qualité de vie. Pour ceux qui n'ont pas réussi, ont encore des difficultés et limitations pour atteindre un niveau satisfaisant pour vivre une vieillesse plus saine. Les résultats de la recherche montrent aussi que le fait de vieillir favorise la conscience des aspects positifs, avec la maturité chez soi et même dans la vie avec une plus grande capacité d'agir et de décider, se sentir plus attractif et heureux. Il y a aussi des aspects négatifs comme les maladies, les signes de l'âge, des difficultés à utiliser des nouvelles technologies, le manque d'affection, la solitude, la nostalgie, les regrets et peurs.

Mots Clés: Personnes âgées homosexuels; Vieillissement; Homosexualité; Individuation; Affection et sexualité.

MOREIRA, Adailson da Silva. *Metamorphosis of the soul: visions of the male homosexual aging process.*

ABSTRACT:

Aging is a phase of life marked by complexity and heterogeneity, there are several ways of being old and live the oldness. In addition, the increasing technological development has provided live longer and better, which implies the possibility of maintaining youthfulness in all areas of life, and in particular, the availability to the affection and sexuality until very advanced ages. Within the male elderly population we can find a considerable portion of individuals who are homosexual, although they do not appear in researches because the sexual orientation is not always taken into consideration in this type of survey. However, with the advancement of acceptance of human sexual diversity, different individuals of different orientations and ages begin to appear in their singularities and specificities. In order to describe and understand the issues and conflicts involved in the male homosexual aging process, we conducted a qualitative study, with 12 participants, at 50 years old or more, to identify how male homosexual experience, perceive and elaborate changes from the aging and the strategies used to deal with this process, building an analysis of their experiences in the light of Analytical Psychology and using the Content Analysis method proposed by Bardin to proceed the analysis of the verbal content. After identification and preliminary grouping, it was possible to identify three major categories to which pointed the research resulting material: life and family stories, sexuality and affective and work relationships and perceptions of aging. The survey results suggest that the male homosexuals who get old had to learn to integrate aspects of their sexuality and affection to consciousness, which means learning to live with both their guidance and advanced age and also dealing with the limitations and obstacles naturally arising in the process to achieve a healthier oldness. Those who thus have yet to experience difficulties and limitations, not reaching satisfactory level of quality of life. The survey results also suggest that the contact with aging provides, on the one hand, the consciousness of positive aspects, as a greater maturity towards himself and life, a better capacity for decision and coping, feeling attractive and happiness. And also considered negative aspects such as disease and signs of age, difficulty with new technologies, lack of affection, nostalgia, loneliness, regrets and fears.

Key Words: Homosexual elderly; Aging; Homosexuality; Individuation; Affection and sexuality.

INTRODUÇÃO

A natureza, em sua sabedoria, entrelaça-se em ciclos sucessivos: dia e noite; primavera, verão, outono, inverno; infância, adolescência, maturidade e velhice...

Monteiro (2008a, p. 53-4)

O recente interesse em desvendar e compreender o processo de envelhecimento é fruto do aumento da expectativa de vida da população mundial nos últimos anos¹, ocasionado pelo progresso científico, especialmente na área médica (CARVALHO; GARCIA, 2003).

O progresso científico, a biotecnologia, os métodos contraceptivos, a maior produção e o acesso a medicamentos, enfim, poderíamos elencar uma série de fatores que podem ter contribuído para o aumento da expectativa de vida. (CORREA, 2009, p. 29)

Esse progressivo aumento da população de idosos² está levando a mudanças significativas na sociedade como um todo, com o surgimento de organizações, governamentais e não-governamentais, periódicos, livros, produtos, serviços, empresas e ações políticas voltadas a esse segmento.

Todas essas iniciativas servem para dar visibilidade a essa população que vive, de certa forma, camuflada no interior da sociedade. No imaginário coletivo, a velhice aparece associada a incapacidades, deterioração da saúde e da força do trabalho, dentre outros fatores negativos que podem ser facilmente identificados.

Ao abordar o tema do envelhecimento precisamos atentar para o fato de que se trata de um processo, que pressupõe diferentes etapas e que abrange diversas necessidades e perspectivas dinâmicas e inter-relacionadas, e não de um fato isolado ou imprevisível na existência humana. No ciclo da vida “(...) a velhice não é um fato estático, é o resultado e o prolongamento de um processo” (ARCURI, 2008, p. 76), que requer olhares interdisciplinares para sua compreensão, na esperança de abolição de

¹ No Brasil, segundo o IBGE (2013) em 1910, a expectativa era de 33,4 anos para homens e 34,6 para mulheres. Em 1990, salta para 62,3 anos para homens e 69,1 anos para mulheres. Para os censos de 2000 e 2010 apresenta novos números: 66,73 anos para homens e 74,35 anos para mulheres em 2000, e 69,73 anos para homens e 77,32 para mulheres em 2010.

² Diversos estudiosos propuseram termos para definir as idades da vida, o ciclo vital, cada qual embasados em epistemologias diferentes. Assim, nos últimos anos vimos surgir expressões como *terceira idade*, *melhor idade*, *envelhecete*, etc. Nesse trabalho optei por não usar nenhum termo específico para a referência às etapas mais adiantadas da vida, de modo a ter maior liberdade na escrita com a utilização de termos como *maduro*, *idoso* e *velho*, dentre outras expressões, tendo como critérios a estética da frase e o contexto do assunto ali abordado.

preconceitos que são comuns em áreas e aspectos ainda misteriosos da existência comumente associados a esta fase, como a morte, a solidão, a doença, além do próprio processo do envelhecer.

Atualmente é consenso que o envelhecimento é uma fase da vida marcada pela complexidade e heterogeneidade, ou seja, é plural e multifacetada, existindo várias formas de ser velho e de se viver a velhice (SANTOS; ANDRADE; BUENO, 2009). Podemos até dizer que existem tantas possibilidades quantos são os seres humanos que ingressam nesta fase da vida.

Dentro desse universo crescente de pessoas que envelhecem encontra-se uma parcela considerável de indivíduos que são homossexuais³, tanto homens quanto mulheres⁴, embora eles praticamente não apareçam, nem em estudos, nem nas estatísticas: “se consultarmos os estudos sobre velhice no Brasil, verificaremos, como regra geral, o silêncio a respeito do envelhecimento homossexual” (PAIVA, 2009, p. 199).

A realidade, porém, mostra que essa população existe e se faz necessário uma reflexão sobre o assunto, que englobe aspectos da personalidade, as relações afetivas e o processo de envelhecimento desse grupo, de modo que se possa conhecer os significados que essas pessoas atribuem ao próprio envelhecimento e à vida.

Nessa pesquisa, nos propusemos a ouvir o que estes homens homossexuais que caminham para o envelhecimento têm a dizer sobre o fato e a percepção de estar envelhecendo, realizando a análise a partir das etapas do desenvolvimento humano tomando por base a Psicologia Analítica e as ideias formuladas por Jung (1875 – 1961), e outros autores junguianos e não-junguianos, para compor um quadro o mais fiel possível à realidade estudada.

Inúmeros instrumentos jurídicos de proteção da população homossexual surgiram nos últimos anos, incluindo garantias contra a discriminação, a instituição do

³ Segundo o *Relatório Kinsey*, 10% dos homens são predominantemente homossexuais e 37% já tiveram pelo menos uma experiência com outro homem, chegando ao orgasmo. Ainda segundo o relatório, é possível estimar que cerca de 46% dos homens sejam bissexuais, o que quer dizer que se envolveram em atividades eróticas ou que tenham reagido (excitação e ereção) com pessoas de ambos os sexos, no curso da vida adulta (KINSEY; POMEROY; MARTIN, 2012).

⁴ Quando se trata de definir o que quer que seja, na atualidade, pode-se constatar facilmente o quão difícil essa tarefa pode ser, dada a quantidade de propostas existentes. Termos como *gay*, *homossexual*, *homoafetivo*, *homoerótico*, *queer*, etc., podem apresentar diferentes sentidos, dependendo da perspectiva que se adota. Por carregar essa carga de discussões e pouco consenso, não adoto nenhum em particular, e todos podem aparecer no texto indistintamente, porém, sempre com o significado de identificar homens que se relacionam sexual e/ou afetivamente com outros homens. O que define o uso de um termo ou outro será meramente uma questão estética e não comporta nenhum julgamento de valor.

casamento legal, a possibilidade da adoção, previdência, etc. (CURI, 2011), contribuindo dessa forma para a ampliação da aceitação social e maior integração dessas pessoas.

O desenvolvimento psicológico depende tanto da condição inata quanto da história e do contexto social e familiar de cada um. Evidentemente que o enfrentamento das contingências existenciais, sejam elas quais forem, é mais fácil de ser experimentado quando há apoio e estrutura familiares e/ou rede de apoio externa.

A pessoa que se descobre gay, independente da época da vida em que se dá essa descoberta ou da intensidade de eventuais conflitos daí advindos, está sujeita ao inexorável processo de envelhecimento, como qualquer outra pessoa.

A velhice possui, por si só, uma espécie de mistério e melancolia, por ser o termo da vida. Não existe outra fase depois, e ainda que essa seja longa, sempre culmina na morte. Por essas características, a velhice foi representada na cultura ocidental por imagens e significados peculiares, quase sempre negativos, como a solidão e o desamparo, as dores frequentes e cada vez mais intensas e o desligamento progressivo do mundo, dentre outras. O lado positivo, que diz da experiência e sabedoria que podem ser acumuladas numa vida longa, nem sempre é mencionado no Ocidente, embora seja cultuado em sociedades Orientais tradicionais. O hedonismo do mundo capitalista contemporâneo parece não alcançar os aspectos positivos da idade, focando, na maioria das vezes, apenas na decadência do corpo e na diminuição progressiva da atratividade sexual. Assim, o preconceito contra a sexualidade na velhice pode atingir a todos, hetero e homossexuais.

A revolução dos medicamentos para aumentar a potência sexual e a ereção contribui para derrubar o mito de que o idoso não se interessa por atividades eróticas, além de quebrar tabus importantes nessa área.

Os intensos investimentos da indústria farmacêutica nas pesquisas ligadas à sexualidade é um exemplo de como esse aspecto da existência está sendo reelaborado atualmente, destacando a atividade sexual como fonte importante de bem-estar, saúde e felicidade, nesta fase da vida (BRIGEIRO; MAKSUD, 2009).

O que se ressalta, e é aqui objeto de análise, como ponto essencial, são as condições de desenvolvimento de homens homossexuais, que absorvem/criam

concepções sobre sua existência, bem como sobre sua afetividade e sexualidade⁵. Cada um constrói sua vida a partir da própria história, que sofre influência do meio (família, amigos, sociedade), porém de acordo com suas próprias condições, garantindo que cada indivíduo seja capaz de transformar a realidade a partir de elementos internos conscientes e inconscientes, que se movimentam arquetipicamente por meio do processo de individuação.

Com isso nossa investigação visa mergulhar no universo dessas condições e empreender uma análise da percepção do processo de envelhecimento desses indivíduos, a partir de sua orientação específica. Como eles percebem seu próprio envelhecimento e de que forma isso afeta suas vidas.

A ideia de pesquisar o processo de envelhecimento masculino homossexual surgiu em 2009, quando me deparei com uma matéria na revista *Junior*, publicação direcionada ao público gay, com o seguinte título “Como será o amanhã?”, assinada por Neto Lucon. Nessa matéria o autor enfoca o abandono e o preconceito que obrigam idosos moradores de asilos a *voltarem para o armário*, como forma de proteção. Lucon inicia seu texto com a transcrição de falas que ouviu em diversas instituições, como essa: “no asilo não tem nenhum gay, querido. É só velho, mesmo.” (2009, p. 65). O que salta aos olhos quando nos deparamos com essa afirmação, excluída a possível simplicidade da pessoa que a proferiu, é o preconceito generalizado de que velho não tem sexualidade, menos ainda orientação sexual.

A partir desse quadro negativo do idoso homossexual, uma realidade indiscutível vivida por algumas pessoas, como mostrado na matéria, comecei a me questionar como seria a realidade de um homem gay que está envelhecendo. Quais as suas preocupações e condições de vida? Quais as dinâmicas e relacionamentos que constroem? Todo idoso homossexual seria solitário, abandonado, mal-amado e frustrado, como diz a crença popular? Será que o envelhecimento para o homem gay é um processo inexorável rumo a uma vida infeliz? Existem gays idosos que se consideram felizes?

Essa crença negativa é generalizada em nossa cultura, cumprindo a ilusória função de desestimular práticas homossexuais nos jovens. Mott nos dá o seu depoimento: “A segunda imagem que ficou de minha adolescência é que todo

⁵ “É só quando se trata da questão da sexualidade que colocamos um ponto de interrogação. Este sinal indica uma dúvida, ou seja, a dúvida de saber se os conceitos morais que tivemos até hoje e as instituições legais neles fundamentadas são satisfatórios e oportunos.” (JUNG, 2010 [1928], p. 70, § 105)

homossexual estaria condenado à solidão na velhice, vegetando sozinho e abandonado, num quartinho sombrio de uma pensão de quinta categoria.” (2003, p. 49).

Só pude empreender essa pesquisa porque acreditei, desde a leitura da referida matéria, que poderia haver outras respostas para essas indagações. E de fato, pude encontrar, por meio da pesquisa, homens gays idosos, ou próximos dessa idade, que declararam conviver muito bem tanto com sua orientação quanto com a idade que têm, como veremos logo mais.

Ao mesmo tempo em que surge um novo cenário para a etapa da vida denominada velhice, com inúmeros recursos tecnológicos capazes de melhorar a qualidade de vida, pouca coisa ou quase nada se fala sobre o idoso homossexual, como se essa fase da vida anulasse a sua sexualidade e capacidade afetiva e conseqüentemente sua expressão mais íntima e o igualasse aos demais idosos em termos de necessidades existenciais.

Uma procura preliminar por literatura sobre esse tema mostrou-se extremamente escassa. Nos poucos trabalhos que encontrei a visão apresentada a respeito do envelhecimento gay, se não é negativa, ao menos é apresentada como bastante problemática (SIMÕES, 2004; MAKI, 2005; PAIVA, 2009; MARAVILHA, 2010; NASCIMENTO, 2011; PONTES, 2011).

Com o meu ingresso no programa de doutoramento, os objetivos já estavam amadurecendo; era o momento de dar o balizamento teórico e metodológico para uma ideia surgida da indignação com o apagamento dessa parcela da sociedade, que mais recentemente começou a ser considerada em razão do poder aquisitivo (GUINOZA, 2014), porque “(...) o mercado homossexual desponta como um novo filão a prometer bons lucros” (MACRAE, 2005, p. 292).

A pesquisa em bases de dados (BIREME, Banco de teses e dissertações, Portal de periódicos da CAPES, Google acadêmico, dentre outras) revelou ampla gama de estudos envolvendo *homossexualidade* e *velhice*, em categorias e estudos separados. Quando os termos *homossexualidade* e *velhice* se unem aparecem alguns poucos estudos. Ampliando o rol de termos para incluir a *indivíduoação*, nenhum resultado específico aparece.

Essa carência de pesquisa, por si só, demonstra a necessidade de estudos na área, porque parcela considerável de homossexuais está chegando à velhice e buscando atenção da sociedade e das instituições, incluindo a psicologia, no tocante ao imperativo de considerar suas necessidades particulares, como idosos gays, enquanto cidadãos que

têm direito de usufruir de todos os dispositivos de atenção e cuidado disponíveis na sociedade, sem que haja qualquer tipo de julgamento moral de sua conduta ou estilo de vida.

O fato de não haver muitos estudos que unam homossexualidade e velhice pode refletir uma postura da sociedade e uma cultura que fecha os olhos para o velho, de um modo geral, uniformizando (massificado) todo um contingente de pessoas, fazendo com que quaisquer diferenças individuais enquanto grupo sejam anuladas, porque todos são considerados apenas idosos/velhos. Isso significa que os homossexuais idosos quase sempre estão invisíveis, passam praticamente despercebidos pela sociedade, imersos no grupo maior. Necessidades específicas acabam por se dissolver dessa forma.

Os estudos sobre o envelhecimento geralmente apresentam como referência a heterossexualidade, se referindo a homens e mulheres com essa orientação sexual (por ex. VASCONCELLOS *et al.*, 2004; BARROS, 2007; GRADIM; SOUZA; LOBO, 2007; MONTEIRO, 2008; ALVES JUNIOR, 2009; GUERRA; CALDAS, 2010; GOLDENBERG, 2011; LAROQUE *et al.*, 2011; DEBERT; BRIGEIRO, 2012; KAUFMAN, 2012), o que significa que a homossexualidade não aparece, é diluída no meio da massa como se fosse inexistente, invisível (MOTA, 2009, p. 26).

A academia apresenta alguma produção sobre o tema, tanto no nível de mestrado (MAKI, 2005; LIMA, 2006; SILVA, 2009, SANTOS, 2012) como de doutorado (POCAHY, 2011; NUNES, 2012; DUARTE, 2013). Ainda é pouco para um universo tão vasto. É nessa esteira de estudos iniciais que segue o presente trabalho.

Após delimitação do tema, muitas idas e vindas para definir os objetivos da pesquisa, chegou-se à atual proposta: descrever e compreender as questões e os eventuais conflitos envolvidos no processo de envelhecimento homossexual masculino.

A base empírica do trabalho foi uma pesquisa qualitativa com 12 homens com idade igual ou superior a 50 anos e homossexuais, utilizando a entrevista semiestruturada como procedimento.

O trabalho tem início com uma visão do processo de desenvolvimento da personalidade, passando pelas suas diversas fases. Nesse percurso, seguimos os passos teóricos de Staude (1988) principalmente na compreensão da segunda metade da vida, quando ganha relevo o processo de individuação propriamente dito.

O segundo capítulo aborda a visão de Jung a respeito da homossexualidade, que, embora avance em alguns aspectos, como por exemplo, quando diz que a

homossexualidade não deve ser assunto das autoridades legais, está atrelada às concepções de sua época.

Sobre esse tema Jung não inovou, mantendo a visão de que a homossexualidade é fruto de um desenvolvimento incompleto ou anormal. Seus primeiros discípulos comungaram da mesma visão, pouco acrescentando também. Apenas mais recentemente é que estudiosos junguianos começaram a construir uma nova visão da homossexualidade, mais atenta à transformação dos costumes e da cultura. Não apresentam uma mudança radical, mas suas questões servem para mudar o rumo das discussões, abrindo caminho para uma percepção menos carregada de preconceitos.

No terceiro capítulo, tratamos do envelhecimento, como uma fase de redefinição dos rumos da existência, marcando a transição e os parâmetros dessa nova fase, descortinando os diversos aspectos envolvidos no processo, entendido como metamorfose da alma, rico em significados, que ganha mais consistência a partir do prolongamento da vida e da percepção do próprio corpo que envelhece e os dilemas inerentes que porventura surjam.

No quarto capítulo o que se discute é a experiência homossexual como componente da personalidade e que compõe a autoimagem e o autoconceito que cada um cultiva de si mesmo. Embora seja uma configuração pessoal, sua construção é histórica e recebe inúmeras influências externas e internas.

Em meio à condição de subordinação a que a sociedade historicamente relegou os homossexuais, após intensas lutas, eles emergem como novos participantes da cena coletiva, pleiteando direitos e prerrogativas que são assegurados a todos os cidadãos, e, principalmente, se fazendo ouvir, ganhando uma voz pública, portanto política, e se unindo às inúmeras outras vozes na defesa dos direitos das diversas minorias, na atualidade.

A seguir apresentamos o capítulo sobre o método, onde se especificam os passos dessa pesquisa, os pressupostos metodológicos utilizados, etc.

Resultados e análise é o tema do capítulo seis, onde apresentamos a caracterização dos participantes (Quadro V) e os resultados da pesquisa, trazendo as entrevistas e as três categorias de análise, enriquecidas com as falas dos participantes.

A discussão dos resultados aparece no capítulo 7 e, finalmente as considerações finais e as referências.

1 O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

Quando criança, no meio da garotada, usando bolsa a tiracolo, eu não jogava futebol pra valer: não gostava – e continuo não gostando – de futebol! Subia em postes e árvores, empinava pipa e ‘arraia’, convivia com as garotas do meu bairro e fazia roupas de bonecas com elas, o que não era comum para um menino. Interessava-me por todas as brincadeiras por que um menino pobre poderia se interessar, mas, confesso, preferia aquelas culturalmente reservadas às meninas (...)

Wylllys (2014, p. 22)

Para compreender o universo pessoal dos indivíduos e seus elementos, faz-se necessário a visualização do processo de desenvolvimento, começando por entender como formamos nossa personalidade a partir de elementos físicos, psíquicos e da nossa história vivida, bem como o conjunto de significados que daí emergem contribui para sua construção.

A via pela qual a personalidade efetiva suas potencialidades recebeu de Jung o nome de *individuação*. Trata-se de um processo contínuo que vai do nascimento até o momento da morte⁶.

Nesse processo de desenvolvimento, ou individuação, os estímulos vêm de diferentes fontes: internos (aqueles inatos) e externos (influência do meio social). Cada acontecimento, ação ou situação vivida vai ser percebida, elaborada e respondida de modo muito particular e, no seu conjunto, formam a história pessoal de cada indivíduo.

Até meados do século XX, não havia estudos sistemáticos que abrangessem o desenvolvimento da personalidade por todas as etapas da vida (STAUDE, 1988, p. 26). Quando surgiram, referiam-se basicamente ao desenvolvimento infantil, em razão da crença, mais ou menos generalizada, de que o desenvolvimento só acontecia nesta fase, restando às demais etapas a sedimentação do processo.

Freud foi, provavelmente, o primeiro teórico a dar ênfase aos aspectos evolutivos da personalidade, destacando a importância decisiva dos primeiros anos de vida para a estruturação do caráter de uma pessoa. Freud descobriu

⁶ Jung afirmou que este processo fazia parte da segunda metade da vida. Diz ele “A integração do si-mesmo, é, no fundo, um problema da segunda metade da vida” (2011 [1946], p. 152, § 474). Contudo teóricos posteriores postularam a individuação como um processo contínuo ao longo de toda a vida (FORDHAM, 2001, p. 20). Samuels diz que “A Escola de Desenvolvimento alega que a individuação é uma atividade presente na vida toda e, em todos os seus aspectos essenciais, pode ser observada nas crianças.” (1989, p. 137).

que a personalidade aos cinco anos de idade já se apresenta bem formada, sendo os anos subsequentes dedicados à elaboração dessa estrutura básica. (HALL; LINDZEY, 1984, p. 36)

A psicologia do desenvolvimento começou como uma *ciência do comportamento infantil* (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981, p. 2), cuja tendência consistia em crer que o desenvolvimento chegava a seu termo com a conquista da maturidade biológica, no início da vida adulta (STAUDE, 1988, p. 8).

As bases para a psicologia do desenvolvimento adulto surgiram na segunda metade do século XX com as pesquisas de Jung e outros⁷, com a perspectiva de que o desenvolvimento humano continua durante toda a vida, terminando apenas com a morte; e que este desenvolvimento é extremamente influenciado tanto por fatores externos, quanto por fatores internos.

Embora fosse reconhecida a possibilidade de uma mudança significativa durante a idade adulta, essa mudança na personalidade do indivíduo costumava ser atribuída a acontecimentos *exteriores* importantes, tais como dramáticos sucessos ou fracassos, traumas muito fortes ou doenças muito graves, psicoterapia intensiva, conversão religiosa ou mudanças importantes na sociedade tais como guerra, revolução, depressão ou prosperidade. (STAUDE, 1988, p. 116)

Isso implica o surgimento de uma nova compreensão na qual os estágios da vida de uma pessoa, do nascimento à morte, são determinados por influências internas e por influências sociais que interagem com um organismo em amadurecimento físico e psicológico.

A evidência de que a personalidade só se aproxima da plenitude ao final de uma longa vida, destaca a importância das experiências internas e externas para o amadurecimento. A vida que se vive e a maneira como se elaboram as vivências vão compondo um quadro para suas transformações. Cada experiência deixa sua marca e produz um significado simbólico particular. Consequentemente, a qualidade e o contexto dessas experiências têm grande importância na produção do significado (sentido) que será atribuído à própria experiência, conforme articulado a seguir, ao se revisar as fases do desenvolvimento.

⁷ Alguns dos autores que se dedicaram a compreender a psicologia do desenvolvimento adulto foram: Bühler – *teoria da auto-realização*, Havinghurst – *teoria da socialização*, Erikson – *teoria do desenvolvimento psicossocial*, Levinson – *teoria da estrutura da vida* e Sanford – *teoria holística* (STAUDE, 1988, p. 26-47).

1.1 O desenvolvimento humano

Cada indivíduo constrói, consciente e inconscientemente, sua personalidade, que é única e irrepetível.

Apesar dessa singularidade que nos caracteriza, todo o processo de desenvolvimento é arquetípico, seguindo um padrão mais ou menos definido. O que quer dizer que ninguém surge do nada, uma vez que ao nascer herdamos aspectos universais, os arquetípicos⁸, que vão direcionar nossa forma de pensar, agir e interagir.

Além disso, as etapas da vida obedecem a determinadas necessidades e anseios, que variam de acordo com a idade, raça, classe social, etc.

O período da infância é importante não só porque nela começaram algumas deformações do instinto, mas também porque nela se apresentam à alma infantil sonhos e imagens, de ampla visão, que preparam todo um destino, ora assustadores, ora encorajadores, e ao mesmo tempo *pressentimentos* retrospectivos, que ultrapassam muito o âmbito da experiência infantil e remontam à vida dos *ancestrais*. (JUNG, 2010 [1928], p. 65-6, § 98)

Durante a fase embrionária, “a criança se encontra psíquica e fisicamente integrada no corpo da mãe” (NEUMANN, 1991, p. 9). Parte do corpo dela desloca-se para formar o novo ser. As ligações físicas incluem as ligações psíquicas: o que a mãe sente, a criança também sente.

Com o nascimento, o ser faz o seu ingresso na sociedade humana e inicia o amadurecimento egoico: “Nos primeiros anos de vida quase não se verifica consciência alguma, apesar de que já muito cedo seja evidente a existência de processos psíquicos” (JUNG, 2011 [1910], p. 60, § 103).

No início estamos mergulhados no inconsciente e o ego é só uma potencialidade, que dia a dia vai se consolidando, ganhando consistência a partir do contato com o mundo, o que implica interação e reciprocidade. Nesse sentido, “(...) a pesquisa moderna considera a criança recém-nascida como um organismo que é muito ativo e responsivo à sua mãe, ajustando-se e centralizando-se em torno de percepções afetivas e do diálogo real com ela” (JACOBY, 2010, p. 64).

⁸ “Os arquétipos são sistemas de prontidão que são ao mesmo tempo imagens e emoções. São hereditários como a estrutura do cérebro. Na verdade são o aspecto psíquico do cérebro. Constituem, por um lado, um preconceito instintivo muito forte e, por outro lado, são os mais eficientes auxiliares das adaptações instintivas. Propriamente falando, são a parte *ctônica* da psique (...)” (JUNG, 2011c, p. 40, § 53)

Jung afirma que “(...) a alma da criança se desenvolve a partir do inconsciente (...)” (2011 [1916], p. 360, § 795), em direção à consciência, confirmando “a totalidade humana [que] é constituída de uma união da personalidade consciente e inconsciente” (2011f, p. 141).

Continua Jung:

Na criança a consciência emerge das profundezas da vida psíquica inconsciente, formando no começo como que ilhas isoladas, as quais aos poucos se reúnem em um ‘continente’, para formar uma consciência coerente (...) (2011 [1910], p. 202, § 326)

Assim, “o ego se forma somente na primeira parte da vida, praticamente junto com o crescimento do corpo” (BYINGTON, 1988, p. 9). A partir daí, na relação com a mãe, ou outro(a) cuidador(a), e com o mundo ao seu redor, a criança vai gradativamente experimentando, conhecendo e reconhecendo. “Podemos observar o despertar da consciência nas crianças pequenas. Qualquer pai pode vê-lo, se prestar atenção” (JUNG, 2011 [1916], p. 345-6, § 754).

Neumann, ao estudar o processo de desenvolvimento, afirma que: “(...) a criança vai sendo moldada pela cultura humana, uma vez que a mãe vive imersa num coletivo cultural, cujos valores e linguagem influenciam, inconscientemente mas de modo efetivo, o desenvolvimento da criança” (1991, p. 10).

A primeira infância é um período importante da vida, no qual toda a estrutura física e psicológica vai se consolidando. “Como a consciência está muito pouco desenvolvida na infância, não se pode falar propriamente de uma vivência ‘individual’.” (JUNG, 2011c, p. 44, § 64). É, nesse momento, que a ação dos adultos educadores (pais, professores, avós, etc.) se faz mais influente. A notável capacidade de imitação cumpre tarefa no processo de aprendizado e formação do indivíduo.

Hollis argumenta que “(...) ao nascermos, recebemos múltiplas lentes: a herança genética, o sexo, uma cultura específica e as variáveis no nosso ambiente familiar, e todas elas constituem a nossa ideia da realidade” (1995, p. 11).

O que este autor chama de *lentes* pode também ser entendido como *filtros* através dos quais cada ser humano enxerga e compreende o mundo. Grande parte destas lentes, ou filtros, senão todas, são na verdade de outras pessoas, como nossos pais e ancestrais familiares e culturais; e nem nos damos conta disso. “As crianças são educadas por aquilo que o adulto é, e não por suas palavras.” (JUNG, 2011f, p. 141).

Assumimos tais crenças/ideias/conceitos como se fossem verdades inquestionáveis. É compreensível que neste momento do desenvolvimento elas tornam-se realmente inquestionáveis, pelo fato de o senso crítico surgir mais tarde. “Em geral se acentua muito pouco quão importante é para a criança a vida que os pais levam, pois o que atua sobre a criança são os fatos e não as palavras” (JUNG, 2011 [1910], p. 51, § 84).

No período que compreende da infância à adolescência, o ego, ou ‘eu’, é enraizado à existência e solidamente estabelecido (STAUDE, 1988, p. 117). É como se, a cada dia, a pessoa se tornasse mais ela própria.

Essa fase é de grande maleabilidade, podendo receber impressões das mais variadas ordens e origens, tanto as internas referentes ao núcleo familiar (num primeiro momento), quanto as externas (posteriormente), provenientes do meio social, escola, amigos, clubes, etc.

Hollis sustenta ainda que “(...) embora as predisposições genéticas desempenhem um papel fundamental, está claro que as famílias transmitem sua maneira de ver a vida de geração em geração” (1995, p. 12). Por mais que se mude posteriormente pela ampliação da consciência, experiências ou adoção de novos valores/conceitos, este modo de ver a vida, transmitido pela família, na maioria das vezes não consegue ser totalmente apagado.

Isso porque a psique, ou personalidade, é formada pela consciência e pelo inconsciente, sendo estas estruturas dinâmicas e interativas.

Tanto o consciente como o inconsciente não representam algo de estável e permanente, mas cada um é algo de vivo, que está em contínua atuação recíproca sobre o outro. Conteúdos conscientes acabam mergulhando no inconsciente quando perdem sua intensidade ou atualidade. A este processo denominamos esquecer. A partir do inconsciente emergem novas imagens e tendências que penetram na consciência; falamos de ideias súbitas e impulsos. (JUNG, 2011 [1910], p. 60 § 102)

Assim, para sobreviver, estrategicamente, cada um vai elaborando as experiências e fazendo arranjos consigo próprio e com o seu meio, com o objetivo de harmonizar aspectos internos às normas e aos padrões sociais e coletivamente *aceitos*. “Aquilo que podemos chamar de personalidade provisória é uma série de estratégias escolhidas pela frágil criança para lidar com a angústia existencial” (HOLLIS, 1995, p. 13).

A adolescência surge como a fase das experimentações (COSTA *et al.*, 2007; MANSANO, 2011; TOLEDO; TAKAHASHI; GUANILO, 2011). Fortemente

impregnado pelo padrão familiar, o jovem se depara com um mundo bem diferente, contraditório, competitivo e que exige exposição a riscos variados em diferentes instâncias, tais como: existencial, pessoal, relacional, sexual, profissional, etc.⁹. O sentimento dominante poderá ser a insegurança diante da demanda por decisões sobre aspectos importantes da vida, para os quais pode faltar base existencial para uma decisão verdadeira e autêntica. Nessa fase, meninos e meninas trilham caminhos muito diferentes (INFANTES, 2013), porque as expectativas sociais são diferentes.

Nesse sentido:

(...) os meninos têm que eventualmente se separar de suas mães para estabelecerem uma identidade masculina. Essa necessidade de ser ‘dono do seu próprio nariz’, de ‘fazer à sua própria maneira’ vai fundo na psique masculina. Consequentemente, para a maioria dos adolescentes homens, a identidade não é estabelecida através de conexões íntimas, mas através de realizações, explorações e testes. (MORIN, 1997, p. 80)

É a fase de testar limites e descobrir aptidões e compreender as configurações sociais de sua sexualidade. “Práticas corporais, tais como comer carne e assumir riscos na estrada, também se tornam ligadas às identidades masculinas.” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 269).

A sociedade exige uma definição, que quase sempre não é possível aos jovens.

Isto significa na prática que o jovem tem um conhecimento incompleto tanto de si mesmo como do outro; por isso também conhece de modo insuficiente os motivos do outro como também os próprios. Na maioria das vezes o jovem costuma agir levado apenas por motivos inconscientes. (JUNG, 2011 [1910], p. 202, § 327)

Muitas vezes, sem ter conseguido resolver esse emaranhado de incertezas e dúvidas, o jovem se depara com a difícil tarefa de criar as bases materiais da vida, como: definir profissão, iniciar carreira, formar família, adquirir bens, etc. Trata-se de *ganhar* a vida, de construir o *ideal adulto* (STAUDE, 1988, p. 117).

A personalidade vai perdendo a característica de transitoriedade, já que novos conceitos são incorporados e as questões da infância e juventude vão se transformando em questões adultas, e exigindo mais responsabilidades. Nessa fase o ritmo costuma ser mais agitado, como é típico dos jovens.

⁹ Trata-se de um momento difícil porque “essa é uma forma-chave de ligação entre a masculinidade e a heterossexualidade na cultura ocidental, com prestígio dado aos meninos com parcerias heterossexuais e o aprendizado sexual imaginado como exploração e conquista.” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 269)

Jung (2011 [1912]), estudando as etapas do desenvolvimento, dividiu didaticamente a vida em duas fases, salientando que o ser humano possui dois tipos de objetivos na vida: os *naturais* e os *culturais*. Didaticamente, porque não há uma data definida, um marco que define uma idade específica, variando de indivíduo para indivíduo. Na primeira fase a pessoa se volta à busca dos *objetivos naturais*, como o desenvolvimento do ego e sua maturação parcial, a adaptação ao ambiente externo, a aquisição de autonomia nas escolhas de relacionamentos com pessoas, lugares e coisas (ARCURI, 2008, p. 78). Diz Jung que a ênfase está na “(...) procriação dos filhos e todos os serviços referentes à proteção da prole; para tanto, é necessário ganhar dinheiro e posição social.” (JUNG, 2011 [1912], p. 86, § 114). A conquista de muitos desses elementos importantes na vida de qualquer pessoa deve ocupar, pelo menos, a metade da vida. Em países subdesenvolvidos, as condições podem ser bem piores, e acontecer mais tardiamente ou nem acontecer para muitas pessoas.

Jung afirma que “em qualquer circunstância, conquistar um lugar na sociedade e modificar a própria natureza original, de modo que ela se adapte mais ou menos a esta forma de existência, constitui um fato notável.” (2011 [1916], p. 351, § 771).

O estabelecimento de uma rotina e um modo de vida, que implica trabalho e formação de uma família, o fortalecimento de uma atitude pessoal diante do mundo e a construção de uma posição social, contribui para a convicção de que o curso da vida segue o seu rumo em direção à realização do indivíduo, seja ela qual for.

Em função dessa crença, quando o indivíduo consegue alcançar uma posição confortável, pode surgir, em contraposição, a vontade, escondendo a necessidade de evolução¹⁰, de que esta situação se perpetue infinitamente; tornando mais difícil o abandono de tais crenças e hábitos quando a vida começar a exigir as necessárias modificações.

Ao se aproximar do meio da vida¹¹, tais mudanças podem começar a mostrar sinais, mesmo quando o indivíduo se aferra à ilusão da permanência. No início da vida, esses sinais são praticamente imperceptíveis, e sua origem é inconsciente, podendo se manifestar espontaneamente (em resposta ao desenvolvimento do indivíduo) ou em

¹⁰ “A experiência nos mostra... que a causa fundamental de todas as dificuldades desta fase de transição é uma mudança singular que se processa nas profundezas da alma.” (JUNG, 2011 [1916], p. 353, § 778)

¹¹ O meio da vida não é uma idade definida. Jung cita entre 35 e 40 anos, mais ou menos (2011 [1916], p. 347, § 759). Contudo, essa idade pode variar de pessoa para pessoa. Jung ressalta que: “Parece-me que o retardamento desta manifestação é ocasionado, frequentemente, pelo fato de os pais dos indivíduos em questão ainda estarem em vida. [Neste caso] É como se a fase da juventude se prolongasse indevidamente.” (JUNG, 2011 [1916], p. 352, § 774).

reação a um fato externo importante (mudança de emprego, divórcio, morte de alguém significativo, etc.).

Atingindo a meia-idade, um novo processo de desenvolvimento interno começa (STAUDE, 1988, p. 117) com a busca dos *objetivos culturais*, que são diversificados, difusos e dependentes do esforço individual, ou, numa palavra, da *vontade* de cada um. “Quando a primeira meta é alcançada, menciona Jung, tem início a segunda fase na vida, de conquistas não materiais” (SALLES, 1998, p. 180). Nesta fase os problemas que se apresentam são de outra natureza, ligados mais ao *Self*, no qual as dificuldades se dão especialmente em lidar com o universo interior (ARCURI, 2008, p. 78). Os apelos externos tendem a diminuir sua intensidade e, em razão do declínio físico, o ser pode se ver obrigado a prestar mais atenção a si mesmo, embora nem todos o façam.

Assim, Jung conclui: “O que a juventude encontrou e precisa encontrar fora, o homem no entardecer da vida tem que encontrar dentro de si.” (2011 [1912], p. 87, § 114), na forma de recursos internos para conduzi-lo nesta etapa.

O que primeiro chama atenção para o envelhecimento é o corpo, com suas marcas e sinais, dores e limitações. Contudo, o sentido da velhice pode ser transcendido em direção a novos significados. Ao mesmo tempo em que o corpo começa a exigir maiores cuidados, esta nova fase abre caminho para a manifestação mais plena da psique, para aqueles que estiverem dispostos a empreender a jornada o mais conscientemente possível.

Não se trata de um período encarado como o final, muito pelo contrário, “(...) esse entardecer da vida pode ser tão cheio de significado quanto o alvorecer, apenas seus propósitos e objetivos são distintos um do outro” (SALLES, 1998, p. 180). Há uma alteração de perspectivas.

Jung afirma que

Quanto mais nos aproximamos do meio da existência e mais conseguimos nos firmar em nossa atitude pessoal e em nossa posição social, mais nos cresce a impressão de haveremos descoberto o verdadeiro curso da vida e os verdadeiros princípios e ideais do comportamento. (2011 [1916], p. 351, § 772)

Para compreender o desenvolvimento da personalidade, Jung se utilizou de uma metáfora para descrever as etapas existenciais: “nossa vida compara-se à trajetória do sol. De manhã o sol vai adquirindo cada vez mais força até atingir o brilho e o calor do

apogeu do meio-dia. Depois vem a *enantiadromia*¹². Seu avançar constante não significa mais aumento e sim diminuição de força.” (JUNG, 2011 [1912], p. 86, § 114). Compara o ciclo de vida com o arco que o sol percorre no horizonte durante o curso do dia. Staude (1988) retomando esta metáfora divide a experiência da vida em quatro partes, conforme a figura abaixo:

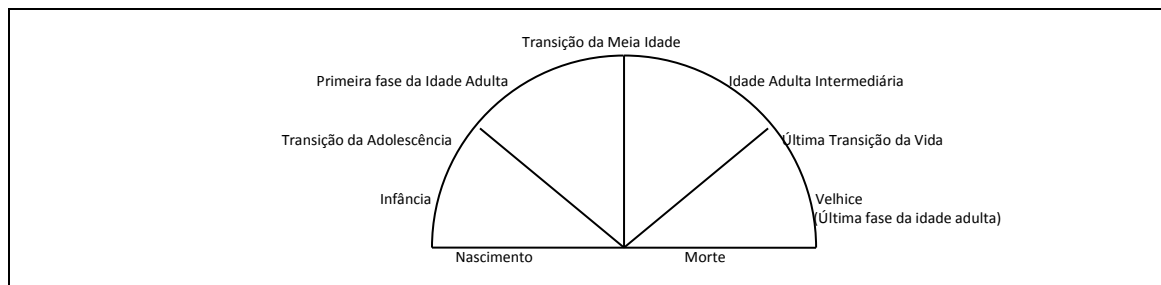


Figura I. O ciclo de vida humano mostrando as principais transições da vida. (Fonte: STAUDE, 1988, p. 118)

A primeira etapa vai do nascimento ao período de transição da adolescência, a qual corresponde àquele “estado sem problemas conscientes... [porque] ainda não temos consciência de nossos próprios problemas” (JUNG, 2011 [1916], p. 360, § 795). Explicando a metáfora, Staude diz que “como o sol, levantando-se do mar, ao nascer emergimos do ventre de nossa mãe para crescer durante a infância” (1988, p. 118).

Os problemas conscientes surgem no próximo período, que é a primeira fase da idade adulta, onde se buscam as realizações materiais e de autoafirmação.

A meia-idade marca a transição para o terceiro período, a idade adulta intermediária, considerado um processo análogo ao da adolescência (STAUDE, 1988, p. 118).

É a partir do momento em que o indivíduo atinge a meia-idade que ganha extraordinário impulso o processo de individuação.

Na última etapa, “na extrema velhice, mergulhamos naquela situação em que, a despeito do estado de nossa consciência, voltamos a ser uma espécie de problema para os outros” (JUNG, 2011 [1916], p. 360, § 795).

¹² “Significa ‘correr em sentido contrário’. Com este conceito se designa, na filosofia de Heráclito, o jogo de oposição no devir, ou seja, a concepção de que tudo o que existe se transforma em seu contrário.” (JUNG, 2011 [1921], p. 443, § 790)

1.2 O processo de individuação

Tudo o que é vivo na natureza segue um curso existencial previamente definido: surge/nasce, desenvolve/cresce, atinge um determinado estado próprio à perpetuação da espécie, envelhece e desaparece/morre. Nada escapa a esta sequência, exceto se houver algum tipo de interrupção: o fruto que é colhido antes, a morte na juventude, por exemplo.

Esse percurso, que nunca é linear ou igual para todos, é inexorável e obedece a leis que não podem ser alteradas. E mais: este percurso demonstra claramente levar a um desfecho: amadurecer, embora isso possa ter significados diferentes para cada pessoa.

Ao estudar a história da mente humana, impõe-se-nos sempre de novo a impressão de ser um fato real que o desenvolvimento do espírito se acha sempre unido a um alargamento do âmbito da consciência, e que cada passo adiante representa uma conquista extremamente repleta de dor e de esforço. (JUNG, 2011 [1910], p. 85, § 146).

Jung (2011 [1928]) atribuiu, teoricamente, a este processo evolutivo o nome de *individuação*, compreendido como o percurso para se tornar aquilo que cada um já é em potência.

Para tanto, individuação consiste em um

(...) projeto de se tornar mais próximo da pessoa inteira que pretendemos ser – que os deuses pretenderam, não os pais, a tribo, ou o facilmente intimidado ou inflado ego. Embora reverenciando o mistério dos outros, nossa individuação nos intima a erguer-nos na presença de nosso mistério e a nos tornar mais completamente responsáveis por quem somos nesta jornada que chamamos vida. (HOLLIS, 2011, p. 22)

Portanto, individuação é um processo que pode levar ao autoconhecimento, com a finalidade básica de promover a autoaceitação de quem realmente se é. Segundo Silveira “todo ser tende a realizar o que existe nele, em germe, a crescer, a completar-se” (2001, p. 77). Esse processo ganha impulso na segunda metade da vida.

Jung diz que

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que *nos tornamos o nosso próprio si-mesmo*. Podemos pois traduzir ‘individuação’ como ‘tornar-se si-mesmo’

(*verselbstung*) ou ‘o realizar-se do si-mesmo’ (*selbstverwirklichung*). (JUNG, 2011 [1928], p. 63, § 266)

Ao atingir a meia-idade, o indivíduo pode se deparar com algumas mudanças ao se intensificar a individuação, que “(...) não consiste num desenvolvimento linear. É um movimento de circunvolução que conduz a um novo centro psíquico” (SILVEIRA, 2001, p. 77), com graus variados de resistência e de aceitação.

O foco deixa gradativamente de ser o eu e se dirige para o *Self*, ou si-mesmo, que representa o arquétipo da totalidade e o centro regulador da psique, ou seja, é o poder transpessoal que transcende o eu (SHARP, 1993, p. 142). “Nesse caminho, o ego deve tornar-se flexível o suficiente para libertar-se dos seus paradigmas e ficar aberto ao fluxo criativo do inconsciente, a fim de que este se realize.” (PAULO; SILVEIRA, 2009, p. 606).

Nessa situação, uma das tarefas iniciais é diferenciar o eu dos complexos, no inconsciente pessoal. Os complexos podem ser entendidos como “(...) centros de energia construídos em torno de um cerne de significado afetivo, supostamente provocado por uma dolorosa colisão do indivíduo com uma exigência ou um evento no mundo circundante para os quais não está preparado” (KAST, 2013, p. 47).

O que diferencia imagens, pensamentos e lembranças daquelas que vão dar origem aos complexos é justamente a carga afetiva de que estão imbuídos, porque “(...) a base essencial de nossa personalidade é a afetividade” (JUNG, 2011 [1907], p. 48, § 78).

Assim,

Cada complexo é constituído (...) primeiro de um ‘elemento nuclear’ ou ‘portador de significado’; estando fora do alcance da vontade consciente, ele é inconsciente e não-dirigível; em segundo lugar, o complexo é constituído de uma série de associações ligadas ao primeiro e oriundas, em parte, da disposição original da pessoa e, em parte, das vivências ambientalmente condicionadas do indivíduo. (JACOBI, 1991, p. 18)

A maneira peculiar de vivenciar e significar esses eventos poderá decidir o seu curso como uma memória afetiva negativa, positiva ou neutra.

Imagens carregadas afetivamente podem funcionar como centros de atração para qualquer estímulo da mesma natureza. À medida que estas aglomerações aumentam, o complexo ganha força e pode atuar de forma autônoma, dominando o eu.

Jacobi explica que:

Postos em ação e, dessa forma, atualizados, os complexos tornam-se posteriormente capazes de fazer aberta oposição às intenções do ‘eu’ consciente, de romper a sua unidade, de se separar e se comportar como se fosse um corpo estranho, um *corpus alienum* vivo, na esfera do consciente. (1991, p. 18-9)

Por serem autônomos, os complexos podem fazer oposição ao eu a ponto até de cindir a personalidade quando um complexo é ativado ou constelado e seu conteúdo seja claramente oposto aos interesses da consciência. Segundo Jung “em pessoas normais, a instância psíquica mais importante é o complexo do eu: é a massa de representações do eu que, em nossa opinião, vem acompanhada pela tonalidade afetiva, poderosa e sempre presente, do próprio corpo” (2011 [1907], p. 50, § 82).

Sharp afirma que “os complexos são normais e estão presentes em todo mundo; não há vida sem eles porque os complexos são os blocos que constroem a personalidade (...)” (1990, p. 41). Continua afirmando que não podemos nos livrar dos complexos e que a tarefa consiste em “(...) nos conscientizar do modo como somos influenciados por eles e de como eles interferem com nossas intenções conscientes.” (1990, p. 42). Na segunda metade da vida, tal aspecto se impõe como tarefa essencial para aqueles que almejam crescimento psicológico.

O eu e o Self são, portanto, duas instâncias psíquicas que atuam de formas diferentes, e quando integradas proporcionam qualidade de vida e harmonia interna.

O eu, neste processo, pode identificar-se com o *Self* de duas formas: pela *assimilação do eu pelo Self*, no qual o eu passa a ser controlado pelo inconsciente fugindo da realidade e pela *assimilação do Self no eu*, e este se torna superacentuado (SHARP, 1993, p. 58). Nestes dois casos, “isto gera inevitavelmente uma inflação do eu” (JUNG, 2011 [1951], p. 36, § 44), ocasionando prejuízos ao indivíduo.

No primeiro caso, será preciso defender a realidade contra um estado onírico arcaico, ‘eterno’ e ‘ubíquo’; no segundo caso, deve-se, ao invés, dar espaço ao sonho, em detrimento do mundo da consciência. Na primeira hipótese, recomenda-se o emprego de todas as espécies possíveis de virtude. Na segunda eventualidade, a presunção do eu só pode ser sufocada por uma derrota moral. (JUNG, 2011 [1951], p. 38, § 47)

Quando o *eu* é assimilado pelo *Self* o inconsciente passa a atuar mais, possibilitando a assimilação de conteúdos até então insuspeitados, inconscientes. Nesse caso, pode alargar notavelmente a consciência e expandir o significado do eu se houver uma atitude crítica compatível; mas nem sempre isso acontece:

Por meio do diálogo com o inconsciente, intermediado pelas imagens simbólicas, vai-se atravessando camada por camada deste nosso substrato psíquico, encontrando representações cada vez mais sutis, menos pessoais, até chegarmos à essência, à primeira camada – o self, arquétipo da totalidade, do equilíbrio e da unidade, que corresponde ao nosso centro conectado com todo o cosmo. (PAULO; SILVEIRA, 2009, p. 606)

A atitude crítica, importante para o êxito do processo, gerando saúde psíquica, deve conseguir:

(...) de um lado, fixar alguns limites racionais do eu, a partir de critérios universalmente humanos, e, de outro, conferir uma autonomia e uma realidade (de natureza psíquica) a figuras do inconsciente, isto é, ao si-mesmo, à anima e à sombra. (JUNG, 2011 [1951], p. 36, § 44)

A ausência dessa atitude crítica faz com que o eu se perca e seja rapidamente subjugado pelo Self, passando a atuar como seu servo, ao fazer com que se identifique com tais conteúdos, que podem estar longe da realidade. A fantasia e a realidade se misturam de modo que não se possa separar o que de fato é real do que é imaginado. Jung exemplifica da seguinte forma: “um claro sintoma disto é a recusa que se verifica, nesta oportunidade, de perceber e de levar em consideração as reações do meio ambiente” (2011 [1951], p. 37, § 44). O resultado disso é a inflação egoica.

Por outro lado, quando o *Self é assimilado no eu*, é como se ele perdesse suas capacidades transcendentais e tivesse se reduzido ao próprio eu, que não sendo capaz de contê-lo, infla. Segundo Jung, essa consequência é uma verdadeira “catástrofe psíquica” uma vez que “a imagem da totalidade permanece imersa na inconsciência” (2011 [1951], p. 37, § 45) e é impedida de se manifestar, outorgando ao eu um sentimento cada vez mais onipotente e presunçoso; em alguns casos, até arrogante.

Tal situação, delicada, só encontra solução na forma de derrotas morais, que servem de limites para a nossa humanidade. “Isto se faz necessário, pois de outro modo nunca se alcançaria aquele grau mediano de modéstia que é preciso para manter uma situação de equilíbrio.” (JUNG, 2011 [1951], p. 38, § 47).

Mais dia, menos dia, a *persona*¹³ se mostra. E nesta exposição aparecem também as suas rachaduras e seus defeitos.

¹³ “A *persona* é a face conscientemente representada da própria pessoa. Ela também é denominada ‘mascara anímica’ (J. Jacobi) do ser humano. A *persona* é uma personalidade artificial com a função de máscara de proteção no sistema de relacionamentos com o próximo.” (HARK, 2000, p. 93)

Nesse momento, algumas pessoas podem refletir e dar um novo rumo à sua existência. A grande maioria, contudo, pode precisar ainda de outros *tombos* da mesma natureza. “É completamente falso pensar que a individuação afasta a pessoa dos outros. Ela afasta a pessoa do rebanho, do coletivo, mas aprofunda o âmbito no qual relacionamentos mais autênticos podem ocorrer.” (HOLLIS, 2011, p. 24).

Podemos, assim, entender que “o self é a materialização do plano da natureza, ou da vontade dos deuses, para nós (...)” (HOLLIS, 2011, p. 23), cujo objetivo é nos levar a alcançar a totalidade do ser. “A meta não é sobrepujar a própria psicologia pessoal, tornar-se perfeito, mas familiarizar-se com ela” (SHARP, 1993, p. 91). Envolve o desabrochar da consciência em direção ao que cada indivíduo é, incluindo forças e limitações, virtudes e defeitos. Numa palavra, busca aproximar-se da plenitude do ser, o que implica na integração de todos os aspectos que formam a personalidade, incluída a orientação sexual como aspecto relevante nesta configuração.

2 A HOMOSSEXUALIDADE PELA VISÃO DE JUNG E A PSICOLOGIA JUNGUIANA CONTEMPORÂNEA

É certo que a maior parte do reavivamento de interesse pelos escritos de Jung deve-se aos analistas junguianos, sobretudo à geração agora afastada da pessoa de C. G. Jung, que começaram a lançar suas redes de observação sempre mais amplas. À medida que os analistas junguianos ganham distância da própria figura de Jung, talvez a panelinha do 'círculo íntimo' junguiano tenha aberto espaço para a percepção da relevância de Jung para todos os indivíduos modernos, e não apenas para os 'crentes' em Jung.

Hopcke (2011, p. 12-3)

O século XX começou como um mundo conservador e profundamente moralista e terminou muito diferente, reconhecendo e integrando o que antes parecia impossível em termos de costumes e valores. Testemunhou a consolidação e o amadurecimento da ciência e da tecnologia com conquistas inimaginadas pelas gerações antecedentes. Duas guerras mundiais (re)desenharam o mundo geográfico, político, financeiro, social e individual.

No âmbito dos costumes, todos os limites foram ultrapassados. Paulatinamente a mulher foi conquistando igualdade, em termos sociais, em relação ao homem, deixando de ser coadjuvante de sua própria vida. O movimento feminista ganhou força com o aparecimento da pílula anticoncepcional que selou de vez a liberdade e a autonomia das mulheres.

O movimento homossexual, aliando às lutas políticas e aos estudos científicos, que passaram a demonstrar claramente a normalidade da variabilidade no quesito orientação sexual, conseguiu importantes reconhecimentos sociais, propiciando maior aceitação e compreensão.

Esse percurso não se fez sozinho ou por apenas um segmento. É um trabalho de elaboração cultural, coletivo, que acontece na multiplicidade de vozes.

Ainda no século XX surgiu a psicologia profunda e suas duas grandes correntes: a psicanálise e a psicologia analítica.

Com relação à homossexualidade, Jung compartilhava com Freud a opinião de que não se tratava de um caso policial e sim de questão médica, e também que esta seria fruto do desenvolvimento incompleto da personalidade.

Jung se referiu à homossexualidade em poucas ocasiões¹⁴, embora quando retratou não o fez pela ótica do julgamento moral; tampouco a entende como perversão. Sua visão a respeito disso reflete basicamente as ideias da época, em que não buscou tangenciar ou formular qualquer teoria específica a respeito. Contudo, é necessário ressaltar que sua postura contrária a todo tipo de preconceitos também sempre esteve presente (JUNG, 2011c, p. 32-3, § 38) no percurso das discussões sobre a homossexualidade.

A primeira hipótese que emerge em sua teoria se refere à homossexualidade como consequência de um relacionamento particular com o feminino, quase sempre uma dependência mal resolvida em relação à mãe pessoal (JUNG, 2011d, p. 81, § 146).

Segundo Hopcke, “a ligação entre a homossexualidade e o feminino em Jung e na teoria junguiana constitui a única posição que se pode ousar chamar de teoria junguiana da homossexualidade” (1993, p. 71).

É por esta ótica que se orientaram os primeiros seguidores de Jung, interessados no aprofundamento de suas ideias.

Uma segunda hipótese oriunda do pensamento de Jung, diz respeito à homossexualidade resultar de um desligamento incompleto do arquétipo original do hermafrodita, aquele estado original indiferenciado que precede a todos os outros.

Diz ele:

Em vista da conhecida frequência deste último fenômeno, concebê-lo como uma perversão patológica é extremamente questionável. Segundo as descobertas da psicologia, trata-se mais de um desligamento incompleto do arquétipo hermafrodita, unido a uma resistência expressa a identificar-se com o papel de um ser sexual unilateral. Uma tal disposição não deve ser julgada sempre como negativa, posto que conserva o tipo humano originário que, de certa maneira, se perde no ser sexual unilateral. (JUNG, 2011d, p. 81, § 146)

Essa hipótese, não aprofundada nem por Jung nem por seus seguidores imediatos, foi desenvolvida por Singer (1991) mais recentemente.

Os primeiros seguidores de Jung, autores-terapeutas, pouco tocaram no tema da homossexualidade, mas quando o fizeram seguiram as diretrizes do seu pensamento, como por exemplo: Von Franz (1992, p. 9-10), Neumann (1990, p. 113), Storr (1957, p. 157), Layard (1959, p. 101, 108-9), Price (1959, p. 117) e Jacobi (1969).

¹⁴ “Nos 18 volumes de Obras Completas, a homossexualidade é mencionada pouco mais do que uma dezena de vezes (...)” (HOPCKE, 1993, p. 23)

É possível sintetizar o pensamento destes autores, representativos do pensamento junguiano da época em questão, no posicionamento de que a heterossexualidade representa o normal, o padrão, e que qualquer alteração neste padrão se transforma imediatamente em anormalidade e desvio.

Nesse sentido, o *normal* é que a personalidade se desenvolva, passando por todos os estágios sucessivos, que inevitavelmente culmina na heterossexualidade. Nesse percurso até pode ocorrer episódios de interação entre pessoas do mesmo sexo, mas, contudo, se trata de fase passageira, que tende a desaparecer com a maturidade psíquica e sexual.

Dando continuidade ao pensamento dos seguidores de Jung, se o indivíduo permanece homossexual na fase adulta é sinal de que não amadureceu, e está estacionado em alguma fase anterior do seu desenvolvimento, possivelmente em fase bem antiga, na qual pode se identificar com a mãe e o feminino e não conseguindo se libertar desta identificação; daí sua inconformidade e sofrimento.

Consequentemente, ser homossexual é ser anormal, alguém desviante, que precisa de ajuda. Em nenhum momento esses autores-terapeutas se atinaram para o fato de que as dores e sofrimentos dos indivíduos homossexuais pudessem ser o efeito de uma vida reprimida e clandestina. Simplesmente atribuíram tal sofrimento à homossexualidade, como era tradicionalmente feito desde meados do século XVIII.

Com o avanço das ideias, conceitos e concepções a respeito da sexualidade não só no campo da psicologia e da psiquiatria, mas de diversas áreas das ciências humanas e sociais, tal concepção não se sustenta mais, necessitando de novos paradigmas.

Uma compreensão mais ampla e que corresponde às condições de não discriminação atualmente aceitas, começou a surgir com uma nova geração de junguianos.

2.1 Concepções contemporâneas da homossexualidade sob a perspectiva junguiana

A nova geração de analistas, chamada de pós-junguianos, se mostra muito conectada aos avanços do conhecimento e às conquistas políticas e sociais, fazendo coro com as vozes que buscam diminuir as diferenças decorrentes de qualquer fator. Segundo Lingardi esta nova postura “(...) parece considerar a sexualidade de uma forma

inovadora, com maior imaginação e com a mente relativamente livre de classificações constritivas e de caminhos traçados.” (2011, p. 22). O sujeito, atualmente, depois de séculos de repressão, tem a chance de se manifestar livremente, esperando da psicologia que compreenda essa liberdade e o ajude a administrá-la.

O que diferencia esse grupo do anterior é, além de não terem tido oportunidade de conhecer e conviver com Jung, serem contemporâneos das radicais mudanças que se processaram a partir da década de 60 e 70, do século XX, e que influenciaram bastante as suas concepções na construção de uma nova imagem do ser humano (identidade), a partir de sua singularidade.

Segundo Boechat (1997), atualmente existe um questionamento acerca da identidade masculina, fruto da própria crise contemporânea de identidade e das mutações históricas pelas quais perpassa a sociedade; o que, conseqüentemente, provoca mutações arquetípicas relacionadas ao universo do homem.

Na perspectiva histórica e cultural, Boechat ressalta que “(...) o chamado homossexual é uma *figura imaginária*, produto da *construção histórica* (...)” (1997, p. 156 – grifos do autor), surgindo a partir da criação de um imaginário cultural no século XIX, influenciado pela visão da medicina higienista, como um conceito cultural e geográfico datado.

Essa construção histórica se refere à transição de uma erótica, por vezes classificada como pecado, para o campo da ciência, quando qualquer diferença era rapidamente classificada como perversão (LINGIARDI, 2011, p. 24). A essa transição o autor chama de casamento entre o sexo e a ciência.

Com essa nova configuração, as distinções entre normal e patológico logo ganham expressão. “O heterossexual e o homossexual são apresentados ao público por Freud como dois gêmeos siameses: o primeiro bom e o segundo mau. No entanto, ambos estão presos por uma simbiose peculiar e antagônica.” (LINGIARDI, 2011, p. 27).

Com isso, afirma Boechat, a questão da influência genética na determinação da orientação sexual passa a segundo plano. “A abordagem arquetípica junguiana implica, obrigatoriamente, o fator histórico, pois os arquétipos masculinos se constelam dentro de um contexto histórico e geográfico específico” (1997, p. 157).

Nesse sentido, a oposição entre homossexualidade e heterossexualidade é parte de um sistema de crenças que só concebe os indivíduos como pertencentes a categorias específicas. “Naturalmente, nenhuma destas divisões é natural, mas ocorre dentro do

sistema de crenças que rege um pressuposto cultural” (BOECHAT, 1997, p. 158), validando estas divisões como se fossem absolutas, configurando como fenômeno cultural arquetípico.

Contudo, olhares oblíquos se fazem necessário. Pelo viés das manifestações ilimitadas de eros e acompanhando a história humana, Singer (1991) depara-se com perspectivas surgidas do embate entre modernidade e tradição.

Sua reflexão parte da sexualidade como inerente à natureza. “A sexualidade humana certamente é natural; ela parte da proposição de que somos ou homens ou mulheres – algo seguramente não controvertido” (SINGER, 1991, p. 25). Com base nesta aparente fixidez, a sociedade estabeleceu diferenças sociais e as justificou, atribuindo juízos de valor diferenciados a homens e mulheres, como se fossem absolutamente diferentes e opostos, quando na verdade são complementares.

Singer apresenta o tema da androginia como uma unidade cósmica primordial, um estado indiferenciado que antecede qualquer separação. Explica ela que “(...) androginia, que no seu sentido mais amplo pode ser definida como o Um que contém o Dois, a saber, o masculino (*andro*) e o feminino (*gyne*).” (1991, p. 27 – grifos da autora) e acrescenta que “(...) refere-se a uma maneira específica de juntar os aspectos ‘masculinos’ e ‘femininos’ de um único ser humano” (1991, p. 28).

Podemos notar que a consciência desta dualidade na unidade é a responsável pela consciência coletiva em mudança e o surgimento de movimentos reivindicatórios de igualdade jurídica, social e política, como os movimentos feminista e gay.

Suas considerações sobre a orientação sexual partem do pressuposto da normalidade. Afirma que “(...) cada indivíduo possui uma variedade de tendências e aptidões psicológicas que se enquadram tanto na categoria ‘masculino’ como na categoria ‘feminino’(...)” (SINGER, 1991, p. 50). A questão não é saber qual destas categorias é a predominante, mas, sim, questionar como estes aspectos se relacionam internamente na vida de cada indivíduo.

Tal postura faz-nos refletir sobre

A emergência do homem como homem-pai, provedor da família, trabalhador e vigilante da virtude da esposa, como exige a moral burguesa do século passado [XIX] e deste [XX], necessita, necessariamente, de um contrapólo, de uma figura marginal e patologizada; nesta figura incluir-se-ia o estereótipo ‘homossexual’. (BOECHAT, 1997, p. 158)

Esse estereótipo do homossexual, como fantasia psíquica, encarnando aspectos considerados negativos e defeitos masculinos, vai personificar a *sombra* do homem burguês heterossexual, polarizando o universo do *macho*. Facilmente podemos notar que um dos maiores medos masculinos é perder sua virilidade e ser comparado às mulheres.

Apesar disso, Boechat relativiza a questão ao lembrar a determinação cultural nessa polarização. “O que para nós modernamente parece ser natural questionar se um homem é homossexual ou heterossexual, para outras culturas esta questão não teria a menor importância” (1997, p. 159).

Com isso, podemos argumentar que se um comportamento é culturalmente construído, também poderá ser desconstruído e reconstruído de outras formas. E, também, que a plenitude almejada por homossexuais não difere em nada daquela desejada por heterossexuais, nem o caminho para alcançá-la poderia ser diferente.

Somente depois de enfrentar os *sombrios recônditos* do inconsciente, que simbolizam sua homo/hetero ou bissexualidade, e integrá-los à sua consciência é que o indivíduo pode chegar finalmente à capacidade de se transformar num indivíduo pleno (CENTOLA, 1981, p. 51). Atingir esse patamar é descobrir a liberdade. Numa perspectiva sociológica “a sexualidade torna-se livre; ao mesmo tempo que *gay* é algo que se pode ‘ser’, e ‘descobrir-se ser’, a sexualidade abre-se a muitos propósitos.” (GIDDENS, 1993, p. 24), contribuindo para uma vida mais espontânea e autêntica.

O indivíduo pleno é aquele que se esforça para desenvolver todas as suas dimensões, incluindo sua sexualidade, identificando sua orientação e integrando-a à sua existência, a ponto de nem sequer ser notada. É aquele que se entrega ao seu processo de individuação.

Nesse sentido Salles pondera que:

Uma vez que relações e fantasias eróticas entre pessoas do mesmo sexo ocorrem, e sempre ocorreram, em todas as épocas, o que verdadeiramente importa é como um indivíduo se forma e se torna o ser único e diferenciado que realmente é sem que venha a sucumbir aos preceitos ditados pelas normas e convenções sociais. (2011, p. 19)

Individuar-se pode ser traduzido por tornar-se *o que se é*. Contudo, esta não é uma tarefa tão simples, porque envolve esforços de integração de todas as dimensões da existência, buscando algum grau de harmonia entre elas.

Para Centola (1981), é a homossexualidade inconsciente que é afetada pela sombra, provocando angústia e sofrimento enquanto não for assimilada pela consciência. Podemos constatar facilmente esta ocorrência no consultório: aqueles que não aceitam e integram uma homossexualidade, no mais das vezes, bastante evidente, embora negada, dificilmente conseguem o equilíbrio necessário para uma vida satisfatória.

Em relação aos sujeitos homossexuais, pode-se discorrer que grande parte dos problemas se dão na medida em que, inconscientemente, a negação da própria orientação aliada ao preconceito internalizado direciona a homofobia a si mesmo.

Para Barcellos

Essa internalização é devastadora, já que compromete profundamente processos de formação de identidade, encarcerando os indivíduos em *personas* mentirosas, ainda que tiranas, e atinge, desmontando, a capacidade de amar e ser amado, às vezes em caráter irrevogável. (2011, p. 70)

A cisão interna entre o mundo interno e a persona pode ser a responsável pelos danos e dificuldades que muitos homossexuais encontram em unir amor e sexo num mesmo relacionamento. Então, Barcellos fala em *cura* dos males da homofobia e não da homossexualidade, como orientação sexual. E esta cura passa(ria) pela reforma dos conceitos sociais.

Nas palavras de Barcellos

Homossexuais, privados de uma mitologia, privados de imagens dignificantes ou mesmo de padrões exemplares coletivos, vivem a situação de terem que ‘inventar’ seus próprios modelos de desenvolvimento, de relacionamento, de virtuosidade e de ética aos trancos e barrancos – o que é para muitos demasiado custoso emocionalmente e, para outros, simplesmente pedir demais. (2011, p. 83)

Compreendendo a interação dessas forças podemos ampliar as condições para também compreender os estilos de vida que contrariam as expectativas sociais e que são, em essência, o resultado do que foi possível, diante do grau de rejeição a que estas pessoas eventualmente estiveram expostas durante a vida.

Indo além da questão cultural e histórica, Boechat salienta a importância dos mitos para a compreensão destes movimentos arquetípicos, uma vez que os próprios

deuses se apresentam polarizados, como por exemplo Hermes e Apolo¹⁵. “Esta é uma busca de novos referenciais arquetípicos para o homem atual, para que possa encarar o homoerotismo, buscar uma maior integração de sua *anima*, sem se sentir marginalizado” (1997, p. 161).

As imagens mitológicas trazidas à baila servem para ampliar o rol de possibilidades e explicar ou fundamentar os comportamentos humanos arquetipicamente; a recusa de legitimação destas imagens fragiliza a personalidade, por negar-lhe a própria essência, a ponto de surgirem outras complicações.

Sobre isso, é necessário considerar que

A fragilidade da identidade de gênero e do papel do homossexual deve ser sempre analisada com vistas aos efeitos causados pelos preconceitos sociais e culturais sobre a psique. Esses fatores podem representar um fator traumatizante para um jovem homossexual e induzir a formação de uma patologia de caráter. (LINGIARDI, 2011, p. 32)

A existência de patologias desta natureza endereça não uma orientação sexual, mas, sim, um preconceito oriundo dela, e, muitas vezes, partindo do próprio indivíduo que se rejeita, ou seja, da *homofobia* que foi *internalizada*. Com isso, as implicações para o desenvolvimento se avolumam, já que:

(...) a capacidade de estabelecer relacionamentos íntimos, de viver a sexualidade serenamente e de se sentir confortável como *gay* pode ser constantemente ameaçada pelos sentimentos de vergonha e culpa, reprimidos e encapsulados. (LINGIARDI, 2011, p. 32)

Se a essência do indivíduo deve ser escondida e reprimida (negada), isto terá, com toda certeza, um custo emocional a ser descontado das relações consigo mesmo e com os outros, podendo ocasionar a polarização do afeto e da sexualidade.

Da imagem coletiva do gay, de modo geral, emana a sensação, segundo Miller (2006), de que o curso de vida das pessoas e seus interesses se orientam pela sexualidade prioritariamente (daí a ideia do senso comum de que todo gay é promíscuo), além da ideia implícita, e também equivocada, de que com os indivíduos heterossexuais isto não se aplica.

¹⁵ “Essas duas imagens, de Hermes e Apolo, sugerem relacionamentos relevantes para a psicologia. Podemos deixar de lado o que a literatura nos diz a respeito de um deus que se apaixona por um mortal e nos voltar para o que isso indica psicologicamente: um relacionamento entre dois homens regido pelos padrões arquetípicos dos deuses. Temos a imagem de Hermes amando Dríope através de uma ninfa e, por outro lado, a imagem de Apolo amando Admeto diretamente.” (LÓPEZ-PEDRAZA, 1999, p. 147)

Essa imagem coletiva, agora consciente, está em processo de mudança por vários fatores, e a visão emergente surge despida dos velhos preconceitos a respeito da orientação sexual e da própria sexualidade. É do reconhecimento da validade dessa visão que surge a necessidade de novos valores para julgamentos dos comportamentos e da desestigmatização da homossexualidade.

Miller se refere à necessidade de se perceber a homossexualidade dentro do quadro da normalidade, a fim de se evitar dor e sofrimento, não só para os indivíduos homossexuais, mas para todos os envolvidos em histórias familiares dessa natureza (2006). Para ele a lei de eros atua independentemente de como pode ser experimentada a sexualidade consciente. “Eros nos atrai para contato com o que a psique precisa. É claro que os significados que estas imagens têm para as pessoas variam enormemente e precisam ser consideradas indivíduo por indivíduo” (2006, p. 395-6).

Para Miller, ainda, o tema da homossexualidade tornou-se fundamental nas lutas atuais entre elementos polarizadores, em razão da sua centralidade evidente¹⁶. Ressalta também o significado simbólico sempre presente na psique, e que este pode gerar medos e preconceitos que são projetados sobre a própria psique na tentativa de compreendê-la ou até mesmo controlá-la. É assim que a homossexualidade surge como *bode expiatório* para esses temores mais secretos (2010, p. 114), ou seja, encarnando aspectos considerados negativos do masculino.

Diante desse quadro, podemos perguntar se o analista também não tem a sua cota de responsabilidade, podendo minimizar ou agravar os efeitos da homofobia internalizada, seja em si próprio, seja no analisando.

Não tendo elaborado sua própria homofobia, poderia um analista ajudar seus pacientes a elaborarem suas homofobias internalizadas? A esse problema acrescenta-se o da competência e o da *homo-ignorance*, que é o termo criado para indicar o total desconhecimento do tema da homossexualidade, algo que caracteriza muitos analistas e não só analistas heterossexuais. (LINGIARDI, 2011, p. 33)

Nesse sentido, contrastando com outras orientações, a psicologia analítica, na visão de Miller (2010), oferece algo único aos indivíduos homossexuais, a partir da síntese entre experiências, imagens e fantasias.

¹⁶ Diz ele que a partir do exame de sonhos, fantasias e uma variedade de experiências cotidianas na vida de qualquer pessoa, é identificável “(...) a percepção de que a homossexualidade tem alguma presença em todas as vidas.” (2010, p. 115).

Um questionamento bastante importante desenvolvido por Miller aborda os preconceitos do próprio terapeuta com relação a qualquer tipo de diferença: “Pode o analista manifestar aversão a tipo racial, formas de expressão sexual, desejos indesejados ou mesmo certas ideias?” (2010, p. 116).

Ao tecer comentário desse âmbito, e buscando entender algo sobre as ligações entre os homens, López-Pedraza se depara com as visões negativas que a psicologia moderna produziu sobre a homossexualidade (1999, p. 147).

Sua visão se encaminha para a normalidade das manifestações afetivas entre homens, reconhecendo que “(...) tem havido uma mudança de atitude perante o eros entre homens (...)” (1999, p. 148).

Diz o autor que:

Se queremos melhorar a nossa leitura dos arquétipos, dificilmente podemos aceitar uma psicoterapia negativamente preconcebida contra os relacionamentos entre homens, propensa a ver essas ligações só em termos de enfermidades a serem curadas ou controladas. (LÓPEZ-PEDRAZA, 1999, p. 149)

Com isso, uma psicologia livre de preconceitos pode surgir e “pode oferecer, também, uma abordagem psicoterapêutica da situação analítica na qual a homossexualidade do paciente aparece no centro da cena” (LÓPEZ-PEDRAZA, 1999, p. 164), e não como patologia.

Nessa linha de pensamento, entende Miller que a psicologia analítica não procura uma *teoria da homossexualidade*, mas busca intensificar e aprofundar a sua relação com a natureza dinâmica da própria psique, perseguindo sua meta e seus produtos. Assim, a análise pode se constituir como um espaço seguro para explorar a relevância pessoal da homossexualidade para o indivíduo (2010, p. 117).

Com isso, entendemos que o trabalho analítico não será de conversão do homossexual em heterossexual, nem do promíscuo em monogâmico, mas, sim, no sentido da promoção de um desenvolvimento da relação do indivíduo consigo próprio. O grande desafio é o de ouvir cada história sexual (comum, coletiva, familiar, banal ou sórdida, etc.) como se fosse a primeira vez. Isso exige abandonar não só as ideias anacrônicas do passado, mas também as ideias atuais. Livre de qualquer conceito prévio (MILLER, 2010, p. 122).

A nossa opinião se alinha ao pensamento desses autores, entendendo que a psique, sendo andrógina, traz as características dos princípios masculino e feminino.

Somente a distribuição destas características específicas é que confere a cada indivíduo o seu caráter singular, incluindo aí a orientação de sua sexualidade.

Isso é verdadeiro e pode ser constatado facilmente com a simples observação das peculiaridades e características sexuais de cada indivíduo, em que traços e características podem facilmente ser atribuídas tanto a um quanto a outro sexo. Então, não podemos falar em heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade no singular, mas, sim, no plural. Cada indivíduo se encaixa numa dessas categorias de forma personalíssima, constituída de seus traços de personalidade, de suas concepções aprendidas, seus comportamentos específicos. Enfim, na orientação e práticas sexuais o indivíduo também exprime sua singularidade.

A relutância em abandonar antigas concepções e valores ultrapassados também é marca caracterizadora do ser humano, que teme aquilo que desconhece ou que se recusa a conhecer.

A natureza, em sua sabedoria infinita, dotou a humanidade da capacidade reflexiva e nos legou os arquétipos como possibilidade de configuração existencial.

O arquétipo do andrógino traz o modelo bipolar à alma. Todo ser humano possui essa dupla polaridade. A organização interna dessas polaridades, suas proporções e a energia daí resultantes vão encaminhar os seres nas mais variadas direções, resultando nos diferentes padrões de comportamento/pensamento.

Ser orientado sexualmente para homens, mulheres ou ambos, nos diversos arranjos possíveis, é uma consequência desse pressuposto.

O que afirmamos é que não existe a necessidade de uma grande teoria que explique a diversidade sexual, se se partir do princípio de que a sexualidade humana é plural. Qualquer manifestação possível está dentro da normalidade.

Se o amor é um sentimento só, e é igual para todos, não há nenhuma razão para torná-lo diferente para algumas pessoas, seja essa diferença de que forma for.

3 O ENVELHECIMENTO

Os homens, que inventaram o tempo, inventaram em seguida a eternidade como um contraste, mas a negação do tempo é tão vã quanto ele próprio. Não há nem passado, nem futuro, mas apenas uma série de presentes sucessivos, um caminho, perpetuamente destruído e recomposto, pelo qual avançamos sem parar.

Yourcenar (1985, p. 19)

O viver, e conseqüentemente o envelhecer, se processa mais ou menos da mesma forma para as pessoas. A maneira como se envelhece, por outro lado, é bastante particular. Cada um envelhece de um modo próprio. Essa maneira pessoal de envelhecer é condicionada pelos recursos pessoais, familiares, econômicos e sociais disponíveis às pessoas envelhecidas.

Tais recursos abrangem desde as condições psicológicas de enfrentamento dos desafios do curso de vida e suas contingências, das relações afetivas que são construídas durante a vida às condições materiais propriamente ditas. O que se quer dizer é que, embora envelhecer seja uma experiência bem pessoal, as condições de cada momento histórico e sociedade podem facilitar ou dificultar esse processo (GUERRA; CALDAS, 2010, p. 2932; UCHÔA, 2003).

Em nenhum outro período desfrutou-se de longevidade tão grande quanto hoje em dia. Apesar de sempre existirem idosos, eles geralmente fazem parte das minorias nas populações (LIMA, 2006, p. 17). Sendo minoria, não despertaram verdadeiro interesse com relação às necessidades específicas da idade, senão na atualidade.

O conhecimento a respeito do envelhecimento humano desenvolveu-se muito nos últimos anos, em face dos avanços tecnológicos, da melhoria da saúde pública e sanitária e da mudança da mentalidade coletiva (SIMÕES; DEBERT, 1994; DEBERT, 2014). E essa nova configuração nas esferas sociais que possibilitou a redução da mortalidade, a partir da conquista de métodos eficientes de combate às doenças mais letais, acarretando uma longevidade que acolhe uma melhor qualidade de vida (LIMA, 2006, p. 17).

Essas conquistas, de maneira significativa, possibilitaram aos indivíduos que vivam mais e melhor. Contudo, nem todos os problemas e desafios foram superados. Alguns se avolumam e exigem participar da ordem do dia, aguardando solução: a

desigualdade social, o acesso a novos medicamentos, tratamentos e tecnologias, as diferenças no seio da própria sociedade, etc. (VERAS, 2009).

Os avanços tecnológicos propiciam vida longa e com mais qualidade. Contudo, pequena parte da população tem acesso, em razão do alto custo. “Os pobres que sempre foram pobres se amontoam nos asilos públicos, onde vivem ‘uma morte aparente’.” (VINCENT, 2009, p. 306). De forma trôpega e sem planejamento, o poder público vai se armando para suprir as demandas em áreas essenciais, podendo assim aumentar a oferta e o acesso a novos tratamentos e medicamentos (VERAS, 2009).

As condições sociais respondem por grande parte da qualidade de vida, individualmente falando (MENDES *et al*, 2005). Por isso

(...) O processo de envelhecer produz uma mudança fundamental na posição de uma pessoa na sociedade, e, portanto, em todas as suas relações com os outros. O poder e o *status* das pessoas mudam, rápida ou lentamente, mais cedo ou mais tarde, quando elas chegam aos sessenta, aos setenta, oitenta ou noventa anos. (ELIAS, 2001, p. 83).

De acordo com o censo de 2010, o Brasil possui em média 7,4% de sua população com mais de 65 anos. Mais da metade dessa população é responsável pelo seu domicílio, o que quer dizer que ainda está no mercado de trabalho, com uma renda média é de pouco mais que o salário mínimo da época (IBGE, 2013).

Mesmo para aqueles que já asseguraram a subsistência básica, independente do nível de conforto e segurança material, envelhecer também é um desafio individual de superação e adaptação a recursos físicos decrescentes (CALDAS, 2003).

Diante desse quadro inevitável, há duas posturas básicas:

O envelhecer pode articular-se a ver a vida sob prismas diferentes, armazenar um arsenal de experiências e recordações, fazer o confronto com as marcas e a passagem do tempo, poder rir de si mesmo, libertar-se de tantas convenções (...) mas, também, pode articular-se a lamentar pelo que passou, contabilizar só as perdas, se isolar, ficar triste, reclamar de tudo, se sentir inútil, ser só deterioração (...) (MONTEIRO, 2008a, p. 55)

Essas *opções* estão sempre presentes no cotidiano dos indivíduos, e cada pessoa faz a sua escolha, de modo mais ou menos consciente, mas sem fugir muito de seu repertório habitual de crenças e hábitos, o que fundamenta, na sequência, sua visão da velhice, que pode ser mais positiva ou negativa.

Se houver equilíbrio e serenidade para lidar com esta fase, o indivíduo poderá se conscientizar de que se trata de uma imposição da vida, de contingências que escapam à

sua vontade, o que pode repercutir favoravelmente nas mudanças de hábitos, de costumes e no processo adaptativo. Por outro lado, se houver uma recusa de encarar o processo de envelhecimento o resultado produzido poderá ser negativo e acarretar inúmeros problemas, de diversas ordens (GUERRA; CALDAS, 2010).

Monteiro diz que “viver é estar a cada momento diante de encruzilhadas, elas definem nossa vida; mas as escolhas são sempre de nossa responsabilidade” (2008a, p. 55). Na esteira dessa teórica, tem-se que há liberdade de escolhas, mas também que as responsabilidades pelas consequências destas escolhas são inevitáveis, sejam quais forem.

As escolhas estão ligadas ao estado do autoconhecimento que o indivíduo tem de si mesmo, inerente ao processo de individuação, e são comuns a todas as pessoas. Quanto maior for o grau de consciência dos processos internos, suas reais motivações, mais condições de escolhas assertivas terá o indivíduo. Escolhas assertivas implicam um mínimo de autoconhecimento, que pode ser traduzido como preparo para a vida e para suas etapas. Nesse sentido, Jung questiona: “Quantos dos nossos mais velhos se prepararam (...) para o mistério da segunda metade da vida, para a velhice, para a morte e a eternidade?” (2011 [1916], p. 356, § 786).

Para Monteiro a “velhice é um modo de ser, de existir: é uma realidade arquetípica, isto é, faz parte da estrutura, da genética da alma. Viver para camuflar esta realidade será sempre uma contrafação, um engodo.” (2008a, p. 55).

Engodo esse que poderá acarretar inúmeros prejuízos ao indivíduo, e que pode se manifestar na forma de negação da idade ou dos sinais da velhice, desencadeando ações obsessivas para a manutenção da aparência jovem, mesmo que não seja possível dissimular o resultado artificial de alguns procedimentos (GURFINKEL, 2008; FERREIRA, 2010; PEREIRA JR; BOUREAU; RIBEIRO, 2014).

Essa atitude de negação da idade é estimulada pelo sistema capitalista e pela cultura da juventude como ideal de beleza e sucesso pessoal, como aparatos de não exclusão, em detrimento do envelhecimento, que, nessa perspectiva, pode expressar a decadência (SOUZA; MATIAS; BRÊTAS, 2010).

Ao aceitar o natural processo de envelhecimento, vivenciando este período intermediário de modo positivo, a pessoa poderá extrair o melhor de suas potencialidades, usar criativamente suas conquistas anteriores e até desengavetar antigos projetos que não couberam anteriormente em função das urgências normais do início da vida, período que compreende um olhar mais voltado ao necessário à subsistência

costuma ter prioridade. “Quando aceitamos a mudança, conseguimos abandonar o passado de forma criativa, porque dele emergem novas possibilidades de atuação no futuro.” (PAULO; SILVEIRA, 2009, p. 607).

Assim,

São muitos – muitíssimos – os aspectos da vida que poderiam ser igualmente vividos, mas jazem no depósito de velharias, em meio a lembranças recobertas de pó; muitas vezes, no entanto, são brasas que continuam acesas por baixo de cinzas amareladas. (JUNG, 2011 [1916], p. 351, § 772)

Se houver uma boa integração nessa fase, será a hora propícia para que tais projetos se concretizem. Agora, o necessário cede lugar ao opcional, à vivência de desejos que não estão ligados mais à subsistência. As necessidades primárias já foram supridas. Esta é uma fase em que cada um pode cultivar as potencialidades da psique e expandir a consciência e o mundo interno.

Porém, o ingresso nesta nova fase da vida, será sempre uma grande incógnita, aliás, como são todas as fases da vida, de modo geral. Jung diz que:

Entramos totalmente despreparados na segunda metade da vida, e, pior do que isto, damos este passo, sob a falsa suposição de que nossas verdades e nossos ideais continuarão como dantes. Não podemos viver a tarde de nossa vida segundo o programa da manhã, porque aquilo que era muito na manhã, será pouco na tarde, e o que era verdadeiro na manhã, será falso no entardecer. (JUNG, 2011 [1916], p. 355, § 784)

A experiência dessa fase poderá modificar os valores do indivíduo que se vê comprometido consigo mesmo no caminho da autotransformação, cujo objetivo será a individuação cada vez maior. Nesse percurso, é de extrema importância que o indivíduo descubra o significado de seu próprio processo de envelhecimento (ARCURI, 2012). Parece-nos que esse processo ancora-se em alguns arquétipos que podem ter presença marcante, como o *puer x senex*, o velho(a) sábio(a), velho(a) tolo(a), bom pastor, etc.

Dentre os vários arquétipos presentes no processo de envelhecimento, optamos por desenvolver o do *puer/senex* já que este arquétipo pode nos dar uma impressão mais próxima da dinâmica atual que nos afeta particularmente, por opor a juventude e a velhice como conflito de gerações, conforme veremos a seguir.

3.1 Embates e complementariedade entre o *puer* e o *senex*

O *puer* e o *senex* representam os lados opostos de um mesmo arquétipo e possuem como referência as figuras do jovem e do velho, mas não estão ligados às idades cronológicas, e, sim, às maneiras de ser, ou como “(...) expressões *humanas* da vivência do tempo” (BERNARDI, 2008, p. 22).

Trata-se de ver a realidade

(...) como um modo de ser que é eterno e sempre presente na psique, e não como um estágio de ser, pois se nos baseamos na realidade arquetípica da psique, só podemos compreendê-la como um *modo de ser* e jamais como um *estágio de ser*. (MONTEIRO, 2008b, p. 56 – grifos da autora)

Hillman nos diz que:

A divisão polar entre *senex* e *puer* está por toda a parte, no próprio campo histórico. Encontramos um bom exemplo disso na demografia que retrocedeu a um sistema arcaico: os povos são novamente divididos segundo as categorias de idade e juventude. As principais categorias da estrutura social – raça, região, religião, classe, ocupação, economia, sexo – são insuficientes. A moderna sociedade urbana enfatiza novamente a divisão segundo níveis de idade. (1998, p. 13-4)

As divisões por idade atendem ao aumento da complexidade social produzindo espaços de acolhimento, tratamento e sociabilização específicos, tais como hospitais infantis e de idosos, clubes de terceira idade, acampamentos infantis e juvenis de férias, etc.

Não há dúvida de que esta divisão é importante, por provocar e desenvolver as especialidades profissionais, aprofundando o conhecimento das etapas da vida e atendendo melhor o indivíduo nas suas necessidades específicas em cada idade.

Contudo, este afastamento entre o novo e o velho pode engendrar atitudes de estranhamento, fruto das diferenças geracionais. Isso ocasiona a visão do idoso como um ser diferente, produzindo julgamento unilateral de valorização apenas dos jovens que, por possuírem melhores condições físicas, têm acesso a todos os lugares, ocupando especialmente o espaço público, visível e barulhento; enquanto o idoso, em função de sua incapacidade física sempre crescente, vê sua vida limitar-se gradualmente, restringindo cada vez mais sua aparição pública.

Essa visão geral da sociedade acaba por produzir estereótipos ligados às faixas etárias: enquanto os idosos são idealizados como sérios, austeros e responsáveis, por exemplo, os jovens são como alegres, expansivos e irresponsáveis, radicalizando e dissociando o arquétipo e cristalizando posições equivocadas. Essa situação representa que “(...) o *puer* inspira o brotar das coisas; o *senex* governa a colheita. Mas florescer e colher dão-se intermitentemente durante toda a vida” (HILLMAN, 1998, p. 24).

Por ser um arquétipo só, existe uma oscilação constante entre esses polos aparentemente opostos, embora eles sejam complementares. “*Senex* e *puer* estão o tempo todo numa relação polar de negociação” (BERNARDI, 2008, p. 44).

O *puer* encarna a imaturidade, a fragilidade, a inconsequência, a debilidade, o desamparo, mas também a energia, a vibração crescente, a curiosidade, a inocência, dentre outras características atribuídas à juventude. O *senex* encarna a sabedoria, a experiência, o conhecimento, a moralidade, mas também a rigidez dos hábitos e ideias, a teimosia, a debilidade física, a solidão, etc. Todas essas características podem ser positivas ou negativas, dependendo de como o indivíduo as expressa em sua vida e nos relacionamentos que cultiva.

A combinação das faces do arquétipo, juntamente com os outros elementos que constituem a personalidade, acarreta a coloração individual. Nos aspectos positivos, é possível se falar em jovens maduros ou idosos joviais, quando há a integração dos dois aspectos do arquétipo, dentre outras variações.

Já no aspecto negativo, é possível se falar em *puer-eterno* e idoso *senil*. O *puer-eterno* é aquele indivíduo que não amadurece nunca, seu desenvolvimento psíquico não acompanha a idade cronológica.

Kiley chamou de *síndrome de Peter Pan* o desejo de não envelhecer, de manter-se jovem para sempre. Na visada teórica desse autor,

Em muitos países, rapazes estão se recusando a amadurecer (...) apavorados, apressam-se a engrossar as fileiras da legião dos meninos perdidos. Mais cedo ou mais tarde vários deles superam seus temores da vida adulta e desertam da legião. Todavia muitos outros rendem-se ao medo e submetem-se à convicção de estarem perdidos. A legião de meninos perdidos tem membros de todas as idades. Muitos homens adultos ‘bem sucedidos’ ainda se comportam como os meninos da legião de Pan. (1987, p. 38)

Alguém preso ao *puer-eterno* vai ser o eterno garoto/a problema, sempre dando trabalho. Já o idoso *senil*, que não quer dizer o idoso já debilitado fisicamente, mas aquele que age de modo rígido, preso às normas de outra época ou as que tenha criado.

Aferra-se tão fortemente às suas ideias e conceitos que a própria palavra mudança é vista com desconfiança.

Nesses casos, podemos afirmar que houve a fixação em apenas um polo do arquétipo, a chamada unilateralidade, fonte potencialmente geradora de neurose. “Incapaz assim de ouvir o *senex*, o *puer* vai interpretar todas as suas posições como controle, da mesma forma o *senex* irá interpretar toda novidade como uma ameaça caótica à ordem e ao estabelecido.” (BERNARDI, 2008, p. 48).

Essa vertente negativa do arquétipo traz prejuízos ao indivíduo e aos que, porventura, estejam ao seu redor (amigos e família).

A vivência do arquétipo *puer-senex*, ou jovem-velho, em todas as fases do desenvolvimento de forma equilibrada é a base de um envelhecimento saudável, levando-se em consideração que o processo tem início no momento do nascimento.

Certamente uma integração dos aspectos *puer* e *senex* é muito produtivo para o indivíduo. Contudo, as mudanças não se processam sem a vontade individual em mergulhar em seu próprio psiquismo a fim de se conhecer mais profundamente e ativar a percepção para os estágios de vida pelos quais irá passar, e que chamamos de metamorfose da alma.

Uma parte destas mudanças acontece quando se compreende que o viver não é um fato estático. O dinamismo da vida opera as transformações necessárias à ampliação da vida em todas as esferas, sobretudo na psíquica. A compreensão dessa metamorfose e das potencialidades que ela revela serão abordadas a seguir.

3.2 Metamorfose da alma

Quando se fala em envelhecimento, o que primeiro vem à mente são os fatores negativos associados a este processo, como doença, solidão, limitações físicas, dificuldades de toda ordem, dependência, necessidade de cuidados, despesas, etc. (GUERRA; CALDAS, 2010, p. 2932).

Contudo, o envelhecer possui também aspectos positivos e saudáveis que quase sempre são ignorados ou ficam em segundo plano. Nessa etapa, segundo Jung “estamos diante do problema de encontrar o sentido que possibilite o prosseguimento da vida (entendendo-se por vida algo mais do que simples resignação e saudosismo).” (2011 [1912], p. 86, § 113).

No curso da vida, vamos criando ideais, convicções, atitudes, etc., que nos orientam no mundo e nas relações com as outras pessoas. “Eles [os ideais] crescem juntamente com nosso ser, aparentemente nos transformamos neles e, por isto, procuramos perpetuá-los a nosso bel-prazer (...)” (JUNG, 2011 [1916], p. 351, § 771).

Contudo, apesar dos ideais que tentamos eternizar ao longo da vida, sabemos que existem dificuldades e recompensas inerentes ao processo do envelhecimento.

Guerra & Caldas (2010) apontam as dificuldades e recompensas na velhice a partir de relatos dos próprios idosos. Segundo o estudo de tais teóricos, as *dificuldades/problemas na velhice* são os seguintes: incapacidade, perda da utilidade social, aposentadoria, exclusão (em decorrência a questões sagradas), esquecimento, raciocínio lento, desgaste físico, perda da resistência, doença, demência, senilidade, degeneração física e mental, inatividade, declínio da imagem, enfeamento da aparência do corpo, aparecimento de rugas, preconceito, desrespeito aos idosos, assexualidade, dependência, inutilidade, exclusão dos prazeres da vida, rejeição familiar, isolamento, abandono, solidão, tristeza, depressão, institucionalização como morte social e proximidade da morte.

Por outro lado, as *recompensas* são: experiência, conhecimento, participação, independência, integração, autonomia física e mental, presença de apoio e suporte familiar, participação em grupos extrafamiliares, passe livre em transporte coletivo e fila preferencial (2010, p. 2939).

O indivíduo que se reconhece envelhecendo e aceita este fenômeno como inexorável, pode tirar melhor proveito desta fase de mudanças (PATRÍCIO; HOSHINO; RIBEIRO, 2009). Não se trata de negar os aspectos ruins inevitáveis da velhice, até porque a negação nunca produz efetivamente nenhum efeito sobre o corpo, e sim, de aumentar a ênfase em atitudes produtivas, úteis e positivas, o que facilita a elaboração das perdas físicas e permite novos (re)arranjos satisfatórios ocasionando maior qualidade de vida (SILVA SOBRINHO, 2005).

Viver uma vida longa, chegando à velhice, propicia a capacidade de mensurar as transformações pelas quais passamos no curso da vida (GUERRA; CALDAS, 2010). Essas transformações, incessantes, um eterno vir-a-ser, são verdadeiras metamorfoses da psique. Em alguns casos, elas podem ser mais perceptíveis para os outros, porque a ciência de estar envelhecendo pode se mostrar primeiro pela verbalização do outro.

É difícil alguém que tenha plena consciência da sua idade física em consonância com sua idade intelectual. Geralmente esta consciência aparece quando terceiros a

nomeiam, e quase sempre é um fator de surpresa, quando não de desconforto (CALDAS; THOMAZ, 2010).

A velhice não chega de repente, nem sem aviso. Ela se faz anunciar de modo sutil e cada vez mais evidente ao longo de um grande período: o meio da vida. Os sinais são claros e inequívocos, convocando a pessoa que estiver atenta a mudanças em todos os setores da vida, garantindo uma gradual adaptação.

É necessário pouco esforço para notar que muitas pessoas se negam a reconhecer e aceitar estes sinais, postergando o impostergável. “Os valores da juventude – beleza física, produtividade, agilidade – influenciam a caracterização da velhice como um período de perdas e limitações.” (SCHWARZ, 2009, p. 32). Como aceitar bem algo que efetivamente diminui nossas capacidades?

Os valores juvenis podem influenciar a visão negativa da velhice e estimular as medidas (algumas até aceitáveis, outras nem tanto) de retenção da juventude por meio de artifícios que retardam o aparecimento de sinais da idade, com o uso de cremes e cosméticos, intervenções cirúrgicas, exercícios, alimentação controlada, etc. (GUERRA; CALDAS, 2010, p. 2932).

Elias diz que os mais jovens

(...) muitas vezes têm dificuldade em se colocar no lugar dos mais velhos na experiência de envelhecer – o que é compreensível. Pois a maioria das pessoas mais jovens não tem base de experiência própria para imaginar o que ocorre quando o tecido muscular endurece gradualmente, ficando às vezes flácido, quando as juntas enrijecem e a renovação das células se torna mais lenta. (2001, p. 80)

É louvável a iniciativa humana para amenizar os efeitos do tempo e melhorar a qualidade de vida. Porém, o uso desses artifícios sem controle ou discriminação pode ser um fator para dificultar o alcance desta qualidade, por expor a pessoa a tratamentos e substâncias que podem acarretar efeitos colaterais indesejáveis (FERREIRA, 2010, p. 71-2).

Do ponto de vista psicológico, a não aceitação das marcas da idade pode mascarar outras questões não necessariamente ligadas à idade. “A ideia é de que velho é sempre o outro no qual não nos reconhecemos” (SCHWARZ, 2009, p. 33). Idoso é o outro, já que as características da velhice são melhor observadas no outro, ainda que seja por projeção (SOUZA *et al.*, 2002; CALDAS; THOMAZ, 2010).

Ora,

Não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado. Não podemos imaginá-lo e, no fundo, não o queremos. Dito de outra maneira, a identificação com os velhos e com os moribundos compreensivelmente coloca dificuldades especiais para as pessoas de outras faixas etárias. (ELIAS, 2001, p. 80)

Beauvoir afirmou que a velhice “(...) tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história.” (1990, p. 15). A vida acontece de outro modo quando se tem mais idade.

Não aceitar o envelhecimento, negando seus efeitos, pode ser consequência da fixação em alguma fase anterior do desenvolvimento e fruto da ilusão de que apenas pela vontade e a utilização dos recursos tecnológicos disponíveis, a personalidade não sofrerá mudanças (SILVA SOBRINHO, 2005). É como se em algum momento do desenvolvimento pudesse haver uma interrupção mágica do processo de envelhecimento, somente pela sua força de vontade.

E como a ordem cultural agencia a intercambialidade entre o real e o imaginário, há um processo naturalizador de envelhecer que

(...) acontece principalmente pelas coisas que se deixou de viver, por potencialidades que não foram satisfeitas; são as aspirações e desejos irrealizados que forçam a voltar o olhar para o passado e retiram ou limitam as perspectivas de futuro... (MONTEIRO, 2008b, p. 75)

Jung comunga dessa opinião, quando diz:

Se tais pessoas tivessem enchido, já antes, a taça da vida até transbordar, e a tivessem esvaziado até a última gota, certamente seus sentimentos agora seriam outros; não teriam reservado nada para si; tudo o que quisesse pegar fogo estaria consumido, e a quietude da velhice seria bem-vinda para elas. Mas não devemos esquecer que só bem pouquíssimas pessoas são artistas da vida, e que a arte de viver é a mais sublime e mais rara de todas as artes (...) quantas coisas na vida não foram vividas por muitas pessoas (...) e assim se aproximam do limiar da velhice com aspirações e desejos irrealizados que automaticamente desviam o seu olhar para o passado. (JUNG, 2011 [1916], p. 357, § 789)

Viver intensamente e aproveitar cada potencialidade são tarefas impossíveis de conclusão e saturação para qualquer um. Sempre sobram potencialidades não realizadas, mesmo para aqueles que não se limitaram. Para essas pessoas, as que se expressaram de forma autêntica na vida, o não realizado permanece como uma vaga nostalgia do

passado, salutar por estimular a liberdade e a criatividade, ainda que nas idades mais avançadas. Cada novo dia é um desafio a ser superado.

Para cada pessoa, o processo de envelhecimento seguirá o mesmo padrão de desenvolvimento que as demais etapas de sua vida. Ou seja, tanto será mais consciente ou inconsciente quanto o foi nas etapas anteriores (GUERRA; CALDAS, 2010, p. 2932). A grande dificuldade reside justamente na postura de querer manter a mesma dinâmica ao integrar valores novos, que são (im)postos e não há como recusá-los¹⁷, tentando conciliá-los aos já existentes.

Nessa linha de compreensão, articulamos que

o que funcionava na primeira metade da vida é quase sempre inadequado para os desafios dos anos de nossa maturidade. A maneira como compreendemos uma situação com cinco anos ou até mesmo com vinte e cinco se torna bastante limitante, até mesmo primitiva, quando chegamos aos quarenta e cinco anos ou setenta anos de idade. (JOHNSON; RUHL, 2010, p. 63)

As metamorfoses que o envelhecimento acarretam são de ordem estrutural: o corpo declina, perde a agilidade e o vigor da juventude. Diante desse fato indiscutível, só resta ao indivíduo adaptar-se gradativamente, mudando sua dinâmica para abarcar os novos valores, re-significando, assim, sua própria vida.

A teimosia em mudar os antigos padrões certamente é fonte geradora de conflitos entre valores e desejos. “Envelhecer desenvolvendo-se requer manter sempre ativada a curiosidade e abertura para o novo, requer ativar sempre o arquétipo criança dentro de si.” (MONTEIRO, 2008a, p. 73). Isto é, propiciar integração e harmonia entre o *puer* e o *senex*.

Essas mudanças, significativas, vão contribuir para a construção de um novo ser na maturidade e a emergência de novos significados conectadas ao processo de envelhecimento.

3.3 Significado do envelhecimento

Envelhecer significa algo bem particular para cada pessoa, que vivencia esta experiência de forma similar à maneira como viveu as etapas anteriores, ou seja, o

¹⁷ Uma doença típica da velhice não irá distinguir entre os que aceitam a velhice e aqueles que a negam, na forma de artifícios tecnológicos.

indivíduo segue um padrão de comportamento que tende a se manter nas diferentes etapas da vida, e só sofre mudanças se o próprio indivíduo quiser e houver condições para efetua-las.

Como outras etapas da vida agenciam os seus significados específicos, o envelhecer também possui os seus. Porém, nem sempre eles são perceptíveis para o indivíduo, levando-se em consideração que sua atenção pode estar voltada para outras necessidades mais imperiosas (as primárias, por exemplo) (FREITAS; QUEIROZ; SOUSA, 2010).

Enquanto há um bombardeio da mídia exaltando os valores juvenis, e uma preocupação social com a educação e formação dos jovens, pouca atenção é dada ao indivíduo maduro neste período de transição:

há muita preocupação com a educação juvenil, e nenhuma com a educação do adulto. Não sabemos com que direito, sempre se parte do pressuposto de que o adulto não precisa mais de educação. Falta-lhe toda orientação nessa fase importantíssima da passagem da atitude biológica para a cultural, em que a energia se transfere do biológico para o cultural. (JUNG, 2010 [1928], p. 75, § 113)

Embora presos à evolução física do corpo rumo à morte, cada pessoa envelhece segundo suas crenças e posturas diante da vida, o que significa que cada nova etapa deste processo será *lida* e interpretada pelo indivíduo com uma lente muito particular, preenchendo cada episódio com um significado igualmente próprio.

Jung afirma que

O ser humano não chegaria aos setenta ou oitenta anos se esta longevidade não tivesse um significado para a sua espécie. Por isso, a tarde da vida humana deve ter também um significado e uma finalidade próprios, e não pode ser apenas um lastimoso apêndice da manhã da vida. (JUNG, 2011 [1916], p. 356, § 787)

O significado da primeira metade da vida é bastante claro, e a sociedade, de modo geral, está o tempo todo pressionando o jovem para que defina o seu caminho, apontando-lhe alternativas.

Essa não é uma tarefa simples e pode ser facilitada ou complicada de acordo com as condições pessoais, familiares e sociais disponíveis. Em comunidades muito carentes, isso se torna um sonho quase impossível, levando um contingente grande de jovens a não construir nenhuma perspectiva de futuro. Nas sociedades ocidentais, por

exemplo, este futuro está sempre atrelado à educação e à definição profissional, evidenciando a importância dos aspectos financeiros destas escolhas.

Além disso, a criança e o jovem contam com um precioso suporte nessa fase: as instituições sociais que dão apoio e encaminhamento às suas demandas. Dessas instituições, as mais presentes nesta etapa, são a *família* e a *escola*.

Quanto ao significado da segunda metade da vida, não há qualquer instituição que possa ajudar na sua construção. A sociedade em geral não assiste ao envelhecido nessa questão, porque trata-se de uma tarefa bastante particular, a qual o próprio indivíduo deve se dedicar.

Além disso, condições materiais são essenciais para a realização dessa tarefa psicológica. Toda modificação e ampliação de consciência surge de uma reflexão, que exige tempo e disposição de vontade e, muitas vezes, ajuda profissional. Idosos que ainda se vêm obrigados ao trabalho excessivo, condições insalubres de vida e renda insatisfatória, não conseguem executá-la a contento, porque suas necessidades primárias ainda ocupam o topo das prioridades e o seu ganho requer grande parte da energia psíquica.

É esse ser concreto, real, fruto de sua história singular, que percebe que seu corpo está envelhecendo, sofrendo modificações qualitativas, e isso se reflete sobre toda sua existência.

3.4 A percepção do corpo que envelhece

O envelhecer está ligado à transformação/degradação do corpo e se apresenta de forma complexa e multifacetada, sendo peculiar a cada indivíduo, que cria seu modo próprio de envelhecer (LIMA, 2006, p. 18-9).

É no corpo que o envelhecimento se mostra, por meio das rugas, das manchas, das doenças típicas e do enfraquecimento. É comum se pensar na velhice como um processo de degradação do corpo, que vai, lentamente, perdendo a beleza e a saúde (MOTTA, 2002).

Interessante ressaltar que

A representação da velhice pelo corpo também é relacionada à ausência de saúde, pois na percepção do indivíduo, um corpo envelhecido é um corpo doente. O indivíduo não aceita a ideia de que as limitações ou alterações do corpo, em virtude da senescência, sejam naturais e que isso não seja uma

perda, mas uma transformação que faz parte do processo natural da vida. (LIMA, 2006, p. 49)

A sociedade atual luta contra o processo de envelhecimento, em última análise contra o tempo, com toda sorte de recursos, desde os produtos estéticos até os remédios e tratamentos rejuvenescedores e as cirurgias plásticas (FERREIRA, 2010). “Nossos contemporâneos se empenham em retardar o irreparável desgaste dos anos, aliás, com um êxito inquestionável: hoje, os homens e as mulheres de quarenta anos não se parecem muito com seus coetâneos de duas gerações atrás.” (PROST, 2009, p. 91).

As pessoas, de modo geral, se orientam pelos modelos de juventude¹⁸, que são ditados pela mídia e interesses econômicos. “A marca estética está no corpo, e esta é tão forte que muitas vezes os idosos falam e pensam sobre outros idosos da mesma maneira que os jovens o fazem” (LIMA, 2006, p. 25).

Questões ligadas ao consumo são incorporadas à estética da vida cotidiana, fazendo com que as regras sociais sejam determinadas pelo mercado, veiculadas e interpretadas pelo senso comum e pela mídia, que ditam em quais elementos da sociedade as pessoas têm que se espelhar na busca da eterna juventude, tentando equiparar-se e até viver como se ainda fossem jovens (OLIVEIRA; FERNANDES; CARVALHO, 2014).

É possível perceber que a visão contemporânea a respeito do envelhecimento geralmente está desfocada em sua busca contínua pela preservação de valores estéticos da juventude, ao adotar como padrão vigor e beleza, ignorando valores mais antigos.

Dessa maneira compreendemos que a velhice do corpo não é sinônimo de ausência de saúde. Esta busca desenfreada e (in)consciente contra a senectude pode impedir que o indivíduo veja-se como realmente é, dentro do seu espaço temporal; e explorar eventual dificuldade de se aceitar e se moldar a esta nova fase como um processo normal, enquadrado na dinâmica natural da vida, dentro do seu tempo e de sua realidade (LIMA, 2006, p. 49).

O acréscimo da experiência e sabedoria da idade só pode ser computado com a plena aceitação da idade e suas idiosincrasias.

¹⁸ “A norma social dita a aparência jovem, e a personalidade se confunde a tal ponto com o corpo que “continuar a ser o que é” acaba se confundindo com “continuar a ser jovem”.” (PROST, 2009, p. 92)

3.5 Os homossexuais e o processo de envelhecimento

Seguindo nessa esteira, podemos afirmar que o envelhecer para o homem gay é tão complexo como é para qualquer pessoa de outra orientação. Contudo, algumas questões suscitam reflexão por exigir posicionamentos diferentes, que abarquem não só o processo de envelhecimento, mas também os eventuais preconceitos que acompanham aqueles que são homossexuais (MOTA, 2012; PONTES, 2011).

Aprender a lidar com as crescentes limitações, aceitando as modificações físicas provocadas pela passagem do tempo é o principal desafio de quem envelhece e busca integração de suas potencialidades.

Para o homem gay maduro, ou próximo desta fase, a orientação sexual é um elemento de grande importância, por direcionar o fluxo afetivo e sexual e estar ligado à formação de relacionamentos; a orientação deve ser equacionada aos demais elementos, de modo a se reorganizar para dar sentido a esta etapa da vida, de acordo com sua própria essência.

O que chama a atenção na atualidade é a “problematização da velhice como variável de mudanças e inovações culturais no mundo moderno, no qual o indivíduo idoso é agente constituidor de novos estilos de vida.” (MOTA, 2009, p. 27).

Já se falou que os avanços da ciência médica propiciam atualmente viver mais e melhor. Por outro lado, a partir das lutas das minorias, dentre elas a dos gays, surgem situações de liberdade de expressão e vivência de novos estilos de vida, espaços de socialização e dispositivos de proteção, permitindo a cada um organizar e reorganizar sua vida segundo seus anseios mais íntimos.

Em face disso,

As novas possibilidades sócio-políticas para o idoso conquistadas a partir das emergentes lutas dos aposentados possibilitaram a criação de espaços de sociabilidade e outro lugar na sociedade fora da casa da família, do recinto do lar ou reduto do asilo. (MOTA, 2009, p. 28)

É nessa linha de pensamento que surge a questão da sexualidade dos idosos gays. Sem levar em consideração os preconceitos e tabus que cercam a sexualidade nesta idade, independente da orientação sexual. Atualmente pode-se falar em vida sexual ativa até idades bem avançadas, o que certamente contribui para a derrubada destes preconceitos e reforça a autoestima e segurança dessa população, para

aventurarem-se no mercado sexual, com surpreendente capacidade de adaptação e satisfação.

Assim, a hipótese do idoso homossexual solitário e decadente nem sempre se mostra verdadeira, já que a vivência destas pessoas evidenciam contextos variados e a grande capacidade de adaptação a novos costumes e hábitos (MOTA, 2009, p. 31).

Com isso, surge “(...) a necessidade de adaptar-se à deterioração da saúde, às perdas, à discriminação pela idade e ao medo de morrer, para, desta forma, evitar a interrupção do significado do ser integral ao indivíduo que envelhece.” (MARAVILHA, 2010, p. 33).

É essa necessidade de adaptação (os acordos que o indivíduo faz consigo mesmo, com seu corpo e com a vida) que garante a nova reorganização necessária para esta etapa e para a manutenção ou resignificação do sentido da vida.

Daí pensa-se:

Os idosos homossexuais, ao contrário dos heterossexuais, tiveram que lidar durante toda a sua vida adulta com a estigmatização social, sentindo-se à margem da cultura predominante. Assim como os jovens soropositivos ou aidéticos, eles têm mais oportunidade de desenvolver e aplicar as estratégias apropriadas previamente aprendidas do que a maioria dos heterossexuais, podendo portanto adaptar-se mais efetivamente à crescente debilidade provocada pela idade e ao preconceito sofrido por serem velhos. (ISAY, 1998, p. 134)

Continuando, Isay esclarece que essa capacidade adaptativa não é exclusiva dos gays, mas pode ser encontrada em qualquer pessoa que pertença a uma minoria discriminada, que se viu frente à necessidade de desenvolvimento de estratégias de sobrevivência (1998, p. 134).

Adaptar-se significa sobrevivência, e envelhecimento não significa, necessariamente, apenas acúmulo de anos de vida. Significa também experiências e vivências de muitos fatos e realidades que foram moldando as vidas.

A título de esclarecimento, é necessário realçar que muitos homossexuais, incluindo os que envelhecem, não se articulam com os estereótipos vigentes de beleza e físico. Existem uma grande variabilidade de estilos e gostos e cada vez mais os grupos se unem por afinidades, como: os “ursos” (homens mais gordos e peludos); os mais velhos que gostam de homens da mesma idade; os adeptos da cultura do couro (práticas sadomasoquistas), etc. Quanto aos idosos, existem aqueles que estão bem com seu

corpo e sua idade e buscam a felicidade dentro desses modelos, conforme se verá nos dados dessa pesquisa.

Portanto,

Apesar de realmente ser dada muita ênfase à juventude e à beleza na cultura gay, eu descobri que um número surpreendente de jovens gays procuram o calor emocional, o apoio e o conforto oferecidos por uma pessoa mais velha, achando muito atraente a capacidade de um parceiro mais velho oferecer tal segurança emocional. (ISAY, 1998, p. 134)

Consoante ao excerto acima, o *coroa* gay, na expressão de Mota (2009), representa esta nova atitude em relação ao tempo e ao envelhecimento, e se expõe à vivência destas experiências multifacetadas, diferenciando-se substancialmente dos estereótipos negativos ainda tão em voga.

A partir do capítulo sexto veremos mais profundamente a percepção desses homens que estão envelhecendo e/ou já são idosos e também são homossexuais, e como estas duas características moldam suas vidas e seus relacionamentos.

4 A VIVÊNCIA HOMOSSEXUAL

Compreenda-me: a homossexualidade, tanto como a heterossexualidade, comporta todos os graus, todos os matizes: do platonismo à salacidade, da abnegação ao sadismo, da saúde jovial à tristeza acabrunhada, da simples expansão a todos os refinamentos do vício. A inversão é apenas um anexo. Ademais, existem todos os estados intermediários entre a homossexualidade exclusiva e a heterossexualidade exclusiva. Mas, de ordinário, trata-se apenas de opor ao amor normal um amor reputado contra a natureza – e, para mais comodidade, coloca-se toda a alegria, toda a paixão nobre ou trágica, toda a beleza do gesto e do espírito de um lado; do outro, não sei que refugo enlameado do amor (...)

Gide (1971, p. 15)

Durante muito tempo, indivíduos que não se encaixavam no modelo estabelecido da masculinidade hegemônica¹⁹ tiveram que reprimir seu modo de ser, criando *personas* adequadas para atender às demandas sociais.

Contudo, os tempos são outros. “Dentro e fora do meio acadêmico, muitos têm sugerido que vivemos uma transformação das velhas identidades em algo novo e ainda indefinido.” (MISKOLCI, 2010, p. 1). Trata-se de uma *modernização* das masculinidades (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Até pouco tempo, a sociedade seguia o seu curso de modo hierarquizado e organizado segundo padrões rígidos, com poucas chances de mudança. Cada indivíduo devia saber o seu lugar social e esses limites que, de modo geral, eram respeitados. Atualmente as grandes revoluções culturais romperam com essas tradições autoritárias.

As mulheres conquistaram o direito à igualdade, embora muito ainda precise ser feito para efetivar esta igualdade; os negros se organizaram e alcançaram sua dignidade e lutam para serem integrados à sociedade; os homens estão abandonando o modelo de machos dominadores e vivenciando outras possibilidades da masculinidade e paternidade; gays, lésbicas e transexuais estão saindo do armário com mais facilidade e exigindo suas prerrogativas, mesmo diante de inúmeras reações homofóbicas ainda presentes na cena coletiva, dentre inúmeras outras transformações em andamento. Todas essas revoluções ecoam a partir da mesma base filosófica: igualdade e liberdade.

¹⁹ “A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (*i.e.*, coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse (...) certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens.” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245)

Igualdade para que não haja discriminações e liberdade para ser o que se deseja, principalmente no campo da sexualidade. Mas vai além: para incluir modos de ser e se posicionar na sociedade, desenvolvendo estilos de vida sob novas perspectivas e valores.

Miskolci afirma que “aparentemente, há uma revisão dos valores tradicionalmente associados ao masculino e ao feminino, uma reconfiguração das identidades de gênero a um quadro social mais aberto à diversidade” (2010, p. 2).

A tônica destas mudanças é a pluralidade. Os países, as instituições e as pessoas estão aprendendo a ser plurais e a conviver com estas *novas práticas* e *novos sujeitos* e suas contestações ao estabelecido (LOURO, 2001, p. 542).

(...) é resultado de pesquisa bastante difundido o fato de que certas masculinidades são socialmente mais centrais ou mais associadas com autoridade e poder social do que outras. O conceito de masculinidade hegemônica presume a subordinação de masculinidades não hegemônicas, e esse é um processo que agora tem sido documentado em muitos contextos (...) (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 262-3)

Desde que foi *inventado* o sujeito homossexual como categoria²⁰, no século XIX, os discursos religioso, médico e jurídico, o caracterizaram como abjeto, doente, pecador e criminoso (MENDONÇA, 2010, p. 118).

Dessa maneira,

Se antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia (uma atividade indesejável ou pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido. (LOURO, 2001, p. 542)

Marcado e reconhecido dessa forma, rapidamente o estigma se materializou para aqueles que se desviavam das normas estabelecidas e orientadas pela moral e os costumes vigentes na época, e um conjunto de símbolos foi gerado com o objetivo de identificar a *inversão* (MENDONÇA, 2010, p. 121). A homossexualidade passou a ser encarada como sinal de degenerescência e surge como “figura da antinorma ou do

²⁰ Foucault nos diz que: “A sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida (...) É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada (...) O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie.” (1984, p. 43-4). No mesmo sentido Boechar (1997, p. 156).

desvio do ideal, representada pelos que não podem, não sabem ou não querem seguir as injunções ideais.”²¹ (COSTA, 1992, p. 19).

Aos que se encaixavam na norma heterossexista “outorga[va]-se o poder de atacar ou destruir física ou moralmente os que dela divergem ou simplesmente se diferenciam.” (COSTA, 1992, p. 19). Muitos ainda pensam assim, justificando ataques a homossexuais, como tem sido amplamente divulgado pela mídia nos últimos anos.

Com isso,

Tudo isso porque vivemos numa sociedade heterossexista que discrimina e persegue de forma cruel os amantes do mesmo sexo. Não havia lugar para um homossexual se assumir e ser respeitado há 40 anos. Do mesmo modo que a mocinha que perdia a virgindade era jogada na sarjeta, que a mulher desquitada era discriminadíssima, assim também homossexual era sinônimo de vergonha, humilhação, exclusão. (MOTT, 2003, p. 124)

Tais concepções engendraram “um movimento centrífugo em relação à monogamia heterossexual” (FOUCAULT, 1984, p. 39), resultando no casal legitimado religioso e juridicamente, que pratica uma sexualidade regular²². Aqueles, porém, que praticam uma sexualidade considerada irregular, inscrevem-se no universo da ilegalidade e da perversão (QUEIROZ, 1992, p. 41).

O resultado desse posicionamento social discriminatório é a compreensão dos padrões de comportamento sexual a partir de uma heterossexualidade compulsória, que “(...) é instalada no gênero através da produção de tabus contra a homossexualidade, resultando numa falsa coerência de gêneros aparentemente estáveis vinculados aos sexos biológicos apropriados” (SPARGO, 2006, p. 50).

4.1 Rebeldia e contestação

Entretanto, nem todos se submetem ao jugo das normas excludentes. “Ousando se expor a todas as formas de violência e rejeição social, alguns homens e mulheres

²¹ Corroborando esta afirmativa, Connell & Messerschmidt afirmam que: “Padrões múltiplos de masculinidade têm sido identificados em muitos estudos, em uma variedade de países e em diferentes contextos institucionais e culturais.” (2013, p. 262), deixando evidente que não existe apenas uma forma de ser homem e macho.

²² “O consenso cultural, a centralidade discursiva, a institucionalização e a marginalização ou a deslegitimação de alternativas são características amplamente documentadas de masculinidades socialmente dominantes.” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.263).

contestam a sexualidade legitimada e se arriscam a viver fora de seus limites”²³ (LOURO, 2001, p. 542).

Apesar das perseguições, que variam em grau segundo a época e o local, sempre nascem indivíduos homossexuais, e quando estes podem se reunir e organizar, ainda que secretamente, surgem movimentos de contracultura e rebeldia²⁴.

Atualmente, após intensas e acaloradas lutas “(...) os homossexuais foram progressivamente se articulando em movimentos para garantir seus direitos e combater o estigma social de doença e pecado associado ao seu grupo.” (SANTOS; LIMA; MENDONÇA, 2014, p. 1).

Diversos movimentos sociais serviram de base para a reação homossexual. As lutas de outras minorias provocaram as transformações necessárias à sociedade para que se pudesse trazer à tona a pauta da diversidade sexual (SCHERER-WARREN, 2006).

O movimento feminista ganhou força graças aos avanços da tecnologia, que, dentre outras coisas, criou a pílula anticoncepcional, dando autonomia sexual à mulher, e impulsionando outras conquistas nos planos social, político e jurídico, por meio das lutas por igualdade de direitos em todas as instâncias (ARÁN, 2003; SOUZA, 2010).

Paralelo a esse movimento, e em vários outros momentos da esfera histórica, o movimento gay surgiu reivindicando igualdade de direitos, mostrando à sociedade uma parcela da população que sempre existiu, mas que se mantinha invisível por não encontrar espaço social para se expressar (COSTA; MACHADO; PRADO, 2008), em função do preconceito e da discriminação amplamente disseminado nas sociedades patriarcais.

Santos, Lima & Mendonça (2014), constataam que a visão que a sociedade mantém da homossexualidade ainda é predominantemente preconceituosa e infra-humanizadora, relacionada aos estereótipos criados ao longo do tempo e à ineficácia dos dispositivos antipreconceitos. Essa visão serve para justificar e legitimar a discriminação e até mesmo a negação dos direitos destas pessoas.

Um marco contra a hegemonia heterossexual foi estabelecido por Kinsey em 1948, ao apresentar os dados de sua extensa pesquisa sobre o comportamento sexual do povo americano.

²³ “A grandeza das personalidades históricas jamais consistiu em submeter-se incondicionalmente às convenções, mas, ao contrário, em se libertarem e se *livrarem* das convenções.” (JUNG, 2011 [1910], 186, § 298)

²⁴ “Ao homem comum sempre se afigurou coisa estranha que alguém preferisse seguir uma trilha estreita e íngreme, que leva ao desconhecido, em lugar de seguir pelos caminhos planejados que conduzem a metas conhecidas.” (JUNG, 2011 [1910], p. 187, § 298)

Kinsey, com seus colaboradores, criaram a famosa escala que leva o seu nome, em que o entrevistado atribui uma nota ao seu comportamento sexual, que vai de *zero* (heterossexuais exclusivos) passando pelo *três* (bissexuais) até *seis* (homossexuais exclusivos)²⁵. “Para ele, apenas uma minoria da população poderia ser considerada nos níveis zero e seis, até então as únicas opções para os médicos e especialistas, ao lado de uma sempre suspeita bissexualidade.” (TORRÃO FILHO, 2000, p. 204-5).

A partir desses estudos, foi revelado de forma surpreendente que 37% da população masculina americana já tinha praticado atos homossexuais até alcançar o orgasmo na vida adulta (KINSEY; POMEROY; MARTIN, 2012).

Nesse mesmo sentido, e muitos anos antes dos estudos de Kinsey, Jung diz o seguinte, em uma conferência proferida em 1924: “(...) a maioria dos homens teve alguma experiência sexual antes do casamento. Na puberdade, a experiência é muitas vezes homossexual e é muito mais frequente do que imaginamos (...)” (2011c, p. 116, § 217). Na realidade do dia a dia, a sexualidade humana não se limita às práticas standartizadas: elas abarcam práticas muito mais amplas e diversificadas.

A repercussão desses dados científicos constituiu a base do questionamento de valores sociais até então tidos como imutáveis e deram argumentos necessários aos movimentos feminista e gay, que atingiram o seu auge nas décadas de 60 e 70, do século XX, provocando mudanças acentuadas na configuração da sexualidade e das mentalidades.

Cumprido destacar que

As revoltas estudantis de maio de 1968 em Paris, o crescimento mundial do movimento estudantil, os grandes concertos ao ar livre e o consumo de maconha, a revolta nos Estados Unidos contra a guerra do Vietnã, a ‘Primavera de Praga’ na Tcheco-Eslováquia, a ascensão do movimento *hippie* e sua máxima ‘faça amor, não faça guerra’ – todos esses fatos contribuíram para que essa nova geração acreditasse que a velha ordem estava ruindo e que uma nova aurora despontava. (SPENCER, 1996, p. 348)

A velha ordem patriarcal entrou em colapso. “Durante a maior parte do século XX a ciência, a religião e a política juntaram-se para aviltar e perseguir os homossexuais e as atividades homossexuais” (NAPHY, 2006, p. 223). A continuidade

²⁵ 0 – exclusivamente heterossexual; 1 – predominantemente heterossexual, mas incidentalmente homossexual; 2 – predominantemente heterossexual, mas mais que incidentalmente homossexual; 3 – bissexual; 4 – predominantemente homossexual, mas mais que incidentalmente heterossexual; 5 – predominantemente homossexual, mas incidentalmente heterossexual; 6 – exclusivamente homossexual.

desta perseguição e o aviltamento eram inadmissíveis. Necessário se fazia uma reação, que não tardou a acontecer.

Em 27 de junho de 1969, a polícia de Nova Iorque invadiu um bar gay chamado *Stonewall Inn*, no bairro de Greenwich Village, alegando que o bar vendia bebidas alcoólicas sem licença, uma antiga tática de repressão aos estabelecimentos frequentados por homossexuais. Então o inesperado aconteceu: os donos e frequentadores, cansados das batidas policiais e das humilhações, resistem à entrada da polícia (...) Era o início de uma rebelião (...) (TORRÃO FILHO, 2000, p. 206)

Essa revolução espontânea originou um movimento mundial em defesa dos direitos homossexuais e passou a exigir o reconhecimento à igualdade em todos os sentidos e instâncias, dando maior visibilidade a esta parcela da população, até então condenada à vida marginal, sempre escondida.

Ilustramos que

Ao tomar a palavra e, em público, falar desde a própria subjetividade representada como vil e ignóbil, agora plena de carga política, puderam dar seguimento com inaudito vigor ao dismantelamento das lógicas estruturantes dos lugares sociais (e políticos) que assentam sua força ordenadora no poder a um tempo naturalizante e invisibilizador de sua violência instituinte. (RODRIGUES, 2012, p. 18)

O próximo marco igualmente significativo aconteceu em 1973, quando a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou o *homossexualismo* do rol dos distúrbios mentais, alterando a denominação para *homossexualidade*, já que o sufixo *ismo*, em ciências da saúde, se refere à patologia.

Em 1993, foi a vez da Organização Mundial de Saúde (OMS) fazer a mesma coisa, retirando a homossexualidade da lista das doenças mentais da CID 10 – Classificação Internacional de Doenças, a partir de sua décima versão.

Numa reflexão mais apurada, esse avanço social e político repercute nas mentalidades que formam as populações, criando a possibilidade de novas maneiras de ver o diferente e, principalmente, aceitando que as diferenças existem. “A consequência disso tudo foi a ‘despatologização’ definitiva da homossexualidade e, portanto, a transformação de forma irrevogável do pensamento psicológico a esse respeito” (HOPCKE, 1993, p. 17), ainda que na prática tenha havido e continue a haver resistências, tanto internas quanto externas à psicologia.

Essa discussão vai ao encontro dos estudos de Plummer ao ponderar que

Até a década de 1970, falar em tornar-se homossexual equivalia a falar em fatores etiológicos: cromossomos e hereditariedade, mães fortes e pais fracos, fracasso edipiano e condicionamento defeituoso – estes e muitos outros fatores foram diversamente invocados como causa da homossexualidade. (1983, p. 127)

Hoje a perspectiva mudou completamente. Busca-se a compreensão do estilo de vida, das questões da subjetividade, da dinâmica dos relacionamentos, realização pessoal, etc., na esteira das quais se situa este trabalho.

Mesmo com a repressão, as pessoas estavam se arriscando mais e frequentando lugares declaradamente homossexuais, chamados de gueto, para diversão, socialização e também como forma de proteção.

Não há, porém, que se negar que

Os sentimentos de culpa e pecado que oprimem o homossexual são constantemente repostos por fatores sociais que o levam a ocultar-se, a ter medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte de amigos e familiares. O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social. (MACRAE, 2005, p. 299)

A consciência de que não praticavam nada de diferente do que se fazia no universo heterossexual começa a se formar. As ideias surgiram, as informações circularam, teóricos homossexuais ou simpatizantes iniciaram timidamente a expressar opiniões positivas. Os próprios gays passaram a desenvolver uma mentalidade diferente, influenciados pelos teóricos feministas, raciais, proletários, etc. “Como já faziam os negros, mulheres e operários, um sujeito político e social – o homossexual – estava sendo erigido, o que auxiliaria na luta contra a opressão às suas práticas sociais e sexuais” (TRINDADE, 2003, p. 225), como veremos a seguir.

4.2 A construção do sujeito

Com o desenvolvimento de ideias e teorias positivas²⁶, os homossexuais passaram a recusar a condição de objetos e reivindicaram a de sujeitos de direitos, além de, também, a do efetivo exercício da cidadania, ainda que precária no início.

Na atualidade, é consensual que para entender a homossexualidade (a sexualidade ou a própria vida) de uma pessoa, faz-se necessário levar em conta as experiências que esta teve durante sua vida, com ênfase na infância e no meio cultural de origem (CASTAÑEDA, 2007, p. 81), além do conhecimento sobre o próprio mundo interno desta pessoa, porque “a base somática do eu é constituída, como já apontei, por fatores conscientes e inconscientes.” (JUNG, 2011 [1951], p. 14, § 4).

Quando o jovem se *reconhece* gay, assumindo-se publicamente, ou só para si, e começa a vivenciar a sexualidade, sua vida se transforma.

Ainda é grande o número de adolescentes que sofrem algum tipo de discriminação e agressão na família, e até expulsão de casa quando manifestam sua orientação sexual (SCHULMAN, 2010; HAMMES, 2013; TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013). É o que se pode chamar de um tipo particular de *violência simbólica*, cujos “esquemas de percepção, as estruturas mentais que sustentam essa violência, com certeza amplamente fundada na visão androcêntrica do mundo, são mais ou menos os mesmos por toda parte, ao menos no mundo ocidental” (ERIBON, 2008, p. 17). É mais ou menos generalizada a repulsa à ideia de se ter um(a) filho(a) homossexual.

É nesse meio social e familiar tumultuado, nem sempre compreensível e acolhedor, que o indivíduo homossexual constrói sua subjetividade. “A identidade homossexual não é dada. Constrói-se aos poucos (...)” (CASTAÑEDA, 2007, p. 20), como a identidade dos demais (BEAUVOIR, 1980, p. 9; BORIS, 2011).

Jung, ao explicar as bases do eu, afirma que:

Constitui, inclusive, uma aquisição empírica da existência individual. Parece que resulta, em primeiro lugar, do entrelaçamento do fator somático com o mundo exterior, e, uma vez que existe como sujeito real, desenvolve-se em decorrência de entrelaçamentos posteriores, tanto com o mundo exterior como com o mundo interior. (2011 [1951], p. 15, § 6)

²⁶ Ideias e teorias positivas são aquelas que partem do pressuposto de que a homossexualidade é uma dentre as várias possibilidades existenciais, não a encarando como doença, desvio, perversão, falta, pecado, etc.

É do (entre)choque entre nós e o mundo exterior que nos constituímos. Essa construção específica da subjetividade homossexual consiste, na maioria das vezes, em procurar meios de fugir da violência (real e/ou simbólica) que se dissemina pela sociedade; e tais meios podem implicar em dissimular a própria condição e/ou buscar refúgio em cidades grandes (ERIBON, 2008, p. 31), onde poderão passar despercebidos e também encontrar pessoas com histórias de vida semelhantes. “Esse movimento de fuga seguramente conduz os homossexuais para a cidade grande” (CASTAÑEDA, 2007, p. 81), onde a vida segue com mais liberdade e as perspectivas são mais positivas.

A identidade homossexual compreende a consciência e a aceitação de si. “A identidade implica, portanto, uma convergência de desejos, de sentimentos, de práticas e de consciência, que culminam em uma definição e uma aceitação de si como homossexual” (CASTAÑEDA, 2007, p. 52). Significa integração destas diferentes instâncias na busca de uma harmonização e conscientização possíveis.

Jung também crê na conscientização como solução para muitos distúrbios neuróticos provenientes de uma vida clandestina e, muitas vezes, baseadas em mentiras e disfarces, como costumam ser muitas vidas de homossexuais. Isto é, no tornar consciente aspectos problemáticos ou negativos do próprio indivíduo, como meio salutar de elaboração psicológica. E prossegue apontando que:

A conscientização impede os efeitos prejudiciais provenientes do fato de a pessoa não declarar ou não admitir em pensamento ou não refletir sobre o objeto doloroso; ou resumindo, em termos técnicos: impede os efeitos do recalque ou repressão de um conteúdo penoso. (2011 [1910], p. 88, § 154).

Segundo Castañeda, ainda, só se torna realmente homossexual quando se atinge a congruência interna. Isso implica não considerar apenas um conjunto de práticas sexuais, mas de uma experiência que abranja todos os aspectos da vida de um indivíduo. O autor conclui que “é nesse sentido que uma pessoa pode se considerar homossexual sem nunca ter tido relações homoeróticas” (2007, p. 67).

Apesar destes entraves à livre expressão homossexual ainda persistentes em nossa sociedade contemporânea, Isay também aponta aspectos positivos do assumir-se:

É saudável que um adulto assuma em todas as áreas de sua vida, inclusive para pessoas heterossexuais importantes em seu círculo de relações, para que haja uma continuidade entre vida privada, interna e vida externa social. Assumir-se alivia a ansiedade e a depressão causadas pela sensação de não autenticidade gerada pelo esforço em dissimular. (1998, p. 15)

Aliás, assumir-se significa poder expressar-se de modo mais natural e espontâneo, parar de representar papéis (*personas*) que podem contrariar sua natureza mais íntima, integrando estes aspectos reprimidos e/ou inconscientes à consciência. Numa palavra, podem começar a desfrutar de maior *liberdade*.

Nesse sentido, Jung reitera “a personalidade jamais poderá desenvolver-se se a pessoa não escolher *seu próprio caminho*, de maneira consciente e por uma decisão consciente e moral.” (2011 [1910], p. 185, § 296). A conscientização de aspectos negados, reprimidos e/ou indesejados implica ato de vontade e esforço na sua efetivação, apesar de essa conscientização trazer certo estranhamento, o estranho-familiar, como uma possível promessa de identificação consigo mesmo e de aceitação do outro.

Garcia narra a dificuldade do assumir-se.

Meu nome é Marcelo. Sou gay.
Mas nem sempre foi fácil falar assim naturalmente esta frase. Durante muitos anos eu vivi dentro de um trem fantasma até que eu pudesse fazer esta afirmação sem qualquer medo, angústia ou sofrimento, desarmado do medo de ser realmente o que sou. (2007, p. 19)

E na esteira desse assunto, Mott afirma que “assumir, em muitos casos, representa o fim do medo da chantagem, e uma nova vida de cabeça erguida e mais feliz.” (2003, p. 61). Corroborando esta ideia, podemos recorrer ao pensamento de Jung, ao nos afirmar que:

Ao estudar a história da mente humana, impõe-se-nos sempre de novo a impressão de ser um fato real que o desenvolvimento do espírito se acha sempre unido a um alargamento do âmbito da consciência, e que cada passo adiante representa uma conquista extremamente repleta de dor e de esforço. (2011 [1910], p. 85, § 146)

Jung nos lembra que, desde sempre a ideia do progresso está atrelada ao alargamento da consciência, e que raros são os percursos pessoais livres de esforço e/ou dor. O golpe suave não produz resultado algum na lapidação de uma pedra preciosa.

Além disso, podemos destacar esses movimentos de crescimento como arquetípicos, representados pela jornada do herói, que deve superar inúmeros obstáculos internos (medo, insegurança, despreparo, etc.) e externos (dragões, exércitos, gigantes, monstros, etc.), para alcançar seu tesouro: a possibilidade da liberdade de expressão autêntica.

A par dessa liberdade crescente, os homossexuais passaram a se agrupar, vivendo, muitas vezes, no seio de amigos, como defesa contra a hostilidade geral e difusa, e também contra eventual isolamento familiar e social, embora a trajetória do herói, quase sempre, seja solitária.

O maior efeito da visibilidade atual de gays e lésbicas é mostrar ao mundo que existem, e existem de outra forma, muito além de qualquer padrão tradicionalmente atribuído de modo negativo e/ou pejorativo²⁷.

Plummer fala do *estigma* que permeia a vivência homossexual e suas possíveis consequências, que podem provocar dois tipos de problemas: os objetivos e os subjetivos. Os *problemas objetivos* se materializam na forma de riscos constantes advindos da condição homossexual: discriminações e injustiças, que podem acontecer em qualquer lugar e hora. Os *problemas subjetivos* envolvem os aspectos psicológicos ocasionados pelos problemas objetivos, acarretando sentimentos de culpa, vergonha e menos valia, inferioridade, baixa autoestima, isolamento, etc. (1983, p. 135-6).

Plummer acrescenta posicionando que

Alguns homossexuais chegam a esses tipos de problemas em época muito precoce, resolvem-nos e, daí em diante, levam vidas relativamente não problemáticas. Está igualmente claro que algumas pessoas não conseguem neutralizar esse estigma: vivem com ele até atingirem os 60 ou 70 anos, ou até conduzirem seu 'segredo' para a sepultura. Opõem-se a ele, lutam contra ele, forçam-se a todo tipo de caminhos não-realizadores, com o objetivo de livrar-se dessa terrível aflição que acreditam possuir. (1983, p. 136)

Segundo esse autor, ainda, estes últimos pertencem àquela faixa da população com grandes chances de desenvolver problemas psiquiátricos, “(...) aqueles que não podem ou não querem chegar a um acordo com suas experiências homossexuais” (PLUMMER, 1983, p. 136²⁸). Ou seja, aqueles que se recusam expressamente a integrar sua própria homossexualidade à consciência. A saúde psíquica implica, pois, fazer as pazes com esses aspectos muitas vezes reprimidos e relegados à sombra.

É possível dizer, a respeito das peculiaridades sobre a orientação homossexual, que

A maioria dos homossexuais na sociedade atual, mesmo que eles se aceitem como tais, carrega em si um conflito existencial permanente. A homofobia

²⁷ Jung nos adverte “Somente será possível que alguém se decida por seu próprio caminho, se *esse caminho for considerado o melhor*.” (2011 [1910], p. 185, § 296).

²⁸ no mesmo sentido CEARÁ; DALGALARRONDO, 2010.

interiorizada²⁹ não tem fim: ela ressurge, sob diferentes formas, ao longo do ciclo vital. Complica a percepção que o homossexual tem de si mesmo e dos outros; colore todas as suas relações interpessoais, assim como o seu projeto de vida e sua visão de mundo. Constitui provavelmente a diferença subjetiva mais importante entre os homossexuais e os heterossexuais. (CASTAÑEDA, 2007, p. 143)

A homofobia é um fenômeno que só começou a ser reconhecido e estudado recentemente, porque é fruto da maior visibilidade que os homossexuais vêm conquistando. Borrillo assim a define: “(...) a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo.” (2010, p. 34).

Vale dizer que, para Serra:

(...) a homofobia se expressa, de maneira mais ampla, na violência simbólica da qualificação arbitrária do Outro como contrário, inferior ou anormal e em sua destituição, em virtude de sua diferença, da sua humanidade, dignidade e personalidade (...) (2014, p. 97)

É um medo irracional contra os homossexuais, em geral, que pode manifestar-se de modo violento, chegando a vias de fato e consequências graves à integridade e à vida destas pessoas.

Sua origem reside na quantidade de informações negativas associadas ao estigma da orientação homossexual, provocando medo, vergonha e humilhação só de pensar em ser comparado a alguém com essa condição (VON-SMIGAY, 2002).

Castañeda afirma que “esse medo pode parecer instintivo, como o medo do fogo, mas não o é. Constitui mais um fenômeno cultural que está longe de ser universal, e que se reveste de diferentes formas e significados conforme o contexto.” (2007, p. 143).

Isso quer dizer que esse traço comportamental foi aprendido e reforçado por fatores culturais e educacionais e que perpassam os sujeitos, que transforma e é transformado pelos conjuntos de valores sociais aceitos ou não aceitos. Ninguém está imune a esta influência metafórica que constitui o imaginário do ser humano.

Com isso,

Os gays e as lésbicas não estão imunes a sentimentos homofóbicos. O ódio da sociedade contra os homossexuais pode transformar-se em ódio a si mesmo...

²⁹ Homofobia interiorizada pode ser definida como um direcionamento das atitudes sociais negativas com relação à homossexualidade para a própria pessoa, através de sentimentos e ações de desvalorização e repressão das tendências homossexuais (PEREIRA; LEAL, 2002).

os gays e as lésbicas crescem em um ambiente que desenvolve abertamente sua hostilidade anti-homossexual. (BORRILLO, 2010, p. 100-1)

Nesse ambiente, muitas vezes hostil, rejeitar o desejo pode ser o único caminho. Contudo, esta rejeição dos próprios sentimentos, com o tempo, poderá afetar suas relações em todos os níveis e até mesmo sua saúde física e psicológica, podendo acarretar estados de culpa, ansiedade, vergonha e até mesmo depressão (CASTAÑEDA, 2007, p. 148; BORRILLO, 2010, p. 121).

Numa reflexão mais precisa a respeito dessas influências, pontuamos:

Ora, o que acontece quando uma pessoa é exposta, desde sempre, a certa ideia? Acaba por interiorizá-la: torna-a sua, adota-a sem mesmo se dar conta disso, como tantas outras ideias que acabam por fazer parte de sua educação. Assim, a homofobia torna-se 'natural': torna-se um valor implícito e inconsciente, gerando reações imediatas, automáticas e, aparentemente, instintivas. (CASTAÑEDA, 2007, p. 146)

Ninguém quer fazer parte ou ser comparado a alguém que pertence ao grupo marginalizado, que é inferior e do qual se tem vergonha. O estigma pode ser tão grande a ponto de se voltar contra outros homossexuais e contra si próprio. Nestes casos dramáticos, não só a capacidade sexual é bloqueada; a habilidade para fazer amigos e entabular relações de companheirismo é praticamente anulada, o que já constitui grande prejuízo em termos humanos.

4.3 A família escolhida

Muitos autores apontam os benefícios das relações de amizade para o fortalecimento da autoestima e autoconceito, quando se trata de indivíduos homossexuais (PLUMMER, 1983; MOTT, 2003; CASTAÑEDA, 2007; ERIBON, 2008; FISCHER, 2008, etc.).

A propósito do tema, Plummer comenta que:

Uma vez que o homem obtenha acesso a uma pessoa *gay* não estigmatizante que lhe dê apoio; uma vez que se dê conta de que há muitas outras pessoas na mesma situação, capazes de ter uma vida boa, útil e positiva; uma vez que venha a conhecer, falar e fazer amizade com outros homossexuais, seus problemas, em muitas situações, senão na maioria delas, decrescerão. (1983, p. 136)

Diferente de um passado não muito longínquo, quando a experiência de se descobrir homossexual era geralmente solitária, confusa e cheia de terror e culpa, atualmente pode-se viver este reconhecimento na companhia de outros que vivenciam ou já vivenciaram este desabrochar³⁰. Os problemas permanecem individuais, mas as experiências podem ser partilhadas, suavizadas e até resignificadas de maneira positiva.

A amizade, do ponto de vista da psicologia analítica, é arquetípica, estando presente na história humana em todas as épocas e sociedades (MORENO; ALT, 2014), representando uma parte das necessidades afetivas que fundamentam as relações.

A vivência homossexual contemporânea se estrutura e desenvolve em comunidade, propiciando a observação de modelos positivos para os mais jovens.

É seguramente esse o caso nos bairros onde se concentra o comércio *gay*, onde concorrem abertamente a força da moda, o culto da juventude, da beleza, da virilidade e onde se reformam e se reformulam as modalidades da exclusão de tudo o que se situa fora dessas normas. (ERIBON, 2008, p. 167)

Castañeda vai ao encontro de tal perspectiva e afirma que:

A identidade constrói-se também conhecendo os seus semelhantes, e nessa etapa de exploração é essencial conhecer outros homossexuais. Assim, aprende-se que não se está só, que há inúmeras maneiras de viver a homossexualidade, e que existem muitos parceiros possíveis. (2007, p. 94)

Estrutura-se um círculo de amizades (a família escolhida), que serve para dar suporte emocional a seus membros (ERIBON, 2008, p. 38), no qual as relações escolhidas tornam o desafio do *assumir-se* menos difícil. O compartilhamento de experiências, negativas e/ou positivas, ajudam à conformação social e à sustentação emocional frente às demandas sociais³¹.

As amizades servem para dar suporte, sobretudo no que tange à esfera emocional, aos homossexuais. “Quem sobreviveu aos piores momentos da aids lembra que foram os amigos e não as famílias de sangue que, na maioria dos casos, seguraram as pontas.” (FISCHER, 2008, p. 72).

³⁰ Muitas organizações não-governamentais e outras instituições, como algumas escolas e religiões inclusivas, mantêm serviços psicológicos à disposição de seus membros para apoio individual e de grupo, contribuindo além do apoio terapêutico, também para o estabelecimento de vínculos entre os participantes.

³¹ “Os laços de amizade que se estabelecem entre ex-amantes, que perduram excluindo qualquer retomada das relações sexuais, constituem uma espécie de ‘família ampliada’(...)” (VINCENT, 2009, p. 343)

Ainda com base nesses postulados, Mott afirma que: “nós, gays (...) criamos laços e entabulamos relações de amizade e coleguismo que podem ser tão duradouras e às vezes até mais profundas e gratificantes, do que os laços de sangue.” (2003, p. 50). Promovendo nos sujeitos um lugar de repouso diante do êxito muitas vezes (im)posto pelas artimanhas da exclusão social.

É esta situação arquetípica, comum aos perseguidos e discriminados, que engendra os locais de socialização para encontros e trocas, que podem ser mais ou menos clandestinos e de diversas naturezas, que, por sua vez, dão origem a uma cultura *gay*, ou o sentimento de uma comunidade, a noção de *gueto* propriamente dito. “A dimensão estética dos fenômenos cotidianos do mundo homossexual, quando foi colocada em circulação, favoreceu o fortalecimento da subjetividade daqueles indivíduos a partir de uma mudança de rumo na descrição de seus territórios existenciais.” (MENDONÇA, 2010, p. 119).

Nesse sentido, a essência da noção de *gueto* está na relação e na (co)ordenação entre os sujeitos, remetendo à questão de se com o outro (identificar-se). Para tanto,

(...) o ‘gueto’ não somente amplia a oportunidade de encontrar parceiros e viver experiências sexuais, mas também pode contribuir decisivamente para reduzir os sentimentos de desconforto e culpa em relação à própria sexualidade, reforçar a auto-aceitação do desejo e, eventualmente, a disposição para ‘assumi-la’ em âmbitos menos restritos. (SIMÕES; FRANÇA, 2005, p. 310)

Assim, o grupo (ou comunidade) tem um papel fundamental na estruturação do bem-estar de seus membros. Segundo Eribon:

O ‘grupo’ toma forma quando o descontentamento e a reivindicação dissolvem as fronteiras que separam os indivíduos uns dos outros e os fazem ‘fusionar’ num movimento de mobilização animado por um projeto comum. A vulnerabilidade, a fraqueza dos indivíduos isolados dá, então, lugar a uma força que permite que os indivíduos assumam, ainda que parcialmente, ainda que momentaneamente, a responsabilidade pelo próprio destino. (2008, p. 163)

As décadas de 70 e 80 foram períodos de grande liberdade e expansão para os homossexuais. Período de grandes experimentações e testagens de limites³².

Aqui se delineia que

³² “Historicamente, é sobretudo em épocas profundamente marcadas por dificuldades físicas, políticas, econômicas e espirituais que o ser humano volta seus olhos angustiados para o futuro e se multiplicam então as antecipações, utopias e visões apocalípticas.” (JUNG, 2011 [1957], p. 11, § 488)

Essa liberdade foi maior nos países industrializados e nas grandes cidades, onde existia toda uma infra-estrutura gay e lésbica, com bares, danceterias, clubes, saunas, associações e até mesmo igrejas e sinagogas, comuns em cidades como São Francisco e Nova Iorque. (TORRÃO FILHO, 2000, p. 206)

O universo gay, como segmento social, começou a se formar, pela primeira vez na e pela história, desde sua nomeação no século XIX, contudo, só ganha expressão a partir da revolução dos costumes, quando começa a aparecer, a se fazer visível e a exigir participar da ordem coletiva.

Na perspectiva desse processo que tangencia o político, o econômico e o social,

São homens e mulheres que, transcendendo os limites de classe, sexo, gênero, raça, etnia, religião, geração, nacionalidade e orientação ideológica – enfim, transcendendo praticamente todas as fronteiras –, trazem em seus pensamentos e atos, ainda que de forma nem sempre intencional e deliberada, a marca (estigma) im(ex)plícita da transgressão, desafiando fundamentos básicos da normatividade social por meio de suas vivências amorosas e sexuais. (MELLO, 2005, p. 203)

E para compreender essa tensa modificação nas estruturas ou práticas sociais, os anos 90 presenciaram outra revolução sexual. Os tabus que por ventura ainda sobreviviam, foram, ou estão sendo, exterminados pelas novas concepções e estilos de vida.

Nesse momento histórico é pertinente alertar o quando sobressai a concepção de que os homossexuais constituem um grupo, uma comunidade, e que, como toda minoria, tem os mesmos direitos que a maioria.

Nessa orientação, Spencer afirma que “a partir do momento em que passaram a se orgulhar de si mesmos, tornou-se possível falar com a família e com os colegas sem sentir vergonha e a humilhação frequentemente impostas aos jovens gays.” (1996, p. 349).

Assim, “aos poucos, cresce o número de pessoas que assumem a identidade homossexual, dando coragem a outros de fazer o mesmo (...) promovendo a ideia de que podem existir diversas orientações sexuais, todas válidas.” (MACRAE, 2005, p. 298)

Com muito mais frequência se passou a falar em autoestima, em qualidade de vida e sociabilidade. “Eles abandonaram o álcool, o cigarro e as drogas, aderiram a rígidos programas de exercícios, alteraram a dieta e passaram a frequentar academias.” (SPENCER, 1996, p. 356). O corpo definido passa a impressão de ser saudável, numa

clara referência aos tempos da aids, e se transformou numa preocupação constante na vida gay atual.

Esse novo *modelo* de sociabilidade se impôs:

As novas casas noturnas... passaram a receber os homossexuais de classe média em condições de pagar para utilizar suas dependências. Além do mais, se os desconhecidos passaram a ser percebidos como possíveis vítimas da AIDS, era preciso transformar o outro em familiar, conhecê-lo antes de ir pra cama, buscar a monogamia (...) (TRINDADE, 2003, p. 230)

Portanto, é preciso pensar que a sociedade mudou muito nas últimas décadas. Silva entende o seguinte:

Hoje, em cidades como São Paulo, há uma infra-estrutura mercantil da comunidade gay: agências de viagens, bares, discotecas (inclusive com *shows gays*), cinemas pornográficos gays, clubes privados, organizações políticas e sociais, restaurantes, saunas, empórios de mercadorias sexuais, além dos locais públicos, novos ou tradicionais. (2005, p. 236)

Com essa *aceitação* da homossexualidade a partir de sua capacidade econômica, muitas vezes superior, aliado às conquistas tecnológicas que aumentam o tempo e a qualidade de vida, a questão de como aproveitar esse tempo, tornou-se presente para todos. Qualidade de vida passou a ser o lema desta geração que envelhece, independente da orientação, mas em especial dos gays.

4.4 A outra cor do arco-íris: o grisalho

Se no passado a homossexualidade em geral era invisível, os idosos homossexuais nem sequer eram pensados, uma vez que a crença geral atribuía ausência de atividades eróticas, por impossibilidade física nesta fase da vida. Em razão da possibilidade de não haver muito sexo, nem mesmo se falava a respeito e também não fazia nem sentido se falar em orientação sexual. Todos os idosos eram considerados supostamente assexuados, além de desinteressados nesse assunto.

O homem gay que está em processo de envelhecimento, atualmente, não precisa mais se esconder e tem oportunidade de conviver com outros homens da mesma idade ou outra.

Isso porque, conforme afirma Mott

Hoje, com a internet e revistas homoeróticas, onde se podem encontrar milhões de endereços inclusive dos grupos de gays, lésbicas, travestis e transexuais, a coisa se tornou muito mais fácil. “Antigamente”, e ainda hoje, para os homossexuais que vivem em cidades menores ou sem acesso à mídia, predomina a sensação do isolamento, como se não existissem outros seres semelhantes a si, com os mesmos desejos e dilemas. (2003, p. 127)

Nesse aspecto, o isolamento se mostra como potencialmente doloroso e patológico, no sentido de não promover a saúde psíquica, que só acontece na interação e socialização.

Com o despontar dos maduros como sujeitos ativos e capazes de manter atividades sexuais por mais tempo, fruto dos avanços da ciência médica, quebrou-se a imagem tradicional da velhice passiva, reclusa e assexuada. A mesma diversidade que pode ser facilmente constatada entre os jovens, começa a aparecer entre os segmentos mais maduros.

Além disso, à medida em que se envelhece, as necessidades vão tomando novas proporções e os hábitos vão se modificando e se adaptando aos novos interesses. Aos poucos os mundos vão se separando em razão da idade: de um lado os jovens e de outro os mais velhos dando origem a um verdadeiro fosso entre as gerações (BARROS, 2006, p. 120). Como já mencionado, a sociedade encontra-se quase sempre polarizada no arquétipo do *puer* e do *senex*, estando ainda distante a possibilidade de uma integração destes dois aspectos.

De modo geral, independente da orientação, os jovens buscam mais avidamente a vida em grupo e o espaço público. À medida em que amadurecem, porém, poderá haver uma resignificação das necessidades e das práticas de socialização. É nessa fase que o indivíduo pode sentir necessidade de relações mais profundas, ainda que em menor número.

É importante salientar que “a participação nesse mundo *gay*, nessa ‘cena *gay*’, é, afinal, quase sempre provisória e de que os indivíduos dela se retiram mais ou menos completamente uma vez passada a idade dos quarenta anos (...)” (ERIBON, 2008, p. 167). Contudo, se retirar da cena *gay* não significa necessariamente deixar de viver e levar vida reclusa e isolada, como a princípio se poderia pensar. Pelo contrário: a vida e as relações podem se intensificar, mas agora no âmbito privado da existência, valorizando e aprofundando as relações estabelecidas.

O envelhecete homossexual apresenta características peculiares, conforme articulado nos dados desta pesquisa, logo mais à frente.

Apesar de certamente ter interiorizado em algum grau a homofobia a que esteve exposto, o que implica consequências efetivas sobre ser e estar no mundo, é difícil um idoso homossexual, na atualidade, se enquadrar no modelo preconizado amplamente no passado: sozinho, infeliz e amargurado.

Por isso, Pereira afirma que a “visão de todo um processo melancólico e solitário da ‘bicha velha’, que se envolve sexualmente a partir de trocas de favores ou dinheiro, pode ser uma realidade contestável.” (2012, p. 34).

5 MÉTODO

Ao homem comum sempre se afigurou coisa estranha que alguém preferisse seguir uma trilha estreita e íngreme, que leva ao desconhecido, em lugar de seguir pelos caminhos planejados que conduzem a metas conhecidas.

Jung (2011 [1910], p. 187, § 298)

A metodologia utilizada em uma pesquisa é sempre um dos aspectos importantes do trabalho científico, por definir os caminhos necessários para o alcance dos objetivos, unindo teoria e dados empíricos.

A pesquisa empírica que sustenta esse trabalho privilegia o caráter *descritivo-qualitativo*, de modo a aprofundar a compreensão dos significados das ações e relações humanas, descrevendo-as e analisando seus achados. Bardin afirma que “a descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.” (2004, p. 29). E Flick arremata “A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais, devido à pluralização das esferas da vida” (2009, p. 20).

Esse trabalho é um esforço para compreender, ainda que parcialmente, o alto grau de complexidade interna do universo homossexual masculino, decifrando os significados do processo de envelhecimento de indivíduos que se aproximam ou já vivenciam essa fase da vida, de modo a ressaltar suas singularidades e eventuais conflitos e dificuldades e, num nível mais amplo, sobre a própria masculinidade em transformação, na atualidade.

A abordagem qualitativa é o guia para a análise da subjetividade masculina, assim como a experiência humana da sexualidade, do gênero e do envelhecimento (GAMSON, 2008). Em outras palavras, serve para apreender aspectos do ser humano que vão além dos dados estatísticos.

Sendo assim, embora seja uma população não-clínica (pessoas que não estão em trabalho psicoterapêutico com o pesquisador) a pesquisa é clínica, porque investiga aspectos subjetivos e profundos de cada participante.

O que diferencia a investigação clínica tradicional dessa é o fato de não lidar unicamente com procedimentos psicoterápicos ou situações de consultório, mas buscar a “(...) compreensão de um fenômeno, mais do que sua explicação.” (MACIEL JUNIOR, 2006, p. 71).

Ao principiar esta pesquisa, decidimos realizar entrevistas de profundidade que pudessem dar liberdade de expressão aos participantes, e também favorecessem as intervenções por parte do pesquisador sempre que quisesse melhor detalhar algum aspecto. Nesse caso, o foco de atenção recaiu sobre a narrativa que os participantes fizeram de eventos e experiências significativas em suas vidas, a maneira como foi o relato, os elementos importantes destacados e as considerações realizadas sobre as experiências vividas, bem como o *rapport* que foi estabelecido entre pesquisador e participante (FLICK, 2009, p. 143 e s.).

Nessa modalidade, o pesquisador necessita estar próximo, estabelecer vínculos e relação de confiança com os participantes. Mas também deve manter-se afastado o suficiente para que possa melhor compreender as narrativas da forma mais objetiva possível.

Perto, mas distante o suficiente, implica que se estabelece uma relação entre o pesquisador e o entrevistado, e essa relação é permeada por elementos singulares: objetividade e subjetividade em constante interação na produção da narrativa.

A relação pesquisador/participante, intersubjetiva, funciona como co-participação na criação dessas narrativas compostas de fragmentos de vida, experiências, impressões e compreensões, que não são isentas, mas representativas de um contexto social e cultural.

Dessa forma, mesmo sendo a fala de alguns indivíduos particularizados, essas revelam em suas entrelinhas aspectos do contexto social e cultural mais amplo, possibilitando o conhecimento de estilos de vida de uma parcela específica do grupo humano.

5.1 Objetivos

a) Gerais

Esse trabalho tem por objetivo descrever e compreender as questões e os eventuais conflitos envolvidos no processo de envelhecimento homossexual masculino.

b) Específicos

Investigar de que maneira homens gays vivenciam, percebem e elaboram as mudanças oriundas do processo de envelhecimento.

Identificar as estratégias utilizadas por homens homossexuais para lidar com as situações decorrentes do envelhecimento.

5.2 Participantes

O primeiro critério de inclusão escolhido foi o da idade. Optamos por demarcar a idade de 50 anos em diante, sem limite máximo, de modo a poder incluir não só as questões do envelhecimento presentes naqueles que já as vivenciam, mas também aquelas eventualmente antecipadas pela ansiedade de se sentirem próximos da linha divisória da velhice.

O segundo critério residiu na orientação sexual declarada pelos participantes.

O sujeito escolhido foi o indivíduo idoso e/ou próximo dessa fase, homossexual, contemporâneo, ocidental e urbano dentro do universo geral da masculinidade.

Os critérios de exclusão foram os contrários aos de inclusão, ou seja, sujeitos abaixo de 50 anos e portadores de outras orientações sexuais (hetero, bi e transexuais).

Para a presente pesquisa, foram realizadas entrevistas individuais com 12 participantes, em sua maioria residente em grandes centros urbanos. Apenas 3 residem em cidades de porte médio (entre 100 e 200 mil habitantes).

A escolha dos participantes se deu por indicação de amigos, e pela estratégia de *bola de neve*. Em vários casos, um participante que havia sido contatado para entrevista indicou outro amigo. Optamos por encerrar a fase das entrevistas quando percebemos que a maioria dos assuntos já estava se repetindo.

A caracterização dos participantes foi feita de modo a impedir a sua identificação, com a troca dos nomes reais por fictícios, já que a exposição de fatos e situações de vida poderiam eventualmente comprometer também o sigilo.

Foram entrevistados 5 pessoas na faixa dos 50 anos e 7 com mais de 60 anos. Um dado adicional espontâneo que apareceu foi que 3 dos entrevistados são pais, um inclusive tem 2 filhos, e é o único do grupo que foi casado com mulher. Os demais são casados, ou foram, com homens. Essas informações de identificação estão no Quadro I, a seguir.

Quadro I – Identificação					
	Participante	Idade	Profissão/Escolaridade	Estado Civil	Filhos
1	José	50	Ensino Médio Autônomo/Vendas	Vivendo em União Estável (mesma casa)	2
2	Paulo	56	Ensino Sup. Inc. Desempregado	Solteiro	-
3	Pedro	62	Superior Completo Corretor Imóveis/Guia Turismo	Solteiro	-
4	Roberto	66	Sup. Inc. Agricultor	Namorando (Em casas separadas)	-
5	Carlos	62	Sup. Completo Assist. Adm.	Solteiro	-
6	Hélio	60	Sup. Completo Ag. Seg. Penitenciária	Solteiro	1
7	Antonio	57	Sup. Completo Administração	Solteiro	-
8	Flávio	64	Sup. Completo Adm/Professor	Solteiro	-
9	Eduardo	65	Mestrado Advogado/Prof. Universitário	Casado oficialmente	-
10	Tiago	60	Especialista Bancário	Casado oficialmente	-
11	Rafael	55	Sup. Inc. Funcionário Público	Solteiro	1
12	Mauro	55	Doutorado Biomédico/Prof. Universitário	Solteiro	-

Esse grupo que compõe a mostra desta pesquisa é formado por homens com um bom nível educacional e de conhecimentos (8 possuem curso superior completo, 3 começaram faculdade e não concluíram e apenas 1 tem ensino médio), além de pertencerem às camadas média e alta em termos econômico-financeiros.

5.3 Procedimento

Os entrevistados foram contatados inicialmente por telefone e/ou *internet*, através de redes sociais, porém, sempre seguido de indicação de alguém. Foi explicitado que essa pesquisa tinha como interesse descrever e compreender as questões e/ou eventuais dificuldades e conflitos envolvidas no processo de envelhecimento homossexual masculino, observando-se a disponibilidade de cada sujeito para participar de um a dois encontros, de duração de cerca de duas horas. Já nessa ocasião foi solicitada a permissão para a gravação das entrevistas.

Houve um grau considerável de dificuldade para se conseguir localizar todos os participantes. Ao perguntar a amigos, geralmente, a primeira resposta foi sempre negativa... após pensar um pouco, alguns se lembraram de alguém que conheciam.

Contudo, muitos desses homens ao serem informados da natureza da pesquisa não quiseram participar, alegando não se sentirem à vontade para expor sua intimidade. Esse grau de dificuldade também foi encontrado por outros pesquisadores, como Maravilha (2010, p. 43) e Nascimento (2011, p. 135), por exemplo.

Em 1983, Weeks disse o seguinte:

(...) embora o estigma tenha sido mitigado aproximadamente ao longo da última década [1970], ainda há poucos respondentes capazes de abrir mão suficientemente de uma vida inteira de circunspeção para falar livremente sobre suas experiências e sentimentos íntimos com os pesquisadores, por mais compreensivos que estes se mostrem. (1983, p. 236)

Ao que tudo indica, muitos ainda hoje possuem o mesmo receio, ou não se sentem confortáveis, de falar sobre o tema da homossexualidade, mais ainda da própria homossexualidade, apesar da distância que separa a longínqua década de 1980.

Além dessa dificuldade inicial de localização de sujeitos dispostos a compartilhar suas experiências, houve um caso em que a entrevista foi marcada por telefone. No entanto, no momento do seu início, o participante desistiu alegando que seria constrangedor falar de sua intimidade. Houve também vários casos de pessoas que marcaram e desmarcaram diversas vezes, o que levou à sua exclusão do rol de possíveis colaboradores. Com relação aos que concederam a entrevista, todos foram unânimes em afirmar da satisfação em participar dessa pesquisa pela relevância do tema e ausência de estudos dessa população.

A realização das entrevistas ocorreu em locais privados e de conveniência dos participantes, tomando-se os devidos cuidados para a manutenção do sigilo. Alguns optaram por receber o pesquisador em sua própria casa, outros optaram por marcar em lugares neutros de sua preferência.

Os encontros foram iniciados com a retomada dos objetivos do estudo e esclarecimento do participante, caso ainda tivesse restado alguma dúvida. Também foi reafirmado o sigilo das informações e identidades.

O número de encontros foi definido de acordo com o desenrolar da primeira entrevista e/ou da disponibilidade de tempo do entrevistado. Todos foram informados da possibilidade de se fazer mais de uma entrevista, obtendo de todos concordância e disponibilidade para fazê-lo, embora tenha havido apenas um caso que necessitou do segundo encontro.

No início dos trabalhos foi novamente solicitada permissão para gravar em áudio a entrevista, explicitando-se que a mesma possibilitaria maior precisão do relato, com a citação textual das falas, num registro naturalista (FLICK, 2009, p. 266).

Antes do encerramento de cada entrevista, o pesquisador procurou demonstrar disposição para acolher e dar continência aos sentimentos e ideias surgidas da entrevista, ciente de que tais assuntos poderiam eventualmente mobilizar conteúdos conflitivos.

O período de realização das entrevistas foi de aproximadamente 3 semanas do mês de agosto de 2014.

5.4 Instrumento

O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada (anexo A), com questões versando sobre o processo de envelhecimento e as peculiaridades existentes na vida de homens gays, além das expectativas com relação ao futuro.

No caso dessa pesquisa, os participantes foram estimulados com perguntas abertas e amplas, possibilitando uma reflexão sobre sua própria visão pessoal da vida e atribuindo significado às experiências vividas. Apenas uma entrevista precisou ser complementada para detalhar aspectos não muito claros durante a entrevista precedente, sobre os quais ainda restaram dúvidas consideradas importantes, do ponto de vista dos objetivos do estudo.

As entrevistas duraram em média 1:30 h e foram finalizadas quando percebemos que os temas estavam se repetindo, ou seja, o critério de saturação, não havendo mais pontos a serem explorados. No caso em que houve o segundo encontro, este durou 30 minutos.

As entrevistas versaram sobre as seguintes questões:

- dados biográficos essenciais para a compreensão do indivíduo;
- percepções do processo de envelhecimento;
- aspectos positivos;
- aspectos negativos;
- envelhecimento e homossexualidade.

Comecei pedindo que cada participante contasse sua história de vida, o que considerava importante para defini-los como pessoas homossexuais. Partimos dessa

questão para explorar a percepção do processo de envelhecimento e os significados que esse processo suscitou, bem como o que vivenciam ou fantasiam como aspecto negativo e positivo deste processo. E, por fim, quais as estratégias utilizadas para lidar com as situações decorrentes do envelhecimento.

5.5 Procedimento de análise

Para o tratamento dos dados foi utilizada a *Análise de Conteúdo* proposta por Bardin (2004) e descrita por Gomes como a “exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar.” (2012, p. 79), além dos referenciais teórico-clínicos apresentados nos capítulos anteriores desse trabalho.

Essa técnica de interpretação tem por objetivos descobrir o que está implícito nas falas dos participantes em termos de significados surgidos do processo de envelhecimento. Implica “(...) adentrar na experiência dos participantes, em suas histórias, identificar suas ideias centrais e interpretá-las” (MORIS, 2008, p. 95).

As entrevistas, gravadas e anotadas, foram transcritas na íntegra, para que se pudesse ter o material completo de cada participante.

Primeiramente fizemos diversas leituras do material coletado (as entrevistas e anotações pessoais) de modo a proporcionar as primeiras impressões. “Nesse momento, deixamo-nos impregnar pelo conteúdo do material.” (GOMES, 2012, p. 91).

A partir dessa etapa o material foi organizado por temas, que são unidades de significações que se depreendem das falas dos participantes. Após isso, foram construídas as categorias que englobam os temas por similaridade de conteúdo.

As categorias são rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos (unidades temáticas) sob um título genérico, agrupamento este efetuado em razão dos caracteres comuns desses elementos (BARDIN, 2004, p. 111).

Agrupar as falas dos entrevistados dessa pesquisa requereu uma leitura prévia de investigação para identificar assuntos e elementos comuns.

O objetivo do uso dessa organização em categorias é “fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos.” (BARDIN, 2004, p. 112-3), para a partir daí acontecer uma interpretação e discussão desses dados.

Foi possível identificar três grandes categorias para as quais apontavam as falas dos participantes. Na primeira categoria “histórias de vida e família” (quadro II) estão

concentrados os temas: vivências e família. Com essa categoria é possível traçar um amplo panorama sobre a experiência de reconhecimento homossexual, seu cotidiano, interações e peculiaridades.

Na próxima categoria, denominada “sexualidade e relações afetivas e de trabalho” (quadro III), aparecem os temas: sexualidade e relacionamentos, trabalho, família escolhida. Com eles podemos perceber a maneira como os participantes constroem suas relações afetivas, no âmbito privado e no trabalho.

Finalmente, na última categoria, chamada “percepções do envelhecer” (quadro IV) adentramos à seara específica de como esses homens percebem a passagem do tempo e o impacto deste fenômeno na vida, com o destaque para os *ganhos* e as *perdas*. Nos *ganhos* emergiram os seguintes temas: amadurecimento, capacidade de decisão, saúde, atratividade e felicidade. Nas *perdas* os temas foram os seguintes: doenças e sinais da idade, aprendizagem e novas tecnologias, carências, vida sexual, saudosismo, solidão, perdas, arrependimentos e medos.

Podemos visualizar melhor essas categorias a seguir:

Quadro II	
Categoria I – Histórias de vida e família	
1	Vivências
2	Família

Quadro III	
Categoria II – Sexualidade e relações afetivas e de trabalho	
1	Sexualidade e relacionamentos
2	Trabalho
3	A família escolhida

Quadro IV	
Categoria III – Percepções do envelhecer	
Ganhos	1 Amadurecimento 2 Capacidade de decisão 3 Saúde 4 Atratividade 5 Felicidade
Perdas	1 Doenças e sinais da idade 2 Aprendizagem e novas tecnologias 3 Carências 4 Vida sexual 5 Saudosismo 6 Solidão 7 Perdas 8 Arrependimentos 9 Medos

O material colhido foi apresentado através de amostra de falas dos participantes para que pudessem levar a uma conclusão ou ilustração de um ponto de vista.

Os depoimentos são apresentados no capítulo sexto sempre com recuos e separados por espaços anteriores e posteriores e em itálico, para que haja uma diferenciação e identificação no texto. À frente de cada fala está o nome fictício do participante de modo a que se possa acompanhar, por parte do leitor, as características de cada um.

5.6 Cuidados éticos

Para a realização desse estudo foram tomados os devidos cuidados éticos a seguir discriminados:

- a) *anonimato*: os sujeitos da pesquisa foram designados por nomes fictícios, ficando garantido o sigilo e o anonimato;
- b) *parecer sobre o projeto*: o projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para avaliação de sua conformidade com os critérios da Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, e para consideração da relevância social e da relação custo-benefício, bem como da autonomia dos participantes pesquisados. Também foi avaliada a conformidade com a Resolução n. 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia, na sua ementa que dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. A aprovação do parecer se deu em 09 de junho de 2014, sob o protocolo n. 679.349 (anexo D);
- c) *assinatura do Termo de Compromisso do Pesquisador* comprometendo-se a atender os deveres básicos de honestidade, sinceridade, competência e discrição (anexo B);
- d) *assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* por parte dos participantes garantindo-lhes o acesso a qualquer tempo às informações sobre os procedimentos, riscos e benefícios associados à pesquisa; a respeito da liberdade para retirar seu consentimento a qualquer momento, deixando de participar do estudo e sobre a salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade em caso de futura publicação (anexo C).

6 RESULTADOS E ANÁLISE

(...) a vida é incontrolável e é isso que faz com que essa fagulha que se chama vida possa virar uma fogueira ou continuar fagulha. Controlar desejos, emoções e aproximações com o que se considera errado é negar-se fogueira e afirmar-se fagulha.

Garcia (2007, p. 29)

6.1 Caracterização dos participantes

Quadro V – Caracterização dos participantes						
Participante/ Idade	Composição familiar	Atitude predominante	Profissão/ Escolaridade	Estado Civil	Filhos	
Breve Biografia						
1	José 50 anos	5 irmãos, pais separados, evangélicos	Introvertido	Ens. Médio Autônomo/ Vendas	Vivendo em União Estável – 5 anos	2
Foi uma criança retraída. Vítima de abuso sexual aos 5 anos. Forte ascendência religiosa sobre sua concepção de mundo. Foi casado com a mãe de seus filhos por 13 anos. Só vivenciou sua homossexualidade na maturidade. Assumiu-se para sua família e vive com o atual companheiro.						
2	Paulo 56	5 irmãos, pai morreu cedo	Extrovertido	Ens. Sup. Inc. Desempregado	Solteiro	-
Iniciação sexual precoce. Seus relacionamentos implicaram sempre um triângulo: ele – o parceiro – a namorada/noiva/esposa, e são estritamente de natureza sexual (não envolve afeto ou vida compartilhada). Empresário a maior parte da vida. Vive com a mãe idosa atualmente.						
3	Pedro 62	4 irmãos, pais já falecidos	Extrovertido	Sup. Comp. Cor. Imóveis/ Guia Tur.	Solteiro	-
Vive na antiga casa da família com uma irmã e um sobrinho. Teve algumas namoradas até apaixonar-se por um cunhado. Teve um longo relacionamento, mas prefere ser solteiro. Sua vida sexual é ampla e diversificada.						
4	Roberto 66	6 irmãos, pai já falecido	Extrovertido	Sup. Inc. Agricultor	Namorando	-
Nasceu no Uruguai, vindo para o Brasil na juventude. Viveu um longo e feliz casamento de 31 anos com outro homem, encerrado com sua morte. Após o período de luto, iniciou novo relacionamento que já dura 1 ano.						
5	Carlos 62	1 irmã, pais são falecidos	Introvertido	Sup. Compl. Assist. Adm.	Solteiro	-
Saiu de casa aos 20 anos para conhecer a cidade grande e vivenciar sua homossexualidade. Nunca se empenhou muito para construir um relacionamento e não sente falta.						
6	Hélio 60	Pais falecidos	Extrovertido	Sup. Compl. Ag.Seg.Pen.	Solteiro	1
Bonito desde criança, teve vida sexual e afetiva agitada e tumultuada com relacionamentos explosivos e escandalosos. Empresário da noite, sua vida aconteceu mergulhada em sexo, drogas e noitadas. Atualmente perdeu o dinheiro e vive solitário.						
7	Antonio 57	7 irmãos, pais falecidos	Introvertido	Sup. Compl. Adm.	Solteiro	-
Caçula da família, quando nasceu seus pais já eram bem mais velhos. Teve algumas namoradas até descobrir-se gay. Viveu alguns relacionamentos, e após decepcionar-se, resolveu voltar-se para a religião. Declara não sentir desejo ou vontade de praticar sexo.						
8	Flávio 64	2 irmãos, pai falecido	Introvertido	Sup. Compl. Adm/Prof.	Solteiro	-
Seu pai foi alcoólatra e sempre distante. Teve alguns relacionamentos com mulheres e depois alguns com homens, que não prosperaram. Foi se fechando e hoje diz que vive solitariamente. Tem vontade de estabelecer um relacionamento, mas não vê como isso possa se concretizar.						

9	Eduardo 65	1 irmã, pais separados	Introverso	Pós-Grad. Adv./Prof.	Casado	-
Descobriu-se gay naturalmente, sem traumas. Teve longos relacionamentos e atualmente vive um casamento que já dura 23 anos, tendo oficializado recentemente.						
10	Tiago 60	8 irmãos, pais falecidos	Introverso	Pós-Grad. Bancário	Casado	-
Independente desde cedo, experimentou dificuldades para aceitar-se gay. Teve algumas namoradas até que assumiu-se. Viveu vários relacionamentos duradouros e atualmente está em uma relação de 7 anos, oficializada recentemente.						
11	Rafael 55	2 irmãos, pais falecidos	Extroverso	Sup. Inc. Func. Publ.	Solteiro	1
De origem humilde, trabalhou em serviços pesados durante a vida. Teve várias namoradas e 1 filha, com quem não mantém contato. Recentemente terminou um relacionamento e ainda se sente triste por isso. Mantém atitude otimista com relação a novos relacionamentos.						
12	Mauro 55	Filho único, pai falecido	Introverso	Pós-Grad. Biom./Prof.	Solteiro	-
Sempre foi superprotegido. Desenvolveu um egoísmo assumido e por isso não busca relacionamentos, apenas atividades sexuais.						

6.2 Categorias

6.2.1 Histórias de vida e família

Nessa categoria, é possível visualizar um amplo panorama da experiência de vida desses homens, ampliando a compreensão da homossexualidade a partir de suas experiências de vida. Ou seja, adentramos o universo plural de concepções, ideias, sentidos e práticas que se entrelaçam na experiência homossexual deles, por meio das narrativas de suas lembranças no curso da vida.

A própria visão que cada indivíduo tem de sua homossexualidade, somada à experiência dos anos vividos, lhes confere um sentido singular, conforme veremos a seguir.

1 Vivências

A homossexualidade é sempre uma questão delicada que merece cuidado por envolver diversas circunstâncias e diferentes vivências que produzem variados significados, que surgem como uma diferença meio indefinida para aqueles que a vivenciam, no início de suas vidas.

De modo geral a consciência dessa diferença pode surgir muito cedo.

Eu sempre me senti homossexual, desde menino, eu sempre senti que era diferente (...) (Tiago)

Neste recorte, Tiago relata que sempre se sentiu homossexual e apresenta essa percepção como a de sentir-se diferente. Contudo, constata-se que ele faz uma ligeira confusão, como podemos ver nesta outra fala:

Eu me lembro de ser criança ainda, e estar no colo do meu pai e alguém falar: 'que linda sua filha!' e aquilo me fez sofrer. Imagina uma criança sofrendo com isso? Eu sofria muito, aquilo me marcou muito. Eu fiquei semanas sofrendo, como se fosse algo negativo. Mas eu sabia que era diferente, até nas brincadeiras eu sempre me dava melhor com as meninas (...) (Tiago)

No início, não se trata, como podemos ver, da consciência da homossexualidade, mas, sim, da percepção de uma diferença que vai crescendo quando não se encaixa nas expectativas familiares e sociais³³. Pode ser bem difusa essa percepção inicial, embora, na maioria das vezes, ela seja notada como algo que falta para completar a masculinidade esperada e algo de feminino que é indesejado, podendo manifestar-se na forma de cobranças, insinuações e/ou confusões de gênero, como a que Tiago relatou.

O que pode produzir sofrimento dessa natureza é a sensação de inadequação, de que falta algo que não se sabe bem o que é, mas que, para as outras pessoas, pode estar bem evidente a ponto de confundir um menino com uma menina. E não estamos falando de roupas e adereços que poderiam indicar o sexo; falamos de algo mais subjetivo, difícil de isolar ou identificar, mas que efetivamente pode produzir sinais inequívocos da orientação sexual, ainda na fase da infância.

De qualquer forma, ter isso, que ainda não tem nome nem forma definida, exposto desta maneira, publicamente, pode ser fonte de sofrimento e angústia, caracterizando mesmo um trauma, base de formação dos complexos (JACOBI, 1991, p. 17).

À medida que vai crescendo, a consciência também vai se ampliando para definir os contornos dessa diferença, que só se acentua.

A homossexualidade de alguns meninos pode passar despercebida, mas, para outros, pode estar estampada em atos, gestos, trejeitos, etc. Oculta ou não, ela está ali e pode provocar sentimentos de vergonha e humilhação, se as pessoas ao seu redor e o

³³ As crianças podem sentir-se diferentes por vários motivos, desde aspectos físicos até aqueles psicológicos e os relacionados às relações primárias. Cada caso é sempre singular, porém a sensação de sentir-se diferente pode ser bastante comum na infância de indivíduos homossexuais.

próprio sujeito assim pensarem e se manifestarem a respeito da homossexualidade, fato que não é incomum.

Na fala de Tiago, no próximo recorte, são trazidos à baila a adesão de valores, teimando em trazer à tona as marcas de exclusão.

Eu tinha vergonha de ser gay. Foi difícil, um processo lento de adaptação, de conquista de orgulho, de me sentir confortável com minha sexualidade. Foi uma luta da vida inteira (...) (Tiago)

Mesmo sem saber direito do que se trata, a criança homossexual pode possuir atitudes e comportamentos que contrariam as expectativas esperadas para o seu sexo, e aprende, muitas vezes de forma dolorosa, que precisa dissimular para ser aceita, travando intensas lutas para criar as personas desejadas pelos pais, reprimindo traços e tendências homossexuais, que são enviadas para a sombra. Nesse processo, muitas vezes, vai incorporando ideais pré-concebidos, internalizando atitudes e padrões homofóbicos, que dificultam, ou até mesmo impossibilitam, uma vida e aceitação mais plenas.

Para Tiago, o caminho para o equilíbrio e o crescimento psicológico passou pela autoaceitação, integração de aspectos de sua orientação e sexualidade reprimidos, trazendo-os para a consciência. Com isso, foi capaz de verdadeiramente combater os efeitos da homofobia anteriormente internalizados, porque é esta que provoca a vergonha e a humilhação, por ser algo que a maioria das pessoas não aceita e não compreende.

Perseguindo nosso foco analítico, dos participantes dessa pesquisa, além de Tiago, também trazemos recortes das vozes de José, Antonio, Flávio e Carlos (cinco participantes), que apontam para as dificuldades de aceitação da própria homossexualidade, como um confronto que persistiu por toda infância e adolescência, alguns adentrando até mesmo a idade adulta (José e Flávio).

Por outro lado, as vozes de Paulo, Roberto, Hélio, Rafael, Eduardo e Mauro (6 participantes) relatam processos de desenvolvimento mais tranquilos, com aceitação e integração da própria homossexualidade ainda no final da infância. E Pedro, que só se reconheceu homossexual na idade adulta, mas que também não teve qualquer dificuldade nesse reconhecimento, bem como nas mudanças que se seguiram a ele.

É relevante dizer, no interior dessa temática, que

Em uma sociedade em que os ideais de natureza sexual e afetiva são construídos com base na superioridade psicológica e cultural da heterossexualidade, parece difícil esquivar os conflitos interiores resultantes de uma não adequação a tais valores. (BORRILLO, 2010, p. 101)

Podemos afirmar, a partir das falas de Tiago, que a experiência de se sentir diferente desde a mais tenra idade afetou significativamente a percepção de si como pessoa; no início, negativamente, mas quando pode ampliar seu conhecimento e integrou seus conteúdos sombrios, viu-se a modificação do trajeto de sua visão para o lado positivo.

Na adolescência, o garoto homossexual também pode viver grandes conflitos no campo da religiosidade, que, historicamente, em campos com projeções diferenciados, tem condenado as relações homossexuais. É necessária uma grande luta interna para se reconciliar com uma espiritualidade que hostiliza a própria maneira de ser.

Eu sempre rezo: ó pai! Eu sei que pelo parâmetro que eu aprendi, o humano, é pecado, viver isso é pecado. Mas, não sou condenado. Ele não me condena, de maneira alguma (...) (Antonio)

Ao observar as características linguísticas na fala de Antonio, vê-se que este viveu o conflito religioso ancorado num discurso regulador, conseguindo chegar a um acordo com sua espiritualidade e, hoje, sente-se confortável com a própria orientação, embora pense que o sexo, de modo geral, afasta o homem de Deus, seja homo ou hetero. Assim, se aceita como homossexual, depois de intensas lutas internas, e principalmente após a morte dos pais, mas leva uma vida sem sexo. Desde o início da entrevista, fez questão de deixar claro que vive bem sem sexo, não sentindo falta, nem dele, nem de um companheiro.

Apesar de suas declarações de reconciliação com a religião e do abandono da sexualidade, é fundamental lembrar que “uma igreja que prega o preconceito e fomenta a culpa na vida das pessoas é uma igreja que oprime e não uma igreja que liberta. E sem libertação não se vive.” (GARCIA, 2007, p. 30).

Devemos ressaltar também que Antonio chegou a viver um relacionamento de 3 anos que terminou por traição de seu companheiro. Ficou a magoa, a dor, o sofrimento, que parece, ainda, não ter sido superada. Somente após esse episódio foi que ele renunciou à sexualidade.

Podemos ver nisso, então, uma troca: a religião substituindo a sexualidade e preenchendo o lugar de um companheiro. É uma troca válida para ele, que assim

consegue organizar seus sentimentos e desejos. Em momento algum de seu dizer Antonio parece o tem de infelicidade ou insatisfação com suas escolhas, apesar de fundamentadas num trauma.

Além disso, também podemos interpretar sua dedicação às atividades religiosas como uma defesa, um modo de proteção ao não se expor afetivamente a outros parceiros por medo de que se repita a traição sofrida no passado. O medo da repetição o obrigou a buscar uma compensação em outro lugar. No fundo, sua recusa a novos envolvimento afetivos pode evidenciar dores e feridas, ainda não de todo curadas. Nesse caso, a religião aparece como um bom recurso de proteção. Por outro lado, no âmbito religioso, são comuns as trocas afetivas, o que lhe supre eventuais carências e permite uma vida relativamente tranquila.

Dos participantes, apenas Antonio (católico), José (evangélico) e Mauro (católico) se declararam religiosos. Os demais não chegaram a abordar o tema, o que pode ser bastante significativo, já que pouquíssimas religiões acolhem indivíduos homossexuais na atualidade.

Além dessa questão ligada à religiosidade, o jovem homossexual que apresenta traços efeminados quase sempre também tem que aprender a lidar com o *bullying*³⁴, fenômeno tão frequentemente associado aos tormentos vividos por pessoas estigmatizadas.

Podemos ver emergir fragmentos, traços, rastros de discriminação, denunciada por Flávio:

Eu era totalmente discriminado na escola por minha origem humilde financeira e também porque já tinha traços homossexuais, já havia uma discriminação (...) (Flávio)

Problematizamos aqui que o *bullying* pode ser entendido como:

O fenômeno pelo qual uma criança ou um adolescente é sistematicamente exposta(o) a um conjunto de atos agressivos (diretos ou indiretos), que ocorrem sem motivação aparente, mas de forma intencional, protagonizados por um(a) ou mais agressor(es). (LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009, p. 60)

³⁴ “O termo *bullying* não possui tradução literal para o português. *Bully* é o termo, em inglês, para valentão e *bullying* pode ser traduzido por ‘intimidação’, o que reduz a complexidade do fenômeno a uma das suas múltiplas formas de manifestação, ou seja, a um comportamento de ameaças e intimidações.” (LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009, p. 60)

A agressão acontece em virtude do desequilíbrio de forças entre agressor(es) e vítima, que sozinha não consegue se defender, e exatamente pela diferença que apresenta, geralmente possui pouco ou nenhum amigo a quem poderia recorrer. Essa situação, leva-nos a refletir que o isolamento é um dado sempre presente em situações de *bullying*, do contrário, ele teria menos chances de acontecer.

Ao retomar a ideia de que na escola é que o sujeito reconhece tanto a si mesmo como o outro, a tarefa de moldar a masculinidade homossexual, como a masculinidade geral, passa também a exercer a necessidade de ser provada o tempo todo.

Parece que com os homens eu sempre tinha que estar provando alguma coisa, que eu achava que não era (...) (Tiago)

Qualquer menino, hetero ou homossexual, será testado à exaustão quanto a sua masculinidade, pelos próprios companheiros. Mesmo para o garoto heterossexual, esses testes representam um fardo porque a vida se se forma é porque perdura em torno desses significados, que vão sendo construídos. Porém, para o garoto homossexual esses testes terão o poder de forçar uma representação constante, que demanda enormes cargas energéticas, que, em alguns casos, produz como resultados masculinidades inverossímeis, artificiais e difíceis até mesmo de se sustentarem por muito tempo.

Mas, acima de tudo, sua fala deixa evidente que ele sabia que representava um papel, que fingia ser algo que não era: homem no padrão tradicional. Pode ser comum nessa fase que o menino não se sinta fazendo nem parte do universo masculino. Nesse caso, pode ser comum que fantasie uma categoria distinta, algo mais parecido com o andrógino.

Assim, o arquétipo do andrógino começa a se manifestar na forma de ideias, concepções e posturas que oscilam entre as duas polaridades em termos de gostos, preferências e atitudes, a depender da necessidade do momento; como num teatro, sempre atuando de acordo com as necessidades. Essa encenação não implica ser mais ou menos homem, afinal, muitos homossexuais se sentem e se declaram homens, recusando qualquer diferenciação.

Eduardo, que também passou por situações de discriminação traz a questão da discriminação sofrida no período escolar:

Já vivi situações claramente de preconceito, principalmente na época da escola, mas nunca me deixei abater por isso, minha filosofia de vida sempre

foi no sentido de minimizar ao máximo tudo de ruim que aparecia (...)
(Eduardo)

Essa postura implica elaborar e refletir sobre as situações vividas, para delas extrair algum proveito, mesmo das experiências ruins e/ou desagradáveis. É o que podemos chamar de *resiliência*, entendida como a capacidade do indivíduo de traçar seu caminho em direção a recursos de bem-estar (apoios psicológicos, emocionais, relacionais e instrumentais), neutralizando eventos considerados negativos, para que se consiga um bom desenvolvimento, mesmo sob circunstâncias adversas (LIBORIO; UNGAR, 2010), como foi o caso de Eduardo.

Nesse estudo, três participantes mencionaram o *bullying* como experiências constitutivas de suas vivências infantis (Flávio, Tiago e Eduardo), que deixaram marcas profundas de violência sem sentido e pela qual eles não compreendiam porque estavam sofrendo, embora deixassem emergir sentidos de censura e de opressão advindos do trajeto de suas histórias e do outro (amigo, religião, sociedade) por apresentar na atitude, na fala e nas escolhas a inscrição da diferença aqui insistentemente verbalizada.

Mesmo depois de adulto, ninguém está livre de situações constrangedoras, contudo, a forma pode ser diferente. Hélio diz o seguinte:

A gente enfrenta ainda preconceito, hoje é velado, mas existe (...) (Hélio)

E essa forma velada é bastante nefasta em termos de prejuízos emocionais, exatamente porque é dissimulada, camuflada, finge-se que não é bem assim, etc.

Portanto, em um mundo cujos valores mudam a cada momento,

A visão que a sociedade tem da homossexualidade é ainda predominantemente relacionada aos estereótipos criados ao longo do tempo, o que indica que a norma anti-preconceito contra os homossexuais não está sendo muito efetiva, permanecendo uma visão infra-humanizadora desse grupo social. (SANTOS; LIMA; MENDONÇA, 2014, p. 9)

Por outro lado, existem aqueles que relatam histórias diferentes, e que nunca viveram situações dessa natureza. Paulo, por exemplo, reconhece, no passado recente, que havia preconceito com relação a outros homossexuais, principalmente contra aqueles que davam *pinta* (*personas* efeminadas).

Eu não sentia, eu não, nunca, não me lembro de ter sido (...) isso ter me perturbado, esse preconceito, mas, que ele existia e era muito forte, existia, entendeu (...) (Paulo)

E continua a existir. Mesmo Paulo afirmando que nunca se sentiu perturbado por qualquer situação dessa natureza, que ele atribui ao fato de não ter jeito de *gay* (*persona masculina*), ele próprio parece ter incorporado as normas preconceituosas (homofobia internalizada) e julga com os mesmos argumentos outros homossexuais que levam vidas mais livres.

Se passa dois caras de mãos dadas na rua, as pessoas olham e não comentam, antigamente as pessoas olhavam e comentavam, hoje eles vêm e não comentam, mas que aquilo fere lá no fundo, isso eu posso garantir que fere (...) (Paulo)

O que pode haver de tão terrível em dois homens que manifestam afeto publicamente a ponto de ferir susceptibilidades como a que Paulo apresenta? Nunca, em nenhum momento, ele sentiu vontade de expressar qualquer sentimento de afeto com os homens com quem se relacionou? Podemos ter aqui um *senex* enrijecido preso a normas e padrões de outra época, que se recusa a olhar e se abrir para o novo. Castañeda nos lembra: “a homofobia interiorizada não tem fim: ela ressurgue, sob diferentes formas, ao longo do ciclo vital.” (2007, p. 143).

Paulo parece não se dar conta do grau de preconceito que sua fala carrega, uma fala pautada pelos pressupostos heteronormativos que se fundamentam na exclusividade das manifestações afetivas, como privilégio apenas dos heterossexuais e num constrangimento com a própria homossexualidade. Se ele vê dois homens se beijarem na rua, sente-se envergonhado.

Podemos depreender da perspectiva traçada no dizer de Paulo que:

A homofobia interiorizada, enquanto processo de opressão e vergonha de si, é um mecanismo poderoso, graças ao qual a ordem social nos contém e nos mantém sob o próprio aprisionamento, fazendo com que homossexuais se escondam e mantenham-se invisíveis, a fim de não serem identificados como pertencentes àquela categoria estigmatizada. (NASCIMENTO, 2010, p. 235)

Trata-se de uma forma indireta de preconceito contra si próprio, que por ser homossexual, se percebe como diferente (inferior) na hierarquia social, engendrando sentimentos de ser/parecer ridículo e/ou inapropriado ao expressar intimidade

publicamente, subentendendo-se que essas devem ficar restritas à esfera privada da vida.

Nesse sentido, podemos falar de uma violência simbólica:

A violência simbólica contra a homossexualidade ancora-se, muitas vezes, nessa dimensão de poder do heterossexual sobre o homossexual. Neste sentido, o indivíduo trava uma luta contra si mesmo a fim de se situar em um espaço social preconceituoso, que gera sentimentos de vergonha, sensação de permissividade, sujeira e transgressão. (MOTA, 2013, p. 4)

A mesma violência simbólica que a sociedade inflige aos homossexuais em geral, o próprio indivíduo pode se autoinfligir, ao pautar seu comportamento por esses parâmetros homofóbicos.

Rafael, por sua vez, se ofende com esse tipo de preconceito, ocasionado pela recente e crescente visibilidade homossexual, seja na rua ou pela TV, como tem acontecido:

Eu me sinto ofendido quando alguém comenta que é uma vergonha mostrar beijos e cenas gays na tv. Oras, se é uma vergonha então não assista, se você não gosta do casamento gay, então não se case com um gay (risos), se você não gosta de padre, não vá à missa. Não precisa ficar batendo sempre na mesma tecla, cada um na sua (...) (Rafael)

Conforme podemos constatar, ainda hoje existem pessoas que carregam imagens desvalorizadas de si, em função da orientação sexual, ocasionadas muitas vezes por histórias de preconceito real ou simbólico, que podem ser a expressão de vários complexos. Esse plano promove que crenças moralistas continuem pautando suas condutas e pensamentos, e produzindo, em alguns casos, sofrimentos que poderiam ser evitados, caso houvesse interesse em integrar estes conteúdos reprimidos na sombra à consciência.

Rafael se encontra no lado oposto desse espectro, e aponta para o fato de nunca ter sentido qualquer tipo de problema de consciência com relação à sua orientação:

Nunca tive nenhum problema de consciência, nunca me senti culpado ou inferiorizado (...) (Rafael)

Essa fala demonstra que existem pessoas que não viveram histórias de preconceito e discriminação, e que puderam construir uma boa estrutura de vida e imagem de si positiva. Isso se dá, também, no caso de Roberto:

Eu sempre vivi muito tranquilo com minha sexualidade, nunca tive angústia, nunca tive problemas, nunca me questioneei. Eu sempre fui uma pessoa absolutamente aberta e acho que passou da porta pra dentro a gente é ser humano, qualquer coisa vale a pena, desde que seja uma troca afetiva (...)
(Roberto)

A fala de Roberto também mostra que é possível construir uma vida satisfatória, apesar dos obstáculos pessoais, familiares e sociais que um indivíduo homossexual certamente precisa enfrentar logo nas primeiras décadas de vida. Porém, mesmo quando se chega a um acordo sobre a própria sexualidade e seu estilo de vida, isso não garante ausência de conflitos em outras áreas. Aceitar a própria orientação não significa aceitação total de todos os elementos que compõe a vivência homossexual.

Poderíamos dizer que, para algumas pessoas, a primeira etapa desse processo significa aceitar-se como homossexual, com todas as implicações e complexidades que isso significa. Para tanto, existe uma crença generalizada de que as relações homossexuais são apenas ligações sexuais, sem qualquer vínculo afetivo, como se os homossexuais fossem incapazes de estabelecer tais laços. E muitos homossexuais crêem nisso: encaram sua orientação como um aspecto puramente sexual, apenas um aspecto de eros.

Para essas pessoas, descobrir que são capazes de sentir amor por outro homem pode ser algo desestabilizador, levando-se em consideração que a construção de vidas amorosas com mulheres acabou por ser uma estratégia de sobrevivência para muitos homossexuais. Pode ser desestabilizador descobrir que eros possui múltiplas faces, gerando o dilema em aceitá-las ou recusá-las.

É preciso ponderar que a intensificação desse dilema vem também para desmistificar o senso comum.

Ao se perceber apaixonado pela primeira vez, Flávio viveu novo conflito, desta vez não estava ligado à sua orientação, mas imbricado com o sentimento que surgia com relação a outro homem.

O que estava acontecendo? Era um sentimento de amor? Eu não sabia lidar com isso. Como vou amar um homem? Essas coisas embaralhadas (...)
(Flávio)

Na sua compreensão, praticar atividades sexuais com um homem estava de acordo com a sua natureza, mas incluir aí sentimentos já não era a mesma coisa. Para

Flávio, se não houvesse sentimento, pelo menos uma pequena parte de sua masculinidade poderia permanecer incólume. Ele traz deslocamentos da sua própria subjetividade de alguma forma que a vivência de sentimentos poderia representar a integração final de uma homossexualidade da qual ele não se sentia confortável e ainda lhe parecia humilhante, daí sua resistência.

Mott, que viveu situação semelhante, dá a sua versão:

Não estava absolutamente amadurecida na minha cabeça a ideia de ser 100% homossexual. Viver junto com outro homem também me parecia uma utopia. Na época eu ainda me iludia com a fantasia de que eu era portador de uma “tendência” homossexual, sem contudo jamais admitir que eu era mesmo homossexual. (2003, p. 139)

Situação embaralhada para Flávio que requereu a ajuda de um profissional para sua acomodação e integração.

Eu fiz terapia por 5 anos, eu resolvi bem comigo, isso e não tenho a necessidade de falar pros outros, e não é pra todo mundo (...) (Flávio)

Mota lembra que “o recurso da psicoterapia é acionado pelos atores para dar conta das contradições advindas desse processo em crise, acionado pela homossexualidade e sua representação de um “eu” em desvio.” (2013, p. 5).

Mesmo conseguindo ampliar sua compreensão com relação aos sentimentos vivenciados, Flávio garante que isso não quer dizer que esteja disposto a compartilhar sua intimidade; ainda prefere manter restrita ao conhecimento de outras pessoas, na tentativa de se proteger melhor.

Até hoje eu não tenho necessidade nenhuma de falar pra ninguém, de erguer bandeira, algumas pessoas sabem, não perguntou, não falo, e depende de quem pergunta, nem sempre eu falo (...) (Flávio)

Essa decisão de não falar sobre sua intimidade pode se estender por toda a vida de uma pessoa, e inclui diversas outras próximas e importantes, para as quais pode não se sentir preparado para está espécie de desnudamento psíquico, que é a saída do armário.

E como a identificação de si se faz pelo outro, se (entre)laça pelo outro, os sujeitos permanecem na tensa contingência da sua história. Observamos isso no posicionamento a seguir:

Eu tenho muitos sobrinhos, na faixa etária jovem, adolescente e a minha mãe está com 81 anos, eu não falei pra ela há 30 anos, não vou falar hoje, não tem sentido (...) (Flávio)

Nessa linha, Sedgwick afirma que “(...) num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas.” (2007, p. 22).

No mesmo sentido, Mott esclarece que:

Cada um tem seus motivos para não se assumir, embora muitas destas razões possam ser superadas... pois na maior parte das vezes, todo mundo sabe que o enrustido é gay, mas continuam fazendo aquele joguinho hipócrita: “eu finjo que não sou e você finge que não sabe”. E a mentira e a falsidade continuam. (2003, p. 61).

Apesar de Flávio ter buscado ajuda profissional, e aparentemente resolvido algumas *questões* ligadas à sua orientação, parece que o caminho ainda não chegou a um estágio satisfatório. Aceitar-se como homossexual é só a primeira etapa desse processo, como já foi dito. É necessário ainda integrar essa perspectiva às demais, o que equivale a resgatar aspectos seus que foram reprimidos e/ou negligenciados, tais como estilo de vida, formas de expressão, desenvolvimento de estratégias de proteção, etc., integrando-os à consciência.

Enquanto houver aspectos e/ou situações ligados à orientação sexual e ao estilo de vida não integrados, não se pode falar em plenitude, muito embora, essa plenitude almejada, muitas vezes, seja apenas um ideal.

Na vida cotidiana, vivemos de forma a equacionar a relação custo-benefício, ou seja, vivemos da forma que é possível.

Sobre o tópico *preconceito*, houve manifestações de cinco dos participantes (Hélio, Paulo, Rafael, Roberto e Flávio).

Apesar de toda essa gama de conflitos e questões delicadas envolvendo a saída total ou parcial do *armário*, também existem aqueles que conseguem atravessá-los de maneira extraordinária, atestando alto grau de resiliência e capacidade de superação, tal como demonstra o excerto abaixo:

Ser homossexual, para mim, foi um presente dos deuses, não sei dizer em que sentido foi mais ou menos importante, já que eu não sei como seria ser

diferente. Se eu tivesse o poder de voltar novamente e escolher, sem dúvida que voltaria gay (...) (Eduardo)

Pode-se entender com Mott que:

Uma minoria conseguirá vencer o medo e vai não apenas vivenciar deliciosas e repetidas relações homoeróticas, como há de construir sua vida como gay assumido e feliz. Para estes, que venceram o medo de se assumir e de ser reconhecido como homossexual, o futuro é muito mais promissor e alegre do que os que por medo, continuam presos ao preconceito e à homofobia internalizada, pois o medo escraviza, e a coragem verdadeira, liberta! (2003, p. 215)

Essa expectativa de plenitude ganhou reforço mais recentemente com o aparecimento de leis antidiscriminação e as que reconhecem e legitimam os direitos básicos, como o casamento, a adoção, a divisão de bens de parceiros, a previdência, etc. Esses aspectos coletivos podem exercer enorme influência psicológica individual no sentido de igualar as pessoas no que diz respeito à cidadania, fortalecendo a dignidade e a autoestima.

Permeado por esse pensamento, o recorte abaixo retrata a questão da participação e influência das instituições que vão ao encontro dos direitos:

Os homossexuais hoje têm direitos, pela nova Constituição, e eu posso até te garantir que nós estamos mais protegidos pela lei que um macaco pelo Ibama. Ali tem a mata, você pode roubar qualquer macaco, trás para casa, deixa numa gaiola e o Ibama não vai nem ficar sabendo. Agora, se alguém mexer comigo na rua e eu tiver duas testemunhas, eu dou voz de prisão em flagrante, eu fiz Direito também, então eu sei quais meus direitos, quais são os direitos que eu tenho, como discriminado (...) (Hélio)

Na atualidade, o conhecimento que os homossexuais possuem dos seus direitos e prerrogativas, e do exercício desses para melhorar a qualidade de vida, é fruto da ampliação de forças políticas militantes, empenhadas na luta pelo reconhecimento de direitos iguais, que ao longo das últimas décadas vêm politizando e conscientizando o discurso e as práticas LGBTs.

Hoje eu não tenho dúvida de que existe antídoto contra o preconceito e ele tem vários nomes: orgulho, dignidade, transparência, perseverança, coragem e tantos outros. Vou ficar com o orgulho: orgulho de ousar dizer o nome da pessoa que se ama, orgulho de gostar de caras e não de meninas, orgulho de viver a vida, com a coragem de poder dizer para quem quiser ouvir que ser gay é ser livre do veneno do preconceito. (GARCIA, 2007, p. 113-4)

Com isso, um novo cenário pessoal e coletivo começa a se desdobrar, onde as pessoas podem almejar mais a felicidade. Chegar a uma integração dessa natureza exige coragem e perseverança na busca de uma verdade pessoal, que pode ser dolorosa e vergonhosa se filtrada pelas lentes da moral patriarcal tradicional; mas que, também, pode ser vista sob outros ângulos, despidos de preconceitos, e mais de acordo com a realidade.

Aqui se delineia uma autoimagem diferente da negativa já pautada na pesquisa:

Cabeça bem aberta, eu me acho muito feliz e legal comigo mesmo e com os demais que convivem comigo (...) (Pedro)

Esse é um discurso de alguém que consegue se respeitar, mesmo que não tenha conseguido resolver todas as questões, mas que, pelo menos, conseguiu estabelecer uma boa ligação entre o ego e o Self, e consegue viver em relativa paz consigo mesmo, no que diz respeito à sua orientação.

Nem todas as mudanças dos costumes são facilmente elaboradas e incorporadas. Há aqueles que ainda guardam doces lembranças de uma época em que as atividades homossexuais eram tabus e, exatamente por isso, mais excitantes e cheias de atrativos, confirmando o ditado popular que diz que o proibido parece ser mais gostoso.

Tal representação pode ser observada no recorte abaixo.

Eu acho que o homossexualismo (sic) hoje, seria muito diferente se não tivesse acontecido como aconteceu. Primeiro a vulgarização da mulher, por que? Naquela época, o que era mais tesão para os homens, como eu sempre gostei de transar com homens, algumas pessoas discordam e falam que eles são tão gays quanto eu, mas eu não concordo com isso. Cada um é cada um. O que era mais gostoso, o que era mais bonito, o que era mais tesão, era a mulher não deixar o homem se aproveitar dela, a pegar nos seus peitos, a masturbá-lo, a fazer coisas que não podia, talvez a masturbação até acontecia, no homem, a mulher o masturbava. Não tinha lugar, não tinha jeito, a mulher era muito protegida (...) (Paulo)

Paulo destaca o seu gosto por relacionamentos triangulares (ele – o parceiro – a namorada/noiva/esposa). Segundo ele, homens que possuem companheiras, mas que transam com outros homens, não são gays, continuam sendo heterossexuais. O que define é o papel desempenhado durante o ato sexual. O ativo pode ser um hetero que transita pelo mundo gay, sua heterossexualidade não corre risco algum. Contudo, o passivo será sempre o gay. Podemos dizer que a virilidade é determinada pelo papel representado e não pelo sexo do parceiro.

Nesse sentido:

Em certos países do terceiro mundo, um homem que penetra outro homem não se considera homossexual: ao desenvolver um papel ativo (seja com homens ou com mulheres), ele é homem “de verdade” e, certamente não um homossexual. Nessa ótica, só é homossexual aquele que é penetrado. (CASTAÑEDA, 2007, p. 24-5)

É de se ressaltar que essa crença ainda é bastante generalizada na cultura brasileira, conforme constatou o dizer de Paulo.

Disso podemos depreender que:

Entre os heterossexuais e no próprio meio gay a figura do homem ativo (bofe) é buscada e valorizada significativamente no interior das relações homoeróticas de homens passivos (bichas). Neste sentido, é no tradicional “sistema bicha-bofe” que tais denominações complementam-se a partir de uma hierarquia de práticas, aparentemente, fixas e rígidas. (DUARTE, 2013, p. 76)

Esse tipo de pensamento serve para legitimar a masculinidade do parceiro ativo: “o ‘bofe’ teria sua virilidade questionada se mantivesse qualquer relacionamento mais profundo ou duradouro com uma ‘bicha’.” (MACRAE, 2005, p. 302)

Para Paulo, a maior disponibilidade de homens para sexo se devia à grande vigilância social que protegia as mulheres de qualquer atividade sexual antes do casamento. Assim, pensa ele, os gays inclusive cumpriam uma função social importante de proporcionar sexo a homens impossibilitados de se satisfazerem com suas companheiras. Na sua concepção, essa ideia legitima as práticas homossexuais, mas não a homossexualidade como estilo de vida, que deveria continuar clandestina, conforme já vimos anteriormente.

A visão de Paulo a respeito da homossexualidade atesta que internalizou as concepções homofóbicas, o que faz com que ele esteja sempre pronto a defender o ponto de vista heteronormativo em detrimento das outras categorias. Não nos espanta também que sua visão a respeito da mulher seja machista e conservadora. Paulo não vê com bons olhos as conquistas femininas e LGBTs.

No fundo, sua recusa em se abrir para o novo pode mascarar um *senex* ressentido pelo mundo que perdeu e um bloqueio para qualquer expressão do *puer*, que se vê sufocado. O seu tempo é aquele que já não existe mais, é no passado.

A vivência homossexual, principalmente nos primeiros anos de vida, ainda guarda adversidades e obstáculos a serem superados, que muitas vezes se prolongam

vida afora, na forma de traumas e complexos, dificultando relações consigo próprio e com outras pessoas.

O que se mobilizou nessa categoria de análise é que o desenvolvimento, de modo geral, segue o curso rotineiro, independente da orientação. Apesar disso, para o indivíduo homossexual, os desafios são de outra ordem, quase sempre ligados ao preconceito com relação ao diferente e às estratégias necessárias à sua superação e/ou acomodação.

Assim, é necessário ressaltar o alto grau de resiliência desses homens, que conseguiram construir suas vidas e as consideram satisfatórias atualmente (11 participantes), apesar dos problemas que tiveram de enfrentar desde cedo e que, em muitos casos, ainda não foram resolvidos. Apenas Hélio declara não ter uma vida atual satisfatória, atribuindo suas dificuldades unicamente às consequências físicas da idade e não à sua personalidade extrovertida e explosiva, conforme veremos logo mais.

2 Família

Atualmente a família passa por uma grande mudança com o modelo patriarcal em transformação e o surgimento de novas configurações.

Para a maioria destes homens, o modelo familiar experimentado foi o autoritário, baseado no pai-patriarca, a constelação máxima do arquétipo. Nesse modelo, mais do que exercício de poder e violência, que efetivamente representava, também deixou enorme prejuízo a distância emocional e afetiva que o pai mantinha de seus filhos. O pai deveria ser respeitado e temido, não amado.

Até mesmo para os homens esse papel era penoso e exigia esforço permanente na manutenção de uma imagem baseada na virilidade e na força. Muitos sucumbiam nessa empreitada.

A família, como centro desse modelo, é uma instituição contraditória por natureza. É nela que nascemos, somos acolhidos nesse mundo, e que forma a base da nossa existência, contribuindo substancialmente para a formação dos nossos (pré)conceitos, pela nossa visão de mundo e pela maioria das crenças que temos e que levamos por toda vida (HOLLIS, 1995, p. 12). Também é nela que podem acontecer as piores formas de violência e agressão, que deixam marcas para sempre.

Flávio foi uma dessas vítimas:

A minha relação com o meu pai era muito difícil, meu pai se tornou um alcoólatra e foi ficando cada vez mais difícil, e eu não tinha, na época, a instrução, a orientação de que o alcoolismo era uma doença, eu achava que o alcoolismo era sem-vergonhice. Se eu tivesse a consciência que tenho hoje, talvez não tivesse deixado meu pai pra lá, teria tentado trazê-lo para um tratamento. Mas eu não tinha essa percepção, não tinha esse conhecimento, isso não aconteceu (...) (Flávio)

A dificuldade de ter um pai alcoólatra não tem tamanho. Toda a família se desestrutura junto com ele, que representa a base do sistema patriarcal. E não há nada que possa amenizar uma situação que terminou na forma de sofrimento, dor e separação. Apenas se aprende a conviver com essa lembrança dolorosa. Não podemos nos esquecer que os pais exercem a função de modelos de vida, tanto positiva quanto negativa (função arquetípica); e que o alcoolismo pode ter um fator emocional preponderante na estruturação das relações.

O arquétipo paterno é rico em experiências dessa natureza e pode se aliar a outros arquétipos, tais como o *herói negativo*³⁵ (ZOJA, 1992, p. 21) e o próprio Dionísio (ou o Baco romano), com sua força devastadora. A influência desses arquétipos faz com que os alcoólatras experimentem o lado jubiloso de Dionísio, sentido como o grande libertador (é o que o álcool faz: derruba as inibições), para em seguida sentir também seus aspectos mais sombrios, tais como a loucura, selvageria e destrutividade (FORTIM; ARAÚJO, 2013, p. 15).

Mediante tal reflexão, vemos que

O alcoolismo parental tem sido apontado como um dos fatores de risco para o desenvolvimento de crianças criadas nesse contexto. Alguns estudos têm mostrado que os filhos de alcoolistas apresentam-se em desvantagem quando comparados com filhos de não-alcoolistas, em uma série de domínios: déficit cognitivo, autoestima baixa, dificuldades acadêmicas, problemas de comportamento, dificuldades emocionais e de relacionamento. (SOUZA; JERONYMO; CARVALHO, 2005, p. 191)

Parte dos problemas que atualmente Flávio vivencia, conforme veremos logo mais, pode estar relacionado a esse trauma específico, incluindo a culpa que sente por não ter compreendido e ajudado seu pai no passado.

³⁵ “A necessidade arquetípica de transcender o próprio estado a qualquer preço, mesmo às custas de meios danosos para a saúde física, é particularmente forte em quem mais sofre de uma condição insignificante, sem identidade e papel precisos.” (ZOJA, 1992, p. 21-2)

Tiago também relata problemas com seu pai, mas os seus são de outra ordem. Não havia intimidade nenhuma com ele, embora suas ideias e opiniões tivessem um peso considerável.

Segue seu dizer:

Eu tinha uma dificuldade de relacionamento com meu pai, tudo o que ele falava me afetava muito, eu não conseguia ter um papo de amigo com ele (...)
(Tiago)

O pai quando se coloca distante dos filhos (conscientemente ou não) também pode exercer grande influência sobre eles, principalmente porque nesses casos é comum não haver comunicação eficiente. A relação pai-filho acaba por se basear em não-ditos, não-expressos, não-manifestos, que podem se transformar em interditos. Se não há comunicação, os afetos se tornam embotados, presos, engasgados, e a tensão se cria entre o desejo que não se expressa, envolvido por uma espécie de membrana psicológica impermeável e fria. Apesar disso há ainda a expectativa de que essa membrana se rompa, permitindo algum fluxo afetivo, o que raramente acontece.

Nessa circunstância, um menino pode esperar ansiosamente por reconhecimento, a partir de comportamentos que julga agradar ao exigente ou ausente pai. E esse reconhecimento pode nunca acontecer, a despeito de todo esforço que pode ser empregado pelo filho.

Zoja diz que “o pai ideal deveria favorecer o crescimento, a diferenciação e a autonomia dos filhos” (2005, p. 266). A visão desse teórico traz questionamentos. De que forma? Destruindo os últimos vestígios do sistema patriarcal antigo e estabelecendo uma nova forma de relação, por meio do diálogo e da proximidade numa relação íntima de pai/filho, o que não aconteceu entre Tiago e seu pai. Zoja continua falando de um verdadeiro “genocídio de pais”. Diz ele: “O pai destina cada vez mais dinheiro aos seus filhos, porém cada vez menos tempo. Ele conta os recursos financeiros *para* a vida do filho, mas conta sempre menos *na* vida do filho” (2005, p. 207).

Tiago perdeu o pai quando tinha 18 anos. A partir daí teve que aprender a ser seu próprio pai. Não foi um percurso fácil e ainda não chegou ao término esse processo. Mesmo atualmente, com 60 anos, quando passa por situações difíceis, daquelas bem complicadas, em alguns momentos se pegou desejando o apoio e a força que só um pai poderia lhe dar. É aquela sensação de desamparo que uma criança sente quando se vê sozinha num lugar desconhecido, e, de repente, surge o pai para lhe salvar. No seu caso,

o pai nunca veio em seu socorro fortalecendo a sensação de desamparo que teima em persistir. Por isso, ele teve que aprender a respirar fundo e a seguir em frente, apesar desse buraco, que dói cada vez menos, mas que parece nunca desaparecer totalmente.

A dificuldade de intimidade na família também é a reclamação de Rafael:

Eu sempre tive mais conversas com estranhos do que na família mesmo, em tudo. Hoje com a idade que tenho, há um diálogo aberto com a minha mãe, que está muito idosa, mas mesmo assim, não é tudo o que conversamos (...)
(Rafael)

Se não existiu diálogo no início da vida entre os pais e seus filhos, isso se torna mais difícil de acontecer em outros estágios, como nos fala Rafael a respeito de sua mãe idosa, atualmente. Até pode ser construído, embora sempre paire a sombra de assuntos que não são mencionados, que continuam guardados no “armário”. Há diálogos, mas também há interditos.

Salientamos que:

O preço da clandestinidade (seja ela parcial ou total), portanto, é muito elevado. Inúmeros estudos mostram, de fato, que os homossexuais estão com melhor saúde, tanto física como mental, na medida em que saem da clandestinidade. Observou-se que os homossexuais que assumem publicamente sua orientação, sobretudo para sua família, são muito menos expostos à depressão, à ansiedade e à somatização; sua autoestima e sua capacidade de relação com o outro são bem mais desenvolvidas. (CASTAÑEDA, 2007, p. 110-1)

Essa clandestinidade parcial (*persona*) pode provocar uma corrida pela autossuficiência como modo de afirmação tanto para a família como para a sociedade, podendo aumentar o fosso que separa o indivíduo de sua família biológica, e reforçar a dissimulação, no âmbito das relações. É necessário fingir para ser aceito, respeitado e considerado e não constranger os outros.

Outro argumento que reforça essa visão pode ser destacado, a saber:

Eu nunca contei para minha família, mas sei que eles sabem, eu não sinto necessidade de falar (...) (Tiago)

Castañeda esclarece “que não se pode assumir plenamente a homossexualidade se esta for dissimulada, sobretudo para a família (...)”. Além disso, enfatiza que “um homossexual não pode (...) acessar a maturidade a não ser assumindo-se como tal.”

(2007, p. 111). Mas também temos que reconhecer que cada história guarda sua singularidade, seus personagens e contextos.

E existem também aquelas famílias que de fato funcionam como tais, acolhendo as demandas de seus membros, mesmo que de forma imperfeita, mas preservando os vínculos e acolhendo seu filho homossexual, sem impor-lhe qualquer ônus por isso, como menciona Eduardo:

A minha família é a minha base existencial (...) (Eduardo)

Base a partir da qual ele pode se manifestar afetiva e livremente, justificando, assim, a tranquilidade de seu processo de desenvolvimento e aceitação. Se a família se preocupa mais com o filho do que com sua orientação sexual, este tem grandes chances de não desenvolver inúmeros complexos comuns a indivíduos homossexuais, tais como os ligados à baixa autoestima, ansiedade, repressão, controle exagerados, dentre outros.

A família de Pedro também parece articular o mesmo caráter:

Sou muito feliz por ter a família que tenho, eles me consideram bastante, tenho muito carinho da parte deles e também retribuo, somos muito queridos entre nós (...) (Pedro)

Nesse sentido, Garcia afirma que “a família pode ajudar muito um menino ou menina gay. Pode e deve encarar esta questão com normalidade. Não se foge de desejos, mas podemos fugir do medo com ajuda principalmente da família.” (2007, p. 34).

Assim como a família ajuda na adaptação ao mundo na primeira infância, pode também auxiliar o indivíduo homossexual a se aceitar e integrar os demais aspectos de sua orientação à consciência, tais como estilo de vida, escolhas afetivas, etc., contribuindo para minimizar alguns traumas que são inevitáveis, provindos do exterior.

Mauro também relata ter uma família extraordinária em termos de aceitação e acolhimento:

Graças a Deus nunca me cobraram absolutamente nada, nem namoro, nem noivado, nem casamento e nem neto e eu sendo filho único (...) (Mauro)

A vivência homossexual, ainda difícil em nossa sociedade, pode ser melhor vivida se houver apoio e aceitação familiar, conforme vimos mobilizado nos dizeres analisados.

Esse tema foi mencionado por seis dos participantes, sendo que desses quatro (Flávio, Tiago, Rafael e Pedro) vivem parcialmente no *armário*, enquanto Eduardo e Mauro não escondem nada de suas famílias.

6.2.2 Sexualidade e relações afetivas e de trabalho

Nessa categoria analisamos a maneira como os participantes entendem sua sexualidade e como ela afeta os relacionamentos que estabelecem, bem como as consequências nas relações profissionais, evidenciando, ainda, diferenças entre as áreas pública e a privada.

Ainda no âmbito dos relacionamentos, essa categoria aborda o tema da amizade, constituindo a família escolhida no universo homossexual, e sua importância.

1 Sexualidade e relacionamentos

A sexualidade propriamente dita e a possibilidade de estabelecimento de parcerias sexuais e/ou afetivas parece ser um ponto importante da existência humana, arquetipicamente falando, e é uma área complexa porque envolve gostos, desejos, expectativas e preferências particulares e variados, que vão definir os caminhos durante a existência (HOPCKE, 1993, p. 142).

Nesse aspecto, o que primeiro se evidencia para a conquista de parcerias, seja para encontros sexuais ou para relacionamentos mais duráveis é a aparência física, ou seja, como o indivíduo é na concretude do corpo, capaz de despertar atratividade ou não.

Existem várias evidências de que os homossexuais “(...) costumam (independente da idade) valorizar bastante a aparência física, a juventude e a beleza ao escolherem seus parceiros sexuais.” (PONTES, 2011, p. 73). Com isso, podemos afirmar que existe uma cultura de valorização desses atributos, embora não se possa generalizar. Afinal, somente os homossexuais é que valorizam estas características? Me parece que a sociedade ocidental atual busca tais elementos em demasia, e parcela considerável da comunidade gay adere a essa demanda, assim como parcela considerável de heterossexuais também. Portanto, não podemos falar de uma preferência exclusivamente homossexual.

As experiências da sexualidade e afetividade começam no próprio indivíduo, ao se sentir desejante, vivo e disponível para tais envolvimento.

Você sai na rua, vê pessoas bonitas (...) (Roberto)

O desejo começa pelo olhar, e isso pode ser fonte de muita satisfação ao produzir a sensação de estar vivo e participante do mundo das relações.

O outro lado da moeda é que aquele que vê, também é observado. O desejo é uma via de mão dupla.

Você é uma pessoa de boa aparência, você esta com um corpo, eu tenho a estrutura óssea fina, magro, então você é olhado, paquerado, desejado (...) (Flávio)

Flávio alia seus atributos físicos ao desejo que desperta. Eduardo também se diz desejado. Para ele o fato de ser comprometido é que chama a atenção de outras pessoas.

Sou olhado, desejado, algumas pessoas mais ousadas, mesmo sabendo que sou comprometido, ainda insistem, ainda sou assediado (risos) (...) (Eduardo)

A boa aparência, além da generosidade da natureza, pode ser fruto de cuidados, de atenção para com o corpo e suas demandas.

Eu tenho uma boa aparência, mesmo com a idade que tenho. Eu me cuido, faço exercícios, me mantenho em forma (...) (Eduardo)

Nesse aspecto o homem gay parece ter alguma vantagem. O ideal machista reforça a convicção de que a preocupação com a aparência não é muito masculina, é coisa de mulher, embora atualmente muitos homens heterossexuais estejam ultrapassando essa barreira³⁶. Os homens gays, como já superaram esse preconceito, podem desenvolver uma boa noção estética e de cuidados com o corpo, e de uma forma ou de outra, o tema sempre aparece nas conversas entre os amigos e conhecidos.

Contudo, quando o assunto é corpo, a satisfação total pode ser uma meta difícil de ser alcançada. Há sempre algo que pode ser melhorado, modificado, transformado.

³⁶ Atualmente as indústrias da beleza estão investindo no segmento estético masculino, com o lançamento de produtos específicos para este público, tratamentos estéticos, moda e estilos de vida.

Eu me sinto confortável com minha aparência, a única coisa que me incomoda é a barriga (risos) (...) (Mauro)

Mesmo assim, essas *imperfeições* físicas, tais como a que Mauro menciona, podem ser encaradas com muita leveza e acompanhadas de risos, a ponto de não torná-las problemas.

Como todas as demais áreas da vida, a sexualidade também comporta práticas e expectativas muito diferentes.

Os homens, de modo geral, possuem mais acesso ao sexo do que as mulheres, permitindo maior número de experiências, e melhores condições de escolha de modelos de relacionamento que possam lhes trazer satisfação.

Eu nunca pensei na minha sexualidade sem o afeto junto, sem que seja num relacionamento, não gosto de sexo por sexo, não curto putaria, já fiz, claro, mas não é o que me agrada (...) (Tiago)

Não se trata de condenar o sexo pelo sexo, mas sim de fazer escolhas, opções. Se, como pensamos, a orientação sexual não é uma escolha, o modelo de relacionamento, por sua vez, passa pelo campo das preferências, e mesmo que seja inconsciente, nessa área podemos fazer escolhas. Construimos relacionamentos através dessas escolhas: quando alguém nos pede em namoro ou casamento, podemos, na grande maioria das vezes, dizer *sim* ou *não*.

Alguns preferem o sexo livre, sem compromisso, sexo por prazer mesmo; outros já optam pela tranquilidade de um relacionamento estável, que também pode se concretizar de diferentes formas. Além disso, a escolha de um estilo ou de outro nunca é uma questão fechada, podendo comportar idas e vindas.

As opções incluem a faixa etária do parceiro também:

Eu sempre tive preferência por mais velhos do que eu, são pessoas mais responsáveis, mais amadurecidas (...) (José)

Nesse mesmo sentido, Eduardo diz que:

Eu sou suspeito de falar, porque sempre preferi homens mais maduros, mesmo quando era jovem. Então, meu companheiro tem a mesma idade que eu, não conseguiria me relacionar com jovens, por isso, acho os maduros muito mais atraentes e desejáveis (...) (Eduardo)

O relacionamento entre um jovem e um homem maduro é arquetípico e remete ao relacionamento de Ganimedes e Zeus³⁷, dentre outros casais famosos (por exemplo: Hermes e Perseu, Laio e Crisipo, Apolo e Admeto, Hércules e Iolau, etc.), e a toda cultura educacional grega, onde um homem mais velho se relaciona com outro mais jovem, e nessa relação, além do caráter sexual, também sobressai o educativo, por meio do qual experiências de vida e conhecimentos podem ser transmitidos ao jovem.

Além disso, não podemos nos esquecer do outro arquétipo que aqui se manifesta quase literalmente: o *puer* e o *senex*, interagindo dinamicamente a partir dos parceiros de diferentes idades.

Atualmente, além de uma infinidade de meios de socialização representados pelas redes sociais, podemos destacar a grande segmentação das preferências e opções dentro do universo maior que é a homossexualidade: “(...) é fato que, na cultura gay, o homem em envelhecimento se torna alvo de desejo afetivo-sexual de alguns jovens que se interessam pelo denominado ‘paizão’.” (NASCIMENTO, 2011, p. 144). Esse relacionamento arquetípico pode propiciar crescimento aos parceiros com a integração das polaridades do *puer* e do *senex*.

A partir dessa realidade, as opções para o encontro de parceiros sexuais/afetivos se ampliaram muito com o desenvolvimento tecnológico atual.

A demanda sexual está ótima pela internet, sempre aparece alguém interessado (...) (Mauro)

A *internet* veio contribuir para a liberdade das práticas sexuais e dos possíveis relacionamentos, com a incrível capacidade de reunir pessoas com compatibilidade de gostos e preferências, além de propiciar o encontro e reencontro de amigos:

Hoje em dia com o facebook³⁸ você mantém contato, você descobre, hoje eu tenho contato com gente que eu não falava, que eu não via há 30 anos, uma maravilha (...) (Carlos)

³⁷ “Ganimedes foi um belo jovem troiano que se viu levado ao Olimpo para servir como criado de Zeus e, de acordo com a maioria dos relatos, também como seu amante. Foi sequestrado ou por um pé de vento, ou pela águia de Zeus. Este enviou depois Hermes para consolar o pai do rapaz com alguma notícia do paradeiro do filho e para recompensá-lo pela perda com um par de belos cavalos (ou uma videira de ouro, conforme a versão).” (BOLEN, 2002, p. 81)

³⁸ Rede de relacionamento virtual bastante conhecida.

O *senex* quando dá espaço para manifestação do *puer* se encanta com as novidades e pode manter acesa a chama da curiosidade e contribuir para o aprendizado constante em todas as fases da vida.

Obviamente que a idade propriamente dita vai produzindo modificações nos relacionamentos e na forma como os indivíduos vivem e interagem.

Com a idade a sexualidade se modifica e muito, mas pode continuar sendo tão satisfatória quanto antes, só não na mesma intensidade (risos) (...)
(Eduardo)

As modificações pelas quais passamos constantemente, contudo, não são resultado apenas da idade, vários fatores podem contribuir para períodos melhores ou piores. Rafael reclama de sua vida sexual na atualidade, lembrando de um tempo em que já foi melhor:

Minha vida sexual já foi melhor, hoje falta alguém que me deseja (...)
(Rafael)

Sua reclamação tem fundamento, recentemente viu seu último relacionamento terminar e ainda elabora o luto por isso, e podemos perceber que sua reclamação se refere à não-ocorrência das relações, mais recentemente, e não à sua capacidade efetiva de praticar sexo.

Nem todos, porém, conseguem acompanhar o ritmo das modificações culturais, sociais e tecnológicas e acabam se sentindo deslocados, como se não fizessem parte do mundo atual.

Eu me sinto deslocado no tempo, porque eu sou 100% careta, eu não bebo, não fumo, não uso drogas, nunca usei drogas na minha vida, nenhuma para experimentar (...) (Paulo)

O *senex* que nega a polaridade do *puer*, ou o reprime muito, pode acabar arrumando desculpas para suas dificuldades pessoais, além de deixar à mostra atitude de afronta aos costumes atuais, de clara rebeldia contra essas mudanças.

Muitos percebem tais mudanças sentindo-se rejeitados em função da idade, colocando-se do lado oposto a estes imperativos sociais de padrão estético.

As gerações mudaram, as pessoas estão se assumindo muito mais cedo, há uma liberdade bem maior, e eu sinto, no aspecto sexual, a rejeição por ser

velho, no conceito de pessoas mais novas ou as próprias pessoas da minha idade preferem os mais novos, na maioria, eu já senti isso. E os mais novos, não querem os mais velhos, entra nesse aspecto físico, eu não sou uma pessoa preocupada com ter o corpo sarado, ginástica, etc. e as pessoas, na sua maioria, buscam muito por corpos ou buscam muito parceiro pra que você o sustente (...) (Flávio)

Além dessa inconformidade física assumida, Flávio toca num outro assunto espinhoso: o das trocas sexuais e afetivas motivadas por interesses financeiros, que embora possa ocorrer, não é uma norma nesse universo.

Ainda é uma ideia comum se pensar que um casal com grande diferença de idade envolve trocas financeiras e/ou algum outro tipo de benefício. “Enquanto homossexuais, podemos ainda contar com outra possível vantagem: a existência de jovens gays que, desinteressadamente, curtem homens mais velhos, alguns preferindo inclusive os de cabelos brancos, barrigudos, etc.” (MOTT, 2003, p. 50).

Os participantes destacaram que repudiam a ideia de envolvimento financeiro, ainda que o preço a pagar seja a solidão.

Eu venho de uma frustração de passar por situações de pessoas que queriam que eu sustentasse, ou que me rejeitavam por ser velho, fui me isolando, me fechando (...) (Flávio)

O *senex* rígido se manifestou quando Flávio percebeu que seus sentimentos poderiam se transformar em moeda. A rigidez pode congelar a pessoa na situação em que se encontra, não permitindo novas investidas, novos empreendimentos afetivos por medo de se magoar, o que é bastante possível. Mas, o isolamento e a solidão também não produzem dor?

Dificuldades desse tipo podem bloquear o caminho do desenvolvimento de relacionamentos e praticamente parar toda a vida afetiva e sexual. Se é difícil ser rejeitado, pelo motivo que for, mais difícil ainda pode ser descobrir que o que atrai o outro não passa pelo plano dos afetos e sentimentos, e sim pelo interesse econômico. Evidentemente que situações como essa podem constelar complexos de inferioridade, de menos-valia, etc., acentuando as dificuldades já relatadas por Flávio até aqui.

Neste momento, eu estou meio de saco cheio de estar vivendo a vidinha que tenho levado, eu quero consertar isso, quero melhorar, eu quero me abrir, quero ter alguém, eu quero conhecer alguém, dar a oportunidade pra alguém, ter a oportunidade para conhecer uma pessoa pra ter um relacionamento, isso está me fazendo muita falta e eu quero consertar exatamente esse bloqueio, esse desvio, isso eu quero muito (...) (Flávio)

O relato de Flávio evidencia que mudanças internas já estão acontecendo. Ele não está satisfeito com a vida que leva e parece estar disposto a mudar, se abrir mais para as possibilidades e buscar um companheiro. O primeiro passo já foi dado: sua motivação!

Mas nem todos estão dispostos a sofrer em nome de relacionamentos. Por conta disso, muitos buscam apenas por sexo, sem envolvimento afetivo:

Sou uma pessoa que procura muito, eu vou à luta, gosto da noite, porque na noite tudo acontece, eu tenho tido vários relacionamentos passageiros, sem sentimento, e a oferta, para mim, está excelente (...) (Pedro)

Quando Pedro menciona *relacionamentos passageiros sem sentimento*, está se referindo a homens que se encontram em determinados lugares com a intenção exclusiva de praticar sexo.

Esses lugares podem ser ruas mais tranquilas, banheiros públicos ou lugares específicos onde tradicionalmente acontece uma procura extensiva³⁹, geralmente frequentado por homens, não raro portando alianças, que buscam apenas por sexo, muitos deles se autodeclarando como heterossexuais, por praticarem apenas o papel ativo no sexo (MACRAE, 2005, p. 302). Essa é uma das formas de relações clandestinas.

Diz ele

Simplesmente sexo bom, sem envolvimento, uma coisa mais bruta mesmo, acabou, fez, tchau, tchau, não quero nem saber nome, onde mora (...) (Pedro)

Geralmente existe um acordo prévio sobre as preferências no ato sexual e cada parceiro já sabe o que esperar do outro, em termos de dar e receber prazer. Nesses encontros a regra é que cada parceiro esteja interessado em seu próprio prazer, não se preocupando com o parceiro ou qualquer tipo de intimidade, que deve ser evitada.

Quanto a relacionamento fundamentado no amor e no companheirismo, Pedro diz que já experimentou:

Eu já vivenciei e foi bom (...) (Pedro)

³⁹ Usualmente denominado por eles de *caça*.

Contudo, ele tem uma preferência bem específica desde a juventude:

Não é preconceito, mas não faz a minha cabeça, a faixa etária para me relacionar tem que estar entre os 20/30 anos, mais que isso, pra mim, não me atrai sexualmente (...) (Pedro)

Para Mota “o desejo por homens mais jovens aparece por simbolizar o que se perdeu com o tempo: o tônus muscular, a vitalidade e a sexualidade espontânea” (2013, p. 7)⁴⁰.

Por mais que isso possa ser uma verdade, outros fatores também podem se juntar para dar o formato final, como é o caso de Pedro. A fixação de sua preferência tanto guarda raízes na tentativa de reter uma juventude que se esvai (*puer*) quanto uma preferência mantida por toda a vida. Sua predileção por jovens não é preconceito contra os mais velhos:

Pessoas mais idosas, mais ou menos a minha faixa etária, que talvez daria um bom relacionamento, não faz muito a minha cabeça, não é o meu número (...) (Pedro)

E reconhece também o grande problema que gira em torno da diferença de idade e a questão dos envolvimento financeiros, como já referido:

Os mais jovens querem levar alguma vantagem financeira nisso e eu não sou de ajudar ninguém, porque ele vai ter o mesmo prazer que eu, acabou, tchau, tchau (...) (Pedro)

Apesar de sua preferência bem delimitada por parceiros mais jovens, não busca por relacionamentos de modo a evitar os possíveis envolvimento com interesse. Justifica assim sua decisão:

Então é justamente por isso que eu não quero um relacionamento (...) (Pedro)

E arremata

Eu não quero relacionamentos afetivos, mas os sexuais, sim, quanto mais, melhor (risos), eu ainda sou bastante ativo em termos sexuais, sou meio até maníaco sexual (risos), por mim eu faria sexo toda noite, mas nada de sentimento (...) (Pedro)

⁴⁰ No mesmo sentido: PONTES, 2011, p. 62.

A fala de Pedro deixa à mostra uma face do *senex* bastante acentuada. Seu corpo envelheceu, porém ele continua preferindo jovens, e mais do que isso, não integrou o *puer*, que acaba projetando nos jovens com quem faz sexo, e essa não integração do *puer* se manifesta na recusa de estabelecimento de relações íntimas, porque essas demandam compromissos que ele não deseja assumir. Suas justificativas giram em torno de uma política dos prazeres, mas não dos sentimentos.

Garcia afirma que estas “(...) relações clandestinas são sempre perigosas e assustadoras. Não se sabe o que pode acontecer e com quem você está lidando. O desejo nos leva a lugares impensáveis apenas para gozar (...)” (2007, p. 69). O perigo, o medo e o desconhecido passam a ser os ingredientes de uma excitação sempre crescente e viciante, fazendo com que se incorporem rapidamente aos hábitos; por outro lado, constitui uma grande vulnerabilidade em termos de contágios e exposição à violência.

Continuando o autor conclui: “os riscos estão presentes na vida gay, pois suas opções são escassas para conhecer outros caras” (GARCIA, 2007, p. 95).

Apesar de ser cada vez menos verdade essa afirmação, podemos pensar que foram tantos anos de repressão e perseguição, que acabou por haver uma interiorização dessas condutas de risco, tornando-as parte do imaginário homossexual e provocando a integração de novas características ao arquétipo do relacionamento entre iguais.

Além disso, o comportamento de Pedro pode parecer promíscuo ou impróprio aos olhos dos mais moralistas, por entender que são comportamentos não convencionais e que expõe a constantes riscos. Por mais que esses argumentos possam ser verdadeiros, esse modo de agir também pode ser entendido como resiliente, já que originário de uma circunstância de vida não satisfatória.

O conceito de resiliência oculta nos ensina que os caminhos de acesso a esse fenômeno podem ser plurais e inesperados, pois podemos encontrar histórias de sobrevivência que não seriam celebradas quando vistas pelo olhar de um observador externo. (LIBÓRIO; UNGAR, 2010, p. 481)

Isso significa que o indivíduo busca, a partir de seus recursos internos e externos, os melhores meios disponíveis para o seu bem-estar, afastando o que julga nocivo ou sem interesse.

Nesse sentido, para muitos homossexuais: “A aventura e o gosto pelo desconhecido continuam a ser prezadíssimos condimentos de uma ‘transa’.” (MACRAE, 2005, p. 305).

E, só para lembrar, Mota nos chama atenção para o “(...) quanto que tais indivíduos constroem sua consciência sobre formas de dominação e opressão ligadas a uma sexualidade tomada como estigma” (2013, p. 5). Ou seja, pelo fato de ser considerado como marginal, ao mesmo tempo, o eros homossexual pode tanto repelir quanto fascinar. Ao mesmo tempo em que se sente marginalizado pelo estigma social, também só se consegue sentir prazer de forma marginal e exótica.

Nesse sentido:

Banheiros públicos e coletivos oferecem uma liberdade de interação com o corpo alheio muito maior do que em nossa realidade reprimida. Com suas libidos afloradas, o sexo nesses determinados espaços oferece uma pequena liberdade aos que decidem praticá-lo, pois esses não estão à mostra de qualquer pessoa, e também porque essas práticas não caracterizam na sua vida social, etiquetas com relação a sua orientação sexual. (MARTIN, 2014, p. 7)

Mauro também não procura relacionamento, apenas sexo, mas seus motivos são outros.

Eu procuro só sexo mesmo, eu não quero relacionamento, isso não faz parte dos meus planos, eu jamais seria fiel com alguém e o que não quero para mim, não quero para os outros. Mesmo que eu achasse uma companhia que aceitasse esse tipo de coisa, eu não ia ficar bem, eu sou um solteiro convicto, completamente, isso daí [relacionamentos] nunca me passou pela cabeça (...) (Mauro)

Quando afirma ser *solteiro convicto*, Mauro realça a voz para deixar bem claro sua afirmação. Sente-se bem sozinho e atribui essa disposição ao fato de ser muito egoísta, desde pequeno. Atribui essa característica ao fato de ser filho e neto único e não a vê como negativa. Todas as atenções da família sempre se voltaram para ele. E, embora ele tenha consciência disso, parece encarar mais como virtude do que como defeito. Sua vida foi estruturada em torno dessa característica, em todos os planos.

Eu sou extremamente egoísta, se tiver que haver mágoa, vou magoar o outro, não vou me magoar, nunca, eu nunca vou fazer o que eu não quero (...) (Mauro)

Esse egoísmo significa que sempre pensa em si em primeiro lugar, se colocando como prioridade absoluta. Nessas condições, não existe espaço mesmo para outra pessoa em sua vida.

Eu quero ter prazer e eu nunca estou preocupado com o prazer do outro, isso eu sei que é uma coisa egoísta minha, nunca vou deixar de ser assim, eu em primeiro lugar (...) (Mauro)

Quando a solidão aponta, porque até um solteiro convicto e egoísta assumido se sente só em alguns momentos, a tecnologia supera todos os obstáculos como importante fonte de recursos para administrá-la:

Tem horas que eu sinto falta, pra poder conversar, uma série de coisas, mas aí vou pra internet e converso com conhecidos, desconhecidos, falo tudo o que eu tenho vontade e pronto (...) (Mauro)

Prático assim! Lins diz que:

A condição essencial para ficar bem sozinho é o exercício da autonomia pessoal. Isso significa, além de alcançar nova visão do amor e do sexo, se libertou da dependência amorosa exclusiva e “salvadora” de alguém. O caminho fica livre para um relacionamento mais profundo com os amigos, com crescimento da importância dos vínculos afetivos. (2012, p. 312)

As pessoas que separam sexo e afeto continuam necessitando deles como qualquer outra, apenas buscam em fontes diferentes e separadas. Algumas pessoas podem ser parceiros sexuais; outras podem ser amigos, mais chegados, e com esses as trocas afetivas acontecem.

Paulo também aponta os relacionamentos afetivos como problemáticos porque

Sempre tem interesses (...) (Paulo)

Ele se refere mais aos interesses econômicos, que podem se sobrepujar, embora possa haver outros. Mesmo assim, se considera romântico, ao seu modo particular:

Eu sou do tempo que guardava papel de bala, eu tenho em casa, ele [seu último parceiro] me dava bombom, eu tenho lá em casa guardado, embalagens, caixas de bombons, n coisas, relógios, presentes, tem dia que tenho vontade de jogar tudo fora (risos) (...) (Paulo)

Contudo, as preferências de Paulo implicam envolvimento mais sexual que afetivo, conforme já vimos, com a diferença de durarem, o que o diferencia de Pedro e Mauro que preferem os encontros episódicos, e não haver nenhum acordo quanto a fidelidade dos parceiros: ele pode se envolver sexualmente com outros homens e seu parceiro com outras mulheres. É o que se chamava *em sua época* de *amizade colorida*.

Lá atrás, quando eu vivi, quando as pessoas da minha idade viveram seus relacionamentos, nós fomos muito felizes com os nossos relacionamentos daquela época e daquela forma [triangular, ele – o parceiro – a namorada/noiva/esposa] (...)
(Paulo)

Com ênfase nas atividades sexuais, ele diz:

Eu busco um relacionamento, não um casamento (...) (Paulo)

Casar (ou relacionar-se mais intimamente) não lhe interessa: o que deseja é um parceiro sexual para encontros rotineiros. “Como parte da constelação de atitudes em torno da dicotomia “bicha/bofe”, há a tendência a compartimentalizar as emoções, separando a atividade sexual do mundo afetivo” (MACRAE, 2005, p. 302). Parece que está é a dinâmica de Paulo. De alguma maneira ele se cristalizou numa forma primária de relacionamento, que permite apenas o envolvimento sexual, e até um certo grau de afeto, manifestado pela troca de presentes (bombons, relógios, etc.), mas desde que no âmbito privado, ou seja, numa outra forma de relação clandestina. Ele não evoluiu para formas mais complexas de relacionamentos, estando ainda sob o domínio de um *puer* que se recusa a crescer, a avançar para as próximas etapas.

Enquanto não houver integração dos aspectos ligados à orientação sexual, tais como autoaceitação, estilo de vida, derrubada de tabus e interditos, desenvolvimento da espontaneidade, etc., a vida continuará a ser vivida na clandestinidade e nas sombras. Por outro lado, quando houve a integração, esses conteúdos saem da sombra e despontam na consciência como potencialidades, expandindo os horizontes e propiciando relações mais verdadeiras, independente da duração, já que os ritmos e dinâmicas podem ser um pouco diferentes para os homens gays.

Nesse sentido, Garcia afirma que: “para mim nunca importou a quantidade do tempo, mas a qualidade em que o tempo estava sendo vivido” (2007, p. 26). E prossegue: “o tempo na vida gay tem um ritmo muito diferente da vida heterossexual,

você pode viver uma relação (eu já vivi) muito intensa por horas e ter naquela história uma referência importante para sua vida” (2007, p. 26).

Esses exemplos deixam claro que existe vida fora dos padrões tradicionais de relacionamento, inclusive para homens gays maduros. A partir de diferentes pressupostos, embasados por suas histórias pessoais, cada um dos participantes afirma a ênfase e a importância que os envolvimento sexuais e/ou afetivos podem ter em suas vidas, deixando claro que continuam atuantes na busca da realização e felicidade sexual e/ou afetiva.

Nesse momento surge a tentação de se tentar compreender pela via patologizante e afirmar que esses homens poderiam mascarar traços traumáticos (complexos) que os repelem das relações de maior intimidade, onde poderiam se ver na contingência do desnudamento psicológico, aquele despir-se das máscaras para deixar-se conhecer pelo outro. É óbvio que essa afirmativa pode ser verdadeira para vários desses homens como também pode não ser para muitos outros, embora este não seja o único elemento motivador das preferências pessoais no campo relacional. Contudo, independente de verdadeira ou falsa, patológica ou saudável, esses homens se mostram confortáveis com suas escolhas relacionais e estilo de vida e não estão dispostos a rever nada. Se houvesse a possibilidade de mudanças, o que poderiam desejar seria incrementar, acrescentar maiores possibilidades às atuais.

O que se evidencia dessas falas é a busca pelo prazer sexual sem culpa, que “ (...) acaba por dissolver alguns preconceitos e leva o sujeito à fruição e ao deleite das diferentes formas de experimentação de prazeres” (DUARTE, 2013, p. 195).

Existem também aqueles que se empenham durante toda a vida na construção de relacionamentos mais estáveis e duráveis, nem sempre com sucesso.

Eu tive vários relacionamentos, mas pouco duráveis, porque, não sei se influencia, mas eu sou taurino e taurino (risos) exige fidelidade mas não dá fidelidade, então eu troquei muito de parceiro. Os meus parceiros eram muito instáveis, principalmente na época que eu ganhava muito dinheiro (...)
(Hélio)

Hélio relata uma vida afetiva conturbada, para não dizer explosiva, envolvendo infidelidades, dinheiro e instabilidade emocional, tanto de si mesmo, quanto de seus parceiros, sempre mais jovens, o que não possibilitou nenhuma relação longa, embora estivesse sempre tentando começar uma. O *puer aeternus* em pessoa: toda sua conduta está pautada na irresponsabilidade e inconsequência.

Sua fala deixa à mostra diversos problemas, mas acima de tudo, começar uma relação, que se deseja íntima, embasado em regras diferentes para os parceiros é pedir para fracassar, já que relacionamento pressupõe alguma igualdade entre as partes. A desigualdade de idade, por si só não é impedimento, mas não podemos negar que seja fator complicador numa relação. Além disso, querer reproduzir o modelo patriarcal, machista e autoritário, em relacionamentos homossexuais, onde um parceiro pode tudo, inclusive trair, e o outro não poder agir da mesma forma, é sinal de confusão à vista, porque já começa em desequilíbrio num aspecto que é bastante importante e do qual dependem diversas outras dimensões de um relacionamento. Os tempos mudaram e os valores pessoais precisam acompanhar estas mudanças, sob pena de vida em constante conflito, como foi a de Hélio.

Além disso, podemos destacar que sua autopercepção é um pouco deficiente, porque mesmo após muitos anos e tentativas de relacionamentos frustrados, ainda atribui responsabilidade à instabilidade dos parceiros e praticamente nenhuma a si mesmo. Seu modo de ver e conduzir sua vida deixa à mostra a cisão entre o eu e o Self, que funcionam em desacordo e em constantes embates. Nesse momento, nos lembramos de Jung quando afirma que para conter um ego inflado, somente uma queda moral (JUNG, 2011 [1951], p. 38, § 47).

Rafael também buscou pela estabilidade dos relacionamentos, e até viveu diversas boas relações:

No balanço geral, tive mais bons relacionamentos, embora eles não tenham durado muito (...) (Rafael)

Parece que há um certo padrão em seus relacionamentos, que poderiam explicar a pouca durabilidade deles:

Eu tive bons relacionamentos, mas por bobeira eu perdi, internet, esse meu lado de querer, de procurar, e eu perdi o controle, foi uma bobeira, me arrependo (...) (Rafael)

Um *puer* mal resolvido e um *senex* não assumido, ao mesmo tempo, provocam esses desencontros de vontades internas. Ao mesmo tempo que está num relacionamento, também continua suas procuras secretas por aventuras, que nunca se esgotam: *puer* e *senex* em constante conflito de vontades.

Diferentemente de Mauro, para quem a *internet* é fonte de alívio, prazer e contato com outras pessoas, para Rafael é fonte de problemas, por sua falta de controle e limites na busca permanente de aventuras, ainda que virtuais (OLIVEIRA, 2013). Ingenuamente ele continua não vendo problemas nas aventuras virtuais, mesmo elas já tendo sido o motivo de várias rupturas.

O avanço tecnológico tornou possível uma grande novidade no amor. Nas últimas décadas do século XX surgem as relações virtuais, que são o retrato amoroso de nosso tempo. A intermediação da máquina na rede de computadores permite que as pessoas digam coisas que normalmente não diriam, se não estivessem no anonimato. (LINS, 2012, p. 343)

Rafael procura porque ainda não encontrou. Continua procurando, mas sempre do lado de fora. Não se lembra de procurar dentro de si mesmo o que lhe falta. Terá que fazer esse percurso se quiser encontrar o sentido de sua procura. O *puer* precisa encontrar o caminho para casa e se reconciliar com o *senex*, do contrário corre sempre o risco de permanecer errático, sempre procurando, um eterno insatisfeito.

Todo relacionamento se faz acompanhar de inúmeros problemas. Dentre eles, a questão da fidelidade (real e/ou virtual) ocupa papel de destaque, porque pode ofender exatamente a parte mais vulnerável da pessoa, que envolve as carências, e pode implicar em medo de novo sofrimento provocado por outros relacionamentos e conseqüentemente o comportamento de evitação de novos vínculos, podendo constelar vários complexos e bloquear o crescimento.

Foi o que aconteceu com Flávio, que teve um relacionamento terminado de forma dolorosa por traição:

Isso me deu um nó muito grande na vida, isso me fez fechar para a vida, de novo, em relação a sentimentos, pessoas, confiar nas pessoas. E, a partir daí, eu não consegui mais me abrir para relacionamento, as tentativas que eu fui fazendo, foi caindo numa situação, passou o tempo, eu fui ficando mais velho, de mais idade (...) (Flávio)

Um trauma, quando não elaborado, pode evoluir para um complexo, que, quando constelado, pode travar a vida da pessoa, tendendo à generalização da experiência dolorosa e dificultando novas oportunidades. Torres questiona: “pode-se esquecer uma traição amorosa?” (2014, p. 54). Flávio continua:

Eu me fechei, eu dificulto, não sei se não observo as pessoas, ou se eu não quero observar as pessoas ou não sei se eu não sou observado pelas pessoas,

mas alguma coisa acontece. Eu acho, na verdade, eu me fecho, eu não quero observar as pessoas e talvez eu não queira ser observado pelas pessoas, em função, acho, dessa coisa que ficou mal resolvida (...) (Flávio)

Dói muito desejar e não se sentir capaz de viver esse desejo ou estar sempre com medo de sofrer novamente. Esse medo pode travar o setor das trocas afetivas. O que pessoas como Flávio parecem não perceber, é que manter-se constantemente na defensiva também produz sofrimento, com grande dispêndio de energia para sua manutenção, criando a ilusão de uma proteção quando na verdade está isolando o indivíduo e impedindo a aproximação de outras pessoas. A mesma barreira que protege também isola.

É Torres ainda quem nos dá um possível caminho para a elaboração e esquecimento de uma traição:

Talvez o esquecimento se dê ao longo de um grande espectro: repetir obsessivamente a terrível lembrança da traição; sofrer mais, por um tempo variável e indeterminado; algum dia, para seu próprio espanto, começar a compreender a traição; lentamente, caminhar no sentido de sua elaboração; ser capaz de ressignificá-la; transcendê-la; perdoá-la; ir abandonando essa lembrança; distrair-se seja com outro amor, seja com a vida, que puxa pra outro foco; perder a lembrança dolorosa; e, no fim desse longo processo, real ou virtualmente, estaria o verbo esquecer. (2014, p. 60)

Histórias de relacionamentos duradouros e positivos também estão presentes no universo estudado.

Roberto recorda:

Eu sempre gostei muito da estabilidade da relação, eu nasci para ser casado, eu sou absolutamente adepto da vida a dois, isso me dá estabilidade (...) (Roberto)

E confirma:

Agora mais do que nunca, na idade em que estou, o pouco jogo de cintura que eu tinha: de sair, ir em barzinho, de paquerar, de caçar (risos), eu perdi essa parte, com 31 anos de casado, eu não sei mais fazer isso, mas eu sempre gostei da coisa estável (...) (Roberto)

Sua opção foi pelo casamento, investiu 31 anos de sua existência construindo um relacionamento sólido e satisfatório, do qual se orgulha de falar hoje. Sua modéstia na arte da conquista serve para evidenciar um afastamento do mercado afetivo/sexual e um

devotamento ao seu companheiro, por todos os anos de convivência e a construção de um relacionamento que favoreceu o processo de individuação de ambos.

Nesse sentido, Vargas afirma:

O casamento em nossa cultura é cada vez mais uma relação assimétrica e especificamente construída ao longo da vida, para cada casal. Cada vez mais, somente se mantêm aqueles casamentos que realmente “valem a pena”; são casamentos vivos, criativos, de individuação, em que ambos os cônjuges têm espaço para realizar seus potenciais instintivos e espirituais. (2012, p. 142)

A base de sua relação sempre foi a fidelidade:

Se você começa com infidelidade, seu relacionamento vai acabar, em algum momento você perde o rumo (...) (Roberto)

Trata-se de uma opção, segundo ele, exemplificando que viveu situações em que se viu tentado a ultrapassar a linha demarcatória entre a segurança construída com seu parceiro e a fruição de algo novo e arriscado.

Foram 31 anos que eu nunca fui infiel, passaram pessoas atraentes, mas, quando eu vi que poderia ter alguma possibilidade de ter a infidelidade, eu sosseguei o pito, porque não vale a pena (...) (Roberto)

O *senex* jovial e sereno consegue fazer escolhas acertadas e conduzir a vida mais tranquilamente, favorecendo o processo de individuação mútuo.

Mott diz o seguinte:

Do meu ponto de vista, quando você vive junto com alguém que ama muito, que é seu amigo e companheiro e que existem entre ambos forte tesão e realização sexual – a presença mesmo passageira de uma terceira pessoa altera profundamente a dinâmica desta relação e pode desestabilizar uma vida a dois que está dando certo, que é prazerosa e enriquecedora para ambos. (2003, p. 135)

Apesar das relações estarem cada vez mais fluídas atualmente, algumas pessoas como Roberto, optam pela fidelidade como base de relacionamento, entendendo ser este o caminho para sua realização mais plena: é assim que essas pessoas se sentem bem. O que pode ser destacado de seu exemplo, é que a fidelidade precisa ser espontaneamente oferecida ao parceiro, e não exigida por ele, já que sua base repousa na *vontade* e não na obrigação de ser fiel.

Carlos viveu alguns relacionamentos ao longo de sua vida, mas atualmente encontra-se sozinho. Contudo, não se sente solitário e leva uma vida boa, segundo sua opinião, na expectativa de aposentadoria, nos próximos meses. Não espera que aconteça um relacionamento em sua vida e, caso isso se confirme no futuro, não vê essa hipótese como algo negativo. Apesar disso, não está descartada a possibilidade de um envolvimento mais profundo:

Relacionamento não é projeto na minha vida, se acontecer (...) (Carlos)

E para que possa acontecer:

Eu preciso perceber que a pessoa está interessada em mim, pra eu poder ter algum envolvimento, por exemplo, se eu tivesse, não tenho essa expectativa, tá!!, mas se aparecer alguém na minha vida, eu tenho que sentir muito que a pessoa está a fim de mim, tenho que me sentir um pouquinho amado e que a pessoa tenha realmente algum interesse em mim, além de tudo sexual, precisa se identificar, querer ficar comigo (...) (Carlos)

Essa conformidade com uma possível não concretização de relacionamentos daqui para frente está de acordo com o costume de sua família: ele possui outros exemplos (vários tios e primos não se casaram) e não se sente diferente ou mesmo vê isso como algo que falta. E o fato de manter-se aberto a uma eventual possibilidade evidencia como essa situação está elaborada psicologicamente:

Se aparecer alguém, que realmente vale a pena o investimento, eu, sem problema nenhum, eu vou investir, porque eu também estou mais tranquilo (...) (Carlos)

É uma forma de não criar expectativas, mas manter a receptividade. Nenhuma porta está fechada.

Eduardo também é adepto da vida a dois, entendendo isso como opção, e atuando ativamente para sua concretização e manutenção.

Eu sempre procurei relacionamentos estáveis, que durassem, mas acima de tudo, que fossem bons (...) (Eduardo)

Não basta durar, tem que ser bom, satisfatório, fazer com que os parceiros cresçam juntos e favorecendo o processo de individuação mútuo. Com isso, seu atual relacionamento já dura 23 anos e eles tem

Planos de continuar envelhecendo juntos, amparando um ao outro e acima de tudo vamos continuar nos divertindo muito e aproveitando esses anos maravilhosos da maturidade (...) (Eduardo)

Sua concepção de vida inclui a vida a dois:

Não conseguiria viver minha vida sozinho, preciso de um companheiro para me dar suporte, dois caminham melhor que um (...) (Eduardo)

Reconhece as dificuldades que surgem quando duas pessoas resolvem dividir a vida, a casa, as finanças, etc. e aponta para as transformações que aconteceram com a maturidade:

Atualmente, depois de tudo o que eu vivi, dou muito mais valor à lealdade do que à fidelidade (...) (Eduardo)

O modelo tradicional de relacionamento enfatiza a fidelidade como base que sustenta todo o edifício da vida a dois. Contudo, novas possibilidades emergem: “Pelos sinais observados – o grande aumento de práticas como sexo a três, sexo grupal, swing – o amor romântico ao sair de cena leva com ele sua principal característica: a exigência de exclusividade” (LINS, 2012, p. 344).

A ideia da exclusividade sexual nos relacionamentos é ponto controverso. Talvez o seja para sempre. Cada um constrói suas próprias relações e molda o comportamento que julga mais perto de preencher os seus anseios mais íntimos.

A autora, nesse sentido, elenca as características que um bom relacionamento deve apresentar:

Para uma relação a dois valer a pena, são necessários alguns fatores primordiais: total respeito ao outro e ao seu jeito de ser, suas ideias e suas escolhas; nenhuma possessividade ou manifestação de ciúme que possa limitar a vida do parceiro(a); poder ter amigos e programas em separado; nenhum controle da vida sexual do parceiro(a), mesmo porque esse é um assunto que só diz respeito à própria pessoa. (LINS, 2012, p. 303)

Essas novas concepções de relacionamentos estão transformando os relacionamentos, ampliando o rol de possibilidades, mas ainda convive com os padrões tradicionais de relacionamentos, o que pode provocar grandes tensões. Porém, acima de

tudo, o que mais importa, é que não existem modelos pré-configurados: cada casal terá que negociar seu próprio modo e dinâmica, levando em consideração as necessidades e características dos parceiros e usando o método do acerto e erro, ou custo-benefício.

Tiago também se declara adepto dos relacionamentos estáveis:

Eu sou uma pessoa que não consegue ficar muito sozinho, prefiro estar namorando ou vivendo com alguém a estar solteiro (...) (Tiago)

Por já ter vivido várias relações mais ou menos duráveis, Tiago pode apontar o aspecto que considera mais importante num relacionamento:

O ponto principal do casamento é cumplicidade (...) (Tiago)

Para ele, cumplicidade representa o estado maior de conexão entre duas pessoas que se vêm imbuídas dos mesmos desejos, ou na mesma direção do desejo, e resolvem dividir suas vidas e suas experiências.

Relacionamento é pra um crescer com o outro, pra se ajudarem (...) (Tiago)

Numa outra palavra: para favorecer o processo de individuação dos companheiros. Implica que:

Na vida, você tem que fazer opções, se quer a vida de casado ou a de solteiro, cada uma implica em aspectos bons e ruins, mas é uma questão de opção (...) (Tiago)

Novamente aparece a questão da opção relacionada ao estilo de vida. Ter que optar significa ter que escolher, tomar uma decisão, e pagar o preço desta escolha, seja ela qual for, porque toda escolha tem o seu preço.

Nesse caso, a opção pelo casamento (oficial) implicou a confrontação com a vida de solteiro e sua superação. Não podemos nos esquecer que a decisão consciente pelo casamento e a opção espontânea por esse estilo de vida, aliado à coerência no comportamento, pode indicar um grau acentuado de maturidade psicológica.

O casamento em si não é nada, o papel não mudou nada na minha vida, agora o companheirismo é tudo (...) (Tiago)

O que Tiago está dizendo é que não foi um ato externo (a formalidade do casamento oficial) que o modificou como pessoa, mas sim que o que o fez crescer foi o próprio relacionamento com seu companheiro; o embate entre duas pessoas que nutrem sentimentos recíprocos, mas que possuem seus defeitos e características singulares e que se esforçam para dirimir os eventuais conflitos que a convivência mais próxima pode ocasionar.

Nesse grande caldeirão de diversidade de práticas sexuais e amorosas também existe espaço para aqueles que não querem mais nada com a sexualidade, que se sentem completos sem o sexo, que conseguiram transformar todo o desejo num ideal religioso. Este é o caso de Antonio, como já vimos anteriormente.

Não tenho [desejo sexual], eu envolvo mais com a igreja, sou formado em teologia, eu trabalho com grupos, aconselhamento, não tenho vontade de ter um companheiro, não vejo isso na minha vida (...) (Antonio)

O que Antonio está nos dizendo é que suas buscas se concentram no âmbito religioso e não no dos relacionamentos afetivos e/ou sexuais. Para levar uma vida relativamente tranquila precisou fazer acordos consigo próprio, erigindo defesas contra possíveis sofrimentos, no âmbito amoroso, substituindo-os pela religião.

Não sei se você consegue me entender, eu me criei no mundo evangélico e de uma forma mística, tenho um relacionamento pessoal com Jesus, um amigo, que eu converso sempre, Ele me supera tudo, se eu chamá-Lo, Ele estará presente, Ele é espírito e eu aprendi a conhecê-Lo, buscá-Lo. Cheguei num patamar, não vejo, mas eu sinto, se precisar Ele me atende e isso me supre tudo, dá a necessidade (de sexo) e eu não preciso fazer, acontece de eu estar urinando e a ejaculação vir, eu até assusto, não sinto tesão nenhum, saí, eu sempre peço ao pai, por favor, me tira isso, mas, é normal do corpo humano (...) (Antonio)

Esse comportamento pode ser entendido como uma transformação da energia psíquica, que originalmente se voltaria para a sexualidade, em sentimento religioso, a ponto de rejeitar até mesmo fenômenos físicos, e conseguindo, assim, construir um sentido para sua existência.

De modo geral, podemos concluir que apesar das modificações dos relacionamentos e práticas sexuais com o avançar da idade, a vida afetiva e sexual dos participantes foi construída e vivida de modo satisfatório, guardadas as devidas singularidades e preferências, que resultam em estilos de vida diferenciados.

2 Trabalho

O trabalho é fundamental na vida de qualquer pessoa. Faz parte daquelas questões que devem ser resolvidas o quanto antes na vida de todos nós. “É na atividade profissional que depositamos nossas aspirações pessoais e perspectivas de vida” (MENDES *et al.*, 2005, p. 424). O trabalho faz parte do rol de elementos que dão um significado e um sentido à existência.

A sociedade e as relações quase sempre estão baseadas no trabalho, na forma como se produzem os bens e serviços, de modo que a vida moderna encontra-se dividida em períodos, respeitando não as necessidades humanas, mas as laborais. “É o trabalho que permite o ato de existir enquanto cidadão e auxilia na questão de se traçar redes de relações que servem de referência, determinando, portanto, o lugar social e familiar.” (MENDES *et al.*, 2005, p. 424).

Muito mais do que fonte de renda, o trabalho também deve ser uma fonte de realização pessoal e crescimento contínuo.

A profissão ocupa bastante espaço na minha vida, gosto de trabalhar, me sinto produtivo (...) (Mauro)

Quase todos os entrevistados relataram não ter vivido qualquer tipo de preconceito no ambiente do trabalho, em qualquer época de suas vidas.

Flávio, que vive de modo discreto e não se revelou publicamente, com exceção de algumas poucas pessoas, relata nunca ter passado por situações de discriminação.

Eu nunca tive problema no trabalho, eu nunca fui preterido no trabalho, pela minha escolha (sic) sexual, eu sou, eu me julgo, eu me considero, uma pessoa que, não ergo bandeiras, sou discreto, sou na minha, lido bem com todo tipo de profissional e, por incrível que pareça, eu nunca fui desrespeitado, nem como professor (...) (Flávio)

Seu modo discreto de viver significa que evita traços, roupas, comportamentos e amigos considerados efeminados, de modo a não se evocar nem a mais remota referência homossexual. Essa postura, segundo ele, faz com que passe praticamente *despercebido* aos olhos das demais pessoas e lhe garante a proteção de que julga necessitar.

Mesmo entre homossexuais, as chamadas “bichas pintosas” – os homens muito efeminados – sofrem muita discriminação por parte daqueles que internalizam os preconceitos da sociedade, extravasando-os sobre os indivíduos que vêm como mais escandalosos e cuja companhia pode ser comprometedora. (MACRAE, 2005, p. 302)

Já Tiago que fez sua revelação pública e é casado oficialmente, relata que:

Nunca teve medo do preconceito, nem quando resolvemos nos casar (...)
(Tiago)

E arremata:

Desde que assumi publicamente minha orientação, apresentei meu companheiro para os colegas mais próximos do trabalho, e me casei, nunca tive qualquer problema com discriminação no trabalho. Muito pelo contrário, como sou muito sério, as pessoas me respeitam muito (...) (Tiago)

Não são todos, porém, que narram histórias positivas com relação ao preconceito. Eduardo conta que já se sentiu preterido, em situações de reconhecimento profissional, muito embora isso tenha ocorrido de modo velado.

Ao longo da vida, em alguns empregos que tive, eu sentia que era preterido em razão da minha orientação, mas mesmo assim, por outros caminhos, mais tortuosos eu consegui chegar onde queria e sou muito realizado profissionalmente (...) (Eduardo)

Mesmo tendo que trilhar caminhos diferentes e, em alguns momentos, mais difíceis, Eduardo relata ter alcançado seus objetivos, por contar com grande capacidade de resiliência (LIBORIO; UNGAR, 2010). Trata-se de feito notável que exige alto grau de esforço na superação de uma experiência negativa, que poderia facilmente se transformar num trauma.

Contudo, Flávio toca em outro ponto importante: a questão do preconceito contra os mais velhos no mercado de trabalho. Diz ele:

Uma das dificuldades sociais que eu vejo é em relação ao mercado de trabalho, enquanto professor, é o contrário, é gratificante a idade, vem bem dentro daquele conceito de que você tem muito mais bagagem, mas ainda assim tem uma certa resistência porque o novo vem da tecnologia (...)
(Flávio)

Atualmente percebe-se uma revalorização das experiências de vida e de profissionais mais amadurecidos para o desenvolvimento de atividades produtivas. Isso

faz com que aqueles que já estejam perto do período de aposentadoria, pensem em alternativas para continuar no mercado de trabalho, como é o caso de Mauro:

Em dois anos já posso me aposentar, mas eu só vou se encontrar outro lugar para trabalhar (...) (Mauro)

O trabalho continua sendo uma grande fonte de satisfação e realização pessoal, independente da orientação sexual. Contudo, para o homossexual seja jovem ou já mais maduro, pode representar a diferença entre autonomia e subordinação, liberdade e opressão. Para os participantes dessa pesquisa, é fonte de realização e serve para dar sentido e direção às suas vidas.

3 A família escolhida

A maioria das relações que construímos na vida não tem o sexo como elemento agregador atual, embora possa já ter existido. Essas relações podem ser identificadas como amizade, uma outra forma de amor.

Independente da orientação sexual, todas as pessoas podem ter dois tipos de famílias: a *natural*, oriunda dos vínculos biológicos, e a *escolhida*, aqueles indivíduos que se vinculam afetivamente.

Para os homossexuais a família escolhida ocupa um lugar de destaque, já que supre eventuais lacunas deixadas pela família biológica, quando esta se afasta. Nos casos em que não há um repúdio do membro gay, geralmente as duas famílias podem conviver e estreitar laços afetivos, com a família adotando os amigos do filho.

Eduardo diz:

Eu vivo cercado dos meus amigos, mesmo tendo uma família amorosa e presente, como a minha, formei amizades sólidas durante a vida e estes amigos são tão queridos, que é como se fossem realmente meus parentes. É com eles que divido muitos momentos alegres e tristes. É com eles que conto quando preciso. Não são muitos, mas são grandes amigos (...) (Eduardo)

Carlos também se manifesta:

Tenho grandes amigos, não é aquela coisa superficial, não, são amigos, amigos mesmo (...) (Carlos)

Nesse caso, podemos dizer que “(...) o sentido da amizade expressa verdadeiro vínculo fraterno de união, solidificado ao longo de décadas” (MOTA, 2013, p. 2), tendo como fundamento as afinidades e semelhanças das histórias de vida.

As relações interpessoais fora do contexto familiar podem ser muito importantes para os homossexuais maduros, pois nutrem afetivamente, aumentando a possibilidade de apoio em momentos de crise e companhia nos alegres. “(...) O convívio em sociedade permite a troca de carinho, experiências, ideias, sentimentos, conhecimentos, dúvidas, além de uma troca permanente de afeto” (MENDES *et al.*, 2005, p. 426).

Com isso, podemos dizer que “nesses grupos, a intimidade não é problema. Em vez disso, os homens obtém uns dos outros um sentimento de identidade em comum, relaxamento, partilhando o seu conhecimento comum e o seu prazer de serem homens.” (MONICK, 1993, p. 139), de partilharem experiências e expectativas.

As melhores histórias são vividas na companhia dos amigos, que passam a compor o quadro vivo de nossas memórias.

Um amigo disse que ia me levar numa festa, a noite do talco. O que você imagina com isso? Que vão te jogar talco (risos), mas não era, essa boate, tem um mezanino, como todos que iam era já de idade, olhando lá de cima, tudo cabeça branca, então apelidaram de noite do talco (...) (Paulo)

Porque diversão combina com reunião de amigos:

Me divirto com música, amigos, encontros, de vez em quando um baile, uma boate, gosto de dançar (...) (Rafael)

Independente do estilo, cada um se diverte como gosta, encontrando amigos para compartilhar desses gostos.

Para alguns, as melhores ocasiões, contudo, são as que acontecem na intimidade, onde o ritmo pode ser um pouco mais lento, permitindo o aprofundamento das relações.

Prefiro as reuniões com amigos, no ambiente caseiro, mais íntimo (...) (Eduardo)

É nessa atmosfera de intimidade que as relações podem se intensificar e o grupo de amigos ganhar mais força e coesão.

Embora atualmente existam inúmeras boates e danceterias destinadas ao público LGBT, parece que os mais maduros preferem programas alternativos:

Eu não sou muito de frequentar boate, pelo estilo, ia de vez em quando (...)
(Flávio)

A frequência a estes lugares pelos jovens também pode mascarar outra procura:

Quando mais jovem, frequentei muito boates e bares gays, mas não gostava, me obrigava a ir, sempre na esperança de encontrar alguém legal, o que quase nunca aconteceu. Atualmente não vou mais a esses lugares (...)
(Eduardo)

Como a possibilidade para encontrar outros homossexuais era escassa, muitos iam por falta de opção. Não podemos nos esquecer que a frequência a estes locais também era um desafio a ser superado: tão ruim quanto ser homossexual era também frequentar esses lugares. Havia sempre o medo de ser visto entrando ou saindo ou mesmo de encontrar alguém conhecido lá dentro, etc.

Uma vez transposto o umbral do medo, é possível fazer novos amigos, conhecer pessoas e iniciar relacionamentos amorosos, que variam dos fugazes (mais frequentes) aos duradouros (menos).

Mesmo com as dificuldades para se encontrar um par ideal, os amigos são presença certa e geralmente estão dispostos a programas coletivos, que podem ser muito gratificantes.

Apesar do grande papel desempenhado pelas amizades na vida gay, existem também aqueles que evitam construí-las por vários motivos, que no fundo escondem uma bem estruturada crença homofóbica internalizada:

Não gosto de ter muitos amigos gays também, justamente por causa da minha discrição, eu não quero aproximar este meio com a minha família, então eu procuro viver meio que isolado (...) (Pedro)

Castañeda já ressaltou que a homofobia internalizada afasta as pessoas do convívio com seus semelhantes, dificultando vínculos mais íntimos, que poderiam servir de base para uma vida mais livre (2007, p. 148).

Essas pessoas ainda não conseguem ultrapassar esta fronteira e preferem fazer amizades com pessoas heterossexuais, como costuma fazer Pedro.

Podemos entender seu comportamento como uma vontade de dissociar-se de tudo o que remete à sua orientação publicamente: “o que se busca é dissociar-se de

outros homossexuais, ou de tipos que agregam a ideia de ser gay à feminilidade e à radical transgressão das normas de gênero” (MOTA, 2013, p. 4).

Pessoas como Pedro, certamente, não integraram vários aspectos de sua sexualidade, principalmente aqueles ligados ao estilo de vida, remetendo-os à sombra, e vivendo vidas parciais. É bastante provável que a maioria das pessoas com quem convive mais intimamente tenha conhecimento de sua homossexualidade e apenas respeitam o seu silêncio, como acontece frequentemente nestes casos. Obviamente que não estamos afirmando que sua vida não possui qualidade. Pedro relata ter boa vida sexual e amigos (não-gays). Contudo sua vida é parcial, incompleta, porque não tem continuidade entre o público e o privado, não lhe permitindo livre expressão, o que o obriga permanentemente a manter segredos e interditos com relação àqueles que diz mais amar, sua família.

6.2.3 Percepções do envelhecer

Nessa categoria os objetivos da análise se concentraram na forma como os participantes percebem o próprio processo de envelhecimento, podendo ser destacados aspectos positivos e negativos, como veremos logo mais.

Muitos acreditam que a velhice é um estágio que está no final da vida, e esse final está sempre muito longe, independente da idade que a pessoa tenha. Essa crença popular parece entender a velhice como um ponto fixo no futuro e ignorar todo o processo de envelhecimento, todo o percurso.

Podemos dizer que existem dois tipos de envelhecimento: o físico e o psicológico. Fisicamente todos os participantes desse estudo estão já nesta fase ou próximos dela. Psicologicamente, contudo, eles não se sentem assim:

Não me julgo velho (...) (Pedro)

Não me sinto velho, acho que estou no auge da minha vida, me sinto produtivo, animado e bem disposto (...) (Tiago)

Nunca me senti velho, e acho que nunca vou me sentir velho (...) (Rafael)

Esses participantes estão dizendo que a idade mais importante é a mental, a que eles podem medir internamente a partir de suas próprias energias e disposições.

Talvez por não se sentir velho, Paulo não pense muito sobre esse processo, encarnando um *puer* que resiste ao crescimento.

Como envelhecer, de que jeito envelhecer, eu nunca pensei, sinceramente (...)
(Paulo)

Não se sentir velho é uma condição psicológica positiva; não pensar na velhice, me parece uma fuga da realidade, como se esse artifício pudesse impedir a sua chegada. Trata-se de uma forma de imaturidade que poderá custar caro. O envelhecimento é um processo, e a velhice não é um local de chegada. A cada dia nos tornamos um pouco mais velhos, e o futuro, embora não possa ser controlado, pode ser planejado e preparado. Envelhecer é uma necessidade arquetípica. Não é à toa que desde pequenos somos instigados por histórias como a da cigarra e a formiga, nos estimulando ao trabalho no verão da vida, para um inverno mais aconchegante.

Para alguns participantes a reflexão que surge desse processo é tranquila:

Não vejo a minha velhice como uma coisa trágica, eu vejo como uma coisa natural, com limitações, mas não vejo tragicamente (...) (Carlos)

Envelhecer, é um processo natural, não tenho medo (...) (Hélio)

Eu não penso ainda na velhice, sinto que ela vai chegar, não me assusta, não tenho medo (...) (Antonio)

Não se sentir, não pensar e não ter medo não pode ser confundido com não se preparar ou não se adaptar às mudanças que naturalmente vão acontecendo, em todas as instâncias, mas principalmente, no corpo, tanto interna quando externamente. Assim como a força física decresce com o avançar da idade, o funcionamento orgânico também tende a se enfraquecer, apresentando progressivos problemas funcionais.

A adaptação, quando acontece, pode, inclusive, trazer benefícios (PATRÍCIO; HOSHINO; RIBEIRO, 2009):

Nunca tive e não tenho esse tipo de preocupação: como vai ser a minha velhice? Já sou idoso, já tiro alguns proveitos dessa coisa de ser idoso, tipo fila de banco, lotérica. Ainda não fiz nenhuma viagem de ônibus gratuita, mas vou fazer, tem um projeto da secretaria de esportes, que banca academia, estou fazendo atividade física (...) (Carlos)

A consciência desse processo inexorável parece fazer a transição acontecer sem grandes traumas. Travamos um verdadeiro jogo de compensações, de modo a cultivar hábitos saudáveis como praticar exercícios ou viajar, etc.

Eu sempre soube que envelheceria, nunca me assustou, é uma etapa da vida, a gente não se vê envelhecendo, simplesmente um dia você olha no espelho e vê que está mais velho, vê uma foto mais antiga e aí vem o susto, mudanças que a gente nem percebe (...) (Eduardo)

Quando o indivíduo sente que sua vida foi bem vivida, conforme nos diz Jung, quando se refere à taça da vida que deve ser esvaziada até a última gota, tudo o que pode esperar é “a quietude da velhice (...)” que será bem-vinda (JUNG, 2011 [1916], p. 357, § 789). Quietude que não significa passividade diante da vida, mas aceitação e capacidade de adaptação. Quietude no sentido de não lutar contra a natureza.

Eu não sei se é por causa da minha vida, do meu dia a dia, eu sou uma pessoa de mente aberta, me relaciono com muitas pessoas do meio hetero, essa minha segunda profissão, como guia de turismo, só tenho trabalhado com pessoas de alto astral, que estão passeando, tirando férias, não quer falar de problemas, então minha cabeça sempre muito aberta, eu me acho uma pessoa extremamente feliz, não me acho velho, de idade, sim, mas da mente, não (...) (Pedro)

Como vimos, Pedro prefere não ter amigos gays, de modo que sua orientação passe despercebida. Nessa fala ele diz que prefere manter amizade com pessoas heterossexuais, com as quais mantém contatos esporádicos, e com as quais possivelmente nunca mais encontrará; pessoas que estão passeando e não querem lembrar ou falar de problemas. É uma desculpa perfeita para quem não quer pensar nos próprios problemas. Essa sua segunda profissão possui aspectos mais atrativos do que a necessidade econômica. Ela lhe dá as condições necessárias para distrair-se e assim poder manter a *mente aberta*, na sua opinião.

Infelizmente para ele, a vida não é uma longa viagem de férias. É uma viagem sim. Mas não de férias. Mais cedo ou mais tarde, temos que atracar em algum porto de consciência para abastecimento.

Ao envelhecermos, a vida pode mudar, mas não necessariamente para pior.

Hoje eu vejo o fato, o momento que estou vivendo como o fato de que eu preciso me preocupar mais no sentido de viver com mais qualidade, aproveitar melhor os momentos da minha vida, mas não me preocupo pelo fato de ter muito ou pouco tempo (...) (José)

A qualidade de vida deve passar a ser uma busca constante, para se viver bem independente do tempo de vida que resta, e isso implica a manutenção dos vínculos afetivos. Continuando a reflexão, José relata não sentir nenhuma preocupação com relação ao seu envelhecimento porque possui uma rede familiar afetiva e coesa:

Envelhecer é uma preocupação que eu não tenho muito, porque eu tenho os meus filhos, eu tenho uma família, se eu fosse sozinho, eu me preocuparia mais, mas, pelo fato de ter meus filhos, eu não tenho essa preocupação (...)
(José)

Durante toda a sua vida José investiu na construção de uma família (ele e seus dois filhos) baseada em afeto, respeito e solidariedade. Há alguns anos seu companheiro veio se somar a essa família. Quando se vivencia um relacionamento maduro, como é o caso de José, é natural o desejo de continuar juntos:

A única coisa que eu desejo é que eu, com meu companheiro, que a gente tenha uma vida bacana até que a gente envelheça, e um cuide do outro, a preocupação que eu tenho, é de tê-lo sempre ao meu lado, pra eu cuidar dele e ele de mim (...) (José)

José conseguiu integrar bem os elementos de sua sexualidade, construiu uma personalidade estável e permite a coexistência equilibrada do *puer* e do *senex*.

Continuar a viver com qualidade implica na manutenção da capacidade de fazer planos, de determinar novas metas e projetos. Significa que a vida deve continuar, seguir o seu fluxo, apesar dos problemas e dificuldades.

A vida não para e é preciso ter projetos sempre, do contrário, a vida perde o sentido (...) (Eduardo)

Carlos está prestes a se aposentar. E está cheio de planos para quando, enfim, tiver seu tempo livre.

Todo mundo fala para não me aposentar, que eu tenho uma vida muito ativa, e aí eu vou envelhecer mais rápido, ficar cheio de grilos, mas eu digo que não vou ficar no apartamento olhando o tempo passar, eu tenho meus planos pós-aposentadoria, posso fazer um curso na universidade da terceira idade, quero, hoje não tenho a oportunidade de participar mais com os amigos que estão mais distantes, e como eu trabalho de segunda a sábado e só tenho o domingo, é impossível participar de encontros de amigos que eu não vejo há muitos anos (...) (Carlos)

Rebate desde logo a hipótese de curtir solidão e elenca alguns de seus projetos: estudar e passar mais tempo com os amigos. As perspectivas são positivas.

José cultiva planos de continuar investindo no relacionamento e, juntos investindo em objetivos materiais para um futuro mais sereno:

Nós temos projetos, nós temos vontade de conquistar algumas coisas e elas estão acontecendo naturalmente, elas vão acontecer no decorrer do que tem que acontecer (...) (José)

Nesse sentido Mota afirma “a experiência relacional na velhice demonstra a necessidade de se prover o envelhecimento com recursos materiais que mantenham longe a sensação de um futuro sombrio” (2013, p. 2). Com recursos, principalmente financeiros e afetivos, o envelhecimento poder ser melhor suportado.

A vida de empresário não agradou Paulo: constantemente atolado em papéis e burocracia, estava se sentindo sufocado, sem tempo para si mesmo. Desfez-se da empresa que comandou por longos anos e agora está procurando emprego, quer mudar de lado (passando de patrão a empregado) e ter menos responsabilidades. Acredita que sua experiência como empresário durante a maior parte da vida poderá lhe ser útil no desempenho de alguma função. Está animado com a ideia e cheio de entusiasmo em começar uma nova etapa de vida. Diz ele:

Quero arrumar um trabalho, não quero mais ser empresário, não quero ser dono de nada mais, quero trabalhar para uma empresa, ter um salário (...) (Paulo)

E as mudanças não param. Com a morte do pai, teve que voltar para casa para cuidar da mãe:

Eu ainda tenho minha mãe, que eu moro com ela e cuido dela (...) (Paulo)

E, em meio a tantas mudanças significativas, ainda mantém acesa a chama do desejo:

Lá no fundinho, espero encontrar alguém ainda e que eu possa viver alguma coisa assim perto do que eu já vivi lá atrás (...) (Paulo)

Não nos esqueçamos de sua preferência: homens casados e/ou comprometidos. É essa esperança que o faz continuar buscando,

Sempre estou buscando alguma coisa perto daquilo que eu já vivi [relações triangulares], porque não foi uma vez, foram várias experiências e todas boas (...) (Paulo)

Pedro se sente tranquilo com relação à sua atual situação pessoal e financeira. Contudo, ainda não deu por concluído seus esforços.

Espero construir um capital melhor, porque a velhice, você nunca sabe como vai ser o amanhã, a minha família também não tem grandes posses para me manter, caso eu fique em um leito de hospital, então eu procuro economizar, me divertindo sempre, porém, economizando, para ter uma reserva para o futuro (...) (Pedro)

É importante que Pedro pense dessa forma e já esteja planejando seu futuro e garantindo a base financeira, porque, segundo Mota “(...) a ameaça de abandono é real para qualquer velho, homem ou mulher, seja heterossexual ou homossexual, a não ser que esteja materialmente provido de recursos” (2013, p. 2).

Não podemos dizer se a família de Pedro vai abandoná-lo ou não, no futuro. Mas podemos observar o nosso mundo moderno, onde as pessoas necessariamente desempenham funções econômicas, e onde o tempo é cada vez mais escasso e perceber que, muitas vezes, a institucionalização acaba sendo a solução da família para o idoso, basicamente por não ter quem cuide dele, já que todos os membros da família podem estar ocupados trabalhando, estudando ou cuidando de seus interesses próprios. Nesses casos, ter recursos próprios suficientes pode ser o elemento decisivo entre a permanência do idoso em casa ou a institucionalização.

Além da segurança financeira para enfrentar as eventuais adversidades da idade, Pedro também expressa o desejo de continuar praticando sexo:

Quero continuar vivendo, quero continuar caçando (risos), como diz o termo popular, e quero continuar transando, mas nada de sentimento, a não ser que apareça o príncipe encantado (risos) (...) (Pedro)

Seu desejo deixa à mostra a esperança de afastar a hipótese da aposentadoria sexual. Com relação à velhice em si, ele pede:

Que Deus me dê a boa vontade de viver, que eu tenho, essa alegria que tenho dentro de mim, para que a velhice não me pegue (...) (Pedro)

E esclarece que

Jamais vou me sentir um velho, a não ser que fique acamado, num leito de hospital, coisas do tipo, mas pelo meu dia a dia, a velhice não me arrasta, eu sei que vou envelhecer, tanto que de idade, já to lá na melhor idade, mas a cabeça ainda é bastante jovem (...) (Pedro)

Puer e *senex* precisam negociar para que a vida permaneça estável. É a relação equilibrada do ego com as duas polaridades que garante alguma tranquilidade, e, como vimos, Pedro encarna o *puer*-eterno e se recusa a dar espaço ao *senex*, quer ser o eterno jovem. Sua atitude é radical, polarizada, inclusive aceita integralmente o *senex* apenas se ficar doente, acamado. Ele só aceita o *senex* rígido.

A história de Roberto, por outro lado, é o próprio exemplo de continuidade e descoberta de novos significados. Passou por um período grande de elaboração do luto de seu companheiro de toda uma vida, e quando sentiu que já estava refeito, preparado novamente para amar, buscou um novo relacionamento. Os desafios eram imensos e precisavam ser transpostos:

Você não enterra de um dia para o outro uma pessoa que compartilhou bem sua vida por 31 anos, então ele vai aparecer em muitos momentos da nossa vida, agora, não existe nada mais irremediável do que a morte e ele está muito bem enterrado, não existe um fantasma (...) (Roberto)

A elaboração do luto pode ser amplamente favorecida por uma vida com qualidade e autenticidade. É um movimento arquetípico, entrelaçando intermináveis ciclos que nascem, se desenvolvem e morrem. O desafio foi encontrar um novo companheiro que aceitasse uma carga dessas. Mas ele o encontrou:

Quando eu o conheci, que nós começamos a conversar, eu disse: 'eu tenho uma bagagem e é meio pesada' (...) (Roberto)

Se é pesado para Roberto, que é protagonista desta história, podemos inferir o peso para seu atual companheiro, que facilmente poderia criar um fantasma para atrapalhar a relação. Contudo,

Eu já estava lidando bem com a perda do meu companheiro, do meu marido (...) (Roberto)

Ele credita o fato de ter elaborado tão bem este luto em função de terem experimentado, ele e seu falecido companheiro, uma vida plena e satisfatória em praticamente todos os sentidos. Sente o desaparecimento de seu grande companheiro, mas acima de tudo, selou um compromisso consigo próprio de ser feliz.

Quero continuar construindo minha vida a dois, eu acredito na vida a dois, eu quero uma vida a dois, eu acho que viver sozinho é muito ruim, não sei se em algum momento vamos ficar juntos ou não, não sei se vai ser bom ou não, vai fazer um ano que nos conhecemos, não estou preocupado com isso, mas uma coisa eu quero: ser feliz! Eu sou feliz e quero continuar sendo, independente da idade, quero viver muito (...) (Roberto)

O curso da sua vida o ensinou que fazer planos é bom, mas que esses planos não selam compromissos com a vida real, e nesta, os acontecimentos podem ser bem outros. A vida lhe ensinou a aceitar o que é irreversível. O *senex* vive o seu melhor momento, não quando luta com o *puer*, mas quando se alia a ele, equilibrando forças. No caso de Roberto, o equilíbrio sempre foi mantido entre as polaridades. Soube dar vazão ao *puer*, se divertindo muito, mas também soube encarar a vida com firmeza, quando necessário.

A preocupação com uma base material mais sólida para garantir o futuro também ocorre a Rafael:

Estou tentando estruturar minha pequena empresa de alimentação, estou investindo nisso (...) (Rafael)

para completar sua renda como funcionário público. Mas também possui planos para quando se aposentar, em breve:

Quando eu me aposentar, aí vou curtir a vida, não vou me sentir velho, vou garantir a minha boa vida (...) (Rafael)

Mauro, por sua vez, planeja um futuro bem mais calmo e meditativo, na verdade, contemplativo:

Se a minha mãe vier a falecer antes de mim (o que é mais provável pela ordem natural das coisas), eu entro para o mosteiro, pra eu me desapegar de uma série de coisas, que apesar de gostar, eu posso passar por este sacrifício, vai ser bom pra mim (...) (Mauro)

Na esfera do envelhecimento, no quesito biológico, Roberto não percebeu diferenças no seu processo.

Eu não acho que a minha vida hoje, com 66 anos, seja nem mais fácil, nem mais difícil que a de um hetero com 66 anos, hoje, com a experiência de vida que tenho, estamos exatamente iguais, eu não acho que a minha seja pior nem melhor (...) (Roberto)

Contudo, quando se trata da experiência de vida homossexual, parece mais forte a evidência de uma melhor qualidade de vida, pelo menos, na opinião de Pedro.

Envelhecer sendo gay, eu acho que é bem melhor do que se eu não fosse gay, se eu fosse hetero, a gente conhece histórias de pessoas hetero que têm envelhecimento muito doído, são sofríveis, e eu me acho feliz, eu não acho que a homossexualidade esteja me atrapalhando na velhice, muito pelo contrário, está me deixando cada vez mais liberal, então para mim não atrapalha em nada, eu me sinto feliz sendo um velho homossexual, eu acho que muito melhor do que se eu fosse hetero (...) (Pedro)

Essa também é a opinião de Roberto:

Melhor, sim, porque nesse mundo de consumo, nessa sociedade louca que vivemos, o hetero tem uma carga muito maior que nós, porque tem que aguentar os desejos da esposa, as cobranças dos filhos, a representação social, que nós, os gays, entramos nessa ou não, depende de nós, nesse aspecto, acho que a minha vida é muito melhor do que a de um hetero (...) (Roberto)

E de Carlos

Eu acho que envelhecemos melhor que os heteros, com a única desvantagem que os heteros vão ter os filhos que podem cuidá-los, alguns muito bem, outros filhos também não estão nem aí, não é garantia assim não, tem filho que bota pai e mãe em casa de repouso (...) (Carlos)

O que esses homens estão dizendo é que, puderam, durante toda a vida, organizarem-na de outra forma, sob outros valores. Não existia, na maioria das vezes, documentos ou filhos ou propriedade de bens ou compromissos sociais para fundamentar e amarrar a relação.

O que se quer dizer com isso, é que todos esses elementos que fundamentam uma relação oficial, e servem para tornar sua base sólida, também servem para aprisionar pessoas em relações não-satisfatórias, muitas vezes e, até prejudiciais, conforme podemos ver na fala de Mott ao comparar idosos gays e heteros frequentadores de uma praça em Fortaleza:

Por seus gestos exuberantes e alegria de viver, a comparação era inevitável, entre este bando de gays velhos com os velhos heterossexuais e casais de marido e mulher, da mesma faixa etária, que passavam pela praça – apressados, tensos, carrancudos, sem tempo para sentar num banco para curtir a deliciosa fresca e a lua crescente. (2003, p. 52)

E conclui da seguinte forma: “comparando os velhos heterossexuais com os velhos homossexuais, não tive a menor dúvida de qual grupo enfrentava a velhice de forma mais feliz! Ponto para as bichas de terceira idade!” (2003, p. 52).

Os relacionamentos gays, por sua vez, costumam se pautar pela objetividade do desejo e sua manutenção está condicionada à vontade dos seus membros. Dificilmente um casal gay se mantém quando perde o interesse um pelo outro.

Relacionamentos homossexuais não se mantem por convenções ou interesses. Eles se mantem enquanto houver sentimento ou tesão, ou vontade.

Além disso, Carlos toca num assunto que sempre aparece no imaginário coletivo: a questão dos filhos e os cuidados futuros aos pais idosos. Porém, ele mesmo arremata que ter filhos não é garantia de ser cuidado na velhice.

Sobre esse assunto Mott afirma:

Estou cada vez mais convencido de que independentemente de ser homo ou heterossexual, no mundo moderno urbano, qualquer velho ou velha está ameaçado de ser abandonado pela família num asilo, de tal sorte que ter filhos e netos não é garantia para ninguém de que será acolhido e mantido no seio da família quando a velhice e os achaques se tornarem insuportáveis mesmo para os entes mais queridos. (2003, p. 50)

É uma realidade sombria respaldada por fatores econômicos que não são desconsiderados e menos ainda desconhecidos, portanto podem ser previstos e planejados, caso o indivíduo olhe para o futuro.

A seguir nossa análise se volta para os aspectos do envelhecimento que foram considerados positivos, entendidos como ganhos, e os negativos, como perdas.

a) Ganhos

Nesse tema situam-se os aspectos relacionados ao processo de envelhecimento que foram considerados positivos pelos participantes: amadurecimento, capacidade de decisão, saúde, atratividade e felicidade.

1 Amadurecimento

O primeiro e mais difundido aspecto do envelhecimento apontado pelos participantes é o amadurecimento, que parece ser o grande objetivo da vida. Vivemos muito para ter tempo suficiente para que isso aconteça.

Na pesquisa destacamos que dez dos participantes apontaram o amadurecimento como aspecto positivo do envelhecimento.

Eduardo sente as transformações advindas da idade:

Eu me sinto muito mais preparado para enfrentar a vida com a idade que tenho hoje. Parece que a idade ampliou muito a minha visão do mundo e a compreensão das pessoas que me rodeiam (...) (Eduardo)

Johnson e Ruhl afirmam que “na segunda metade da vida, o que fazemos não importa tanto; o que conta é o nível de consciência que colocamos no que fazemos. Isso é compartilhar o tempo com os deuses do Olimpo” (2010, p. 83).

Uma história de vida positiva acrescenta satisfação:

Acho positivo poder olhar para trás e ver tudo o que vivi e me sentir bem com isso, ver minha história sem censura, não existe um evento que possa me denegrir publicamente, me sinto orgulhoso do meu passado (...) (Rafael)

Mesmo se julgando maduro desde sempre, a passagem do tempo pode acrescentar:

Eu sempre fui uma pessoa extremamente madura, mas os anos acrescentam, com certeza (...) (Mauro)

E ainda assim, sempre há o que aprender e conquistar com a idade:

A cada ano que eu fui adquirindo, eu fui ficando mais confiante, aprendendo mais a dizer não, hoje eu consigo dizer não na cara, sem muito drama, sem muito problema (...) (Mauro)

A percepção desse amadurecimento é um dado psicológico:

A gente amadurece, a gente percebe mais (...) (José)

Nesse sentido: “se não for para evoluir, qual o sentido de ficar mais velho? Todas as fases da vida devem ser aproveitadas, com o melhor que elas podem oferecer” (FISCHER, 2008, p. 49). Mas esse melhor nunca será o suficiente se não houver uma pré-disposição para recebê-lo.

Muitas vezes a consciência do amadurecimento pode vir dos erros e do aprendizado doloroso que eles provocam. É o duro golpe da lapidação.

A experiência que eu tive, em todos os sentidos, eu me sinto mais experiente, tentando errar menos, mas mesmo assim, entrei num relacionamento totalmente louco que me fez chegar onde cheguei hoje (...) (Paulo)

Paulo reforça, com sua fala, que o grande aprendizado da idade é a humildade de nos saber imperfeitos, que erramos, vamos errar ainda, mas temos que continuar nos esforçando para não errar em escolhas importantes, não porque assim é a norma, mas porque nesses erros os maiores prejudicados somos nós mesmos.

Contudo, apesar dessas imperfeições é possível se atingir um grau maior de sabedoria:

Me sinto extremamente mais sábio hoje, apesar de que sempre fui impulsivo, eu reajo muito por impulsividade, não paro pra pensar (...) (Hélio)

A sabedoria verdadeira vem acompanhada da noção da extensão da nossa ignorância e nossos defeitos, e pressupõe um domínio mínimo das pulsões afetivas e emocionais.

Todo esse amadurecimento pode servir para uso bem prático:

A experiência, a gente sabe ponderar só de olhar na pessoa, se valeria a pena ou não, porque a vida é uma escola e cada pessoa que você sai é diferente da outra, só nos primeiros contatos, a gente já sabe distinguir se vai melhorar ou piorar, se eu acho que vai piorar, eu já dispensei (...) (Pedro)

Há toda uma objetividade no mercado sexual e habilidades que podem ser desenvolvidas. O amadurecimento também propicia maior liberdade.

A experiência que você tem da vida, poder sair, viajar (...) (Antonio)

Liberdade também pode significar ausência de culpa por ser homossexual e por viver de acordo com esta orientação.

Com o tempo eu fui ficando mais malandro para essas coisas [se assumir homossexual] e aí, depois de um bom tempo, comecei a frequentar lugares gays, sem culpa nenhuma, eu ia numa boa, sem problemas, paquerava, saía, transava, nunca tive nenhum conflito com nada, nem religião (...) (Carlos)

Amadurecer significa desenvolver a capacidade de comandar a própria vida, escolher o caminho e seguir o estilo pessoal.

Além disso, uma vida mais longa, que chega à velhice pode ampliar a capacidade de compreensão que se tem das outras pessoas:

Melhorou principalmente a compreensão do ser humano, eu era muito impaciente, bastante intolerante, eu não me gostava, assim, de maneira nenhuma, era um item da minha personalidade que eu não podia controlar e me incomodava muito e a idade me trouxe, não vou dizer que sou grande tolerante hoje, não, mas hoje sou muito mais tolerante, muito mais tranquilo, hoje consigo ficar bastante calado, coisa que eu não sabia fazer, isso eu acho fantástico na idade, uma das coisas mais lindas que a idade me trouxe, a compreensão do ser humano, a compreensão da família, os irmãos, sobrinhos (...) (Roberto)

A tolerância é uma virtude, e as virtudes não são dons gratuitos; são, antes, resultado de um árduo esforço de autodomínio e educação constante no sentido de dominar as atitudes consideradas inferiores em prol de outras, consideradas mais apropriadas.

Sponville informa que “a tolerância só vale contra si mesmo e a favor de outrem.” (1995, p. 176). Como virtude, é um aprendizado de respeito com relação às opiniões diferentes das nossas. O autor explica melhor: “tolerar é aceitar o que poderia ser condenado, é deixar fazer o que se poderia impedir ou combater. Portanto, é renunciar a uma parte de seu poder, de sua força, de sua cólera (...)” (1995, p. 176).

A idade nos ensina que tolerar divergências é uma capacidade que pode sustentar relacionamentos no sentido de minimizar os confrontos e embates que sempre podem aparecer, e que quando não são bem tratadas, essas diferenças podem desestabilizar as relações com outras pessoas, seja no nível da amizade ou dos afetos/sexo.

2 Capacidade de decisão

Amadurecer também ajuda a se sentir com mais força interior para lidar com as situações da vida, sejam elas quais forem:

A gente se sente mais forte para muitas situações, com mais condições de decidir acertadamente as coisas (...) (José)

Necessário lembrar que a capacidade de decisão é uma habilidade que vai sendo moldada ao longo da vida e é fruto da história pessoal de cada um. Nesse sentido a bagagem de experiências vividas, somada às condições concretas de expressão, podem facilitar ou dificultar a emergência dessa habilidade.

Não é só o fato de se viver uma vida longa que garante essa capacidade, mais sim como o indivíduo foi, ao longo do ciclo vital, incorporando o aprendizado das experiências e formando um repertório capaz de lhe servir de baliza em momentos de decisão.

Eduardo reconhece que a idade lhe acrescentou poder de decisão sobre sua vida:

Sinto que a idade me deu uma força renovada, não no sentido físico, mas no sentido psicológico, uma autoridade diante da vida (...) (Eduardo)

E isso acontece porque

A gente é muito mais preparado para a vida, a gente consegue resolver [as dificuldades] mais fácil (...) (José)

Além do aprendizado de vida, no embate com pessoas, instituições, normas e convenções, outros elementos também contribuem para o aumento da capacidade de decidir sobre a própria vida: a estabilidade material e o desenvolvimento de condições psicológicas estabilizadoras.

Assim, a conquista da moradia própria pode significar um acréscimo enorme à qualidade de vida, fortalecendo a capacidade de autonomia e propiciando espaço para o cuidado com o próprio corpo:

Ao homossexual idoso é essencial que tenha o seu espaço, que procure ter uma vida saudável para evitar que o tempo destrua mais rápido, o corpo físico, porque algum probleminha de saúde, sempre vai surgir mesmo, isso é normal (...) (Carlos)

É essa disposição renovada para encarar as eventuais adversidades, que funciona como acréscimo à qualidade de vida.

Sem dúvida alguma, a idade nos prepara melhor para a vida (...) (Eduardo)

Por exemplo, numa decisão, a gente é mais tranquilo para analisar as coisas, menos afobado, menos inseguro (...) (José)

Esse ganho foi apontado por três dos participantes.

3 Saúde

Ter a saúde em boas condições é necessário para uma vida produtiva, e atualmente as descobertas da farmacologia e da ciência médica têm propiciado solução para a maioria dos males que nos afligiu por séculos, facilitando uma vida relativamente estável até idades avançadas.

Com isso é possível se falar em boa saúde, mesmo já tendo adentrado à casa dos sexagenários:

Estou bem fisicamente, apesar de já ter 65 anos, não tenho nenhum grande problema de saúde (...) (Eduardo)

A consciência de que cada um é responsável por seu próprio bem estar está levando as pessoas a um grau maior de cuidados no âmbito da saúde:

A minha saúde é ótima, posso considerar ótima, eu procuro comer bem, me exercitar muito, não me acomodar, continuo na academia, eu fazia academia e Yoga e o intuito era ir para a natação, que ainda não aconteceu (risos), academia não é uma coisa que eu vou com prazer, eu vou porque eu sei que vai fazer bem para minha saúde, mas eu vou, chova canivete aberto, esfrie, es quente, o que acontecer, eu vou (...) (Mauro)

Nesse caso, o que conta não é a busca de um preparo físico de atleta, mas sim cultivar e manter uma disciplina saudável. Do contrário:

Se você não se cuida, não se movimenta, você vai ficando, vai acontecendo (...) (Carlos)

Pedro relata boa saúde, apesar de ter diabetes e ser hipertenso. Esses problemas de saúde estão provocando dificuldades de ereção, mas não afetou seu desejo:

Não mudou muita coisa com relação à minha juventude, eu continuo sendo a mesma pessoa, procurando sempre, transando sempre, a única coisa que está me afetando, por causa da minha saúde, porque eu tenho diabetes e sou hipertenso e a diabetes em si, ela deixa a gente um pouco menos, sem excitação, então, isso às vezes me preocupa, eu tenho que fazer mais sexo oral, o ativo, às vezes, não estou conseguindo fazer em função da diabetes, tenho conversado com minha endócrino e ela tem tentado me auxiliar em algumas coisas, mas, por enquanto, a única coisa que está me preocupando é a falta de potência no sexo (...) (Pedro)

Para ele esse é realmente um grande problema, já que seus relacionamentos giram em torno do sexo, exclusivamente. Caso perca a potência, ele terá um grande prejuízo. Contudo, ele já está buscando alternativas, tais como sexo oral e passivo. Com isso espera aumentar ou manter suas atividades sexuais.

Podemos inferir com isso que “novos roteiros vão sendo reinventados para que atendam às mudanças individuais e sociais diante das limitações relacionadas à saúde, à ereção e à falta de atratividade estética do corpo maduro” (MOTA, 2013, p. 7). É descobrir novas formas de prazer apesar das limitações físicas.

Ajuda também não ficar pensando aspectos negativos relacionados ao envelhecimento:

Graças a Deus, tenho uma saúde boa, não tenho problemas que me preocupem, então, eu não fico pensando que vou ficar doente, que estou ficando velho, não (...) (José)

No quesito saúde, os participantes relataram problemas, como já era esperado. Contudo, o que se evidencia nesse tema mencionado por 5 participantes, é a capacidade de adaptação a problemas físicos crescentes, de modo a se garantir a qualidade de vida e a satisfação, além da manutenção da vida sexual até idade avançada.

4 Atratividade

Aqueles que apostam no final das atividades sexuais com o avançar da idade estão muito enganados. Os homens que entrevistei para essa pesquisa praticam sexo regularmente, seja com parceiros fixos ou com eventuais, continuam se sentindo

atraentes e atuantes no mercado sexual e afetivo, que está cada vez mais especializado e segmentado.

Os *coroas*, como são chamados por Mota (2009), possuem um público fiel, como diz José:

Por eu ser mais velho, me sinto até privilegiado, porque parece que chama a atenção (...) (José)

E ressalta esse nicho sexual:

As pessoas têm uma preferência por pessoas mais velhas, então, eu fico até lisonjeado com isso, porque até hoje a gente se comunica na internet e vê muitos convites no facebook, as pessoas, chama a atenção, eu estou numa fase boa (risos), não estou abandonado, não (...) (José)

Na atualidade, as relações estão sendo iniciadas e mantidas pela *internet*, que está produzindo uma verdadeira revolução nos modos como as pessoas passaram a se relacionar.

Com toda essa disponibilidade de *sites*, informações, publicações, redes sociais, etc., as pessoas podem se ligar às outras por afinidades de gostos e preferências, buscando satisfação da forma que lhes convém.

Nesse sentido, existem *sites* e grupos, principalmente nas redes sociais, que congregam homens maduros que buscam amizades ou relacionamentos com outros da mesma idade, mas também com outros mais jovens, que preferem homens maduros, que assim ganham um público fiel.

Essa é também a percepção de Eduardo

É uma faca de dois gumes: percebo que para algumas pessoas eu me tornei um velho e sem qualquer tipo de atrativo, mas, para outras pessoas, ser mais velho pode ser um adicional a mais. Existem as pessoas que se interessam por coroas, homens mais velhos, com mais experiência (...) (Eduardo)

O desejo não tem idade nem preferências e muitos jovens preferem a figura paternal de um companheiro mais velho, assim como outros homens maduros preferem os da mesma faixa etária. A emergência desse segmento está propiciando um estilo de vida bastante tranquilo para homens maduros homossexuais, que podem decidir como conduzir sua vida. Os mais maduros estão vivendo em paz consigo mesmos:

Me sinto melhor agora (...) (Mauro)

E não dá pra esconder que ser desejado soa como elogio:

Ser desejado faz bem para o ego, eu não me dou muito valor (risos), mas eu sinto que as pessoas me olham com desejo (...) (Rafael)

E nessa condição de mercado sexual aquecido, tem até amigas se queixando das dificuldades do mercado masculino:

A oferta, para mim, está excelente, tanto que algumas meninas que conheço, não da família, mas do meu convívio social, elas falam que está muito mais fácil para mim do que para elas, e está mesmo!! (risos) Eu me relaciono bastante e tenho tido sorte até, nunca me aconteceu nada de grave, nenhuma ameaça, simplesmente o prazer (...) (Pedro)

Mesmo buscando uma forma de sexo considerada perigosa, Pedro constata que existe bastante oferta.

A atratividade afetiva/sexual não diminui com a idade, segundo cinco dos participantes, mas sofre alterações, requerendo mudanças nas práticas. Os demais participantes não mencionaram diretamente este tema, embora ele acabe por aparecer indiretamente, já que todos mantêm relacionamentos sexuais e/ou afetivos ou a esperança de novos encontros.

5 Felicidade

Outro item que apareceu nas falas destes homens foi a felicidade como acréscimo da idade. Eles são felizes:

Se todos fossem felizes como eu, o mundo seria melhor (...) (Pedro)

Eu sou feliz, muito feliz atualmente e quero manter essa felicidade enquanto viver (...) (Tiago)

Eduardo entende a felicidade como prerrogativa que deve ser exercida:

A felicidade é um direito de todos, basta que saibamos vivê-la dentro das nossas possibilidades (...) (Eduardo)

Possibilidades essas que se manifestam de diferentes formas:

Como eu até hoje não tenho convicção nenhuma do além, eu quero estar vivo, e estar vivo bem, eu quero ser feliz, não quero ser infeliz, então eu tenho que aceitar que minha barriga amoleceu, o bumbum caiu, o pinto já não sobe como você queria, enfim, tem que aceitar isso e viver numa boa, com galhardia (...) (Roberto)

Algumas coisas podem ser mudadas, outras não. A sabedoria é conseguir distinguir uma da outra. E a felicidade pode ser de um jeito específico para cada pessoa.

Eu sou feliz, não é solidão nenhuma para eu morar sozinho, adoro minha casa, adoro ouvir minhas músicas. Acham que a vida da gente é muita solidão, é nada!!! Coisa nenhuma. Você pode estar num monte de gente e se sentir só, eu não, gosto muito de receber, domingo aqui sempre tem alguém para almoçar (...) (Carlos)

Aqueles que vivem cercados pelos amigos não são pessoas solitárias. A solidão é uma condição inerente à pessoa. Não está fora. É de dentro.

A declaração de felicidade desses cinco participantes está estreitamente ligada ao estabelecimento de vínculos afetivos e sexuais, conforme constatado.

Corroborando essa percepção, pesquisa publicada em 2012, mostra que a felicidade e a autopercepção de saúde estão diretamente relacionadas à efetividade da vida sexual dos idosos (BASTOS *et al.*, 2012).

Assim, podemos afirmar que eles buscam a felicidade, na forma de relacionamentos e parcerias afetivo-sexuais, e exercem esta busca com a máxima liberdade que conseguiram se permitir.

b) Perdas

Nessa categoria discutimos os aspectos do envelhecimento considerados como negativos ligados, na maioria das vezes, às limitações físicas, à passagem do tempo e as modificações sociais que estão em curso.

1 Doenças e sinais da idade

O aparecimento das doenças associadas ao envelhecimento é algo esperado, mas não certo. Muitas pessoas envelhecem, mas não desenvolvem doenças específicas.

Apesar de já ter 65 anos, ainda não tive nenhuma das chamadas 'doenças da idade' (...) (Eduardo)

Muitas doenças que aparecem na velhice não são necessariamente resultado do envelhecimento, e sim da própria vida que a pessoa levou, incluindo os hábitos saudáveis ou não que cultivou.

Passei a trabalhar como diarista, de segunda a sexta, das 7 da manhã às 4 da tarde, descansava sábados, domingos e feriados. Eu chegava em casa 4 e meia, já ia para o meu banho, vinha pra cozinha, fazia minha comida, jantava, assistia o jornal nacional e já ia para a cama. Eu não tinha tempo e disposição para mais nada, só para o trabalho, eu comecei a entrar em depressão, depois depressão profunda, síndrome do pânico, estou em tratamento há 3 anos (...) (Hélio)

Vários aspectos podem ser destacados desta fala de Hélio, além de ainda podermos nos reportar às suas falas anteriores.

O trabalho é fonte de renda e também deve ser fonte de realização profissional e pessoal, contribuindo para a construção de um sentido de vida. Mas também poderá ser visto como uma chateação e fonte de sofrimento constante pela pessoa se ver obrigada ao desempenho de uma função que considera indigna, injusta, ser inferior à sua condição ou capacidade etc. Os motivos são muitos para justificar a repulsa ao trabalho.

Quando se está num emprego que não oferece condições adequadas, seja pela natureza do trabalho ou pela pessoa não se enquadrar por qualquer motivo, a rotina pode virar monotonia e tédio, e com o passar do tempo, pode se agravar e dar origem a algum tipo de transtorno psicológico. Em sua fala Hélio consegue ver a evolução do seu quadro cada vez mais grave: depressão... depressão profunda... ataques de pânico!!!

Parte de sua situação pode ser creditada à grande transformação pela qual passou, incluindo a derrocada financeira, a procura de uma nova ocupação em ambiente radicalmente diferente, a própria necessidade de trabalhar para se sustentar, porque ele era empresário da noite e atualmente é agente penitenciário. É uma grande e radical mudança!

Hélio, como o próprio deus-sol nasceu para brilhar. Na primeira fase da vida tudo estava a seu favor: juventude, beleza, dinheiro e pessoas dispostas a satisfazer seus caprichos. Sempre fez o que desejou, e ele desejou muitas coisas e provavelmente teve um bom número delas. Não precisamos de muito exercício e atenção para inferir uma baixa tolerância à frustração durante a maior parte de sua vida.

A grande crise surgiu na sua trajetória com o aparecimento dos problemas financeiros, ou melhor, quando ele finalmente acordou para uma realidade da qual não podia mais fugir.

Esse momento, bastante traumático, sem dúvida, marcou a redefinição de metas e perspectivas; contudo, ele ainda se debate e não aceita totalmente sua atual condição. Por isso sua nova vida lhe parece completamente desinteressante, daí o tédio. E é por isso também que não percebe o sentido nem do que passou, nem do que atualmente vive. Ao invés de lutar para construir esse novo sentido, ele entregou os pontos e desenvolveu sua depressão.

A idade traz consigo algumas consequências desagradáveis, como a diminuição da força física, da resistência, o aparecimento de dores, etc. “O corpo expõe claramente a chegada da velhice, pois além de tornar-se mais lento e suscetível a doenças, adquire rugas e perde a sua firmeza e vigor” (CALDAS; THOMAZ, 2010, p. 77).

Roberto nos diz:

Me pesa, sim, se eu tenho que levantar às 4 da manhã, trabalhar o dia todo, felizmente, agora não preciso fazer isso, mas se precisasse, seria muito penoso, já fiz isso e aguentava numa boa e não tinha sábado, nem domingo, isso mudou muito, tive que ir me acostumando, não me incomoda, porque para não aceitar isso, tem que morrer cedo e eu sou uma pessoa que amo a vida (...) (Roberto)

O segredo, segundo Roberto, é ir se adaptando às limitações sem resistência e à medida que elas se fizerem necessárias, ir se acostumando a elas e realmente não se incomodar pelo fato de ter algumas capacidades reduzidas. É natural que o corpo se canse mais facilmente, afinal os anos pesam. Isso não é doença, é o corpo apresentando os sinais da idade que tem.

Mauro aceita bem outros sinais da idade, não tem medo de envelhecer, mas com relação a barba e os cabelos, trava uma luta silenciosa e prefere abrir mão da barba e manter os cabelos bem aparados para não ter que pintá-los.

Eu não consigo aceitar os cabelos e a barba brancos, eu odeio passar lâmina, quando ela [a barba] começou a ficar branca, nesse período todo, eu passei lâmina, apesar de amar barba, eu sempre usei barba desde jovem, para mim, está sendo difícil ela branca e o cabelo branco, o cabelo branco é uó, eu jamais vou aceitar, também não pinto, acho que homem de cabelo pintado fica tão feio, eu acho que a tinta cai muito bem na mulher, mas no homem é feio e todo mundo quer botar na minha cabeça que é um charme ter barba branca, mas isso pra mim não é charme, eu não gosto em mim, pode

ser um charme nos outros, vejo isso como extremamente negativo (...)
(Mauro)

Atualmente muitos homens recorrem a produtos estéticos para a manutenção da aparência jovial, e esses recursos só aumentam com o aparecimento constante de novos produtos e tratamentos.

Mauro diz que não vive um conflito. Segundo ele não se incomoda por estar envelhecendo. Apenas não aceita cabelos e barba brancos. Para ele é feio e fica pior se pintados. Diz que é uma questão resolvida: vivencia a frustração de perder a barba que sempre gostou e cultivou e mantém os cabelos bem aparados. Foi a solução que encontrou. Porém, podemos nos perguntar se esse conflito, aparentemente resolvido, não seria a própria recusa, ainda que parcial, do envelhecimento?

O *senex*, neste caso específico, se radicalizou e enrijeceu. Não aceita o *puer* na forma dos produtos e soluções estéticos.

Dos participantes apenas 4 mencionaram esse tema.

2 Aprendizagem e novas tecnologias

Aprender é possível em todas as etapas da vida. Nas últimas décadas, com o constante avanço tecnológico, tornou-se praticamente presente o aprendizado constante das novas ferramentas para uso no dia-a-dia, tais como terminais bancários, computadores pessoais, celulares, etc. “As novas tecnologias informacionais transformam a vida de todas as gerações” (GOLDMAN, 2009, p. 300).

Para alguns a tecnologia trouxe a possibilidade de conexão com outras pessoas, facilitando o estabelecimento de relações de amizade, afetivas e/ou sexuais.

Para Mauro a *internet* atualmente é uma ferramenta que supre eventuais momentos de solidão:

A internet veio para ajudar, pelo menos para mim, foi uma coisa fabulosa (...) (Mauro)

Apesar disso, nem todos possuem a mesma facilidade com essas novas tecnologias ou mesmo maior interesse em dominar o seu uso.

Agora, em aprender algo novo, a gente é mais inseguro, a gente não vai ter capacidade de aprender aquilo, eu falo em relação, pelo fato de não ter

muito interesse em tecnologia, eu vou ali só para o que realmente eu preciso, tipo um computador, você tem receio de perder arquivos (...) (José)

Nesse sentido:

É comum associarmos a informática aos segmentos mais jovens da sociedade. Se o mundo da informação se mostra um grande desafio para a população em geral, para os idosos pode parecer uma barreira difícil de transpor. Atividades como recebimento nos guichês bancários, saldos e extratos e até o uso de equipamentos como vídeo, televisão, forno micro-ondas requerem o uso de teclas que deixam os idosos desanimados. O computador, então, é visto como um grande mistério. (GOLDMAN, 2009, p. 300)

Roberto nunca precisou se preocupar com a parte burocrática da vida. Essa função era desempenhada com prazer por seu falecido companheiro. E, assim como foi sua morte, de repente e sem aviso, se viu obrigado a aprender coisas para as quais não se sentia preparado.

Primeiro veio o problema profissional, que eu não estava acostumado a fazer nada sozinho, eu vim trabalhar com ele na fazenda em 1986, tudo era feito a 4 mãos, pelo temperamento dele, ele tomava a dianteira de muitas coisas, eu, por exemplo, a parte econômica era ele, eu ficava com a parte prática da fazenda, as compras de insumos, adubo e a parte econômica com ele, faltou ele, de uma hora para outra, me faltou esse apoio, eu fiquei perdido (...) (Roberto)

Foi necessário um longo tempo de aprendizado para colocar a vida em ordem, novamente. A atitude de Roberto, como já observado, é a de sempre buscar a superação dos obstáculos e não se entregar ao desânimo.

Carlos também reclama do despreparo para operar computadores:

Não sei se você vai encontrar isso, ou alguém vai dizer isso, mas essa geração nossa tem uma dificuldade muito grande de lidar com eletrônicos de modo geral, computador então, é uma tragédia (...) (Carlos)

Quando aconteceu a maior e mais intensa fase de aprendizagem de Carlos, não havia nada disso. A grande maioria dos aparelhos e máquinas que existem hoje são de invenção recente, demandando conhecimento e incorporação às rotinas.

Dificuldade já identificada:

Embora o progresso industrial e tecnológico tenha conquistado avanços, identifica-se outro problema concernente ao idoso, à dificuldade em lidar

com esses avanços, pois o mercado exige modernos equipamentos...
(MENDES *et al.*, 2005, p. 424)

Eduardo credita parte dessas dificuldades à rapidez com que as mudanças estão acontecendo:

Tenho um pouco de dificuldade em aprender novas tecnologias, tudo muda com muita rapidez, e quando ainda estou aprendendo a usar uma nova ferramenta do meu banco pela internet, por exemplo, já tem outra novidade acontecendo (risos) (...) (Eduardo)

Podemos constatar que a maior ou menor dificuldade na aprendizagem de novas tecnologias depende da vida e do contexto de cada indivíduo, aliada à sua vontade/necessidade deste aprendizado. Aprendemos aquilo que precisamos, mas acima de tudo, aquilo que queremos aprender. Esse tema foi abordado por 5 participantes.

3 Carências

Ser carente faz parte da condição humana. Todos somos carentes em algum grau. E quando se chega à maturidade da vida, se as principais condições internas do indivíduo ainda estão pendentes de elaboração, elas podem se expandir, provocando mais dor e angústia.

Paulo terminou um relacionamento há pouco tempo e ainda sofre devido a isso. É natural que se sinta carente e desejoso de novo relacionamento:

Eu acho que fiquei muito mais, eu fiquei, tipo, carente de afetividade, de relacionamento, eu sinto falta de ter alguém (...) (Paulo)

Roberto conta que quando ficou viúvo sentiu-se muito solitário e carente:

Me sentia carente, eu precisava de um abraço, de um carinho, de um beijo e um amigo não te dá isso (...) (Roberto)

Felizmente logo depois já conheceu seu atual namorado.

Eduardo faz eco a essa experiência de Roberto:

Somos todos muito carentes, é da nossa condição de seres humanos a carência, mas tem alguns momentos na vida, quando a gente está mais vulnerável, que parece que ela aperta mais (...) (Eduardo)

Mesmo para aqueles que não buscam ou esperam um relacionamento sentimental, existem momentos de carência que podem ser supridos pelos amigos:

Eu sinto falta de ter amigos que eu possa conversar (...) (Mauro)

Embora Mauro sinta falta de ter amigos próximos para suprir necessidades sentimentais, ainda assim sente também a necessidade de limitar sua intimidade:

Eu sou extremamente fechado, não quero dividir a minha intimidade com muita gente, nunca gostei disso, eu não gosto de turma, nunca gostei, desde criança, eu gostava de grupos menores, poucas pessoas (...) (Mauro)

Podemos inferir desta forma que, apesar da carência ser a condição natural, cada um a vivencia à sua moda.

O que a pesquisa revela é que os participantes afirmaram viver momentos de carência; momentos que passam. No mais das vezes, não se sentem carentes, mas quando acontece todos eles possuem recursos para supri-la, na forma de amigos e pessoas próximas.

O tema apareceu na fala de quatro dos participantes.

4 Vida sexual

Nesse tema estão incluídos aspectos considerados negativos com relação à vida sexual.

Na categoria anterior discutimos a sexualidade como possibilidade de plenitude existencial que teve a sua prática aumentada com o tempo, podendo ser usufruída até idades avançadas, graças aos avanços médicos, ocasionando satisfação e bem estar.

É exatamente o oposto nesse tema, quando alguns informantes relatam problemas na fruição dessas possibilidades.

Seguramente, o principal conjunto de problemas que afeta a vida sexual encontra-se na área médica e/ou psiquiátrica, como efeito colateral de medicamentos que baixam a energia sexual.

Paulo reclama da depressão e dos remédios que toma.

Hoje, não, eu tive um problema de depressão muito grande [pelo término do último relacionamento], já com o Beto [o ex], eu vinha percebendo, eu tinha tesão, mas eu não ficava tão excitado, como eu ficava anteriormente, eu sempre gostei muito, muito de transar, eu ficava excitado só de tocar, hoje não, diminuiu a libido, muito, ao ponto de ficar um mês, 2 meses, 3 meses sem até me masturbar (...) (Paulo)

Atualmente não sente muito desejo, que ele chama de tesão, e quando sente,

Passa muito rápido, eu tenho vontade de transar sim, sinto necessidade, mas dá a vontade de transar, dali a 5 minutos eu esqueço, já passou, acabou, não me excito mais com tanta facilidade (...) (Paulo)

Pedro também aponta a saúde como fonte de limitações sexuais:

A única coisa que está me preocupando é a falta de potência [em função da diabetes], no sexo (...) (Pedro)

Carlos possui problemas de saúde que acabam por diminuir seu desejo e critica aqueles que mentem sobre isso.

Não sei se com todo mundo, porque ninguém abre o jogo para dizer que a vida sexual está uma merda, ou não estou dando conta do recado, ou eu preciso de comprimido de, para disfunção erétil, ninguém fala isso, todo mundo fala que a vida sexual é uma maravilha, pra mim isso é tudo mentira, porque a minha vida sexual é muito lenta, eu acho lenta, é uma questão orgânica, o organismo envelhece, existe a diminuição da libido, o aumento natural da próstata, às vezes, um aumento excessivo, já aconteceu comigo, eu tive que tomar uma medicação por um tempo e a medicação detona mais ainda a libido, e você fica desinteressado, você só consegue uma ereção se tomar alguma medicação, isso eu acho que é normal, o organismo vai envelhecer mesmo, e vai apresentar essas dificuldades, não só na área sexual, mas em outras também (...) (Carlos)

Mesmo com alguns problemas de saúde e tomando remédios que diminuem o desejo sexual, Hélio atribui à idade suas dificuldades sexuais.

De 2 anos para cá eu não tive mais nenhum parceiro fixo, porque, agora eu tenho cabelo branco e existe preconceito contra cabelos brancos, é visível, só não é claro, mas, é, quando eu falo para as pessoas que tenho 60 anos, elas dizem: 'ah, deixa pra outro dia', 'dá o seu telefone, que eu te ligo', e nunca liga, por exemplo, às vezes eu marco com alguém (pela internet), a pessoa chega, me vê e vai embora, nem fala nada (...) (Hélio)

Questionado se seriam apenas os cabelos brancos (a idade) que repelem possíveis pretendentes, ele respondeu que sim, já que não possui nenhuma ruga e mostra o rosto para provar que realmente quase não tem rugas... ele parece ignorar que existem

outros motivos para atração ou repulsão de parceiros sexuais e/ou afetivos (será que dá para esquecer isto?). Por fim, se declara incapaz de encontrar outra explicação, e resume:

É a idade, não há outra explicação! (Hélio)

Aliado à dificuldade de conseguir parceiro, ele também admite a diminuição do desejo provocado pelos remédios:

Eu perdi completamente a libido, os remédios que eu tomo, faz perder a libido, as ereções que eu tenho são involuntárias, pra eu ter ereção tenho que tomar um azulzinho e já em seguida tomar o remédio da pressão, o Viagra faz a pressão subir, meu urologista liberou desde que tome o da pressão junto (...) (Hélio)

Somando as duas dificuldades o resultado é uma intensificação mútua.

A natureza impõe limitações, remédios e tratamentos diminuem o grau de excitação, arranjos precisam ser feitos com os médicos, remédios de pressão são acrescentados, tudo em nome do desejo e da vontade da fruição do sexo.

Podemos constatar que estar envelhecendo não anula o desejo, embora possa diminuir e até extinguir a excitação propriamente dita.

O tema foi mencionado por quatro dos participantes.

5 Saudosismo

A saudade é um sentimento positivo de algo que passou e teve um significado importante, que muitas vezes vai mudando ao longo da vida.

Também existe a saudade de um tempo que foi melhor, exatamente porque o presente pode não estar bom. Assim, a vida volta-se para o passado em busca de aspectos positivos que compensem o que estiver ruim no presente.

Nesse sentido, Arcuri diz o seguinte:

Envelhecer pode ser perigoso quando, na segunda metade da vida, carregamos o passado como um imenso fardo – os sentimentos, frustrações da vida, da vida não vivida, a urgência em amar quando não foi possível experimentar o amor em sua plenitude, os ressentimentos, as mágoas. (2012, p. 88)

Existem muitas saudades e muitas formas de vivenciá-las.

Paulo sente saudade da época em que podia transitar livremente por seus relacionamentos sexuais clandestinos com homens comprometidos:

Eu tenho muita saudade do meu tempo (...) (Paulo)

Atualmente com maior liberdade dos costumes, ele não consegue se encaixar e adaptar. Por isso o olhar para o passado.

Roberto sente saudade dos tempos de ingenuidade quando ouvia falar do Brasil, e mais especificamente, dos carnavais do Rio:

Eu já sabia, pelas conversas com os primos, que o Rio era uma maravilha, tinha primos, que hoje são homens de 79/75 anos, que vinham passar os carnavais no Rio, o negócio deles era mulher, mas, eu via que era um país diferente, muito aberto, liberal (...) (Roberto)

Passada toda uma vida, hoje sente-se grato pelas escolhas que efetuou.

Carlos também se lembra com carinho da época em que era jovem e vivia em São Paulo:

Na época os gays faziam uma espécie de footeen no centro de São Paulo, na av. Ipiranga, nas imediações por ali, na rua Barão de Itapetininga, ficava naquele meio, quem tinha carro, ficava dando voltas de carro e quem não tinha carro, ficava ali passeando pelas calçadas e era dessa maneira a paquera (...) (Carlos)

O passado deve ser cultuado, mas não pode sobrepujar ao presente como perspectiva de vida.

Nesse sentido

Na meia-idade, nossa identidade é a institucionalização de nosso passado. Temos boas razões para nos apegarmos a ela, mas isso não é tudo o que fomos concebidos para ser. Ao vivermos automaticamente no passado, perdemos a totalidade do presente. (JOHNSON; RUHL, 2010, p. 75)

Podemos constatar que a saudade está presente nas vidas dos participantes como recordações de uma época boa, que serve de inspiração para um presente agradável. O tema foi mencionado por três participantes.

6 Solidão

A solidão é o grande fantasma da vida em geral, mas ganha realce quando aparece nas idades mais avançadas.

Somos seres sociais, significando que precisamos viver na companhia de outras pessoas para termos uma vida saudável em praticamente todas as instâncias.

Porém, é difícil conseguir estabilidade nessa convivência. Precisar conviver não quer dizer automaticamente que a convivência será satisfatória, ou pelo menos satisfatória a maior parte do tempo. Nem sempre estamos prontos para o embate que é o convívio mais íntimo com outra(s) pessoa(s). Naturalmente surgem questões envolvendo diferentes pontos de vista, opiniões e/ou posicionamentos, provocando, em algumas situações, até mesmo o afastamento de pessoas consideradas importantes.

Por esses diferentes motivos, as pessoas acabam por se afastar:

Um pouco, eu mesmo me afastei (...) (Paulo)

Com isso, em algum momento da vida esse afastamento pode acabar por pesar:

Hoje eu me sinto solitário (...) (Paulo)

Nesse caso, a solidão pode expressar a ausência de pessoas afins, que mantêm sentimentos próximos, mas que não conseguem se entender e por isso se afastam. A solidão é a condição natural de cada um, enquanto que o isolamento pode ser uma infelicidade alheia à vontade ou fruto de um fracasso pessoal no âmbito das relações.

Paulo reconhece que se afastou dos amigos por causa do último relacionamento, que não era bem visto pelos amigos:

Quando eu estava com o Beto [seu ex], a maioria dos meus amigos viam o problema [dele se aproveitar financeiramente da relação] e me falavam, e eu não aceitava, por eles discordarem, eu me afastei deles, todos os meus amigos, eu não queria concordar com eles e achava que ia conseguir contornar essa situação e que eu fosse fazer o Beto ser o que eu queria, olha o ponto da minha loucura, eu tinha um pensamento mágico que ia conseguir fazer isso, mudar a cabeça dele, mas, ninguém muda ninguém (...) (Paulo)

Pois é, Paulo aprendeu essa lição pagando um preço muito alto: perdeu o companheiro, que buscava apenas compensações financeiras, os amigos, e hoje vive momentos de solidão.

Apesar de ser difícil vivenciar a solidão nessas condições, não podemos nos esquecer do seu importante papel.

Não é tão evidente a noção de que a solidão tem uma função importante para os humanos, assim como a dor física, a fome ou a sede, e de que a compreensão dessa função e de seus efeitos na cognição social guarda alguns dos segredos para vidas mais saudáveis, mais prósperas, mais felizes. (CACIOPPO; PATRICK, 2010, p. 11)

Para Paulo este é o momento de refletir para efetuar um balanço sobre seus relacionamentos e também sobre o valor que dá à amizade e aos amigos.

Hélio também se sente muito solitário desde que se afastou do trabalho por determinação médica:

Eu não vejo perspectiva de melhora, uma vez que só mudou o lugar, eu moro sozinho, fico sozinho, eu fico conversando com a televisão, converso com a mesa, com o armário (...) (Hélio)

Este relato pungente da solidão evidencia a dor de se sentir sozinho e não ter ninguém para conversar. “Nunca se falou tanto de solidão como hoje. Ela parece ter-se tornado onipresente e haver envolvido todos os homens nas suas garras demoníacas.” (CHARBONNEAU, 1984, p. 3).

O medo e a experiência da solidão não perseguem apenas os que estão sozinhos:

Solidão, eu tenho medo, às vezes me sinto solitário, mesmo estando com alguém, em meio a tantos eu me sinto só, é o único medo que tenho, me assusta muito (...) (Rafael)

Nesse sentido, podemos dizer que a solidão

Não está ligada à falta concreta de pessoas em torno de nós, mas antes, paradoxalmente, à sua presença (...) o estar só não é uma condição produzida por uma impossibilidade concreta de ter relações, mas por uma situação do sofrimento interior que não pode ser curada nem aliviada por presenças externas. (CAROTENUTO, 1994, p. 135)

O sentir-se solitário é uma condição psicológica que depende de inúmeros fatores, que genericamente podem ser compreendidos a partir da forma como cada um construiu sua vida e sua teia de relacionamentos.

Eu não me sinto solitário, eu tenho amigos maravilhosos, tenho vida social ativa, você tem que ser uma pessoa aberta, tem que prestigiar seus amigos, eu vivo no Brasil, não tenho família aqui e não me sinto solitário, absolutamente (...) (Roberto)

Roberto deixa claro que, para ele, a solidão pode ser afastada construindo um círculo coeso de amigos, e que tais vínculos precisam de atenção permanente para sua manutenção.

Cacioppo e Patrick afirmam que “quase todos sentem as pontadas da solidão em algum momento”, fruto das contingências a que estamos submetidos. Contudo, “a solidão transitória é tão comum que a aceitamos como parte da vida” (2010, p. 20-1).

Assim, a solidão também pode ser amenizada:

Não sou solitário, brinco, passeio, saio com os meus amigos, vou na boate de vez em quando (...) (Antonio)

É importante afrouxar as resistências e permitir que o *puer* possa se expressar. Dessa forma é possível aprender a conviver com a própria solidão. Além disso, é importante também uma atitude ativa no estabelecimento de vínculos e na quebra do isolamento.

A maneira como lidamos com a solidão é sempre pessoal e está ligada à maneira como conduzimos a vida em outras instâncias, já que tendemos à repetição dos padrões, e os acordos pessoais que vamos firmando.

Eu sempre fui muito casamenteiro, digamos assim, não consigo muito ficar sozinho, não é problema com a solidão, é tendência para viver a dois mesmo, eu gosto de estar casado (...) (Tiago)

Acima de tudo,

Eu não tenho medo de ficar sozinho (...) (Mauro)

Ser sozinho é a condição humana por natureza. Nascer e morrer são dois momentos da vida pelos quais só passamos sozinhos. Por outro lado, estar sozinho é

uma experiência que pode tanto servir de estímulo ao autoconhecimento e crescimento psicológico, quanto servir para desorganizar a psique daqueles que não possuem uma base existencial consistente, conforme evidenciado por estas falas.

Esse tema apareceu na fala de sete dos participantes.

7 Perdas

Quem está vivo, está sujeito às inexoráveis perdas em todos os âmbitos. A idade é um fator que acarreta perdas físicas:

Quando você começa a pegar cabeça, o corpo já não ajuda, tenho dificuldades para andar, tonturas (...) (Hélio)

Nesse sentido:

Às vezes as coisas simplesmente acontecem e não conseguimos classificá-las. Ou então, isso está além da nossa compreensão, no sentido de que o entendimento de qualquer um, ou de qualquer filosofia, tem um limite de análise efetiva. (MONICK, 1993, p. 110)

De todas as perdas, talvez a morte seja a mais difícil de ser vivida e superada.

Quando eu fiquei viúvo, há dois anos atrás, pra mim foi muito penoso, porque, claro, eu tenho 66 anos, tenho um monte de limitações hoje em dia, evidente que não sou mais aquela pessoa de 20 ou 35 anos (...) (Roberto)

Roberto vivia um casamento feliz que durou 31 anos; em plena viagem de final de ano, seu companheiro passou mal e veio a óbito:

Eu perdi o Julio, ele tinha, problema de coração, [mas] não estava numa fase delicada e nós estávamos numa boa fase, nós fomos passar o natal no Uruguai, ele passou mal, foi para o hospital e uma hora depois estava morto (...) (Roberto)

Dá para imaginar o nível do seu sofrimento e o sentimento de desamparo. “A viuvez é uma das piores perdas que sofre um dos cônjuges, principalmente após um longo tempo de vida conjugal, num casamento rico de significado e vida” (VARGAS, 2012, p. 144).

Eu não estava preparado para isso [morte do companheiro], nossa vida tinha mudado muito, a gente se gostava muito, a gente tinha uma vida muito boa, bonita, foi muito difícil, mas por outro lado, ele foi um homem de uma alegria de viver, de um otimismo, cheio de projetos e ele me passou isso (...)
(Roberto)

O que lhe deu ânimo para superar a perda do companheiro foi o fato de que foram felizes e aproveitaram a vida juntos. Nunca deixaram nada para viver depois.

Assim, podemos entender que “todo processo busca o seu fim, e a meta da vida é a morte, que é o coroamento de uma vida, e não algo a ser negado. A vida plenamente vivida é o melhor preparo para a vivência da morte” (MONTEIRO, 2006, p. 50).

Continuando, ele disse que

Depois de uns 6 meses que ele morreu, eu já aceitei, comecei a tocar minha vida, sofrendo solidão, mas, não há nada mais inexorável do que a morte, tive que aceitar ou você afunda e eu não tenho propensão à depressão, odeio depressão (...) (Roberto)

O seu compromisso é com a vida.

Foi o único momento na minha vida que eu tive problemas de solidão, momento muito depressivo, curto período, foi a única fase na vida, não tinha nada a ver com a minha homossexualidade, foi a perda de um amigo, um companheiro, um marido, não tenho propensão a isso [depressão] (...)
(Roberto)

Nesse sentido Monteiro afirma que “a morte é um fator potencializador de vida, ela possibilita viver mais plenamente, sem adiamentos, a reorganizar prioridades e a ser mais inteiro no agora” (2006, p. 51).

Apesar das perdas, temos também que somar o que ganhamos com a idade, que não costuma ser pouco, mas que geralmente não olhamos nesse momento.

Assim, podemos ampliar a questão:

Conforme envelhecemos, cada um de nós se confronta com limitações, ameaças à nossa capacidade de controlar os resultados e deflações de nossas presunções de onipotência. Podemos permanecer na superfície da vida ou podemos aprender que a existência é muito mais profunda, menos controlável, mais misteriosa e miraculosa do que entendíamos anteriormente. (JOHNSON; RUHL, 2010, p. 59-60)

A escolha de um desses caminhos só depende do próprio indivíduo.

A evidência desse tema está na capacidade de resiliência quando a pessoa tem plena convicção de que viveu uma vida satisfatória. Apesar das perdas, ela consegue levar adiante sua vida.

Esse tema apareceu em dois participantes.

8 Arrependimentos

Outro tema que emergiu das entrevistas foi o do arrependimento. Uma vida longa pode acomodar diversas situações em que gostaríamos de ter tido outra conduta. “A meia idade é uma época de reavaliação, em parte porque, conforme envelhecemos, o reino do ser precisa tornar-se predominante.” (JOHNSON; RUHL, 2010, p. 81). E para isso, às vezes, é necessário revisarmos o passado e mudar conceitos.

O arrependimento produz uma sensação ruim de que o tempo já passou e não há mais oportunidade ou espaço na vida para a realização de algo que se desejava.

Perdi a oportunidade talvez de grandes transformações, porque até uma certa idade, se você quer mudar, se você quer dar um salto, enfim, sair do país ou da cidade em que está, viver em outro lugar, arriscar, essa coisa de arriscar mais profissionalmente (...) (Carlos)

Alguns sonhos cabem apenas quando somos mais jovens, segundo Carlos. Depois de uma certa idade eles simplesmente deixam de fazer sentido, são abandonados.

Ele não está de todo errado. Algumas coisas funcionam na juventude, e podem não funcionar da mesma forma na vida madura, porque nossa experiência de vida, compreensão e leitura do mundo varia de acordo com a fase da vida (JOHNSON; RUHL, 2010, p. 63). Algumas coisas perdem o sentido com a idade, assim como outras coisas podem ganhar novos e inesperados sentidos também.

O arrependimento também pode vir por condutas e comportamentos que julgávamos adequados, mas que no final das contas, se mostraram inadequados:

Eu sou extremamente ciumento, os meus namorados, se olhassem do lado, eu já perguntava: ‘está olhando o que?’, ‘o que está procurando?’. Isso enche o saco, né. Hoje eu sei. Se alguém fizer comigo, eu vou ficar de saco cheio, só que eu não percebia que isso enchia o saco, acho que já mudei isso, mas, agora com a idade (...) (Hélio)

O quão tarde é para um novo relacionamento, só o tempo poderá dizer. De qualquer forma Hélio se mostra disposto, caso tenha uma nova oportunidade, a mudar esse seu traço.

Às vezes a vida faz escolhas das quais não podemos nos furtar, enquanto todos os outros estão cuidando de suas vidas, alguns filhos acabam recebendo a incumbência de cuidar dos pais idosos.

Eu queria ter construído muita coisa, ter minha vida própria, eu fiquei preso, não estou lamentando ter cuidado dos meus pais até o final, meus irmãos foram embora e eu fiquei, acho que perdi muita coisa, de aprender, você estando com os pais, eles cobram muito, onde você vai, com quem, tinha isso (...) (Antonio)

O cuidado de pais idosos, ao mesmo tempo que pode ser realizado com amor e dedicação, resultado da educação recebida nos mesmos moldes, também pode ser um grande fardo, por exigir dedicação praticamente em tempo integral. Quando há outros parentes com quem dividir essas tarefas, o fardo pode ser minimizado, mas ainda assim é bastante exaustivo.

Contudo, geralmente o cuidado recai sobre um único membro da família, que pode enfrentar muitos problemas que colocam em risco sua saúde, devido à sobrecarga de trabalho e a provável pouca habilidade no cuidado de alguém com limitações funcionais, desgaste físico e muitas vezes emocional (FERNANDES; GARCIA, 2009; NARDI, 2012).

Todas essas condições podem ser limitantes para a realização de projetos pessoais, que vão sempre ficando para segundo plano.

Em outras vezes, as escolhas atualmente questionadas são as da própria pessoa:

Eu optei por não ter filhos, poderia ter tido, independente se tivesse casado ou não, mas eu tive o meu próprio exemplo de vida muito difícil, na época, mais jovem, pensava: não quero passar por privações, não vou ter filhos para passar por privações que eu estou passando (...) (Flávio)

Hoje Flávio se arrepende dos filhos que não teve.

Hoje eu penso diferente: eu queria ter tido filhos, eu tenho muito amor para dar, pra filhos, eu daria um amor incondicional, eu queria ter tido filhos, hoje eu gostaria de mudar isso, pra amar incondicionalmente, porque filho eu vejo exemplo, eu vejo em família, pais e mães que são indiferentes, mas muitos que amam de verdade e eu queria ter um foco para jogar todo esse amor que sinto, queria dar pra alguém, queria dar pra um filho (...) (Flávio)

Flávio sente-se frustrado com os relacionamentos vividos e as dificuldades de estabelecer novas relações satisfatórias. Consegue vislumbrar uma possibilidade de extravasamento dessas emoções canalizando-as para o amor que poderia oferecer a uma criança.

Inversamente a todas essas situações, podemos dizer que ter uma atitude positiva diante da vida pode evitar arrependimentos:

Não tenho arrependimentos, fiz tudo o que quis e pude e o que não pude aprendi a transformar em algo produtivo ao invés de ficar chorando pelo que não foi possível (...) (Eduardo)

Mais uma vez, sua atitude de resiliência pode lhe ajudar na elaboração das contingências.

Rafael também pensa assim:

Não me arrependo de nada do que fiz, só do que deixei de fazer, quem fica preso em arrependimento, não chega a lugar algum (...) (Rafael)

A vida deve ser vivida para a frente, novos planos e metas precisam ser traçados, do contrário corre-se o risco de viver sempre no passado, lamentando-se e reclamando sempre.

A evidência dessa categoria está no fato de que sempre pode haver motivos para arrependimentos. Quem não os tem? Mas a vida caminha em direção ao futuro e não ao passado. Apesar dos erros, é necessário seguir em frente e tirar proveito das experiências ruins, nem que seja para não repeti-las.

Esse assunto foi abordado por seis participantes.

9 Medos

Nesse tema aparecem as falas a respeito de eventuais medos surgidos em virtude do envelhecimento. Esse foi um tópico que apareceu pouco em todas as entrevistas, de modo que podemos inferir que quando se constrói uma vida boa e satisfatória, apesar dos problemas inevitáveis, não há muito espaço para o cultivo de medos e inseguranças. Ainda assim, os medos que aqui apareceram podem ser consideradas como medos frequentes, daqueles que afetam a todas as pessoas, indistintamente.

Não tenho medo de envelhecer, mas tenho medo de terminar sozinho, gostaria de ir primeiro que meu companheiro, acho muito triste terminar sozinho (...) (Eduardo)

Esse é um medo que se refere às pessoas que valorizam e cultivam relacionamentos íntimos, já que a qualquer momento um dos parceiros pode falecer ou o relacionamento pode chegar ao fim.

Para quem estruturou sua vida baseada nos relacionamentos que construiu, sente que foi exatamente o relacionamento, a existência de outra pessoa, que lhe conferiu a segurança para tocá-la adiante. Nessas condições, a falta da pessoa que representa esta possibilidade pode ser profundamente ameaçadora.

Hélio também tem medo de terminar sozinho, numa fase em que pode precisar de cuidados. Por isso, já possui uma estratégia:

Não tenho medo de envelhecer, o único receio é o de terminar sozinho, mas, eu tenho uma diarista: ela vem duas vezes por semana, então não tem vínculo empregatício, mas eu a coloquei como minha amásia no estado [onde é servidor], se eu morrer ela recebe minha aposentadoria, coloquei-a no plano funerário, para pagar os remédios bem mais baratos, daqui um tempo vou colocá-la no plano de saúde do estado, para garantir a ela e ela cuidar de mim, caso eu não consiga mais andar sozinho, tomar mais banho sozinho, ela se propõe a fazer isso, porque ela fez isso com um tio durante muitos anos (...) (Hélio)

Podemos constatar que a necessidade de companhia força o estabelecimento de vínculos que garantam o cuidado de que poderá necessitar no futuro. Foi o acordo que Hélio conseguiu fazer com a vida.

O tratamento social ao idoso que busca auxílio no poder público aparece como um medo associado ao envelhecer e não ao envelhecimento físico em si. A realidade social aparece como fantasma para os mais maduros porque geralmente os abandona nessa fase.

Tenho medo da falta de respeito para com o idoso, de buscar os direitos e não conseguir encontrá-los, o idoso vai no posto de saúde, não tem remédio, vai ao médico e não é bem atendido (...) (Rafael)

Nessa fala de Rafael aparece o descontentamento com as políticas públicas de atenção aos idosos, acarretando “(...) o envelhecimento sem qualidade e a carência no

aspecto político e social que dêem suporte para um envelhecimento saudável.” (MENDES *et al.*, 2005, p. 423).

Além disso, estudo publicado em 2010, constata que ainda existe preconceito e discriminação no discurso de atendentes na rede do SUS com relação à população LGBT (SANTOS, 2010), provocando mais aversão a uma possível necessidade de uso dessa instituição.

O que se constata é o medo de depender de cuidados, em função da perda da autonomia. Um medo real e justificado.

Esse tópico apareceu na fala de três participantes.

7 DISCUSSÃO: HOMOSSEXUALIDADE QUE ENVELHECE

Vi especialistas na TV dizendo que já nasceu o homem que vai viver 150 anos... eu me vejo chegando nesta idade (risos)... eu não tenho essa neura da idade...

Rafael (55 anos)

Tendo como objetivo descrever e compreender as questões e os eventuais conflitos envolvidos no processo de envelhecimento homossexual masculino, realizamos um estudo qualitativo por meio de entrevistas de profundidade com doze participantes com idades de 50 a 66 anos.

Para essa pesquisa privilegiamos a percepção que esses homens já idosos ou próximos dessa fase têm de seu próprio processo de envelhecimento.

Após a organização em categorias temáticas e a análise dessas categorias no capítulo anterior, foi possível a montagem de um amplo panorama da existência e das condições desses homens, nos permitindo um vislumbre de como estruturaram suas vidas, equacionando suas orientações, suas crenças e o modo como percebem seu próprio processo de envelhecimento e o quanto isso afeta suas vidas.

A análise dos resultados, como vimos, foi organizada em três categorias: histórias de vida e família; sexualidade e relações afetivas e de trabalho; percepções do envelhecer.

Para organizar a presente discussão, a partir dos objetivos delimitados, propomos os seguintes temas: aceitação da homossexualidade; sexualidade e afetividade; envelhecimento, mudanças e recursos.

7.1 Aceitação da homossexualidade

Logo no início da análise pudemos identificar que muitos indivíduos homossexuais desenvolvem desde cedo a consciência de uma diferença que os deixa marcados tanto interna como externamente.

Conforme observamos, uma criança pode se sentir diferente por vários motivos: deficiências físicas e mentais, raça, escala social, fatores estéticos, etc. A diferença também pode ser percebida, em alguns casos, a partir de uma orientação sexual ainda incipiente, mas já presente desde a infância.

Cinco dos participantes (Tiago, José, Antonio, Flávio e Carlos) narraram dificuldades para a aceitação da homossexualidade, tendência já percebida desde a infância, e para dois deles (José e Flávio) tais dificuldades se estenderam até a vida adulta.

O processo de desenvolvimento narrado por eles seguiu o padrão descrito na literatura: desde cedo se perceberam diferentes, embora não existisse nessa fase a consciência do que consistia essa diferença. É de se ressaltar que o meio em que viviam praticamente não lhes possibilitaram mecanismos adaptativos e/ou compreensíveis para lhes auxiliar naquele momento delicado (SULLIVAN, 1996; ISAY, 1998; MOTT, 2003; GARCIA, 2007; WYLLYS, 2014).

A literatura sobre esse tema informa que a sociedade, como um todo, ainda não se encontra preparada para receber e orientar a criança que desde a mais tenra idade já mostra tendências homossexuais. Nesse aspecto, a maioria dos homossexuais precisou descobrir como lidar com isso sozinho. Então, não foi raro encontrarmos nos participantes sentimentos confusos e até contraditórios, como vergonha e humilhação, associados a uma disposição para a manutenção do segredo sobre a intimidade. O estigma, quase sempre, já está consolidado nessas vidas, porque desde cedo escutaram e presenciaram manifestações depreciativas com relação aos homossexuais (GOFFMAN, 1975). Como aceitar uma condição que é considerada como altamente negativa por muitos?

Já para os demais participantes o processo de aceitação transcorreu relativamente bem, tendo chegado a uma resolução ainda na adolescência⁴¹, com exceção de Pedro que relatou ter seguido uma vida heterossexual até o início da idade adulta, quando finalmente veio a descoberta de sua homossexualidade, fato que foi aceito e integrado rapidamente às suas práticas, muito embora ele ainda se mantenha resistente a uma integração total de sua orientação. Aceita, embora com limitações.

Nesse sentido, entendemos por aceitação a atitude de integrar os aspectos próprios da sexualidade à consciência, que a partir daí refletirão nas outras áreas da personalidade. Não implica ausência de conflitos internos e/ou externos. A aceitação não é homogênea, nem acontece de uma só vez. É um processo que comporta infinitas fases interdependentes e interconectadas que não obedecem a uma ordem fixa e rígida,

⁴¹ Quando afirmamos que houve boa aceitação da própria homossexualidade, não estamos incluindo ausência de conflitos. Esses podem ainda persistir, na forma de complexos, por longos anos e até pela vida toda, variando em graus e profundidades.

pressupondo avanços e retrocessos. Muitos homossexuais vão oscilar constantemente entre o *ser* e o *parecer*.

Aceitar-se não significa que o indivíduo esteja pronto para vivenciar todos os aspectos exteriores de sua orientação.

Inúmeros conflitos podem surgir nesse processo.

Dois participantes (Antonio e José) narram conflitos na área religiosa e Mauro apenas cita a importância da religião para ele.

Podemos destacar a profundidade do conflito religioso, em função da importância que a religião ainda ocupa na humanidade, positiva e negativamente, sendo hoje o ponto de origem da principal e mais forte resistência à igualdade pleiteada pela população LGBT.

Contudo, nessa pesquisa o conflito com a religião apareceu pouco. Mas podemos refletir o quanto a religião afastou os indivíduos homossexuais de suas fileiras. Houve uma dessacralização geral do mundo ocidental, é fato! Contudo, parece que entre os homossexuais, foi mais radical esse afastamento. Isso pode ser explicado e compreendido pela maneira hostil como as religiões em geral tratam questões e indivíduos gays, não aceitando, e mais do que isso, combatendo ferozmente o estilo de vida e as práticas homossexuais, muitas vezes extrapolando os limites da vida religiosa e fazendo uso de violência, tanto psicológica quanto física. Embora a essência da religião seja o amor, o sacrifício e a compaixão, dentre outros, o preço cobrado dos homossexuais é excessivo.

Antonio para permanecer na sua fé, teve que transcender e abdicar da própria sexualidade. José enquanto não se afastou da sua comunidade religiosa não conseguiu construir um relacionamento. Ainda se define como religioso, mas desenvolveu um modo próprio de cultuar Deus.

Na esteira dos conflitos, o *bullying* aparece na fala de três participantes (Flávio, Tiago e Eduardo) como uma forma insidiosa de uma sociedade heteronormativa dizer que não suporta as diferenças.

A experiência do *bullying* marca profundamente porque instaura uma ruptura entre o indivíduo e o grupo agressor, com consequências que podem durar por muito tempo, caso os adultos não percebam e atuem efetivamente para acolher e apaziguar tanto a vítima quanto os agressores. Uma ocorrência dessa natureza pode ser construtiva ou negativa. Depende dos adultos responsáveis, não só os professores, mas também os pais, cuidadores e demais pessoas que porventura estiverem envolvidas com a situação.

Seguindo preceito popular (e bíblico) de que aquilo que não nos mata, pode nos fortalecer, os participantes dessa pesquisa puderam constatar uma força surgida das experiências negativas com relação ao preconceito e à discriminação chamada de resiliência (LIBORIO; UNGAR, 2010). Eduardo expressou essa ideia ao dizer que tirou proveito das experiências vividas para construir seu sucesso pessoal e profissional.

Da mesma forma, o preconceito ainda é uma realidade para muitos indivíduos homossexuais. Esse tema foi trazido por cinco participantes. Mas as opiniões se dividem: para Hélio atualmente é mais velado, mas continua presente; Paulo diz que nunca foi vítima e justifica que não se *parece* com gay e deixa à mostra sua repulsa por indivíduos efeminados, denunciando uma homofobia internalizada e bastante acentuada a ponto de, ainda, sentir-se constrangido com a própria homossexualidade em situações públicas; Roberto também afirma nunca ter sido vítima, atribuindo isto à sua autoaceitação; Rafael se sente ofendido com atitudes preconceituosas e Flávio ainda cultiva inúmeros preconceitos contra si próprio, na esperança vã de salvar algum resquício de masculinidade que julga estar perdendo caso integre plenamente sua homossexualidade, de modo que se sente muito desconfortável no que se refere à sua orientação.

Por mais que seja uma página em vias de superação em suas biografias, o preconceito continua marcando as vidas homossexuais, ainda que inconscientemente, dissimuladamente. Também houve relatos de homens que declararam não ter vivido experiências desse tipo, mas ainda assim, reconhecem a existência do preconceito social, que vem se acirrando em alguns contextos exatamente provocado pela maior visibilidade de gays e lésbicas nos últimos tempos, que podem ser vistos nas ruas, shoppings, bares e na TV em programas, filmes e novelas, além da mídia em geral.

Tem chamado a atenção (...) uma certa explosão de comportamento homossexual. A qualquer hora, à noite especialmente, podem-se ver pessoas do mesmo sexo, geralmente homens, andando abraçados, às vezes de mãos dadas, às vezes se beijando como forma de saudação, beijos esses não raro dados na boca. (MACRAE, 2005, p. 291)

Diante de cenário tão complexo, podemos ver que o preconceito mora ao lado, mas também pode habitar a pele do próprio indivíduo homossexual. Aceitar-se gay implica derrubar inúmeros preconceitos, os próprios em primeiro lugar. E essa tarefa pode ser muito longa; para alguns, interminável...

Diversos são os desafios do jovem homossexual: família, amigos, sociedade, religião, etc. Desde muito cedo se depara com o grande obstáculo da homofobia generalizada, correndo sempre o risco de introjetá-la, interiorizá-la, adotando padrões e crenças negativas à sua livre expressão. Alguns vão levar essa marca para sempre como é o caso de Paulo e Pedro, nesse estudo. Eles conseguiram minimizar os efeitos da homofobia externa e construir *personas* homossexuais dentro de situações limitadas de vivências exclusivamente sexuais, praticamente sem sentimento e afeto.

O preconceito pode comprometer e dificultar a plenitude de vida das vítimas. Quando é internalizado (homofobia) torna-se muito mais danoso, porque a própria pessoa pode bloquear seu crescimento e impedir, assim, a construção de uma vida satisfatória com outra pessoa, havendo a tendência a desenvolver, em oposição, sentimentos de culpa e vergonha.

A maneira como o indivíduo vê sua própria orientação sexual é muito importante, por conter crenças internas capazes de direcionar sua trajetória tanto positiva quanto negativamente, favorecendo ou prejudicando seu desenvolvimento.

Nesse sentido, aqueles homens que ainda acreditam que a homossexualidade implica em condição inferior, portanto, que deve ser mantida em sigilo, pode desenvolver a noção de que atividades sexuais e sentimentos sejam aspectos opostos e mutuamente excludentes, de modo a configurar sua vida homossexual apenas sob a égide de relacionamentos exclusivamente sexuais, mais fáceis de praticar clandestinamente. Não deixa de ser, também, uma visão machista/patriarcal a que considera sentimentos e afetos características efeminadas, das quais os homens devem manter-se longe.

Para aqueles que conseguem derrubar os monstros do preconceito, a integração representa plenitude (Eduardo), a consciência de direitos e prerrogativas (Hélio) e a felicidade (Pedro). E para os que não conseguem fazer essa transição (Paulo e Pedro) restam a clandestinidade (interna e externa) e a luta pela manutenção de uma realidade que foge cada dia mais (saudosismo).

A existência de direitos e prerrogativas que estendem igualdade jurídica aos homossexuais não garante sua eficácia plena, sem que haja uma etapa educacional do indivíduo para aceitar sua própria homossexualidade (ou sexualidade). São necessárias inúmeras lutas internas para se chegar a uma aceitação razoável de tudo o que somos, em todas as instâncias da vida. O processo de individuação nos leva sempre à frente, ainda que de forma dolorosa, quando houver resistência.

Além disso, existe, ainda, a própria família: uma equação a ser solucionada, na grande maioria das vezes.

Ao mesmo tempo em que pode ser fonte de proteção e desenvolvimento de relações estruturadas, também pode provocar inúmeros problemas quando não houver compreensão e aceitação.

O tema apareceu na fala de sete participantes. Desses, quatro (Flávio, Tiago, Rafael e Pedro) estão *parcialmente no armário* para a família, o que quer dizer, alguns membros da família sabem, outros não. E três (Eduardo, Mauro e José) estão totalmente *fora do armário* e podem contar com o apoio da família integralmente.

Problemas oriundos de famílias disfuncionais podem persistir, na forma de fantasmas por todo o ciclo vital, como vimos em Flávio e sua grande dificuldade de estabelecer relações na atualidade. A família é o nosso modelo primordial e a família de Flávio foi marcada por conflitos.

Os problemas que podem surgir nas famílias vão desde o alcoolismo de algum dos membros até violência, negligência, distanciamento afetivo, falta de diálogo, etc. Nessas famílias se torna muito difícil surgir comunicação clara, objetiva e afetiva capaz de conter e acolher as inquietações de seus membros, podendo resultar em adultos igualmente problemáticos, casos esses não consigam se reorganizar em fases mais adiantadas e em novas relações significativas, o que poderá perpetuar preconceitos e crenças homofóbicas, como se essas fossem a expressão da norma, como podemos ver no relato de Flávio.

A não aceitação plena da própria orientação pode levar a modelos de vida baseados na clandestinidade e nos relacionamentos considerados problemáticos, envolvendo traições, relações triangulares, multiparcerias, etc.

O envolvimento com homens casados e aqueles não disponíveis para relacionamentos, excluído o julgamento moral, é um relacionamento incompleto, já que os parceiros não se dedicam à construção de uma relação e convivência, visando exclusivamente as práticas sexuais. Os encontros costumam ser escondidos, em horários impróprios e carregados pelo medo de que alguém descubra. Na verdade, é um relacionamento que não é relacionamento. Um dos principais pilares da relação não está presente: a disponibilidade afetiva para o parceiro.

A elaboração psicológica das questões ligadas à orientação sexual pode conduzir a uma vida plena e permitir que o indivíduo estabeleça relações baseadas no companheirismo e nos sentimentos que podem surgir entre duas pessoas, uma vez

superados, pelo menos, os principais preconceitos. Com isso pode-se falar em vidas congruentes e o indivíduo pode desenvolver estratégias mais eficientes para enfrentar o processo de envelhecimento.

Assim podemos afirmar que o processo de desenvolvimento homossexual começa com a aceitação da própria homossexualidade e que esse processo é cheio de situações potencialmente problemáticas, que podem ser facilitadas ou dificultadas pela posição adotada pela família na esteira desse processo.

Não se escolhe ser homossexual ou heterossexual. Mas pode ser escolhida a vivência plena de sua afetividade, seja ela qual for, se houver conscientização das tendências e integração dessas à vida, com a derrubada dos preconceitos, principalmente os próprios. Essa empreitada geralmente significa unir a sexualidade e a afetividade para compor a trama dos relacionamentos humanos, tão importantes para nossa saúde mental.

7.2 Sexualidade e afetividade

Não podemos falar em uniformidade ou relacionamentos-padrão no conjunto dos participantes desse estudo. Cada um construiu e vivenciou a relação que conseguiu a partir do que acreditava ser uma relação ideal, que pode se parecer com o modelo convencional (baseado na fidelidade), como é o caso de Roberto, Eduardo e Tiago; os baseados em triângulo, como são os de Paulo; os baseados em encontros avulsos, como os vividos por Pedro e Mauro; baseados em fidelidade, mas que compreende aventuras virtuais, como os de Rafael, dentre inúmeros outros formatos possíveis.

O que fica evidente pelos resultados é que a demanda de sexo e de afeto é ampla, variada e atende a todas as formas de desejo, o que significa que existem gostos diferentes e estes homens são exemplo dessa realidade. São donos do próprio desejo e vivenciam livre e amplamente a sexualidade, mesmo quando a natureza impõe alguma limitação, como é o caso de Pedro, que é diabético e hipertenso e está com dificuldades de ereção, e mesmo assim mantém práticas sexuais e o desejo de perpetuá-las.

Nesse âmbito, não se pode desprezar a grande contribuição da *internet* para aproximar as pessoas, identificar e especificar o grupo ao qual se pertence e ter acesso a informações, encontrar parceiros, dentre outros aspectos. Esse tema apareceu na fala de três participantes (Mauro, Carlos e Rafael).

A internet é hoje um importantíssimo espaço para a busca de parceiros, trocas, sociabilidade, discussões políticas e comunicação, com suas salas de bate-papo, suas listas de discussão e seus inúmeros e variados sites e portais dirigidos à homossexualidade em suas múltiplas manifestações. (SIMÕES; FRANÇA, 2005, p. 313)

Além disso, também podemos identificar que a idade pode produzir mudanças na maneira como o indivíduo vê determinados conceitos ligados às relações, especialmente o da fidelidade, que pode passar a ter contornos menos nítidos.

Roberto acredita que poderia tolerar uma infidelidade, apesar de ser ainda ciumento, mas não toleraria uma mentira. Para ele, a lealdade é muito mais importante. Seria esta a evidência da emergência de um novo valor a pautar os relacionamentos?

(...) considerando a exigência de fidelidade do parceiro uma ideia baseada na necessidade de transmissão da propriedade e de criação dos filhos, alguns, especialmente os homens, começam a questionar sua aplicabilidade aos homossexuais. (MACRAE, 2005, p. 300)

O tema da fidelidade foi mencionado por sete participantes (Roberto, Flávio, Mauro, Hélio, Rafael, Eduardo e Tiago), que afirmaram maior tolerância nesse assunto e valorização mais acentuada do companheirismo e lealdade do parceiro.

Esse dado mostra que as relações humanas estão passando por transformações significativas, com a adoção de novos valores que atendem às necessidades reais e desejos dos parceiros e não mais simples convenções sociais que ditam maneiras de ser. Isso quer dizer que para eles estar envolvido num relacionamento implica mais em querer, em expressar uma vontade, do que em possuir a propriedade e o controle do outro, apontando para a tendência ao desuso dessa postura. O vínculo se forma e é mantido por outros motivos.

O aspecto do envelhecimento, quando se trata de envolvimento afetivo e/ou sexuais, pode se apresentar para uns motivo de diminuição das atividades sexuais; também pode ser incorporado como atrativo para outros; tudo depende de como encaram o próprio envelhecer e os preconceitos que cultivam.

Ainda, existe a ideia generalizada de que o homem gay maduro precisa pagar por sexo. Contudo, por mais que alguns adotem essa prática, ela não se aplica a todos. Pedro e Flávio a rejeitam totalmente, embora por motivos diferentes. Enquanto Pedro não se deixou abater pelas decepções e continuou procurando, e encontrando, parceiros que não estão interessados em dinheiro, Flávio se fechou e parou de procurar.

A opção de Flávio lhe garante a segurança almejada, mas também tem um preço alto. Sente-se só e isolado e desejoso de um relacionamento, embora viva permanentemente com medo de que alguém se aproxime com interesses financeiros⁴². Após alguma reflexão, reconhece que, em função dessas crenças, tem uma vida muito limitada, dificultando a aproximação de outras pessoas. Mas, como dar o primeiro passo? Como mudar essa situação?

Para ele, nesse momento é importante manter a esperança, refletindo sobre a própria vida e as circunstâncias que o impedem de criar novas possibilidades. Começa a entender que viver é perigoso, por mais que isso seja um clichê. Para alcançar os resultados que irão nos dar condições melhores, precisamos nos arriscar a abandonar velhos papéis e situações aparentemente confortáveis e seguras, quando elas começarem a não funcionar mais como antes. É o incômodo com o *status quo* que pode produzir situações de mudanças. Também seria de grande ajuda que ele pudesse contar com um acompanhamento psicoterapêutico.

Não podemos nos esquecer que Flávio vem de uma família disfuncional; desde cedo aprendeu que suas referências de segurança (os pais) poderiam facilmente lhe trair. No campo amoroso e relacional foram diversas decepções, ainda não totalmente cicatrizadas. Assim podemos entender que seu medo de relacionamentos por interesse⁴³ inclui igualmente uma autoestima rebaixada e o medo de se expor afetivamente e mais uma vez ver suas referências íntimas lhe traindo. Muitas pessoas se antecipam a decepções futuras nem dando início aos relacionamentos, por medo e insegurança, apesar de viver constantemente a procura de alguém.

Exatamente por medo e insegurança, muitos relacionamentos homossexuais acabam baseando-se exclusivamente em sexo com uma supervalorização da liberdade: “muitos se recusam a assumir qualquer compromisso mais estável, temendo ter sua liberdade tolhida” (MACRAE, 2005, p. 300-1), como é o caso de Pedro.

Não é a recusa do relacionamento afetivo em troca do sexual que é problemático. É possível tal configuração na atualidade. O problema reside nas motivações dessa forma de relacionamento; quando o seu fundamento reside em

⁴² Uma fantasia desta ordem pode mascarar uma autoestima rebaixada, o que faz com que ele não reconheça nenhum aspecto próprio capaz de despertar interesse em outra pessoa, a não ser o dinheiro. Como ele não se sente “desejável”, qualquer pessoa que se aproxime estaria supostamente interessada apenas em lucrar com a eventual relação.

⁴³ Um medo que é bastante plausível!

traumas e conflitos passados (complexos) e não na livre escolha do indivíduo. Quem está agindo: o ego ou os complexos constelados?

Diante desse impasse, as escolhas acabam recaindo nos seguintes termos: viver um relacionamento, muitas vezes idealizado, que, quase com certeza, lhe trará algum sofrimento, já que é da natureza dos afetos e relacionamentos provocar dores, ou manter sua liberdade, talvez o maior bem já conquistado⁴⁴. A escolha pode ser pela liberdade, com maior frequência, embora o ideal do relacionamento romântico nunca seja totalmente descartado.

A possibilidade de se viver de modo avulso é uma realidade atualmente e isto não quer dizer ausência de atividades sexuais, mas informa sobre a não disponibilidade para as responsabilidades de uma vida a dois. A oferta sexual é grande mesmo para os mais maduros, que, se não deixam de ter desejo, também não deixam de praticá-lo, como pudemos ver em Pedro.

Assim,

Concomitantemente às mudanças que ocorrem no nível social mais amplo, está se alterando a forma como os homossexuais se vêem e se relacionam entre si. Em primeiro lugar, ocorre uma diminuição da carga de sentimento de culpa que pesa sobre esses indivíduos. Com o declínio da importância da religião cristã, como fator normativo da sociedade urbanizada e de consumo conspícuo, há uma tendência a deixar de ver o prazer sexual como intrinsecamente pecaminoso. (MACRAE, 2005, p. 298)

Hoje ser homossexual e manter relacionamentos (sexuais e/ou afetivos) depende apenas da vontade. Cada um tem que confrontar sua sombra, seus aspectos e elementos inconscientes, integrando-os à consciência para conseguir levar uma vida satisfatória (CENTOLA, 1981), seja num relacionamento estável, como Roberto, Eduardo, Tiago e José, ou em relações avulsas, como Pedro, Paulo, Mauro e Carlos. Enquanto isso não acontece, a vida pode se tornar muito difícil, como é para Hélio e Rafael, e num certo sentido, até para Antonio.

Nesse aspecto, o campo de estudos é vasto e ainda pouco explorado. A maneira como indivíduos homossexuais se relacionam, a dinâmica que estabelecem, as regras que definem as condutas, sexo e amor, sociabilidade, dentre outros temas se configuram como áreas ainda a merecer estudos futuros.

⁴⁴ A oposição entre *estar num relacionamento* x *ser livre* pode permear a vida de muitas pessoas ao pesar as vantagens e as desvantagens de cada situação. O prato da balança, contudo, tende a pesar mais de um lado ou de outro segundo a história de vida de cada um e as experiências vividas, que vão se tornando a fonte de referência para as decisões futuras.

Alguns trabalhos começam a surgir nesta área: Lopes (2010), aborda a homoconjugalidade masculina comparando a realidade brasileira com a argentina; Rodriguez (2012) investiga as representações parentais de casais homossexuais masculinos.

O cenário resultante da pesquisa, conforme vimos, é bastante variado, como a própria natureza humana. Contudo, podemos constatar com facilidade que o aspecto inconsciente que aparece mais amplamente nas falas e nos contextos dos participantes é a supervalorização da sexualidade, nos mais variados aspectos, em alguns casos aliado à afetividade (aqueles que optaram pelos relacionamentos) e em outros privilegiando aspectos puramente sexuais em detrimento dos demais aspectos da vida afetiva.

Como já vimos, a orientação é muito mais do que as meras práticas sexuais. Não se trata apenas de com quem as pessoas transam, mas como olham e compreendem o mundo e se relacionam com as coisas e as outras pessoas. E, nesse conjunto de singularidades a orientação da sexualidade é um dos fatores, de considerável importância, é certo, mas não o único.

Numa sociedade onde ainda impera o preconceito e a discriminação, mesmo que veladamente, os traços e marcas associados aos grupos LGBTs tendem a se exacerbar, forçando alguma uniformidade dos padrões, ou modas, ou tendências.

Fatores negativos também podem estar na base da formação dos vínculos de amizade, já que convivendo com pessoas da mesma orientação, os pontos de coincidência podem reforçar a ideia de uma identidade e evitar possíveis confrontos.

Assim, a *família escolhida* se constitui num importante grupo de sustentação da vida gay.

A amizade pode ser traduzida como a satisfação na realização de atividades em comum, e geralmente não incluem atividades sexuais no presente, mas já pode ter acontecido no passado. Não é inusual que antigos parceiros sexuais evoluam para a condição de amigos, muitas vezes até melhores amigos.

Entendemos que no mundo contemporâneo a noção de identidade está atrelada à de comunidade, numa influência mútua. Dessa forma o meio, ou grupo social, ou grupo de amigos, pode desempenhar papel fundamental na formação de conceitos ligados à orientação sexual (SILVA, 2005, p. 229).

MacRae também entende assim:

Embora continue a vigorar uma série de fatores inconscientes, acessíveis só por análises profundas, é inegável que discussões entre amigos e a força do exemplo ajudam imensamente as pessoas a se sentirem menos culpadas em relação à sua conduta sexual. (2005, p. 299)

O tema da amizade apareceu na fala de seis participantes, sendo que três cultivam amizades sólidas com outros indivíduos gays (Eduardo, Carlos e Rafael), dois possuem amigos gays, mas evitam (Paulo e Flávio) e Pedro que prefere não ter amigos gays.

Quando não se está bem resolvido com sua orientação, quando o indivíduo não se aceita plenamente, a homofobia interiorizada pode bloquear as relações de amizade. Alguém que não se aceita completamente, não vai querer frequentar grupo de homossexuais ou ser visto na companhia deles. “Esse processo pode chegar à repressão habitual de certas emoções, provocando problemas importantes para as relações sociais e a intimidade.” (CASTAÑEDA, 2007, p. 148). Por medo do que as outras pessoas “vão pensar” a vida pode se tornar bastante limitada.

Muito do processo de associação e estabelecimento de relações mais íntimas pode acontecer no ambiente de trabalho, onde as pessoas passam a maior parte do tempo útil, de modo que a socialização se dá mais naturalmente e algumas amizades também podem nascer.

Por ser uma das áreas mais importantes da vida de uma pessoa na atualidade, o trabalho e a profissão são especialmente relevantes nas vidas de homossexuais, porque representam a possibilidade de autonomia e independência financeira.

Nesse sentido, um ambiente social/coletivo livre de preconceitos e discriminações é condição necessária para a realização e o crescimento pessoal e profissional. Porém, isso é um ideal e nem sempre corresponde à vida real, que pode ser muito cruel em algumas situações.

Muitas vezes a ausência de histórias de preconceito acaba sendo, apenas, fruto de comportamentos discretos, de reserva com relação à exposição de aspectos particulares da vida, e que pode ser condição imposta pelo próprio indivíduo, que se faz vítima da própria homofobia internalizada, ou pela percepção de que o ambiente é homofóbico e o indivíduo precisa se preservar, ou ainda uma mescla dessas duas circunstâncias, o que constitui, de qualquer forma, uma violência com o sujeito, já que não existe nada equivalente que se compare que seja solicitado às pessoas

heterossexuais. Nesses casos, não revelar sua orientação, ou até mesmo mentir sobre ela, pode ser necessário (SEDGWICK, 2007).

As condições que propiciam ou não a revelação da orientação sexual de alguém devem ser cuidadosamente avaliadas. Nem sempre a ocupação de cargos de chefia basta para garantir a manutenção do respeito ou mesmo do emprego.

Dentre os participantes, Flávio ocupa cargo de chefia em empresa particular, por isso entende por bem manter-se discreto⁴⁵. Já Tiago é funcionário público e ocupa cargo muito superior, o que lhe garantiu, segundo ele, as condições para misturar aspectos de sua vida privada com a pública, sem qualquer prejuízo profissional. Por isso, Flávio optou por não revelar sua orientação e Tiago pelo oposto. Mas, antes de tudo, a motivação principal reside nas próprias crenças e concepções a respeito da própria orientação sexual.

Como vimos, as experiências da afetividade e da sexualidade estão vinculadas ao contexto e às condições pessoais, familiares, sociais e coletivas, que podem favorecer ou dificultar sua plenitude e integração. Mas, acima de tudo isto, é uma determinação interna que define que tipo de vivência cada um prefere. Por mais que as contingências existenciais estejam presentes modificando os rumos constantemente, as diretrizes da vida são decididas pelo indivíduo, que pode escolher se sucumbe a elas ou as transcende. Para cada um o preço será diferente, daí porque uns optam pela abertura e outros pela manutenção do armário fechado, afinal, viver é uma questão permanente de negociação entre o indivíduo, suas crenças e o mundo.

7.3 Envelhecimento, mudanças e recursos

Os participantes dessa pesquisa já estão vivendo a fase da velhice ou estão se aproximando dela, e ressaltam que a idade do corpo pode não acompanhar a idade da alma. Nesse sentido, eles podem até já serem designados de idosos (os que ultrapassaram a cada dos 60 anos), mas ainda não se sentem como tais, evidenciando o aspecto *puer*, jovial, de vivência do *senex*, que vai se instalando aos poucos (Pedro, Tiago e Rafael).

⁴⁵ Flávio não menciona o motivo de sua reserva, mas também não narra nenhum episódio de discriminação, de modo que podemos questionar se sua motivação responde a um ambiente homofóbico ou se é ele que não se sente confortável para expressar sua orientação. O fato de trabalhar em empresa particular e ter cargo de chefia não é motivo suficiente, já que inúmeras empresas atualmente respeitam os direitos e as prerrogativas de seus funcionários homossexuais e transexuais.

Não se sentir velho e acabado, é uma condição importante para manter uma boa saúde psíquica. Não estamos falando na fantasia neurótica de repelir qualquer traço do envelhecimento, e sim no cultivo de uma atitude jovial independente da idade. De aprender a ver os aspectos positivos das experiências. Esse é um dos grandes recursos utilizados para suportar o envelhecimento.

A percepção desse processo, quando bem elaborada e refletida, pode ser um acréscimo na qualidade de vida, desencadeando as mudanças que vão se fazendo necessárias, encaminhando o indivíduo para outro patamar existencial, e abrindo oportunidade para novos focos de interesse, além do desenvolvimento de uma vida mais plena.

Nesse processo, é importante a consciência das mudanças e adaptações necessárias, para que a transição não aconteça de modo traumático ou à revelia, o que pode ser bem pior. A consciência do processo é um recurso valioso para sua vivência.

Castañeda afirma que “(...) a orientação sexual em si não prediz o nível de bem-estar psicológico nas diferentes etapas da vida”, contudo, “(...) parece claro que os homossexuais envelhecem melhor na medida em que aceitaram e viveram abertamente sua orientação” (2007, p. 98). Constatamos isso com Eduardo, Mauro, José, Pedro, Carlos, Roberto e Tiago (sete participantes).

Os achados dessa pesquisa deixam claro que essa etapa da vida pode ser muito gratificante, principalmente, se puder ser conjugado à liberdade de expressão da sua orientação, a um padrão mais confortável de vida (e não apenas aquele padrão que consegue suprir apenas as necessidades básicas, quando consegue) e ao estabelecimento de boas relações, seja com amigos, amantes ou companheiros de vida, que pode incluir familiares compreensivos e acolhedores.

Além disso, pesquisas indicam que quando aprendemos a lidar com as limitações e obstáculos do envelhecimento (resiliência) é possível vivenciar uma velhice mais saudável (SILVA *et al.*, 2012).

Não existe um modelo prévio que garanta êxito e qualidade de vida para ninguém. Cada um deve criar seu próprio modelo. Os arranjos possíveis englobam infinitas possibilidades, que vão desde os encontros avulsos, passando pelas relações duráveis e baseadas em sexo, ou nas que tenham por fundamento o convívio e o cultivo de sentimentos.

Independente da forma de se relacionar adotada, um aspecto que evidencia perspectivas de saúde é a capacidade de fazer planos e projetar o futuro, que deve ser cultivada e estimulada em todas as etapas, como recurso valioso de desenvolvimento.

José planeja uma vida com mais qualidade, na continuidade de seu relacionamento, e melhorar economicamente; Eduardo acredita que ter planos é que dá sentido à sua vida, por isso os cultiva; Carlos planeja voltar a estudar e passar mais tempo com os amigos; Paulo planeja iniciar nova carreira profissional e também encontrar alguém; Pedro deseja melhorar economicamente para enfrentar melhor a velhice e manter as atividades sexuais; Roberto tem como lema a superação constante de todos os problemas que surgirem; Rafael também quer melhorar economicamente e Mauro planeja vida religiosa para o futuro.

Esses homens estão bem com sua idade e cheios de planos para o futuro, conforme vimos, deixando claro que não se encaixam no estereótipo do gay idoso, sozinho e triste. Nesse estereótipo, apenas Hélio se enquadra, e mesmo assim, podemos afirmar que isto ocorre em função de sua personalidade complexa e não por sua orientação sexual.

Pedro, Carlos e Roberto consideram que vivenciam melhor que muitos indivíduos heterossexuais o processo de envelhecimento, principalmente por não contarem com várias situações que são comuns aos casais heterossexuais, e poderem ser mais livres nessa fase adiantada da vida, porque puderam construir relações baseadas em outras premissas, mas basicamente fundamentadas na vontade de estar junto e no sentimento mútuo.

No tocante aos *ganhos* foram identificados os seguintes: amadurecimento, capacidade maior de decisão, saúde, atratividade e felicidade.

O que se destacou foi a relação entre a passagem do tempo e a vivência das experiências durante o percurso existencial, moldando a maneira como o indivíduo amadurece, caminhando em direção ao arquétipo do Velho Sábio que, se bem integrado, pode se transformar em importante recurso para o desenvolvimento individual: “com o aparecimento do Velho Sábio, entramos num estágio decisivo de desenvolvimento.” (MIDDELKOOP, 1996, p. 50), com maior ampliação da consciência e da integração ego-Self.

O tema do amadurecimento apareceu na fala de dez participantes (Eduardo, Rafael, Mauro, José, Paulo, Hélio, Pedro, Antonio, Carlos e Roberto), não apenas como resultado já alcançado, mas também como meta.

Com a idade, vários problemas podem surgir, requerendo ações que possam não só resolvê-los, mas também promover uma gradual adaptação à nova realidade das limitações físicas. A partir delas a personalidade vai percebendo seus limites e potencialidades, que podem ser melhor explorados.

É notável a maneira como o velho sábio enfrenta o problema. Ele não disfarça nada, mas confronta você, de modo direto, com suas próprias dificuldades. Por outro lado, ele não o abandona para esse embate e coloca-se ao seu lado. Toda vez que você consegue superar uma pequena parcela de seu medo, sente-se melhor depois. E quando as ameaças tornam-se grandes demais, a presença tranquila do velho sempre é uma ajuda para você. (MIDDELKOOP, 1996, p. 52)

O autor ressalta, nessa passagem, o caráter do arquétipo, realçando sua objetividade. Não se pode fugir dos problemas e embates da vida. É preciso elaborar e construir recursos para enfrentá-los, um a um. Nessa luta, cada vitória reforça a capacidade para continuar os enfrentamentos necessários. E completa:

O velho, como representação do cerne do Si-mesmo, encaminha o processo para uma reorganização do passado, o que então limpa o caminho para todas as coisas que tanta preocupação lhe causam no mundo da realidade diária de sua vida. (1996, p. 52)

Essa nova perspectiva amplia os horizontes da autonomia pessoal, embora não seja possível dizer que todas as pessoas consigam fazer uso desses recursos arquetípicos do mesmo modo.

O segundo tema aborda a *capacidade de decisão*, como aspecto positivo e derivado do amadurecimento e apareceu em três participantes (José, Eduardo e Carlos), sendo compreendido como outro recurso valioso de desenvolvimento, que se liga à capacidade de autonomia.

Com a idade, o volume de experiências vivenciadas ao longo da vida pode propiciar uma ampliação da capacidade de decisão, com a expansão das perspectivas existenciais.

Assim, o indivíduo que envelhece e conseguiu realizar uma boa integração dos elementos conscientes e inconscientes, pode desenvolver capacidades mais adaptadas aos relacionamentos e buscar as condições que possam fortalecer uma atitude pessoal.

O terceiro tema é a *saúde* e foi mencionado por cinco participantes (Eduardo, Mauro, Carlos, Pedro e José). Nesse aspecto, atualmente o desenvolvimento tecnológico na área médica têm gerado maior qualidade de vida, resolvendo problemas e/ou

eliminando doenças que sempre afligiram os idosos. Além disso, o adiantado grau das ciências médicas tem hoje condições de promover ações de prevenção de condutas e hábitos que podem ser prejudiciais ao indivíduo e à comunidade.

A opção por uma alimentação saudável, pela prática de atividades esportivas e de lazer, o acesso a médicos, serviços de saúde e medicamentos mais eficazes, são recursos que podem evitar ou retardar o aparecimento de inúmeros males, corrigir outros, além de representar um fator importante para a manutenção da saúde mental também.

Assim, podemos falar em boa saúde até idades bem avançadas, desde que os cuidados sejam constantes.

A *atratividade* é o quarto tema, aparecendo na fala de cinco dos participantes (José, Eduardo, Mauro, Rafael e Pedro) e toca num assunto que interessa muito às pessoas que estão envelhecendo. Se a medicina já consegue garantir vida sexual para essa população, é natural que eles queiram usufruir dessa possibilidade, e assim a atratividade surge como recurso fundamental nessa fase.

Aliado às condições médicas, a *internet* se mostra como veículo para se atingir essas metas, segmentando grupos de pessoas por afinidades, como já vimos. Com isso, os próprios homens mais maduros podem se unir a outros da mesma faixa etária, além daqueles mais jovens que apreciam a companhia dos mais maduros, para formar amizades, se divertir, vivenciar o sexo e a afetividade, conversar e muitas vezes aprender sobre temas de interesses comuns.

No passado, um idoso homossexual só podia contar com seu círculo de relações, que poderia ser restrito e limitado em vários aspectos. Atualmente, é possível a socialização dessas pessoas, mesmo que estejam em pontos remotos do planeta. Não existe mais motivo para se viver em isolamento.

Por fim, a *felicidade* aparece no último tema e na fala de cinco dos participantes (Pedro, Tiago, Eduardo, Carlos e Roberto) para evidenciar que é, sim, possível vivê-la em estágios mais avançados e depende do grau de resolução das questões ligadas à orientação sexual e ao modo como o indivíduo se socializa, as relações que constrói e a vida que leva.

A felicidade não implica em estado contínuo, mas em disposição interna. Não implica ausência de problemas, mas em atitudes positivas diante deles, e leva em consideração a rede de suporte formada pela família e grupo de amigos.

Com relação às *perdas*, identificamos as seguintes: doenças e sinais da idade, aprendizagem e novas tecnologias, carências, vida sexual, saudosismo, solidão, perdas, arrependimentos e medos.

O primeiro tema trata das *doenças e sinais da idade*, ou seja, das consequências físicas do envelhecimento e foi citado por quatro participantes (Eduardo, Hélio, Roberto e Mauro).

A saúde vai sofrendo alterações, a capacidade de resistência a esforços e privações diminui, doenças podem surgir, e os interesses vão se afunilando, de modo a chamar a atenção para o que realmente importa, com tendência a se desprezar detalhes e situações secundários e/ou de menor importância.

É esperada a ocorrência de doenças associadas ao processo de envelhecimento, requerendo que o indivíduo mude hábitos que não são considerados saudáveis.

Em segundo lugar aparece a *aprendizagem e novas tecnologias* (citado por Mauro, José, Roberto, Carlos e Eduardo), que representa um grande desafio para muitas pessoas, não necessariamente apenas as mais velhas, embora estas possam ser bastante afetadas. Acompanhar o desenvolvimento tecnológico é uma tarefa bastante extenuante e sem fim.

Com o desenvolvimento tecnológico, as mudanças sociais passaram a ser aceleradas. A cada dia surgem novos produtos com uma infinidade de funções inéditas, requerendo aprendizado e adaptação constante. O próprio computador pessoal, para citar um exemplo, sofreu, e continua a sofrer, rápida transformação, com sucessivas mudanças, que nem todos conseguem acompanhar, no mesmo ritmo em que surgem.

Ao mesmo tempo em que a conexão com a rede mundial de computadores provocou uma revolução dos costumes, aproximando pessoas com compatibilidades de gostos e estilos de vida, facilitando os encontros amorosos e/ou sexuais, também é fonte de constante apreensão com as inovações que são introduzidas dia a dia.

Na sequência, o próximo tema trata das *carências*, uma condição tão humana e tão incompreendida (Paulo, Roberto, Eduardo e Mauro).

A carência é uma das nossas condições mais básicas. Nascemos dependentes de afetos para sobreviver. Apenas o alimento não garante a existência. Contudo, é grande o número de pessoas que acreditam que essa carência pode ser resolvida com a presença de outra pessoa e mais especificamente de um par amoroso. Com isso, muitos acabam depositando toda esperança de diminuir suas carências em alguém, que passa a ser responsável por seu bem estar. Ledo engano!

O remédio para as carências humanas pode estar ligado às relações afetivas que cultivamos. Mas não se limita a elas. Antes de mais nada a fonte que supre essas carências encontra-se no próprio indivíduo que deve ser capaz de ficar bem consigo próprio, quando não houver mais ninguém.

Nós somos o próprio recurso contra as nossas carências. É necessário voltar-se para si próprio, de modo a se conhecer mais profunda e verdadeiramente, o que levará a um respeito maior pelos nossos limites e a um autocuidado necessário a uma vida mais equilibrada, de modo a ser possível viver relacionamentos mais baseados nas trocas e não em cobranças.

No tema *vida sexual* abordado por Paulo, Pedro, Carlos e Hélio, pode ser destacada a diminuição da frequência sexual, mas não sua extinção e o permanente desejo de restauração do estágio anterior. Mesmo quando há interferência, por exemplo, de remédios, e o indivíduo não consegue mais se excitar tão facilmente, ainda assim, estes homens podem buscar e manter atividades sexuais.

Outro tema que apareceu foi o *saudosismo*, apontado por Paulo, Roberto e Carlos e se refere àquelas lembranças que podem ser mera saudade de épocas e fatos passados, ou representar insatisfação com o presente; nessa circunstância é comum que o indivíduo não consiga ver soluções para seus atuais problemas e se volte para épocas da vida quando foi mais feliz. Olhar para o passado pode ser uma forma de desviar a atenção do presente, que não está bom. É um movimento arquetípico: desde sempre os povos cultivaram a memória de um passado mítico, um paraíso e uma época de ouro perdidos e quase sempre idealizados. Basicamente, é um sintoma da insatisfação com o momento atual de vida e que precisa ser superado.

Também aparece como tema a *solidão*, que é um tema conexo ao saudosismo. Esse fantasma que aterroriza tantas pessoas foi mencionado por sete participantes (Paulo, Hélio, Rafael, Roberto, Antonio, Tiago e Mauro). Por ser uma condição interna, pouca influência tem o meio em que o indivíduo vive, embora possa estar conectado às condições e situações vivenciadas naquele momento/fase da vida. É possível se sentir solitário em meio à multidão e, no lado oposto, estar bem sozinho. Tudo depende sempre, dentre outros fatores, das condições atuais de vida.

O próximo tema trata das *perdas* que vão se acumulando ao longo da vida e aparece nas falas de Hélio e Roberto. Elas são inevitáveis, vão acontecer de qualquer forma. Alguém que envelhece, vivendo uma longa vida, passa por inúmeras situações de perdas materiais e afetivas.

Esse tema também aparece associado à solidão, já que perdas significativas quase sempre implicam pessoas próximas. Hélio e Roberto que mencionam perdas também mencionaram solidão, e Roberto ainda falou sobre saudosismo, evidenciando os desdobramentos que determinadas situações podem desencadear.

O penúltimo tema aborda a difícil questão do *arrependimento*, e foi mencionado por Carlos, Hélio, Antonio, Flávio, Eduardo e Rafael, tão frequente quando se inicia uma reflexão sobre a própria existência. Pode implicar em mudança das crenças que fundamentaram nossos atos e pensamentos até então e a adoção de novos, mais adaptados e criativos.

O último tema trata dos *medos* que porventura podem surgir no processo de envelhecimento, aparecendo nas falas de Eduardo, Hélio e Rafael.

O primeiro aborda o medo de *terminar sozinho*, e está ligado ao fato de que houve uma opção pela vida em comum. Nesse caso, sempre existe o medo de que um dos parceiros desapareça, porque a vida foi organizada sob o modelo dual e da afetividade (Eduardo) ou então alguém para os cuidados até o final (Hélio).

Esse tema se articula ao da solidão tão presente na vida de Hélio e tão inevitável para todos. Mas Hélio, que brilhou durante sua vida, como o sol, continua desfocado da realidade, ou será que desistiu de buscar por calor humano? Seu medo maior é da falta de cuidados e não da falta de afeto nos últimos momentos. Os cuidados podem ser até comprados: o cuidador de idosos atualmente é profissão bastante conhecida e respeitada. Mas afeto não se compra...

O medo também aparece com relação ao *envelhecer*, em função da pouca assistência política que o Estado destina ao idoso, tratando-o como estorvo (Rafael).

Diante disso, podemos constatar que há ganhos reais, recursos que podem ser utilizados para melhorar a qualidade de vida dos participantes, embora possa haver perdas associadas ao processo de envelhecimento. Tais perdas não podem ser entendidas como prejuízos, mas sim como fases estruturais do processo e que requerem adaptações.

Mais dia, menos dia, todos somos confrontados com a necessidade imperiosa de se medir a própria existência, computando as perdas e os ganhos nesta jornada. Aguardamos e lutamos fortemente pelos ganhos, nem sempre da forma mais adequada, mas dentro das possibilidades de cada um, e nessa empreitada, muitas vezes, nem damos a devida atenção a aspectos que podem produzir perdas. Mas elas se fazem

presentes invariavelmente. Perder e ganhar são os dois lados da mesma moeda. E viver implica que a moeda está constantemente sendo jogada na roda da fortuna.

Nessa pesquisa pudemos identificar nove diferentes situações de perdas para os participantes. Contudo, essas perdas se referem a elementos que podem ser agrupados basicamente em duas grandes áreas: a *relação do indivíduo com seu próprio corpo no processo de envelhecimento*, que compreende a possibilidade de doenças, comprometendo tanto o corpo, como as funções (sexualidade, por exemplo), as marcas da idade e o aprendizado de novas tecnologias, além do medo do próprio processo; e a *relação do indivíduo com outras pessoas*, que envolve a questão das carências, a própria vivência sexual, solidão, perdas, arrependimentos e medos ligados aos relacionamentos passados e presente, podendo acarretar atitudes saudosistas.

Essas duas áreas são parte do todo que é o sujeito. São dimensões de uma mesma pessoa, que se percebe enquanto ser corporal, que sofre a ação do tempo, e que se relaciona com outras pessoas, a partir de sua realidade, que também condiciona os recursos pessoais que cada um dispõe para enfrentar essa etapa da vida.

Ampliando a ideia das perdas, podemos identificar que as grandes apreensões que surgem no envelhecimento dizem respeito aos vínculos entre as pessoas e o medo consequente de rompimento desses vínculos, seja por separação, afastamento ou morte.

Por fim, concluímos com a convicção de que o envelhecimento, apesar do declínio físico, pode representar crescimento e evolução para aqueles que souberem integrar aspectos importantes de sua personalidade, tais como os ligados à sexualidade e à orientação, por representarem alguns dos aspectos inconscientes mais importantes para essas pessoas, já que definem a sua forma peculiar de ver e se relacionar com o mundo.

Muitos homossexuais idosos ou próximos dessa fase vivenciam relações estáveis e duradouras; outros preferem apenas sexo sem envolvimento. São opções, escolhas. Da mesma forma, outros podem renunciar ao sexo. Também é uma opção. Viver implica decidir continuamente o caminho que vamos percorrer. E no final das contas, o caminho pode não ser o mais importante. O que verdadeiramente conta é como percorremos esse caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A velhice tem muitas coisas boas. Nela eu conheci a liberdade como nunca a havia experimentado. O que é liberdade? Liberdade é coragem de ser o que somos. É preciso coragem para ser o que se é... Diante da morte – a perda definitiva –, que outro medo poderemos ter? (...) Não tendo nada a perder, experimentamos a euforia da liberdade. Recebemos uma graça que pertence aos deuses: tornamo-nos invulneráveis. Podemos ser o que somos, sem medo. Já nem vemos os olhares dos outros (...)

Alves (2001, p. 80-1)

Com o objetivo de descrever e compreender as questões e os eventuais conflitos envolvidos no processo de envelhecimento homossexual masculino, realizamos estudo qualitativo para identificar de que maneira homens gays vivenciam, percebem e elaboram as mudanças oriundas do envelhecimento e as estratégias utilizadas para lidar com esse processo.

Embora envelhecer represente um declínio biológico e em alguns casos a perda de *status* econômico e social, podemos observar que começa a surgir um novo conceito de idoso e uma nova forma de encarar e se relacionar com o envelhecimento (CALDAS; THOMAZ, 2010, p. 78).

O ser humano está sempre em construção, independente da idade em que esteja. Nunca estamos prontos. Sempre em processo de aprendizagem e adaptação, o desenvolvimento pode ser entendido, assim, como obra de toda vida (MONTEIRO, 2008a, p. 66).

Juntamente com Mota podemos dizer que é preciso rever a ideia estereotipada e preconceituosa de que não existe interesse ou vida sexual entre os gays que envelhecem (2013, p. 8).

Nesse mesmo sentido, Nascimento entende que negar a sexualidade do idoso não reconhecendo sua legitimidade na autonomia afetivo-sexual, contribui para a manutenção desses estereótipos (2011, p. 138). O que encontramos nos autoriza a dizer que não existe nada mais distante da realidade do que essas ideias estereotipadas, conforme vimos, pelo menos em relação aos participantes dessa pesquisa.

Foi possível constatar que o envelhecimento desses homens seguem os padrões básicos encontrados em indivíduos de outras orientações, compreendendo como um período de vida marcado por mudanças constituídas ora de aspectos positivos, ora negativos (GUERRA; CALDAS, 2010).

Além disso, foi possível constatar, também, que o aspecto inconsciente que perpassa a fala de todos os participantes foi a supervalorização da sexualidade, que em alguns momentos aparece ligada à afetividade, oportunizando a construção de relacionamentos de reciprocidade, e em outros surge claramente em oposição e em detrimento de aspectos da vida afetiva, inviabilizando qualquer ligação mais íntima.

Com isso podemos dividir os participantes em subgrupos: os que integram sexualidade e afetividade, independente do maior ou menor sucesso nesta empreitada; e os que optam por viver sozinhos, não entabulando relações íntimas, mas cultivando vida sexual e social.

Os *ganhos* desse processo foram apontados em amadurecimento, maior capacidade de decisão, saúde, atratividade e felicidade. As *perdas* se referem às doenças e os sinais da idade, aprendizagem e novas tecnologias, carências, vida sexual, saudosismo, solidão, perdas, arrependimentos e medos.

Os participantes dessa pesquisa não se sentem velhos. Identificam os dados reais da idade, mas não se limitam a eles. Nesse sentido, podemos afirmar que o envelhecimento é decisivamente afetado pelo estado de espírito que o indivíduo cultiva, muito embora dele não dependa para se processar (MENDES *et al.*, 2005, p. 424).

Atualmente emerge uma nova imagem do envelhecimento em geral, o que propicia que os envelhecidos homossexuais possam também construir uma nova possibilidade de existência, mais ativos e participativos, afirmando sua vontade e poder de decisão. Assim, podemos observar uma modificação na visão anteriormente negativa atribuída à velhice e um outro contorno passa a ser dado sobre a imagem do idoso (CALDAS; THOMAZ, 2010, p. 78).

Com isso, acaba surgindo uma imagem positiva, tanto para os homossexuais, quanto para a sociedade em geral, e novos significados podem passar a fazer parte da vivência dessas pessoas.

Viver até os 80 ou 90 anos tem um grande significado para nossa espécie... isso significa que temos de caminhar em termos de evolução e de crescimento. Quando tudo parece ter findado, quando há queda hormonal, os cabelos brancos, a aposentadoria, os filhos casando, enfim, um script que foi cumprido, o tempo ainda urge, há ainda uma fome de viver, muita coisa por fazer, por descobrir, por crescer e principalmente para desenvolver. (ARCURI, 2012, p. 89)

As narrativas desses homens expressam a disposição de manter as experiências sexuais e/ou afetivas enquanto for possível, dentro das diferentes maneiras como cada

um estruturou seu próprio desejo e vivência homossexual, incluindo as diferentes maneiras de experimentar o prazer, afastando o fantasma da decadência e exercitando a capacidade de fazer planos e novos projetos (BASTOS, 2012).

Relendo o texto de Monteiro (2008a), de quem emprestamos o título dessa tese, que por sua vez o emprestou de Nietzsche, percebi que a verdadeira metamorfose da alma é o próprio processo de viver e a tarefa constante de burilamento da mesma nas diversas etapas da existência.

Nietzsche explica as metamorfoses que expressam possibilidades ao desenvolvimento e ao processo de individuação, a partir de estados de alma que podem ser comparados ao camelo, ao leão e à criança (2013, p. 32).

O *estado de camelo* representa as vivências de submissão, obediência e assimilação de valores que são impostos a partir do exterior, vindos da família ou sociedade. Nesse estado o indivíduo é condicionado a suportar o que lhe acontece, tendo poucas condições de desenvolver meios de se rebelar contra tais contingências, para que uma transformação aconteça. “O espírito tornado besta de carga atira sobre si todos estes pesados fardos; e igual ao camelo, que se apressa para alcançar o deserto, também ele se apressa para alcançar o seu deserto.” (2013, p. 32).

O peso da carga que se vê obrigado a carregar dificulta o contato consigo próprio. A vida se enche de deveres, obrigações e urgências, e o submisso camelo só pode suportar sua própria solidão, porque no fundo quem acumula muitas tarefas, carregando cargas pesadas, acaba sendo alguém solitário. Tem tempo para muitas atividades e pessoas, mas não para si mesmo. “E lá, nessa solidão extrema, produz-se a segunda metamorfose; o espírito torna-se leão; quer conquistar a liberdade (...)” (2013, p. 32). A liberdade é um anseio humano em qualquer fase da vida, mas acentua-se na maturidade, com a ampliação da consciência.

O *estado de leão* surge quando tomamos consciência do deserto da vida atual e do peso das obrigações que nos prendem e sufocam. É uma fase de muitos riscos, porque a liberdade custa caro, em termos psicológicos: implica aprender a dizer *não*, mesmo diante do *dever*.

O leão precisa enfrentar um grande dragão, se quiser desfrutar de liberdade: “‘Tu deves’, chama-se o grande dragão (...) O ‘tu deves’ barra-lhe o caminho, um animal escamoso de áureo fulgor; e em cada uma de suas escamas brilha em letras douradas: ‘tu deves!’.” (2013, p. 32).

É preciso travar uma grande batalha contra o dragão das obrigações que nos escraviza para alcançarmos a liberdade: “Para conquistar sua própria liberdade, o direito sagrado de dizer não, até ante o dever, para tanto, meus irmãos, é preciso ser leão.” (2013, p. 32).

É o momento de abandonar *personas* criadas apenas para parecer igual aos demais e conforme as regras sociais e criar os valores pessoais baseados na própria essência.

Com isso atingimos a próxima metamorfose com o *estado de criança*, que permite uma vida verdadeiramente criativa, ao propiciar um novo começo, representando a inocência, o esquecimento, a curiosidade e a espontaneidade. É o momento de voltar-se para si próprio: “(...) o espírito quer agora a *sua* vontade; tendo perdido o mundo, quer ganhar para si o *seu* mundo.” (2013, p. 33).

O *estado de criança* representa a esperança de um novo começo, despido dos tantos deveres sociais a que estamos fadados na primeira metade da vida. Na segunda fase as nossas necessidades mudam, porque as nossas perspectivas passam a ser outras.

A plenitude que se busca nessa fase significa promover a ligação harmoniosa do ego ao Self, aceitando seu chamado e/ou inspiração para o crescimento (MONTEIRO, 2008a, p. 67).

Nessa pesquisa pudemos constatar que os participantes se encontram em diferentes estágios desses *estados de alma*, vivenciando diferentes metamorfoses, assim como todos nós, que oscilamos entre elas. Ora ainda nos deixamos convencer e assumimos cargas pesadas, podendo ser representadas por crenças homofóbicas e/ou discriminatórias, ora nos rebelamos contra essas imposições e lutamos contra o dragão ‘tu deves’, nem sempre conseguindo aniquilá-lo definitivamente, e ora nos deixamos levar pelo novo e recomeçamos.

De uma forma ou de outra, estamos sempre recomeçando. A diferença entre seguir o curso da vida e evoluir, está no grau de consciência com que efetuamos essa passagem. Muitos vão apenas seguir o curso da vida e envelhecer. Outros tantos, porém, além disso, vão também evoluir, ampliando suas perspectivas e renovando o sentido de sua vida, guiados pelos arquétipos do Velho Sábio, do *senex* jovial, do herói maduro, etc.

Para concluir e respondendo às questões inicialmente formuladas, e que serviram de base para a proposição dessa pesquisa, podemos afirmar que existem homens gays idosos, além daqueles que se aproximam dessa fase, que são felizes, se pudermos

entender felicidade como algo relativo e não absoluto, sentem-se realizados com a vida que levaram até aqui, e continuam cheios de planos para o futuro e dispostos a recomeçar, sempre que for necessário, a caminhada rumo a estados de bem estar e satisfação. Para esses homens, a velhice não é um processo inexorável rumo a uma vida infeliz!

Por fim, concluímos afirmando que não foi nossa intenção esgotar o assunto, mas tão somente tentar uma aproximação e o início de um processo de compreensão da dinâmica homossexual, numa parte específica do ciclo vital, que é a velhice, pelo menos, no âmbito da Psicologia Analítica no Brasil, à semelhança do que começa a ocorrer em outros países, como por exemplo Centola (1981), Hopcke, Carrington e Wirth (1993) e Miller (2006 e 2010). Outras fases e temas ainda aguardam por estudos: a infância homossexual e a dinâmica relacional e familiar homossexual ainda carecem de estudos consistentes, por exemplo. O campo é vasto e ainda pouco explorado.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, José Aluysio Reis de. Vida e obra. In: BACON, Francis. *Bacon*. Trad. de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 5-18. (Coleção os pensadores)
- ALVES, Rubem. *As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*. Campinas/SP: Papirus, 2001.
- ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond (org.). *Envelhecimento e vida saudável*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.
- ARÁN, Márcia. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Rev. Estudos Feministas*, Florianópolis-SC, n. 11, v. 2, p. 399-422, jul./dez. 2003.
- ARCURI, Irene Gaeta. Envelhecimento à luz da psicologia analítica. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, Porto-Portugal, v. 1, n. 2, p. 75-86, jan./jun. 2008.
- _____. Velhice e espiritualidade: metanóia, “a segunda metade da vida”, segundo Carl Gustav Jung. *Rev. Kairós Gerontologia*, São Paulo, n. 15, v. 3, p. 87-104, 2012.
- BARCELLOS, Gustavo. O amor entre parceiros do mesmo sexo e a grande tragédia da homofobia. In: SALLES, Carlos A. Corrêa; MELLO, Jussara M. de F. C. e. *Estudos sobre a homossexualidade: debates junguianos*. São Paulo: Vetor, 2011. p. 65-86. (Coleção Anima Mundi)
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. ed. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2004.
- BARROS, Myriam M. Lins de. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. *Rev. Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 52, p. 109-132, 2006.
- _____(org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidades, memória e política*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.
- BASTOS, Carina C. et al. Importância atribuída ao sexo por idosos do município de Porto Alegre e associação com a autopercepção de saúde e o sentimento de felicidade. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, Rio de Janeiro, n. 15, v. 1, p. 87-95, 2012.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 2.
- _____. *A velhice*. Trad. de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERNARDI, Carlos. Visão geral. In: MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro (org.). *Puer-senex: dinâmicas relacionais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. (Coleção reflexões junguianas). p. 17-53.
- BOECHAT, Walter. Confusão de gênero e identidade masculina. In: _____ (org.). *O marculino em questão*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997. p. 155-161.

- BOLEN, Jean Shinoda. *Os deuses e o homem: uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos*. Trad. de Maria S. Mourão Netto. São Paulo: Paulus, 2002. (Col. Amor e Psique)
- BORIS, Georges D. Janja Bloc. *Fala de homens: a construção da subjetividade masculina*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2011.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Trad. de Guilherme J. de F. Teixeira. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2010. (Ensaio geral, 1)
- BRIGEIRO, Mauro; MAKSUD, Ivia. Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia. *Rev. Estudos Feministas*, v. 17, n.1, p. 71-88, 2009.
- BYINGTON, Carlos. *Estrutura da personalidade: persona e sombra*. São Paulo: Ática, 1988. (Série princípios, 135)
- CACIOPPO, John T.; PATRICK, William. *Solidão*. Trad. de Julián Fuks. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- CALDAS, Célia Pereira. Envelhecimento como dependência: responsabilidades e demandas da família. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 773-81, maio/jun. 2003.
- CALDAS, Célia Pereira; THOMAZ, Andrea Fernandes. A velhice no olhar do outro: uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. *Rev. Kairós Gerontologia*, São Paulo, n. 13, v. 2, p. 75-89, nov. 2010.
- CAROTENUTO, Aldo. *Eros e pathos: amor e sofrimento*. Trad. de Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1994. (Col. Amor e Psique)
- CARVALHO, José Alberto Magno de; GARCIA, Ricardo Alexandrino. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. *Cad. Saúde Pública*, v. 19, n. 3, p. 725-33, maio/jun. 2003.
- CASTAÑEDA, Marina. *A experiência homossexual: explicação e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. Trad. de Brigitte Monique Hervot e Fernando Silva Teixeira Filho. São Paulo: A girafa, 2007.
- CAVALHEIRO, Fernando. Metanóia e história: conflitos e rupturas na meia-idade. In: MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro (org.). *Puer-senex: dinâmicas relacionais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. (Coleção reflexões junguianas). p. 87-99.
- CEARÁ, Alex de T.; DALGALARRONDO, Paulo. Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice. *Rev. Psiq. Clín.*, v. 37, n. 3, p. 118-23, 2010.
- CENTOLA, Steven R. Individuation in E. M. Forster's Maurice. *Journal of Analytical Psychology*, 1981, v. 26, p. 49-63.
- CHARBONNEAU, Paul Eugene. *Crônica da solidão*. São Paulo: EPU, 1984.

- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Rev. Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.
- CORREA, Mariele Rodrigues. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- COSTA, Maria Conceição O. *et al.* Experimentação e uso regular de bebidas alcoólicas, cigarros e outras substâncias psicoativas/SPA na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, n. 12, v. 5, p. 1143-54, 2007.
- COSTA, Frederico Alves; MACHADO, Frederico Viana; PRADO, Marco Aurélio Maximo. Participação política e experiência homossexual: dilemas entre o indivíduo e o coletivo. *Rev. Interamericana de Psicologia*, v. 42, n. 2, p. 325-337, 2008.
- CURI, Juliana Araújo Simão. O grande avanço dos direitos dos homossexuais: reconhecimento da união homoafetiva. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 16, n. 3038, 26 out. 2011.
- DEBERT, Guita Grin. *A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas*. Disponível em <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_03>. Acesso em 06 jun. 2014.
- DEBERT, Guita; BRIGADEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Rev. Bras. de Ciências Sociais*, v. 27, n. 80, p. 37-54, out. 2012.
- DUARTE, Gustavo de Oliveira. *O “bloco das Irenes”: articulações entre amizade, homossexualidade(s) e o processo de envelhecimento*. Porto Alegre-RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. 236 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos, seguido de, envelhecer e morrer*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2001.
- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Trad. de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2008.
- FERNANDES, Maria das G. M.; GARCIA, Telma R. Atributos da tensão do cuidador familiar de idosos dependentes. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v. 43, n. 4, p. 818-24, 2009.
- FERREIRA, Francisco Romão. Algumas considerações acerca da medicina estética. *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, n. 1, p. 67-76, 2010.
- FISCHER, André. *Como o mundo virou gay? Crônicas sobre a nova ordem sexual*. São Paulo: Ediouro, 2008.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

- FORDHAM, Michael. *A criança como indivíduo*. Trad. de Marta Rosas. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2001.
- FORTIM, Ivelise; ARAÚJO, Ceres Alves de. Psicologia analítica e as dependências: um revisão. *Revista Junguiana*, v. 31, n. 2, p. 12-22, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. (Biblioteca de filosofia e história das ciências, n. 2)
- FREITAS, Maria Cecília de; QUEIROZ, Terezinha Almeida; SOUSA, Jacy Amélia Vieira de. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v. 44, n. 2, p. 402-12, 2010.
- GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria *queer* e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Normank; LINCOLN, Yvonna S. (orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Trad. de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 345-62.
- GARCIA, Marcelo. *E ninguém tinha nada com isso*. São Paulo: Biruta, 2007.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. (Biblioteca básica)
- GIDE, André. *Córidon*. Trad. de Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 1975.
- GOLDMAN, Sara Nigri. Envelhecimento e exclusão digital: uma questão de política pública. In: ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond (org.). *Envelhecimento e vida saudável*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.
- GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 79-108.
- GOLDENBERG, Mirian (org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- GRADIM, Clícia V. Côrtes; SOUZA, Ana Maria Magalhães; LOBO, Juliana Magalhães. A prática sexual e o envelhecimento. *Rev. Cogitare Enferm.*, n. 12, v. 2, p. 204-13, abr./jun. 2007.
- GUERRA, Ana Carolina Lima Cavaletti; CALDAS, Célia Pereira. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, n. 15, v. 6, p. 2931-40, 2010.

GUINOZA, Marcos. *O poder do pink money*. Disponível em <<http://www.revista-brasileiros.com.br/2011/06/29/o-poder-do-pink-money/#.U4YyoXJdV68>>. Acesso em 28 maio 2014.

GURFINKEL, Pérola. *Abordagem psicanalítica da angústia em relação à aparência no processo de envelhecimento*. São Paulo, 2008; 42 f. Monografia (Especialização Clínica). Centro de Desenvolvimento da Psique, São Paulo, 2008.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner. *Teorias da personalidade*. Trad. de Maria Cristina Machado Kupfer. São Paulo: EPU, 1984. v. 1.

HAMMES, Bruno dos Santos. “Prefiro um filho morto do que um filho viado”: algumas implicações de quando a homofobia é familiar. *Rev. PerCursos*, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 178-199, jul./dez. 2013.

HARK, Helmut (org.). *Léxico dos conceitos junguianos fundamentais: a partir dos originais de C. G. Jung*. Trad. de Maurício Cardoso. São Paulo: Loyola, 2000.

HILLMAN, James. *O livro do puer: ensaios sobre o arquétipo do puer aeternus*. Trad. de Gustavo Barcelos. São Paulo: Paulus, 1998. (Amor e psique)

HOLLIS, James. *A passagem do meio: da miséria ao significado da meia idade*. Trad. de Cláudia G. Duarte. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Amor e Psique).

_____. *Encontrando significado na segunda metade da vida*. Trad. de Grace Khawali. Osasco-SP: Novo Século Editora, 2011.

HOPCKE, Robert H. *Jung, junguianos e a homossexualidade*. Trad. de Cássia Rocha. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. *Guia para a obra completa de C. G. Jung*. Trad. de Edgar Orth e Reinaldo Orth. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

HOPCKE, Robert H.; CARRINGTON, Karin L.; WIRTH, Scott. *Love same-sex and the path to wholeness*. Boston: Shambala, 1993.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estatísticas do século XX*. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/29092003estatisticasecxxhtml.shtm>>. Acesso em 26 dez. 2013.

INFANTES, Anastasia Tellez. El análisis de la adolescência desde La antropología y la perspectiva de gênero. *Journal Interacções*, n. 25, p. 52-73, 2013.

ISAY, Richard A. *Tornar-se gay: o caminho da auto-aceitação*. Trad. de Dinah Klebe. São Paulo: Summus, 1998.

JACOBI, Jolande. A case of homosexuality. *The Journal of Analytical Psychology*, v. 14, p. 48-64, 1969.

_____. *Complexo arquétipo símbolo na psicologia de C. G. Jung*. Trad. de Margit Martincic. São Paulo: Cultrix, 1991.

JACOBY, Mario. *Psicoterapia junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças: padrões básicos de intercâmbio emocional*. Trad. de Alexandre Schmitt. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção amor e psique)

JOHNSON, Robert A.; RUHL, Jerry M. *Viver a vida não vivida: a arte de lidar com sonhos não realizados e cumprir o seu propósito na segunda metade da vida*. Trad. de Martha Gouveia da Cruz. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010. (Col. Reflexões Junguianas)

JUNG, Carl Gustav. *Psicogênese das doenças mentais*. Trad. de Márcia Sá Cavalcanti. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011 [1907]. (Obras completas de C. G. Jung, 3)

_____. *Tipos psicológicos*. Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011 [1921]. (Obras completas de C. G. Jung, 6)

_____. *Psicologia do inconsciente*. Trad. de Maria Luiza Appy. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 [1912]. (Obra completa de C. G. Jung, v. 7/1)

_____. *O eu e o inconsciente*. Trad. de Dora Ferreira da Silva. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 [1928]. (Obra completa de C. G. Jung, v. 7/2)

_____. *A energia psíquica*. Trad. de Maria Luiza Appy. 11. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010 [1928]. (Obras completas de C. G. Jung, 8/1)

_____. *A natureza da psique*. Trad. de Mateus Ramalho Rocha. 8. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011 [1916]. (Obras completas de C. G. Jung, 8/2)

_____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. de Maria Luiza Appy e Dora M. R. F. da Silva. 7. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011d. (Obras completas de C. G. Jung, 9/1)

_____. *Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo*. Trad. de Dom Mateus Ramalho Rocha. 8. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011 [1951]. (Obras completas de C. G. Jung, 9/2)

_____. *Presente e futuro*. Trad. de Márcia de Sá Cavalcante. 6. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011 [1957]. (Obras completas de C. G. Jung, 10/1)

_____. *Civilização em transição*. Trad. de Lúcia Mathilde E. Orth. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011c. (Obras completas de C. G. Jung, 10/3)

_____. *A psicologia da transferência*. In: _____. *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*. Trad. de Maria Luiza Appy. 7. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011 [1946]. (Obras completas de C. G. Jung, 16/2)

_____. *O desenvolvimento da personalidade*. Trad. de Frei Valdemar do Amaral. 11. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011 [1910]. (Obras completas de C. G. Jung, 17)

_____. *A psicologia do arquétipo da criança*. In: _____.; KERÉNYI, Karl. *A criança divina: uma introdução à essência da mitologia*. Trad. de Vilmar Schneider. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011f. p. 109-148. (Coleção reflexões junguianas)

KAUFMAN, Fani G. (org.). *Novo velho: envelhecimento, olhares e perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

KAST, Verena. *A dinâmica dos símbolos: fundamentos da psicoterapia junguiana*. Trad. de Milton C. Mota. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013. (Col. Reflexões Junguianas)

KILEY, Dan. *Síndrome de Peter Pan*. Trad. de Amarylis Eugênia F. Miazzi. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1987.

KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell; MARTIN, Clyde E. *Sexual behavior in the human male*. Disponível em <www.kinseyinstitute.org/research/ak-data.html>. Acesso em 23 out. 2012.

LAROQUE, Mariana Fonseca *et al.* Sexualidade do idoso: comportamento para prevenção de DST/AIDS. *Rev. Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre-RS, n. 32, v. 4, p. 774-80, dez. 2011.

LAYARD, John. Homo-erotism in primitive society as a function of the self. *Journal of Analytical Psychology*, v. 4, n. 2, p. 101-115, jul. 1959.

LIBORIO, Renata M. C.; UNGAR, Michael. Resiliência oculta: a construção social do conceito e suas implicações para práticas profissionais junto a adolescentes em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, n. 23, v. 3, p. 476-84, 2010.

LIMA, Tânia Gonçalves. *Tornar-se velho: o olhar da mulher homossexual*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. 150 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

LINGIARDI, Vittorio. Ars erótica ou scientia sexualis?: análise e o amor pelo mesmo sexo. In: SALLES, Carlos A. Corrêa; MELLO, Jussara M. de F. C. e. *Estudos sobre a homossexualidade: debates junguianos*. São Paulo: Vetor, 2011. p. 21-41. (Coleção Anima Mundi)

LINS, Regina Navarro. *O livro do amor: do iluminismo à atualidade*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012. v. 2.

LISBOA, Carolina; BRAGA, Luiza de Lima; EBERT, Guilherme. O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Rev. Contextos Clínicos*, v. 2, n. 1, p. 59-71, jan./jun. 2009.

LOPES, Moisés. *“Homens como outros quaisquer”*: subjetividade e homoconjugalidade masculina no Brasil e na Argentina. Brasília: Universidade de Brasília (Instituto de Ciências Sociais), 2010. 339 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de Brasília, 2010.

LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. *Hermes e seus filhos*. Trad. de Maria Silvia M. Netto. São Paulo: Paulus, 1999. (Amor e psique)

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Rev. Estudos Feministas*, n. 9, p. 541-553, 2. sem. 2001.

LUCON, Neto. Como será o amanhã? *Revista Junior*, São Paulo, ano 3, n. 13, p. 64-67, 2009.

MACIEL JUNIOR, Plínio de Almeida. *Tornar-se homem: o projeto masculino na perspectiva de gênero*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

182 f. Tese (doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo: e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. p. 291-308.

MAKI, Mirian Akemi. *Reflexões sobre o processo de envelhecimento em homossexuais masculinos*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005. 126 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Para além da escolha profissional, experimentações intensivas. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte-MG, n. 17, v. 1, p. 67-81, abr. 2011.

MARAVILHA, Laura Maria Monteiro. Representando envelhecimentos nos percursos da hetero e da homossexualidade masculina. Universidade Federal de Pernambuco. Recife-PE: 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

MARTIN, Fábio José. Esse banheiro tem cheiro de que? Uma análise do “rito de caça” em um banheiro de Curitiba. *Rev. Ponto Urbe* [online]. n. 14. p. 1-8, 2014.

MELLO, Luiz. Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. *Cadernos Pagu*, n. 24, p. 197-225, jan./jun. 2005.

MENDES, Márcia R. S. S. Barbosa *et al.* A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. *Rev. Acta Paul Enferm.*, v. 18, n. 4, p. 422-6, 2005.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. Beleza pura: a estetização da vida cotidiana como estratégia de resistência para o homossexual masculino. *Rev. Famecos*, Porto Alegre, n. 17, v. 2, p. 118-127, maio/ago. 2010.

MIDDELKOOP, Pieter. *O velho sábio: cura através de imagens internas*. Trad. de Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Paulus, 1996. (Col. Amor e Psique)

MILLER, Barry. The analysis of the pursuit of meaning. *Journal of Analytical Psychology*, v. 53, n. 3, p. 381-399, 2006.

_____. Expressions of homosexuality and the perspective of analytical psychology. *Journal of Analytical Psychology*, v. 55, n. XX, p. 112-124, 2010.

MINOIS, Georges. *História da velhice no ocidente: da antiguidade ao renascimento*. Trad. de Serafim Ferreira. Lisboa-Portugal: Teorema, 1987.

MISKOLCI, Richard. *Vivemos uma crise das identidades de gênero?* Disponível em <<http://www.ufscar.br/richardmiskolci/paginas/academico/cientificos/vivemos.htm>>. Acesso em 20 abr. 2010.

MONICK, Eugene. *Castração e fúria masculina: a ferida fálica*. Trad. de Thereza Christina F. Stummer. São Paulo: Paulinas, 1993. (Col. Amor e Psique)

MONTEIRO, Dulcinéia da M. R. O enigma dos enigmas: conjunção nascimento e morte. In: MONTEIRO, Dulcinéia da M. R. (org.). *Espiritualidade e finitude: aspectos psicológicos*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 43-64. (Col. Psicologia e Espiritualidade)

_____. (org.). *Metanóia e meia-idade: trevas e luz*. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção psicologia e espiritualidade)

_____. Metamorfoses da alma após a meia idade... In: MONTEIRO, Dulcinéia da M. R. (org.). *Metanóia e meia-idade: trevas e luz*. São Paulo: Paulus, 2008a. p. 53-86. (Coleção psicologia e espiritualidade)

_____. No envelhecer. In: MONTEIRO, Dulcinéia da M. R. (org.). *Puer-senex: dinâmicas relacionais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008b. p. 54-79. (Coleção reflexões junguianas)

MORENO, M; Teresa N.; ALT, Cleide B. *Amizade*. Disponível em <<http://www.ijep.com.br/index.php?sec=artigos&id=143&ref=amizade>>. Acesso em 13 nov. 2014.

MORGADO, Anastácio Ferreira; COUTINHO, Evandro da S. Freire. Dados de epidemiologia descritiva de transtornos mentais em grupos populacionais do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 1, n. 3, p. 327-347, jul./set. 1985.

MORIN, Jack. *A mente erótica: descobrindo as fontes internas da paixão e satisfação sexuais*. Trad. de Alexandre Jordão. Rio de Janeiro-RJ: Rocco, 1997.

MORIS, Vera Lúcia. *Preciso te contar? Paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2008. 205 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2008.

MOTA, Murilo Peixoto da. Homossexualidade e envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência. *Sinais – Revista Eletrônica – Ciências Sociais*, Vitória: CCHN, UFES, n. 6, v. 1, p. 26-51, dez. 2009.

_____. Os gays na trajetória da vida: uma análise crítica sobre a velhice. *Rev. Advir*, p. 21-37, 2012.

_____. Homossexualidade e envelhecimento: as trajetórias da vida de homens gays de camadas médias no Rio de Janeiro. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2013.

MOTT, Luiz. *Crônicas de um gay assumido*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MOTTA, Alda Britto da. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2002. p. 190-209. (Coleção Antropologia & Saúde)

NAPHY, William. *Born to be gay: história da homossexualidade*. Trad. de Jaime Araújo. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2006.

NARDI, Edileuza F. R. *Rede e apoio social, sobrecarga e qualidade de vida de cuidadores familiares de idosos com incapacidade funcional*. Ribeirão Preto-SP: Universidade de São Paulo, 2012. 171 f. Tese (Doutorado em Ciências). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, 2012.

NASCIMENTO, Márcio A. N. Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo? *Athenea Digital*, n. 17, p. 227-239, mar. 2010.

_____. “Velha canção sertaneja”: narrando história de vida interiorana sobre o processo de envelhecimento nas homossexualidades. *Rev. Temática Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 14, n. 5, p. 133-50, 2011.

NEUMANN, Erich. *História da origem da consciência*. Trad. de Margit Martincic. São Paulo: Cultrix, 1990.

_____. *A criança: estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação*. Trad. de Pedro Ratis e Silva. São Paulo: Cultrix, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim, falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. de Mário F. dos Santos. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013. (Vozes de bolso)

NUNES, Claudio R. F. *Trazendo a noite para o dia: apontamentos sobre erotismo, strip tease masculino, pedagogias de gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faculdade de Educação), 2012. 227 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

OLIVEIRA, Maria Paula M. T. de. Internet e o risco da desmedida. *Revista Junguiana*, v. 31, n. 1, p. 30-38, 2013.

OLIVEIRA, Michelly C. Rodrigues de; FERNANDES, Marla; CARVALHO, Rosana Ribeiro. *O papel do idoso na sociedade capitalista contemporânea: uma tentativa de análise*. Disponível em <http://www.joinpp2013.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/TRANSFORMACOES_NO_MUNDO_DO_TRABALHO/O_PAPEL_DO_IDOS_O_NA_SOCIEDADE_CAPITALISTA_CONTEMPORANEA.pdf>. Acesso em 06 jun. 2014.

PAIVA, Crístian. Corpos/seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. *Rev. Bagoas*, v. 3, n. 4, p. 191-208, jan./jun. 2009.

PATRÍCIO, Karina Pavão; HOSHINO, Katsumasa; RIBEIRO, Helena. Ressignificação existencial do pretérito e longevidade humana. *Rev. Saúde Soc.*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 273-83, 2009.

PAULO, Carlos Antonio São; SILVEIRA, Ermelinda Ganem Fernandes. Puer-senex e a individuação masculina. *Anales del V Congreso Latinoamericano de Psicología Junguiana*. Santiago de Chile, 2009, p. 606-9.

PEREIRA, Henrique; LEAL, Isabel. A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. *Rev. Análise Psicologia*, n. 1, v. XX, p. 107-13, 2002.

PEREIRA JUNIOR, Paulo Roberto C.; BOUREAU, Tatiana Pereira; RIBEIRO, Raimundo F. Frank. *Estética: ideal de juventude da terceira idade*. Disponível em <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0130.pdf>>. Acesso em 06 jun. 2014.

PEREIRA, Kelly Cristina S. Abreu. *A vivência da homossexualidade na velhice*. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Universidade Católica de Brasília, 2012.

PLUMMER, Keneth. O tornar-se gay: identidades, ciclos de vida e estilos de vida no mundo homossexual masculino. In: HART, John; RICHARDSON, Diane (org.). *Teoria e prática da homossexualidade*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 1983. p. 125-150. (Coleção psiche)

POCAHY, Fernando. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS: 2011. 167 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

PONTES, Alline Aragão. A percepção do velho homossexual sobre sua velhice. *Revista Portal de Divulgação*, n. 11, p. 41-75, jun. 2011.

PRINCE, Gordon S. The therapeutic function of the homosexual transference. *Journal of Analytical Psychology*, v. 4, n. 2, p. 117-124, jul. 1959.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços privados. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (orgs.). *História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias*. Trad. de Denise Bottmann e Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cia. das Letras, 2009. v. 5. p. 13-136.

QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando. *Transgressores e transviados: a representação do homossexual nos discursos médico e literário no final do século XIX (1870-1900)*. 1992. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

RABASQUINHO, Cidália; PEREIRA, Henrique. Género e saúde mental: uma abordagem epidemiológica. *Rev. Análise Psicológica*, n. 3, v. 25, p. 439-54, 2007.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Claudia. *Psicologia do desenvolvimento: teorias do desenvolvimento: conceitos fundamentais*. São Paulo: EPU, 1981. v. 1.

RODRIGUEZ, Brunella C. *A representação parental de casais homossexuais masculinos*. São Paulo, Universidade de São Paulo (Instituto de Psicologia), 2012. 107 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de São Paulo, 2012.

SALLES, Carlos Alberto Corrêa. *Somos feitos da matéria dos sonhos: uma nova visão da masculinidade*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

_____.; MELLO, Jussara M. de F. C. e (orgs.). *Sexualidade e individuação*. São Paulo: Vetor, 2011. (Coleção Anima Mundi)

- _____. Estudos sobre a homossexualidade: debates junguianos. In: SALLES, Carlos A. Corrêa; MELLO, Jussara M. de F. C. e (orgs.). *Estudos sobre a homossexualidade: debates junguianos*. São Paulo: Vetor, 2011. p. 9-20. (Coleção Anima Mundi)
- SAMUELS, Andrew. *Jung e os pós-junguianos*. Trad. de Eva Lucia Salm. Rio de Janeiro: Imago, 1989. (Col. Psicologia Psicanalítica)
- SANTOS, Daniel K. dos. *Modos de vida e processos de subjetivação na experiência de envelhecimento entre homens homossexuais na cidade de Florianópolis/SC*. Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. 183 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- SANTOS, Elder C. *et al.* Percepções de usuários gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, transexuais e travestis do sistema único de saúde. *Rev. Interamericana de Psicologia*, v. 44, n. 2, p. 235-45, 2010.
- SANTOS, Flávia Heloísa dos; ANDRADE, Vivian Maria; BUENO, Orlando Francisco Amodeo. Envelhecimento: um processo multifatorial. *Rev. Psicologia em Estudo*, Maringá-PR, v. 14, n. 1, p. 3-10, jan./mar. 2009.
- SANTOS, Mayara Rodrigues dos; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; MENDONÇA, Priscila Ferreira. *Desumanização dos homossexuais: autopercepções e percepções sociais*. Disponível em <file:///D:/Documents/Doutorado%20PUC/194.%20desumaniza%C3%87%C3%83o%20dos%20homossexuais.pdf>. Acesso em 04 jun. 2014.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Rev. Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2006.
- SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Bagoas: Rev. de Estudos Gays*, v. 4, n. 5, p. 67-78, jan./jun. 2010.
- SCHWARZ, Lídia Rodrigues. *EnvelheSer: a busca do sentido da vida na terceira idade*. São Paulo: Vetor, 2009.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007.
- SERRA, Cristiana de A. De Sodoma à Samaria: cristianismo, homofobia e alteridade no Brasil. In: BORCHAT, Walter (org.). *A alma brasileira: luzes e sombras*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014. p. 94-113. (Col. Reflexões Junguianas)
- SHARP, Daryl. *Ensaio de sobrevivência: anatomia de uma crise de meia-idade*. Trad. de Eliane Fittipaldi. São Paulo: Cultrix, 1990. (Col. Estudos de Psicologia Junguiana por analistas junguianos)
- _____. *Léxico junguiano: um manual de termos e conceitos*. Trad. de Raul Milanez. São Paulo: Cultrix, 1993.
- SILVA, Anna Cruz de Araújo Pereira da. *O pote de ouro ao fim do arco-íris: o reconhecimento da cidadania de idosas e idosos homossexuais*. Belém-PA:

Universidade Federal do Pará. 89 f. Dissertação (Mestrado em Direito). Instituto de Ciências Jurídicas – Universidade Federal do Pará, 2009.

SILVA, Emília A. P. C. da *et al.* Resiliência e saúde: uma análise da qualidade de vida em idosos. *ConScientiae Saúde*, v. 11, n. 1, p. 111-18, 2012.

SILVA, José Fábio B. da. Lembranças passadas a limpo: a homossexualidade masculina em São Paulo. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo: e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. p. 215-39.

SILVA SOBRINHO, Helson Flavio da. A negação da velhice: uma discursividade ancorada na memória. *Rev. Estudos Linguísticos*, n. 34, p. 241-46, 2005.

SILVEIRA, Nise. *Jung: vida e obra*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

SILVEIRA, Denise Amorelli. O amor entre parceiros do mesmo sexo: outras formas do amor. In: SALLES, Carlos A. Corrêa; MELLO, Jussara M. de F. C. e. *Estudos sobre a homossexualidade: debates junguianos*. São Paulo: Vetor, 2011. p. 87-114. (Coleção Anima Mundi)

SIMÕES, Júlio Assis; DEBERT, Guita Grin. A aposentadoria e a invenção da terceira idade. In: Guita Grin Debert (org.). *Antropologia e velhice: textos didáticos*. Campinas: IFCH/Unicamp, 1994. p. 31-48.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria F.; CARRARA, Sérgio. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 415-48.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo: e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. p. 309-36.

SINGER, June. *Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade*. Trad. de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix, 1991.

SOUZA, Edinilsa Ramos de *et al.* O idoso sob o olhar do outro. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2002. p. 190-209. (Coleção Antropologia & Saúde)

SOUZA, Joseane de; JERONYMO, Daniela V. Zanoti; CARVALHO, Ana Maria Pimenta. Maturidade emocional e avaliação comportamental de crianças filhas de alcoolistas. *Rev. Psicol. em Estudo*, Maringá-PR, v. 10, n. 2, p. 191-99, maio/ago. 2005.

SOUZA, Rosângela Ferreira; MATIAS, Hernani Aparecido; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, n. 6, p. 2835-84, 2010.

SPARGO, Tamsim. *Foucault e a teoria queer*. Trad. de Wladimir Freire. Rio de Janeiro-RJ: Pazulin; Juiz de Fora-MG: Ed. da UFJF, 2006. (Coleção encontros pós-modernos, 5)

- SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Trad. de Rubem Mauro Machado. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SPONVILLE, André C. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- STAUDE, John-Raphael. *O desenvolvimento adulto de C. G. Jung*. Trad. de Humberto Arcanjo Brito Rodrigues e Silvia Helena Azarite Vianna. São Paulo: Cultrix, 1988.
- STEIN, Murray. *No meio da vida: uma perspectiva junguiana*. Trad. de Paula Maria Dip. São Paulo: Paulus, 2007. (Coleção amor e psique)
- STORR, Anthony. The psychopathology of fetishism and travestitism. *Journal of Analytical Psychology*, v. 2, n. 2, p. 153-166, jul. 1957.
- SULLIVAN, Andrew. *Praticamente normal: uma discussão sobre o homossexualismo*. Trad. de Isa Mara Lando. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- TOLEDO, Melina Mafra; TAKAHASHI, Renata Ferreira; GUANILO, Mônica Cecília De-La-Torre-Ugarte. Elementos de vulnerabilidade individual de adolescentes ao HIV/AIDS. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, n. 64, v. 2, p. 370-5, mar./abr. 2011.
- TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, n. 65, v. 3, p. 376-391, 2013.
- TORRÃO FILHO, Amilcar. *Tribades galantes, fanchonos militantes: homossexuais que fizeram história*. São Paulo: Summus, 2000.
- TORRES, Renata F. Reflexões sobre a traição amorosa na psicologia e na arte. *Revista Junguiana*, v. 32, n. 1, p. 54-62, 2014.
- TRINDADE, Ronaldo. Significados sociais da homossexualidade masculina na era aids. *Cadernos AEL: homossexualidade, movimento e lutas*. Unicamp/IFCH/AEL, v. 10, n. 18/19, 2003, p. 223-53.
- UCHÔA, Elizabeth. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n. 19, v. 3, p. 849-853, maio/jun. 2003.
- VARGAS, Nairo S. Conjugalidade e envelhecimento. In: KAUFMAN, Fani (org.). *Novo velho: envelhecimento, olhares e perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 135-47.
- VASCONCELLOS, Doris *et al.* A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural. *Rev. Estudos de Psicologia*, n. 9, v. 3, p. 413-19, 2004.
- VERAS, Renato. Modelos contemporâneos no cuidado à saúde. *Rev. USP*, São Paulo, n. 51, p. 72-85, set./nov. 2001.
- _____. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. *Rev. Saúde Pública*, v. 43, n. 3, p. 548-54, 2009.

VINCENT, Gérard. Uma história do segredo? *In*: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (orgs.). *História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias*. Trad. de Denise Bottmann e Dorothee de Bruchard. São Paulo: Cia. das Letras, 2009. v. 5. p. 137-364.

VON FRANZ, Marie-Louise. *Puer arternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância*. Trad. de Jane M. Corrêa. São Paulo: Paulinas, 1992. (Col. Amor e Psique)

VON-SMIGAY, Karin Ellen. Sexismo, homophobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 32-46, jun. 2002.

WEEKS, Jeffrey. Os problemas dos homossexuais mais velhos. *In*: HART, John; RICHARDSON, Diane (orgs.). *Teoria e prática da homossexualidade*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 236-46.

WERRES, Joyce Lena. Na contemporaneidade. *In*: MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro (org.). *Puer-senex: dinâmicas relacionais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. (Coleção reflexões junguianas). p. 98-109.

WYLLYS, Jean. *Tempo bom, tempo ruim: identidades, políticas e afetos*. São Paulo: Paralela, 2014.

YOURCENAR, Marguerite. *O tempo, esse grande escultor*. Trad. de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ZOJA, Luigi. *Nascer não basta*. Trad. de Roberto L. Ferreira. São Paulo: Axis Mundi, 1992.

_____. *O pai: história e psicologia de uma espécie em extinção*. Trad. de Pericles P. Machado Jr. São Paulo: Axis Mundi, 2005.

ANEXOS

ANEXO A

METAMORFOSE DA ALMA: Visões do Processo de Envelhecimento Homossexual Masculino ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

I CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO

1. Codinome ou Iniciais:
2. Idade:
3. Naturalidade:
4. Domicílio:
5. Estado Conjugal:
 - () Solteiro (sem nenhum compromisso fixo com ninguém)
 - () Namorando (vivendo em casas separadas)
 - () Casado (oficialmente)
 - () Vivendo união estável (na mesma casa)
 - () Outro. Qual?
6. Se **casado** ou vivendo uma **união estável**, quanto tempo de vida em comum?

II ESCOLARIDADE/PROFISSÃO

7. Escolaridade:
 - () Analfabeto
 - () Ensino Fundamental: () completo () incompleto
 - () Ensino Médio: () completo () incompleto
 - () Ensino Superior: () completo () incompleto
 - () Pós-Graduação: () especialização () mestrado () doutorado
8. Profissão/ramo de atividade?

III ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1 O que é envelhecer para você?
- 2 Quais os aspectos positivos do envelhecimento?
- 3 Quais os aspectos negativos do envelhecimento?
- 4 Como é envelhecer, sendo homossexual?
- 5 Quais os problemas e as vantagens de envelhecer sendo homossexual?

ANEXO B

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Comitê de Ética em Pesquisa
Sede Campus Monte Alegre

São Paulo, _____ de _____ de _____.

Termo de Compromisso do Pesquisador Responsável

Título da Pesquisa: **METAMORFOSE DA ALMA: Visões do Processo de Envelhecimento Homossexual Masculino**

O pesquisador, abaixo assinado, se compromete a:

- Respeitar e cumprir a Teoria Principlialista que visa salvaguardar a **autonomia, beneficência, não maleficência, justiça, privacidade e confidencialidade** (Res. 466/12 CONEP/CNS/MS);
- Não violar as normas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Comunicar ao sujeito da pesquisa todas as informações necessárias para um adequado “consentimento livre e esclarecido” e solicitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apenas, quando o sujeito da pesquisa tenha conhecimento adequado dos fatos e das consequências de sua participação, e tenha tido oportunidade para considerar livremente se quer participar da pesquisa ou não;
- Obter de cada sujeito de pesquisa um documento assinado ou com impressão datiloscópica como evidência do consentimento livre e esclarecido;
- Renovar o consentimento livre e esclarecido de cada sujeito se houver alterações nas condições ou procedimentos da pesquisa, informando procedimento ao CEP;
- Manter absoluto e total sigilo e confidencialidade em relação à identificação do sujeito da pesquisa e dados constantes em prontuários ou banco de dados.
- Respeitar o princípio constitucional da dignidade da pessoa humana e derivados;
- Não prejudicar o meio ambiente em sua totalidade (fauna e flora);
- Cumprir na integralidade todas as resoluções do Conselho Nacional de Saúde CNS/MS, bem como todos os diplomas legais referentes ao tema da ética em pesquisa, dos quais declaramos ter pleno conhecimento.
- Desta forma, eu pesquisador abaixo subscrito, me comprometo, em caráter irrevogável e irretroatável, por prazo indeterminado, a cumprir toda legislação vigente, bem como as disposições deste **Termo de Compromisso**.

Nome do Orientador: Dr. Durval Luiz de Faria

Assinatura do Orientador: _____

CPF n. _____ RG n. _____

Nome do Autor: Adailson da Silva Moreira

Assinatura do Autor: _____

CPF n. 456.615.291-04 RG n. 484.724 SSP/MS

Rua Ministro Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) – Perdizes – São Paulo/SP – CEP 05015-002 Fone (Fax): (11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br

ANEXO C



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
 Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica
 Núcleo: Estudos Junguianos
 Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO **(Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/12)**

I – Dados de Identificação do Participante da Pesquisa

Nome:

Documento de Identidade n^o:

Sexo:

Data de Nascimento:

Endereço:

CEP:

Cidade:

Telefone: ()

II – Dados sobre a Pesquisa Científica

Título do Protocolo de Pesquisa: “**METAMORFOSE DA ALMA: Visões do Processo de Envelhecimento Homossexual Masculino**”.

Pesquisador: Adailson da Silva Moreira

Inscrição no Conselho Regional de Psicologia: CRP 14-03896-5

Avaliação do risco da pesquisa: Risco baixo (Informamos que os procedimentos deste protocolo de pesquisa são de baixo risco. Entretanto, estamos atentos a eventuais desconfortos que evidenciem a necessidade de assistência, intervenção e consequentemente atendimento psicológico ao participante).

III – Registro das Explicações do Pesquisador ao Participante sobre a Pesquisa:

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem como título “**METAMORFOSE DA ALMA: Visões do Processo de Envelhecimento Homossexual Masculino**”. Essa pesquisa visa estudar o processo de envelhecimento de homens homossexuais, de acordo com os pressupostos teóricos da Psicologia Analítica. Para o levantamento de dados será realizada uma entrevista semidirigida, da qual constam perguntas sobre dados sociodemográficos. A entrevista será gravada (apenas áudio) e o registro em mídia será eliminado após a conclusão do estudo. Por meio da análise de suas respostas, agregadas às dos outros participantes, poderemos compreender melhor as relações existentes entre o processo natural de envelhecimento e o desenvolvimento da personalidade homossexual.

Os resultados da pesquisa serão utilizados na elaboração de um relatório, como parte dos requisitos para que o pesquisador obtenha o título de Doutor em Psicologia Clínica e para futura publicação. Não haverá, todavia, a qualquer tempo, a identificação dos participantes.

IV – Esclarecimentos Dados pelo Pesquisador quanto às Garantias ao Participante da Pesquisa:

1. Acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos, benefícios e resultados associados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.
2. Liberdade de se recusar a dar respostas e/ou retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.
3. Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.

V – Informações para Contato com o Pesquisador:

Pesquisador: Adailson da Silva Moreira

E-mail: adailsonsm@hotmail.com

Telefone: (67) 3521-8404

VI – Observações Complementares

Os resultados desta pesquisa estarão disponíveis para os participantes, bastando para tanto entrar em contato com o pesquisador, agendando data e horário de reunião.

VII – Consentimento Pós-Informado

Declaro que, após ter sido convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar como voluntário da presente pesquisa.

Autorizo, ainda, que a entrevista seja gravada (apenas áudio) para que não se deixe passar despercebido nada do que foi conversado que possa ser importante para a pesquisa. Fui informado de que a gravação será apagada após o término da pesquisa.

Estou consciente que este estudo possui uma finalidade de pesquisa nos meios acadêmicos, podendo os dados obtidos ser utilizados em publicações científicas sem que as pessoas participantes sejam identificadas.

Estou ciente de que sou livre para recusar a dar respostas a determinadas questões durante as entrevistas, bem como para retirar meu consentimento e terminar minha participação a qualquer tempo.

Declaro ainda que aceito voluntariamente a participação nesse estudo, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão para isso, e que fui assegurado de que as identificações serão mantidas em absoluto sigilo, sendo suprimidas ou alteradas informações que possam me identificar.

Por fim, sei que terei a oportunidade para perguntar sobre qualquer questão que eu desejar, e que todas deverão ser respondidas a meu contento. Posso requerer, se quiser, entrevista devolutiva com o pesquisador após a análise dos dados.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

RG n.

CPF n.

Assinatura do pesquisador

RG n.

CPF n.

ANEXO D



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO-
PUC/SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: METAMORFOSE DA ALMA: Uma Visão Comparativa do Processo de Envelhecimento de Homens Hetero e Homossexuais

Pesquisador: Adailson da Silva Moreira

Área Temática:

Versão:

CAAE: 32121014.7.0000.5482

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 679.349

Data da Relatoria: 09/06/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Tese de Doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica (PEPG em PCL), vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FCHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Adailson da Silva Moreira, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

A proposta visa "(...) Investigar aspectos psicológicos do processo de envelhecimento e seus conflitos em homens de orientação hetero e homossexual, à luz da psicologia analítica."

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral

Investigar aspectos psicológicos do processo de envelhecimento e seus conflitos em homens de orientação hetero e homossexual, à luz da psicologia analítica.

Objetivo Especifico

Comparar os aspectos psicológicos do processo de envelhecimento hetero e homossexual,

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO-
PUC/SP



Continuação do Parecer: 679.349

destacando suas semelhanças e diferenças. Refletir sobre o processo de individuação no envelhecimento de homens com orientação hetero e homossexual, a partir dos 50 anos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Concordamos com os cuidados apresentados pelo autor que demonstram a preocupação com os participantes da pesquisa. Os benefícios apontados são coerentes com o projeto de pesquisa proposto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e muito bem fundamentada, permitindo-se concluir que a proposta de pesquisa em tela, possui uma linha metodológica bem definida, base da qual será possível auferir conclusões consistentes e, portanto, válidas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados a contento, conforme orienta a Resolução CNS/MS nº 466/12, os Regimento e Regulamento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP e o Manual Ilustrado da Plataforma Brasil, disponíveis para consulta no site: www.pucsp.br/cometica

Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	CEP: 05.015-001
Bairro: Perdizes	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466
	E-mail: cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO-
PUC/SP



Continuação do Parecer: 679.349

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem Pendências e Lista de Inadequações, portanto, somos de parecer favorável à aprovação e realização do projeto de pesquisa em tela.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

SAO PAULO, 09 de Junho de 2014

Assinado por:
Edgard de Assis Carvalho
(Coordenador)

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br